

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**NINA QUEIROZ KERTZMAN**

FEMININOS EM DISPUTA: Ahd Tamimi como símbolo da resistência palestina

RIO DE JANEIRO

2023

Nina Queiroz Kertzman

FEMININOS EM DISPUTA: Ahed Tamimi como símbolo da resistência palestina

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia)

Orientadora: Profa. Dra. Bila Sorj

Rio de Janeiro  
2023

## CIP - Catalogação na Publicação

Q41f      Queiroz Kertzman, Nina  
            Femininos em disputa: Ahed Tamimi como símbolo da  
            resistência palestina / Nina Queiroz Kertzman. --  
            Rio de Janeiro, 2023.  
            170 f.

            Orientadora: Bila Sorj.  
            Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
            Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências  
            Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e  
            Antropologia, 2023.

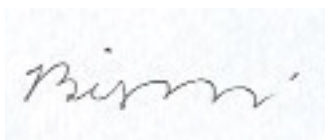
            1. Ahed Tamimi. 2. Palestina. 3. Gênero. 4.  
            Resistência. 5. Microanálise. I. Sorj, Bila,  
            orient. II. Título.

# "FEMININOS EM DISPUTA: AHED TAMIMI COMO SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA PALESTINA"

**NINA QUEIROZ KERTZMAN**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Aprovada por:



---

Profa. Dra. Bila Sorj, Presidente, PPGSA/IFCS/UFRJ



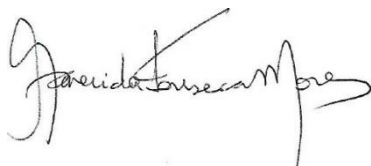
---

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz, PPGAS/UNICAMP



---

Profa. Dra. Carla de Castro Gomes, PAGU/UNICAMP



---

Profa. Dra. Aparecida Fonseca Moraes, PPGSA/IFCS/UFRJ

Profa. Dra. Felícia Silva Picanço, PPGSA/IFCS/UFRJ (Suplente)

Profa. Dra. Monica Grin, PPGHIS/UFRJ (Suplente)

Rio de Janeiro  
Fevereiro/2023

## AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora, Bila Sorj, minha eterna gratidão pelos preciosos ensinamentos, apoio e generosidade. Em meio às idas e vindas de questionamentos, dúvidas e inseguranças nestes dois anos de mestrado, contar com a sua escuta, paciência e confiança no meu trabalho foi fundamental. Não poderia deixar de registrar a minha admiração pela sua trajetória como acadêmica e como mulher. Me sinto honrada de trilhar este caminho junto à sua orientação.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ) por todo o aprendizado. Aos professores que tive a oportunidade de conhecer nas disciplinas cursadas, muito obrigada. Suas aulas tiveram um papel importante para a realização desta dissertação.

Agradeço ao Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (Neseg/UFRJ) pelo espaço de aprendizado, trocas e acolhimento. À Aparecida Moraes, por ter acompanhado o desenvolvimento da pesquisa em diversos momentos, desde os seminários do Neseg até a disciplina de Metodologia, sempre enriquecendo o trabalho com comentários e sugestões. Sou muito grata por poder finalizar este ciclo com a sua presença na banca. Às queridas amigas Carla de Castro Gomes e Thays Monticelli, pela parceria de trabalho e pelos deliciosos encontros, que foram também momentos de desabafar e recarregar as energias. Carla, agradeço especialmente pela atenção dada ao meu trabalho, contribuindo com o andamento da pesquisa através de comentários e perguntas primordiais na banca de qualificação. Thays, agradeço também por me escutar nos diversos momentos de angústia e me encorajar a seguir com o trabalho. À todas as companheiras neseguanas, caminhar ao lado de vocês tornou este processo muito mais leve. Que sigamos aprendendo e gargalhando juntas.

Agradeço imensamente a Omar Ribeiro Thomaz pelos comentários na banca de qualificação que me ajudaram a reconduzir a pesquisa e por me apresentar a referências fundamentais para a realização deste trabalho. Agradeço a Michel Gherman, com quem venho aprendendo há muitos anos. Esta pesquisa é fruto de um trabalho de longa data ao seu lado. E agradeço ao IBI pelas tantas oportunidades que impulsionaram a realização deste trabalho.

Além dos que me acompanharam diretamente no ambiente acadêmico, muitas outras pessoas foram essenciais para que esta pesquisa acontecesse, por meio de suportes emocionais e rede de afetos. É difícil descrever a dimensão do apoio e carinho que recebi nesses dois anos, mas deixo aqui o meu reconhecimento de gratidão aos que se fizeram presentes de modo especial.

Agradeço a Pinho por não ter medido esforços para tornar mais leves os momentos mais difíceis, de cansaço extremo e estresse. Atravessar esta etapa com a sua companhia me fortaleceu todos os dias. Agradeço ao meu pai e à minha mãe, Miguel e Anabela, por serem os meus maiores encorajadores e por insistirem, incansavelmente, em me fazer acreditar no meu trabalho. Sem o amor de vocês, isto não seria possível. Aos meus irmãos, Marquinhos, Lara, Ivan, Anne e Yuri, cunhadas-irmãs e sobrinhos amados, pela cumplicidade de sempre. E a Carlinha, pelo suporte e cuidado que facilitaram o processo de escrita nesta reta final.

Aos amigos e amigas, por serem fontes de descontração quando mais precisei. Agradeço especialmente aos meus irmãos da vida, Fábio e Rochlin, companheiros de casa que acompanharam de perto as muitas etapas do mestrado. A Felipe KG, que me ajudou inúmeras vezes com os meus pedidos repentinos de tradução do hebraico. E ao meu coordenador e amigo Paulinho, pela compreensão e atenção diante dos desafios de conciliar pesquisa e docência.

Enfim, agradeço às minhas famílias cariocas, Zebulun e Naar. Adriana, Elias, Nara e Cláudio, sou especialmente grata pelo carinho e cuidado que vocês têm comigo. Tenho muita sorte de contar com vocês aqui no Rio.

## RESUMO

KERTZMAN, Nina Queiroz. **Femininos em disputa**: Ahed Tamimi como símbolo da resistência palestina. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A pesquisa tem como objetivo compreender os processos que constituíram Ahed Tamimi como símbolo da resistência nacional palestina e analisar a mobilização da noção de feminino a partir da sua representação. Através da reconstrução de uma situação social - o confronto entre Ahed Tamimi e dois soldados israelenses gravado em vídeo e repercutido na internet – são mapeados os elementos que contribuíram para a construção e repercussão da sua figura como símbolo. Ahed é percebida por alguns como uma agente da violência e por outros como heroína nacional. O seu confronto com os soldados israelenses é o ponto de partida desta pesquisa para uma ampla análise sobre as percepções criadas sobre mulheres palestinas da Cisjordânia, em especial as jovens ativistas. A pesquisa é desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise de uma variedade de fontes, desde matérias e artigos publicados em canais de mídia digital, publicações de redes sociais, cartazes e charges, o filme documental *Thank God It's Friday* (2013) e a recém-publicada autobiografia de Ahed Tamimi, intitulada *They Called me a Lioness: A Palestinian Girl's Fight For Freedom* (2022). A pluralidade das fontes trabalhadas é articulada por meio de análises que atravessam todos os capítulos da dissertação, focando nas diferenças e similitudes das construções narrativas mobilizadas a partir da situação social. O texto se divide em três partes que tratam, respectivamente, da construção e representação de Ahed Tamimi como figura simbólica diante da situação do confronto, do contexto de militância popular por trás da cena viralizada em vídeo e da repercussão e mobilização do feminino perante o seu caso.

Palavras-chave: Ahed Tamimi; Palestina; gênero; resistência; microanálise.

## ABSTRACT

KERTZMAN, Nina Queiroz. **Femininos em disputa**: Ahed Tamimi como símbolo da resistência palestina. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This research aims to understand the processes that constituted Ahed Tamimi as a symbol of Palestinian national resistance and to analyze the mobilization of feminine within Ahed's representation. The elements that contributed to the construction and repercussion of her figure as a symbol are mapped through the reconstruction of a social situation, that is, the confrontation between Ahed Tamimi and two Israeli soldiers recorded on video and widely broadcasted online. Ahed is perceived by some as an agent of violence and by others as a national hero. Her confrontation with Israeli soldiers is the starting point of this research, which develops into a broad analysis of perceptions created about Palestinian women in the West Bank, especially the young activists. The research is developed through a bibliographical review and the analysis of a variety of sources, as in articles published in digital media, social media publications, posters and cartoons, the documentary film *Thank God It's Friday* (2013) and the recently published Ahed Tamimi's autobiography entitled *They Called me a Lioness: A Palestinian Girl's Fight For Freedom* (2022). The variety of sources are articulated through analyzes that pass through all chapters of the dissertation, focusing on the differences and similarities of the narrative constructions mobilized through the social situation. The text is divided into three parts that approaches the construction and representation of Ahed Tamimi as a symbolic figure in the face of the confrontation situation, the context of popular activism behind the scenes of the viral video and the repercussion and mobilization of the feminine within Ahed's case.

**Keywords:** Ahed Tamimi; Palestine; gender; resistance; microanalysis.



## LISTA DE SIGLAS

**ANP**- Autoridade Nacional Palestina

**BBC**- British Broadcasting Corporation

**EUA**- Estados Unidos da América

**FPLP**- Frente Popular para a Libertação da Palestina

**IBI**- Instituto Brasil Israel

**IDF**- Israel Defence Forces

**IRID**- Instituto de Relações Internacionais e Defesa

**LIP**- Laboratório Israel Palestina

**MdV**- Marcha das Vadias

**MRP**- Movimento de Resistência Palestina

**NEJ**- Núcleo de Estudos Judaicos

**NIEJ**- Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos

**OLP**- Organização para a Libertação da Palestina

**POC**- *Prisoner of Conscience*

**PUC-SP**- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**UFRGS**- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**UFRJ**- Universidade Federal do Rio de Janeiro

**UPE**- Universidade de Pernambuco

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1-</b> Mohamed Odeh e Ahed Tamimi, em sua casa em Nabi Saleh (2019) .....	18
<b>Figura 2-</b> Foto da capa do livro <i>They Called Me a Lioness: A Palestinian Girl's Fight for Freedom</i> .....	39
<b>Figura 3-</b> Ahed Tamimi em protesto em Nabi Saleh (2012) .....	44
<b>Figura 4-</b> Ahed e Nariman tentando proteger Abu Yazan .....	46
<b>Figura 5-</b> Torre de abastecimento de água em área C da Cisjordânia (2020) .....	75
<b>Figura 6-</b> Muro de separação da Cisjordânia, Belém (2020) .....	75
<b>Figura 7-</b> Portal em Belém (2019) .....	102
<b>Figura 8-</b> Campanha <i>#FreeTheTamimis</i> .....	108
<b>Figura 9-</b> Ahed Tamimi e Janna Jihad no protesto do <i>Tal'at</i> em Ramallah, Cisjordânia (2019) .....	110
<b>Figura 10-</b> Protesto do <i>Tal'at</i> em Rafah, Faixa de Gaza (2019) .....	111
<b>Figura 11</b> Pintura de Ahed Tamimi no muro de separação da Cisjordânia, Belém (2019) ..	132
<b>Figura 12-</b> Pintura apagada de Ahed Tamimi no muro em Belém .....	134
<b>Figura 13-</b> Ahed e Moodi Abdallah (2020) .....	135
<b>Figura 14-</b> Pintura de Leila Khaled no muro, Belém (2020) .....	136
<b>Figura 15-</b> Charge do cartunista Omar Abdallat .....	138
<b>Figura 16-</b> Charge do cartunista Carlos Latuff .....	139
<b>Figura 17-</b> Charge Ahed Tamimi- <i>Brave</i> , do cartunista Dragan .....	140
<b>Figura 18-</b> Cartaz <i>Free Ahed Tamimi</i> em ponto de ônibus, Londres (2017) .....	143
<b>Figura 19-</b> Cartaz <i>Free Ahed</i> em protesto em Nabi Saleh (2018) .....	145
<b>Figura 20-</b> Cartaz de anúncio da apresentação do conjunto Banat Al-Quds (Filhas de Jerusalém) em homenagem a Ahed Tamimi (2018) .....	146

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1-</b> Construção de assentamentos por ano (1937-2021) .....	79
<b>Gráfico 2-</b> Número de colonos por ano .....	79

**LISTA DE MAPAS**

<b>Mapa 1-</b> Localização de Nabi Saleh .....	64
<b>Mapa 2-</b> Linhas de armistício de 1949 .....	69
<b>Mapa 3-</b> Território sob controle israelense pós Guerra de 1967 .....	71
<b>Mapa 4-</b> Cisjordânia dividida entre áreas A, B e C .....	74
<b>Mapa 5-</b> Nabi Saleh, Halamish e Ein al-Qaws .....	87
<b>Mapa 6-</b> Contorno do muro de separação na Tumba de Raquel, em Belém .....	128

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<i>Sobre o problema de pesquisa</i> .....	20
<i>Orientação sobre os capítulos</i> .....	22
<b>1. RECONSTRUINDO UMA SITUAÇÃO SOCIAL: O CONFRONTO ENTRE AHED TAMIMI E DOIS SOLDADOS ISRAELENSES</b> .....	25
<b>1.1.</b> Situações sociais e a microanálise .....	31
<b>1.2.</b> O confronto como situação social e suas múltiplas construções .....	38
<b>1.2.1.</b> “Me chamaram de leoa”: uma construção autobiográfica.....	39
<b>1.2.2.</b> Al Jazeera: Palestina Ahed Tamimi é presa pelas forças israelenses .....	53
<b>1.2.3.</b> Haaretz: Exército israelense prende adolescente palestina que deu tapas em soldados; ‘Ela deveria terminar sua vida na prisão’ .....	57
<b>1.2.4.</b> BBC News: Menina palestina é presa após soldados serem 'estapeados' em vídeo .....	59
<b>2. ATORES, CONTEXTOS E CENÁRIOS POR TRÁS DO CONFRONTO</b> .....	63
<b>2.1.</b> Cisjordânia ocupada.....	68
<b>2.2.</b> <i>Nakba, Naksa</i> e as memórias da resistência .....	76
<b>2.3.</b> O cotidiano de incertezas em Nabi Saleh .....	83
<b>2.3.1.</b> Os protestos da vila .....	86
<b>2.3.2.</b> Resistência cotidiana: os agenciamentos da casa e da família diante das políticas de ocupação .....	92
<b>2.4.</b> Outras agentes em confronto .....	103
<b>2.4.1.</b> Nariman Tamimi e a documentação audiovisual .....	104
<b>2.4.2.</b> Janna Jihad e o ativismo nas redes sociais .....	107
<b>2.4.3.</b> A defesa de Gaby Lasky .....	111
<b>3. A MOBILIZAÇÃO DO FEMININO NA RESISTÊNCIA PALESTINA ATRAVÉS DO CASO AHED TAMIMI</b> .....	114
<b>3.1.</b> Das chaves aos <i>smartphones</i> : representações de mulheres na resistência palestina .....	116
<b>3.2.</b> Narrativas de Belém: relatos individuais e análises iconográficas .....	125
<b>3.2.1.</b> A construção de um rosto simbólico .....	131
<b>3.3.</b> As repercussões da situação .....	141
<b>3.3.1.</b> Entre a campanha <i>#FreeAhedTamimi</i> e as ameaças contra sua figura simbólica ..	142
<b>3.3.2.</b> Disputas sobre o feminino .....	147

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	159
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	163

## INTRODUÇÃO

Ahed Tamimi tornou-se uma ativista mundialmente conhecida aos dezesseis anos de idade a partir da grande repercussão da cena de um confronto entre ela e dois soldados israelenses filmada e transmitida ao vivo na internet por sua mãe no dia 15 de dezembro de 2017. Este evento ocorreu em frente à sua casa, em uma pequena vila chamada Nabi Saleh, localizada na região da Cisjordânia, na Palestina. Quatro dias após o confronto, na madrugada do dia 19 de dezembro, soldados do exército de Israel foram até sua casa e a prenderam. Algumas horas depois, prenderam também sua mãe, Nariman Tamimi, que foi responsabilizada pelo caso como autora do vídeo publicado na internet. Ahed e Nariman, mãe e filha, ficaram detidas no presídio Hasharon<sup>1</sup>, em Israel, por um pouco mais de sete meses, sendo libertadas conjuntamente em 29 de julho de 2018.

Em meio a este episódio, a representação de Ahed Tamimi como uma jovem mulher engajada na luta contra a ocupação israelense na Cisjordânia se constituiu como um novo símbolo da causa nacional palestina. As imagens e os discursos reproduzidos em torno do seu confronto com os soldados e da sua prisão alcançaram as grandes mídias locais e internacionais. O momento da libertação de Ahed e Nariman da prisão foi muito esperado pelos moradores de Nabi Saleh, que as receberam em uma multidão nas ruas da vila. Uma série de jornalistas se concentraram em praça pública, onde Ahed, sentada entre sua mãe e seu pai, pôde conceder a sua primeira entrevista coletiva e falar sobre a sua atitude de enfrentar os soldados e sobre sua experiência na prisão.

Diante de toda a repercussão do evento, a noção de feminino tornou-se uma pauta recorrente associada ao seu ativismo através de múltiplas formas. Ahed foi comparada a outras mulheres históricas e ativistas de diversos contextos e, ao mesmo tempo, foi acusada de ser uma atriz contratada para provocar os soldados israelenses. Enquanto apoiadores ressaltaram a sua identidade como jovem e mulher, opositores se utilizaram destas características identitárias como meios de desqualificá-la, chamando-a, por exemplo, de pirralha. A atenção voltada para a sua feminilidade garantiu que Ahed Tamimi ficasse conhecida pela opinião pública como “a menina que bateu no soldado”. O feminino, nesse contexto, é alvo de disputas constantes nos cenários político e social em Israel e na Palestina.

---

<sup>1</sup> O presídio Hasharon se localiza na cidade de Even Yehuda, há cerca de 33 quilômetros ao norte de Tel Aviv e 58 quilômetros de Nabi Saleh. O local recebe presos políticos palestinos dos territórios ocupados e presos civis israelenses.

A repercussão midiática do caso Tamimi me fez conhecê-la superficialmente por uma notícia da sua prisão. Naquele momento, encontrava-me na graduação em Relações Internacionais no Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID) da UFRJ e integrava o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos da mesma universidade (NIEJ/UFRJ). No laboratório do NIEJ, coordenado pelo Prof. Dr. Michel Gherman, pesquisamos coletivamente sobre as percepções do conflito palestino-israelense na direita cristã e na esquerda universitária brasileira. Deste modo, notamos, naquele momento, a sensibilização das organizações pró-palestina em relação à repercutida prisão da jovem ativista. Apresento, nesta introdução, os caminhos que me fizeram conhecer e me aproximar da figura de Ahed Tamimi e que, posteriormente, me permitiram elaborar a presente pesquisa.

A problemática desta pesquisa foi formulada a partir de um encontro pessoal com Ahed Tamimi, seu pai, Bassem Tamimi e sua mãe, Nariman Tamimi, realizado em sua casa em Nabi Saleh. Por meio de duas viagens à Palestina, em janeiro de 2019 e janeiro de 2020, pude realizar uma pesquisa exploratória em duas cidades da Cisjordânia: Belém e Ramallah. As viagens integraram o programa de finalização dos cursos *Israel e Palestina: Entre conflitos e narrativas* e *Precisamos falar sobre Israel e Palestina*, organizados pelo Instituto Brasil Israel (IBI) no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente. Este programa de finalização dos cursos compôs visitas a Israel e à Palestina junto a dois grupos de jovens pesquisadores de diferentes núcleos de pesquisa de diversas universidades brasileiras, dentre os quais estão o NIEJ da UFRJ, o Núcleo de Estudos Judaicos (NEJ) da UFRGS, o Laboratório Israel Palestina (LIP) da PUC-SP e o Laboratório Israel Palestina (LIP) da UPE. Por meio do meu envolvimento com a organização das duas edições do curso do IBI no Rio de Janeiro, participei das viagens como pesquisadora, em 2019, e como membro da equipe organizadora, em 2020.

O encontro com a família Tamimi ocorreu em janeiro de 2019, seis meses após a saída de Ahed e Nariman da prisão. Não havia sido estabelecido nenhum tipo de contato com qualquer membro da família anteriormente ao encontro, que foi articulado de modo inesperado pelo representante do Comitê de Relações Exteriores do Fatah para a América Latina, Mohamed Odeh. Durante a passagem do nosso grupo de pesquisadores à Ramallah, centro administrativo da Palestina, visitamos uma das sedes do Fatah, o partido político nacionalista e laico que comanda a Autoridade Nacional Palestina (ANP). Fomos recebidos por Odeh em uma sala de reunião e conversamos por aproximadamente uma hora sobre questões relacionadas ao conflito, à ocupação israelense dos territórios palestinos e às relações políticas envolvidas neste contexto. A comunicação com Odeh foi feita em espanhol, língua a qual ele é fluente.



Após a visita à sede do Fatah, Odeh se ofereceu para nos acompanhar ao longo da nossa breve visita pela cidade. Ele entrou na van que estava nos conduzindo ao longo da viagem e passou algumas orientações ao motorista em árabe. Como primeiro destino, ele nos levou ao mausoléu temporário de Yasser Arafat<sup>2</sup>, onde também se localiza o museu que conta a sua história. A tumba do líder político é toda rodeada por água. Odeh nos explicou que aquele mausoléu é considerado temporário, pois o corpo de Arafat só deverá ser enterrado na cidade de Jerusalém, o que hoje não é possível. Assim, a água que rodeia o seu mausoléu simboliza o caráter de transitoriedade daquele monumento que o homenageia.

Ao longo do passeio de van por Ramallah, Mohamed Odeh nos mostrou uma grande estátua de bronze do líder sul africano Nelson Mandela, que fica em uma pequena praça da cidade. A estátua tem seis metros de altura e foi feita pela prefeitura de Johannesburgo e enviada a Ramallah como um presente ao povo palestino. Fomos também ao museu do renomado poeta palestino Mahmoud Darwish. Na entrada, encontra-se a tumba de Darwish em meio a dois muros de pedra com a mensagem: “Da Palestina.. para Mahmoud Darwish”, em inglês de um lado e em árabe do outro. O museu foi construído com o suporte de um financiamento coletivo público voltado para a comunidade palestina. A construção é formada por dois prédios que se curvam em forma de um grande livro, estando a sua tumba no centro. As obras do autor foram traduzidas para uma variedade de idiomas, incluindo o português, como *Da presença da ausência*, *Memória para o esquecimento* e *Onze astros* (DARWICH, 2020; 2021; 2021). O museu ressalta a internacionalização das obras do poeta através de painéis com seus textos traduzidos para o inglês, espanhol, francês, alemão e italiano.

Ao retornarmos para a van, Mohamed Odeh disse que havia trazido fotos para nos mostrar. Por ocupar um cargo de representação política perante a América Latina, Odeh encontrou diversas lideranças latino americanas ao longo da sua carreira. Nos mostrou fotos suas com o presidente Lula e com o ex-presidente uruguaio Pepe Mujica. Por fim, nos mostrou uma foto sua com Ahed Tamimi e perguntou se gostaríamos de encontrá-la. Apesar de não sabermos se a sua proposta era factível, respondemos que sim. Odeh fez um telefonema em árabe, falou algo para o motorista na mesma língua e nos informou, em espanhol, que estávamos indo até Nabi Saleh encontrar Ahed em sua casa.

Chegamos ao anoitecer, não deu para observar muito bem as redondezas de sua casa por conta da escuridão. Fomos recebidos por Bassem e Nariman e nos acomodamos nos três sofás e nas cadeiras dispostas na sala em formato de semicírculo. O cômodo era iluminado por uma

---

<sup>2</sup> Líder do Fatah e presidente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Arafat ocupou um lugar central na liderança política palestina.

forte luz azul que rodeava todo o teto e uma luz branca ao meio. As paredes de pedra branca eram decoradas com diversos adereços, como mapas da Palestina<sup>3</sup>, tapetes, bandeiras palestinas e um quadro com uma pintura de Rushdie Tamimi, falecido irmão de Nariman e mártir da resistência. Quadros com fotos, pinturas e artes gráficas de Ahed se encontravam nos batentes das janelas e em prateleiras ao redor da sala. Eles disseram que Ahed estava na casa de uma amiga e chegaria em poucos minutos. Duas crianças que estavam na casa nos serviram chá, café, refrigerante e uma cesta de balas.

**Figura 1-** Mohamed Odeh e Ahed Tamimi, em sua casa em Nabi Saleh (2019)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ahed chegou poucos minutos depois, quando todo o grupo já estava sentado na sala. Ela passou por cada um de nós e nos cumprimentou individualmente. Em seguida, sentou-se em uma cadeira virada de frente para o semicírculo em que estávamos. Bassem e Nariman sentaram-se junto a nós no semicírculo. A conversa com a família Tamimi aconteceu por meio da tradução simultânea do árabe para o espanhol, mediada por Odeh. Na época, Ahed não falava inglês. Odeh nos contou que pretendiam levá-la para a Inglaterra para estudar inglês. Hoje, já é possível encontrar entrevistas em que Ahed fala em inglês com a mídia internacional.

---

<sup>3</sup> Os mapas da Palestina, neste caso, incluem o território que hoje se encontra sob soberania do Estado de Israel.

Na conversa, Ahed nos contou da sua experiência na prisão, ressaltando que seus direitos básicos haviam sido violados ao longo dos sete meses presa. Disse que se recusou a falar nos interrogatórios e que pretendia estudar Direito Internacional no futuro para defender os direitos de seu povo. Na época deste encontro Ahed tinha dezessete anos. Hoje, aos vinte e um, ela é estudante de Direito da Universidade de Birzeit. O seu confronto com os soldados quase não foi mencionado, apesar de ter sido o evento disparador da sua detenção. Ahed contou que Nariman também havia sido presa e responsabilizada pelo evento por ter sido a autora do vídeo postado na internet.

Bassem Tamimi, seu pai, é uma reconhecida liderança do movimento de resistência em Nabi Saleh. Em 2012, ele foi declarado um prisioneiro de consciência (POC) pela Anistia Internacional (AMNESTY INTERNATIONAL, 2012). De acordo com a organização, POC é aquele que:

não tenha usado ou defendido violência ou ódio na circunstância que causou sua prisão, mas é preso unicamente devido a quem se é (orientação sexual, etnia, origem nacional ou social, idioma, nascimento, cor, sexo ou status econômico) ou ao que se acredita (crenças religiosas, políticas ou outras mantidas conscientemente).<sup>4</sup>

Bassem participou da conversa contando sobre suas próprias experiências como ativista da resistência palestina. Contou que já foi preso diversas vezes pelo exército, que a sua irmã foi assassinada por soldados israelenses e que o jeito de Ahed se parece muito com o dele. Nariman, por outro lado, não interagiu ao longo da conversa, nem mesmo quando Ahed menciona que sua mãe foi presa e responsabilizada pelo caso junto com ela.

Outro ponto que chamou atenção neste encontro foi o fato de Ahed ter compartilhado que muitas vezes a sua identidade como mulher palestina foi questionada devido a sua aparência física. Ahed é loira, branca e tem olhos azuis. Seu cabelo é longo, cacheado e volumoso. Nas suas aparições públicas, em protestos ou entrevistas, ela costuma utilizar calça e uma *keffiyeh*<sup>5</sup> no pescoço. Ahed não utiliza *hijab*<sup>6</sup>, deixando o seu cabelo sempre à mostra. As acusações que duvidam da sua identidade palestina refletem as expectativas imagéticas que se têm sobre as mulheres palestinas, estereotipadas como mulheres de cabelos cobertos por lenços, de pele e olhos escuros e que usam roupas largas e compridas, como vestidos e saias. Esta fala de Ahed

---

<sup>4</sup> Definição retirada do *site* da Amnesty International. Disponível em: [https://www.amnesty.org/en/what-we-do/detention/#:~:text=Prisoners%20of%20conscience%20%E2%80%93%20someone%20who,or%20what%20they%20believe%20\(religious%2C](https://www.amnesty.org/en/what-we-do/detention/#:~:text=Prisoners%20of%20conscience%20%E2%80%93%20someone%20who,or%20what%20they%20believe%20(religious%2C) Acesso: 02 jan. 2023.

<sup>5</sup> Lenço tradicional árabe usado pelos palestinos como um símbolo do movimento nacional.

<sup>6</sup> O *hijab* é um tipo de véu característico da religião muçulmana utilizado por uma parte das mulheres adeptas à religião. Ele cobre o cabelo, orelhas e pescoço da mulher.

aponta para os incômodos provocados pela sua consolidação como um novo símbolo da resistência palestina.

O encontro com Ahed Tamimi e parte da sua família nuclear despertou meu olhar para uma série de questões atreladas à sua representação como uma espécie de heroína do movimento de resistência palestino. O seu confronto com os soldados israelenses, a viralização da cena através de um vídeo na internet, a sua prisão, a mobilização dos movimentos de apoio à causa palestina perante o seu caso e a reação oposta de setores conservadores da sociedade israelense são disparadores de um amplo debate sobre as percepções das questões de gênero e sobre o feminino no conflito palestino-israelense.

### **Sobre o problema de pesquisa**

A consolidação de Ahed Tamimi como símbolo do movimento de resistência palestina mobilizou novos discursos e símbolos sobre o feminino. No vídeo gravado por sua mãe, se apresenta uma resistência palestina que não ocupa mais o lugar de vítima. Como símbolo, Ahed se diferencia da representação da mulher palestina em idade avançada, de *hijab*, mãe e avó, dona de casa, que carrega em seu pescoço a chave da casa perdida na *Nakba*<sup>7</sup> (HUMPHRIES; KHALILI, 2007; SAYIGH, 2007). E mesmo estando envolvida com o ativismo contra a ocupação, Ahed também não se assemelha às militantes da luta armada organizada da década de 1970, que como consequência das estruturas predominantemente masculinizadas das organizações políticas (MASSAD, 1995), foram marcadas por tentativas de se “apropriar da masculinidade”, renunciando características atribuídas como femininas naquele contexto (IRVING, 2012; MACDONALD, 1991).

Na esfera da militância popular dos anos 80, se destacaram as mulheres de meia idade, mães e donas de casa que, junto às suas vizinhas, participaram massivamente de levantes populares- sobretudo a Primeira *Intifada*<sup>8</sup> de 1987- não só atirando pedras e confrontando soldados, como proporcionando redes de assistência e cuidado em meio ao conflito (ABDO, 1991). A representação da *umm al-shahid*, traduzido como mãe de mártir, se consolida como uma categoria fundamental da atuação das mulheres no levante. As mães de mártir simbolizam o entendimento de que a mulher palestina resiste a partir da entrega dolorosa de seus filhos à causa nacional. Ainda, na chamada Segunda *Intifada*, a partir do ano 2000, surge a

---

<sup>7</sup> *Nakba* significa catástrofe em árabe. O termo é usado para se referir à expulsão de parte dos palestinos da região da Palestina histórica diante da fundação do Estado de Israel em 1948.

<sup>8</sup> O nome árabe designado a este movimento de resistência palestino é traduzido como levante ou revolta.

representação das *shahidat*, jovens mulheres palestinas que se tornaram mártires da resistência através das bombas suicidas (ALLEN, 2009).

O ativismo de Ahed Tamimi é marcado pela incorporação de novos símbolos característicos da sua geração. Uma garota adolescente, de cabelo descoberto, ao lado de sua mãe, sem vínculos partidários e comprometida com um ativismo comunitário oriundo de uma pequena vila na periferia de Ramallah. Ao mesmo tempo, o seu ativismo se constitui a partir de vínculos familiares fortes, que podem ser observados ao longo da sua trajetória como militante, antes e depois do reconhecimento público internacional. A presença de relações familiares é identificada, nesse contexto, na prisão de sua mãe, no papel ocupado pelo seu pai como “mensageiro público” em prol da libertação de Ahed e Nariman e nos discursos proferidos por Ahed, que atribuem constantemente às gerações passadas de mulheres de sua família como fontes de aprendizado na luta pelos direitos do povo palestino e a necessidade de seguir a militância em prol de oferecer um futuro melhor para as próximas gerações.

Esta relação entre o papel da família e a resistência palestina também se conecta aos modos de repressão do exército israelense, que agem por meio de ameaças constantes ao âmbito das casas palestinas. A destruição de casas como tática de punição militar por parte de Israel a palestinos envolvidos na resistência armada e ou violenta é uma prática que afeta e responsabiliza a família como um todo. Isto provoca, de certa forma, o fortalecimento dos vínculos familiares no movimento de resistência, visto que a família é diretamente prejudicada.

A partir da cena de um confronto entre Ahed e dois soldados israelenses, se constrói um símbolo do movimento de resistência palestino que mobiliza a questão de gênero no debate público. Assim, o objetivo desta pesquisa é compreender os processos que levaram Ahed Tamimi a se constituir como símbolo da resistência palestina e investigar como a noção de feminino é mobilizada a partir do seu ativismo. Ou seja, quais elementos sustentam a construção desta jovem ativista como símbolo da resistência e como os embates provocados pela sua figura refletem na percepção e nos discursos sobre o que significa ser mulher na sociedade palestina, diante da sua pluralidade.

Para tal, busco fazer a reconstrução da situação social em questão - o confronto - de modo a compreender o que este evento e a figura de Ahed Tamimi provocam entre os diversos setores os quais ela repercutiu. A partir do trabalho de Max Gluckman (2010) em *Análise de uma situação social na Zululândia moderna*, debruço-me sobre o confronto entre Ahed e os soldados como uma situação social que possibilita uma análise sobre as relações sociais no movimento de resistência palestina na Cisjordânia ocupada. Também tenho como base referências centrais do campo da micro-história, como Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi,

Giovanni Levi e Jacques Revel, e da sociologia em escala individual, como Bernard Lahire. A partir disso, dedico-me, ainda, a uma análise do cotidiano de Nabi Saleh, onde vivem Ahed Tamimi e sua família.

A pesquisa é desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica e análise de uma sequência de documentos que irão possibilitar uma discussão sobre a mobilização do feminino na construção de Ahed como símbolo da resistência palestina. Por meio da análise do filme documental *Thank God It's Friday* (2013), dos cineastas belgas Jan Beddegenoodts e Niel Iwens, discuto como a percepção de um cotidiano de incertezas, expressa nas entrevistas feitas com os moradores de Nabi Saleh, se relaciona com o conceito de resistência, atravessando a vida dos moradores da vila. Assim, analiso o modo como os protestos contra a ocupação promovidos recorrentemente na vila, os quais participaram Ahed Tamimi e sua família ao longo dos anos, são representados através da construção narrativa do filme.

Para uma discussão mais direcionada à repercussão da prisão de Ahed e sua constituição como símbolo, faço uma análise de notícias e arquivos de mídias digitais repercutidos entre 2017 e 2022. São selecionadas as notícias produzidas desde a publicação do vídeo do confronto, passando pela cobertura da sua prisão junto a Nariman Tamimi e os eventos posteriores que a consolidaram como novo símbolo da resistência palestina, buscando elementos que possibilitem a análise das percepções das questões de gênero nesse contexto. Esses dados contam com notícias de jornal, entrevistas a diversos canais de mídia, *lives* nas redes sociais (Facebook, Instagram e YouTube), cartazes digitais e fotografias de protestos. Diante das limitações com relação ao idioma árabe, analiso, majoritariamente, os materiais digitais disponíveis em inglês.

Para além do conteúdo digital, a pesquisa conta a análise da recém-publicada autobiografia de Ahed Tamimi, intitulada *They Called me a Lioness: A Palestinian Girl's Fight For Freedom* (2022), escrita por Ahed Tamimi e pela jornalista palestino-americana Dena Takruri, da Al Jazeera. Esta diversidade de fontes trabalhadas é manuseada por meio de análises que atravessam e circulam entre os três capítulos da dissertação, tendo o confronto entre Ahed e os soldados como ponto de partida para uma ampla análise sobre as relações sociais desencadeadas no movimento de resistência e no conflito palestino-israelense.

### **Orientação sobre os capítulos**

O primeiro capítulo da dissertação, chamado *Reconstruindo uma situação social: o confronto entre Ahed Tamimi e dois soldados israelenses*, é dedicado às descrições e análises

da construção da jovem Ahed Tamimi como um novo símbolo da resistência nacional palestina nos últimos cinco anos. Início fazendo uma descrição do vídeo que viralizou pela internet e tornou Ahed internacionalmente conhecida, ao confrontar dois soldados israelenses verbal e fisicamente. O fato de a cena ter sido gravada e postada na internet por sua mãe potencializou o reconhecimento da sua figura como "heroína nacional". Assim, descrevo os vários elementos e artefatos que constituíram a cena para, posteriormente, analisar as construções narrativas em torno do caso.

Parto da perspectiva micro analítica para pensar a cena do confronto como uma situação social. Através de referências antropológicas, sociológicas e históricas, me debruço sobre os autores Max Gluckman (2010), Bernard Lahire (2011) e os micro-historiadores italianos para apresentar o modo como conduzo a pesquisa, partindo de uma situação social para então desenvolver uma análise mais ampla sobre as percepções e relações estabelecidas diante da construção de Ahed Tamimi como símbolo da resistência nacional palestina.

Na última seção deste capítulo, analiso as construções narrativas que contribuíram para a consolidação de Ahed como figura simbólica de repercussão internacional. Para tanto, me baseio na sua autobiografia, *They Called Me a Lioness* (TAMIMI; TAKRURI, 2022), e em três notícias de canais de mídia distintos: Al Jazeera, Haaretz e BBC. Busco mapear os elementos de destaque que fundamentaram a construção desta personagem simbólica, apontando os fatores de aproximação e distanciamento dentre as fontes.

O segundo capítulo se chama *Atores, contextos e cenários por trás do confronto*. Ele cumpre a função de apresentar os contextos que antecederam e os cenários que fundamentam a temática geral desta pesquisa. Nesse sentido, apresento de forma breve as transformações políticas, sociais e territoriais ocorridas na região da Cisjordânia a fim de situar o leitor perante o atual cenário da ocupação israelense dos territórios palestinos. Em seguida, discuto as relações entre resistência e as memórias de dois eventos centrais da história recente do povo palestino: *al-Nakba* (a Catástrofe), em 1948, e *al-Naksa* (a Derrota), em 1967.

Ahed Tamimi mora em Nabi Saleh, uma vila palestina de aproximadamente 600 habitantes - em sua grande maioria, membros da família Tamimi. A vila se localiza na Cisjordânia, na zona periférica de Ramallah. Apresento o histórico de resistência da vila na luta contra a ocupação israelense através da mobilização da população local. O documentário *Thank God It's Friday* (2013) retrata um cotidiano marcado pelos protestos semanais, organizados pelos moradores da vila e vivenciados por pessoas de todas as idades, e as relações de enfrentamento tanto com o exército de Israel, quanto com os colonos do assentamento próximo de Nabi Saleh. Deste modo, parto da análise do filme para compreender como o contexto social

e familiar em que se origina o ativismo de Ahed Tamimi é representado. Também analiso como as noções de casa e a família são agenciadas nas políticas da ocupação israelense e no movimento de resistência palestina da região, especialmente na chamada resistência cotidiana articulada pelas mulheres.

Ainda no segundo capítulo, resgato a atuação de mulheres que caminharam lado a lado com Ahed Tamimi neste processo de consolidação como símbolo nacional. Chamo esta seção de *Outras agentes em confronto* por reconhecer seus papéis como ativistas que lutam contra a ocupação de diferentes formas. Me dedico especialmente ao ativismo de três mulheres: Nariman Tamimi - que documenta a violência da ocupação por meio de filmagens -, Janna Jihad - que denuncia a ocupação nas suas redes sociais alcançando um público internacional - e Gaby Lasky - advogada e ativista israelense que defende os direitos dos palestinos, principalmente mulheres e crianças detidas em prisões israelenses.

Por fim, o terceiro e último capítulo da dissertação se chama *A mobilização do feminino na resistência palestina através do caso Ahed Tamimi*. Após análises sobre a construção de narrativas que consolidaram Ahed como símbolo e sobre os elementos fundamentais que se encontram por trás da situação social em questão, concluo este trabalho me debruçando sobre uma análise que discute os usos do feminino perante a figura de Ahed Tamimi. Em primeiro lugar, apresento o histórico de representações de mulheres no movimento de resistência palestina, desde a *Nakba* até a atualidade. Mapeio estas representações, situando-as diante dos principais eventos de resistência ao longo das últimas sete décadas e descrevendo os modos de atuação destas mulheres. Como efeito, observo as relações intergeracionais que constituem o ativismo das palestinas, principalmente na região da Cisjordânia.

Em seguida, me concentro em uma análise das representações imagéticas em torno da figura de Ahed Tamimi. Me baseio nas experiências vividas nas minhas duas visitas à cidade de Belém, na Palestina, em 2019 e 2020, para observar os usos da imagem de Ahed como parte da sua resistência. Deste modo, faço uma análise das relações entre a sua feminilidade e as suas representações simbólicas das mais variadas formas, seja nas ruas, na mídia ou nas redes sociais. Enfim, na última seção, me debruço sobre a repercussão do caso, na Palestina, em Israel e na grande mídia. Analiso o desenvolvimento da campanha *#FreeAhedTamimi* e as consequentes manifestações públicas de apoio ou repúdio à ativista. Busco compreender de que forma o feminino foi mobilizado diante da sua repercussão. Portanto, discuto a questão por meio de eventos e manifestações públicas que trataram da figura simbólica de Ahed Tamimi colocando a sua feminilidade em destaque.



## 1. RECONSTRUINDO UMA SITUAÇÃO SOCIAL: O CONFRONTO ENTRE AHED TAMIMI E DOIS SOLDADOS ISRAELENSES

A página de perfil de Nariman Tamimi no Facebook é repleta de publicações que retratam a violência ocasionada pela presença de soldados israelenses na Palestina ocupada. Desde fotografias dos mártires da resistência, de pessoas feridas em macas de hospital e de cenas de confronto entre soldados e civis palestinos até vídeos de transmissão ao vivo - as chamadas *lives* - dos protestos em Nabi Saleh, das invasões noturnas do exército à sua casa e de momentos de celebração e lazer na vila. Intercalados a estes registros, estão também muitas fotos de seus quatro filhos - Waed, Ahed, Mohamed (apelidado de Abu Yazan) e Salam -, seja sorrindo em momentos descontraídos ou engajados em meio aos protestos da vila. Nariman utiliza sua página na rede social como forma de divulgação e denúncia da violência sofrida pelo povo palestino e, em especial, pelos moradores da sua vila. Esses vídeos, em sua maioria, por serem gravados em momentos de vulnerabilidade e caos, possuem baixa qualidade de imagem e som. Entretanto, cumprem um papel importante no registro e documentação do cotidiano de Nabi Saleh.

Dentre as postagens do dia 15 de dezembro de 2017, encontra-se o vídeo<sup>9</sup> que levou Ahed e Nariman à prisão israelense por sete meses. O vídeo foi gravado durante uma transmissão ao vivo e tem duração de 24 minutos. A filmagem se passa na entrada da propriedade onde vivem o casal Bassem e Nariman Tamimi e seus quatro filhos. O vídeo mostra a parte externa da casa, o muro da propriedade, a rua em frente e as casas das redondezas. Nariman, que filma toda a transmissão através da câmera traseira de seu celular, está dentro da sua propriedade, na área externa do terreno. Os 24 minutos de vídeo se passam neste cenário, mas com diferentes angulações e enquadramentos. A descrição do cenário e da cena como um todo que busco fazer aqui partem da perspectiva da câmera de Nariman.

O muro cinza que separa o terreno da rua aparenta ter entre 1,80 e 2 metros de altura próximo à entrada. Não há portão, apenas uma abertura de largura suficiente para a passagem de carros. Esta grande área externa na frente da casa é dividida em dois espaços que possuem dois níveis de altura diferentes. Para fins de ambientação do leitor para com o cenário da

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/nariman.tamimi.1/videos/1941041279245238>. Acesso: 12 dez. 2022.

situação social analisada, chamarei esses dois espaços de estacionamento e sacada, respectivamente<sup>10</sup>.

O estacionamento fica logo em frente à entrada da propriedade. Seu piso é levemente inclinado, apropriado para a subida de carros, mas se encontra aproximadamente no mesmo nível da rua. Um carro cinza está estacionado encostado ao muro da lateral esquerda do terreno. Já a sacada fica ao lado direito do terreno e em frente à casa. Sua estrutura acompanha a estrutura da própria casa, que se encontra em um nível mais elevado em relação ao estacionamento e à rua. A sacada é rodeada por um muro de pedras baixo, como uma espécie de parapeito, que protege quem estiver ali de possíveis quedas e, ao mesmo tempo, proporciona uma ampla visão de toda a rua a partir de um ponto de vista alto. Enfim, duas escadas de poucos degraus conectam estes dois espaços, sendo uma na parte da frente e outra atrás.

Nariman, de cima da sacada, aponta a câmera para dois soldados que se encontram no seu estacionamento. Enquanto um se posiciona em frente à entrada aberta da propriedade, próximo ao carro cinza estacionado, o outro se esconde atrás do muro cinza, que o cobre até a cabeça. Com olhares e sinais, os soldados se comunicam com outros soldados que estão pelas redondezas e esporadicamente atiram em direção à rua. Nariman pergunta: “Quer quebrar o carro?” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Devido à baixa qualidade da imagem que oscila ao longo do vídeo, não é possível identificar as pessoas que estão na mira dos soldados ao final da rua. Uma das balas é atirada próximo à casa de Nariman e ela retribui gritando: “Muito obrigada! Sim, atira! Atira!” (TAMIMI, 2017, tradução livre).

Algumas bombas de gás são jogadas de um lado para o outro soltando fumaça. Uma delas cai no estacionamento de Nariman, exatamente no muro que separa a sacada do estacionamento, próximo aos degraus traseiros e ao lado de uma bicicleta infantil. Nariman filma o seu entorno mostrando a fumaça que sai da bomba e explica: “O confronto começou desde bem cedo e tiveram vários feridos pelas balas de borracha. E uma criança ficou ferida e foi transferida ao hospital.” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Ela aponta a câmera para um dos soldados que está no seu estacionamento e diz: “Claramente este soldado não gostou dessa conversa” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Em seguida, vira a câmera para a direita, onde se encontram mais cinco soldados atrás do muro lateral de seu terreno e apresenta aos seus espectadores: “Aqui está o oficial do exército.” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Ao rodear a

---

<sup>10</sup> Estes dois espaços não são, necessariamente, chamados pelos moradores da casa de estacionamento e sacada. A escolha por caracterizá-los desta forma se deve em função da minha percepção destes espaços e suas funcionalidades.

câmera de um lado para o outro, Nariman mostra rapidamente que Ahed está ao seu lado. E continua:

“Naturalmente, eles lançaram bombas de gás contra algumas casas. Eles atiraram com balas verdadeiras e balas de borracha contra os jovens. As confrontações estão ocorrendo na região de Al- Zaytun, na região de Al-Jabbal e na região de Al-Bauabe. Há inúmeras confrontações. Naturalmente, esse é um exército de ocupação nazista, fascista, que se comporta de maneira desumana.” (TAMIMI, 2017, tradução livre)

Os dois soldados seguem no estacionamento, um ao lado do outro atrás do muro. Duas garotas descem pelo estacionamento em direção a eles dizendo: “*Yalla! Yalla! Yalla!*”, mandando-os irem embora. Ambas vestem calça, casaco e uma *keffiyeh* em volta do pescoço. São Ahed e sua prima, Nour Tamimi. Ahed está com uma luva azul na mão direita. Ela se aproxima de um dos soldados que está com a mão apoiada na cintura e começa a empurrar o seu braço repetidamente: “*Yalla! Yalla!*”. Nour, com o celular na mão, passa pelos soldados e olha em direção à rua. Ahed empurra o braço do segundo soldado, que tropeça levemente. Nesse primeiro momento, ambos mantêm seus olhares retos e ignoram a presença das garotas. Até que um deles tenta tirar a mão de Ahed levantando o braço e ela responde gritando: “Tira sua mão! Vai embora!” (TAMIMI, 2017, tradução livre).

Nour começa a filmar a cena apontando o seu celular diretamente para os soldados. Após focar no rosto de um dos soldados, Nour ri e mostra o celular para Ahed abraçando-a. Abu-Yazan se aproxima, pede para ver o celular de Nour e dá risada. Ele é o terceiro filho de Nariman e Bassem e tem cerca de três anos a menos que Ahed. Nesse momento, também entra em cena uma mulher mais velha, de vestido rosa, lenço marrom nos ombros e um *hijab* preto sobre a cabeça e pescoço. É importante ressaltar que eu pude fazer a identificação dos indivíduos que entram em cena neste evento a partir da descrição feita por Ahed em sua autobiografia (TAMIMI; TAKRURI, 2022). Entretanto, diferente dos seus irmãos e prima, a mulher que acabei de descrever é referida por Ahed apenas como sua tia, sem identificar o seu nome.

Ahed toca de novo no braço do soldado, que dessa vez tira sua mão dele. Ela revida chutando sua perna e dando um tapa em seu rosto gritando: “Não me toque! Tire suas mãos! Saia daqui!” (TAMIMI, 2017, tradução livre). A tia se coloca entre Ahed e o soldado, afastando-o para fora do estacionamento em direção à rua. Ao mesmo tempo, o segundo soldado se aproxima e Ahed dá um tapa em seu rosto. O soldado que está sendo afastado pela tia se coloca em frente ao seu colega do exército e tenta empurrar Ahed com uma mão. Nour tenta soltar a mão do soldado do braço de Ahed. Os soldados seguem olhando em silêncio para as

três mulheres que os enfrentam - Ahed, Nour e a tia. Um deles chega a levantar sua arma para cima e, aos poucos, eles vão recuando para fora da propriedade, sendo empurrados por elas.

Ao conseguirem expulsar os soldados para a rua, Nour, Ahed e sua tia se dão as mãos bloqueando a entrada da propriedade. Ahed e Nour, ainda gravando com seu celular, chutam os soldados. Enquanto isso, Nariman aproxima sua câmera da barreira e explica: “Se escondem atrás das cercas das casas e atiram balas e bombas de gás diretamente contra os jovens” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Abu-Yazan e Salam, o irmão caçula de Ahed, se juntam à barreira humana dando as mãos para Nour e a tia, respectivamente. Cada vez mais perto dos soldados, Nariman dá um close nos seus uniformes e explica: “Segundo a lei israelense, se deve mencionar o nome de cada soldado no seu uniforme, mas claramente eles não colocaram nada, nem nomes e nem outras coisas.” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Os soldados recuam para longe da câmera e Nariman diz a eles: “Se voltarem outra vez, vão levar uma surra. As moças estão aguardando vocês.” (TAMIMI, 2017, tradução livre). E assim eles viram as costas e vão embora, se juntando ao grupo de soldados que está atrás do muro lateral de sua casa.

A câmera vira para o lado esquerdo da rua e é possível ver Ahed voltando para casa após ter ido até a esquina de uma outra rua perpendicular à sua. Nariman a chama de volta para casa em tom de pressa. Ao escutar o barulho de tiros, Ahed corre de volta para casa enquanto Abu-Yazan a espera na entrada. Nariman volta a falar com seus espectadores da *live*: “Veja. Veja como eles estão atirando na Ahed. Há somente crianças pequenas lá embaixo. Ahed, qual é a sua mensagem para o mundo?” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Encostada no muro que separa o estacionamento da sacada, Ahed dá um leve sorriso e responde:

Eu desejo que todo mundo participe das manifestações porque elas são a única forma de alcançarmos uma solução, porque a nossa força está nas nossas pedras. Eu espero que todos no mundo inteiro se unam para libertar a Palestina. Trump tomou essa decisão e vai precisar encarar as consequências de qualquer tipo de reação palestina a isto, seja atentado com facas, ataques suicidas ou atirar pedras. Nós temos que fazer alguma coisa e temos que passar a nossa mensagem pelo mundo para que possamos alcançar um resultado. E, espero, que este seja libertar a Palestina. (TAMIMI, 2017, tradução livre).

Nariman sobe para a sacada, filma a janela de sua casa com vidro quebrado e conta que jogaram uma bomba de gás dentro da casa. “A ocupação não faz distinção entre quando há crianças em casa ou não.” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Do outro lado da rua, surge um jovem palestino de camisa preta e de rosto coberto por um pano preto que está jogando pedras de trás de um muro. Por ter uma visão ampla dos soldados do alto da sacada, Nariman grita

orientando o jovem de onde estão vindo os tiros dos soldados. Ahed e Salam estão junto da mãe assistindo a situação. Uma bomba cai perto do jovem de camisa preta e ele sai correndo.

Durante os minutos finais da *live*, Nariman segue utilizando a sacada como ponto estratégico para alertar os palestinos sobre onde estão os soldados e para antecipar suas ações. “Há um soldado deitado no chão. Cuide-se. Ele está debaixo da oliveira. Tome cuidado! Ele está deitado na barriga e está pronto para atirar. Tome cuidado! Há outro soldado deitado ao lado do poste.” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Um dos soldados que está atrás do muro lateral da casa fala algo de longe para Nariman e ela responde: “Jogue sua arma no chão, pegue uma pedra e vamos lutar para ver quem é o mais corajoso.” (TAMIMI, 2017, tradução livre). E segue, junto aos seus familiares, a missão de alertar os jovens que jogam pedras enquanto os soldados jogam bombas e atiram.

Enquanto isso, ela compartilha: “Uma criança baleada está na sala de cirurgia e todos nós rezamos pela sua recuperação.” (TAMIMI, 2017, tradução livre). Se trata do adolescente de quinze anos Mohammad Tamimi, primo de Ahed. Nariman volta a câmera para o quintal de sua casa. É possível ver parte da casa à esquerda e um quintal com uma árvore à direita. Um grupo de soldados entra no quintal e segue em conflito com os jovens que jogam pedras. Após poucos minutos na mesma dinâmica que oscila entre alguns tiros, bombas, pedras e as orientações de Nariman pelos arredores de sua casa, a família segue na sacada e assim se encerra a transmissão ao vivo.

Este vídeo possui 41 mil visualizações na página do Facebook de Nariman Tamimi. A partir da sua intensa repercussão, Ahed Tamimi tornou-se conhecida como ativista do movimento de resistência palestina em diversos países do mundo. O recorte da cena específica do confronto entre Ahed, sua tia e sua prima e os dois soldados israelenses foi reproduzida em vários canais de mídia em Israel, na Palestina e internacionalmente. Como consequência, foram produzidas múltiplas narrativas em torno da construção de Ahed como uma figura simbólica do movimento palestino.

\*\*\*

Neste capítulo, apresento as bases teóricas que sustentam a estrutura geral desta dissertação, que parte do confronto entre Ahed e os soldados como uma situação social para uma análise das relações de gênero no contexto palestino. Este percurso de pesquisa lida com uma rede de relações complexas que refletem questões fundamentais do conflito palestino-israelense. Parto da noção de orientalismo de Edward Said (2007) para discutir sobre percepção

e construção do outro em meio à dicotomização oriente-ocidente. O orientalismo é definido como “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o oriente” (SAID, 2007, p.29) a partir da produção de narrativas no campo social, político, acadêmico e artístico. Trata-se do poder de construção da identidade do outro que resulta no reforço de relações hierárquicas de poder.

Diante da minha busca por compreender os processos que edificaram Ahed Tamimi como símbolo e os significados dos discursos produzidos a seu respeito como uma jovem mulher da resistência palestina, debruço-me sobre a obra de Said como um caminho para pensar sobre esta produção de percepções. Isto se aplica tanto às percepções sobre o feminino e o “ser mulher” diante das sociedades palestina, israelense e dos países ocidentais - e suas diferenças internas - que incorporaram o caso Tamimi como destaque da mídia quanto às percepções dos diversos atores sociais envolvidos no conflito palestino-israelense. Afinal, a produção de narrativas sobre o confronto reflete não apenas nas percepções, como também nas próprias relações sociais em contextos de sociedades plurais e complexas.

O objetivo do capítulo é discutir as referências teóricas e apresentar a trajetória analítica que conduzem esta dissertação, além de fazer uma reconstrução das narrativas produzidas sobre Ahed Tamimi na Palestina, em Israel e na grande mídia internacional. Adoto a perspectiva de análise de uma situação social trabalhada por Gluckman (2010) como referência para investigar as relações sociais que se desdobram do confronto entre Ahed e os soldados. O trabalho de Gluckman inspirou os modos como optei por conduzir a estrutura organizacional da dissertação, costurando análises sobre o evento às relações imbricadas na situação.

Em primeiro lugar, discorro sobre a análise desta situação social com base na obra de Gluckman. Em seguida, proponho um diálogo entre esta minuciosa abordagem proposta pelo antropólogo e o recurso da microanálise proposto pelos micro-historiadores italianos - Ginzburg, Grendi e Levi. Enfim, apresento os princípios da sociologia em escala individual através da argumentação do sociólogo francês Bernard Lahire.

Na segunda seção do capítulo, faço um mapeamento descritivo e analítico das diferentes construções narrativas sobre a situação social em questão. Ou seja, analiso os modos como a divulgação do vídeo viralizado e da prisão de Ahed Tamimi foram construídas neste momento inicial da sua repercussão através de uma seleção de três notícias de jornal *online*. Além disso, analiso a construção narrativa da sua autobiografia (TAMIMI; TAKRURI, 2022), buscando compreender de que forma Ahed conta a sua própria história. Como a cena do confronto é apresentada pelos diversos campos sociopolíticos? Quais elementos do vídeo são ressaltados e quais são esquecidos? Onde estes elementos se aproximam e se diferenciam nas diferentes

notícias que reportaram o caso? Quais são as palavras utilizadas para descrever os atores em cena? Me apoio nestas perguntas como etapa inicial da pesquisa desenvolvida no capítulo a fim de oferecer elementos que possibilitem análises posteriores sobre o histórico de ativismo da família Tamimi e sobre a mobilização das questões de gênero neste contexto.

### **1.1. Situações sociais e a microanálise**

Partir de um único evento para a análise das estruturas e relações sociais que dali se desdobram envolve uma série de escolhas. Escolher um ponto de partida - o evento em si-, escolher os modos de registro e descrição dos vários elementos atribuídos ao evento - lugar, atores, discursos, expressões, interações - e escolher os enfoques da análise. Este fio condutor de pesquisa lida com as noções de evento e situação social. Por ora, me concentro nas contribuições de Max Gluckman (2010) sobre a análise de situações sociais, propondo um diálogo do autor com outras referências que trabalham com micro dimensões dos seus objetos de estudo, como desenvolvido pela micro-história e pela sociologia em escala individual. No segundo capítulo da dissertação, entretanto, retorno à discussão sobre evento como categoria de análise a partir da perspectiva de Veena Das (2020) para pensar as suas relações com a vida cotidiana.

O trabalho realizado por Gluckman em *Análise de uma situação social na Zululândia moderna* (2010) consistiu em uma ampla análise sobre a organização e as transformações sociais ocorridas na Zululândia a partir da análise de uma sequência de eventos vividos pelo autor ao longo do seu trabalho de campo. Gluckman escolheu a inauguração de uma ponte no distrito de Mahlabatini e um encontro distrital ocorrido em seguida na magistratura da cidade de Nongoma como as situações sociais a serem analisadas. Nos termos do autor (2010, p. 252), “[...] uma situação social é, em algumas ocasiões, o comportamento de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões.”.

Através destes eventos, ele analisou as relações entre africanos e brancos no norte da Zululândia, o desenvolvimento da nação zulu, suas expressões culturais e seus conflitos. Gluckman atentou para a relevância desses eventos para os grupos sociais da região. Por exemplo, como os zulus e os europeus se relacionavam com a inauguração da ponte e o que este evento significava para ambos os grupos. E destacou, ao longo do texto, as percepções que os sujeitos sociais possuíam uns sobre os outros.



A inauguração da ponte e o encontro distrital foram os eventos escolhidos para serem analisados como situações sociais. Contudo, Gluckman ressalta que poderia ter escolhido muitos outros. Seu objetivo é justamente traçar conexões destas relações com outras situações do contexto social zulu.

As situações sociais constituem uma grande parte da matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações em uma sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições etc. daquela sociedade. Por meio dessas e de novas situações, o antropólogo deve verificar a validade de suas generalizações.” (GLUCKMAN, 2010, p. 239).

Afinal, os eventos não ocorrem de forma isolada ou independente. Eventos repercutem, possuem consequências que afetam os sujeitos individualmente e coletivamente na sociedade e isto não deve ser deixado de lado, mesmo em uma análise de uma situação específica.

No campo da realidade, os efeitos e as causas não são apenas interdependentes, como também cada evento casual torna-se, por sua vez, um efeito e cada evento é produzido por muitas causas e produz muitos efeitos. Por razões técnicas, o antropólogo não pode isolar os eventos para determinar suas relações necessárias e os processos de causalidade. Na África moderna, como em qualquer outro lugar, toda mudança produz mudanças subsequentes. E isso pode ocorrer pelas mesmas relações e processos causais, mas não pode ser examinado separadamente da situação total. (GLUCKMAN, 2010, p. 321)

Portanto, seu trabalho transita entre as muitas escalas do tempo, partindo de uma situação presente experienciada pelo próprio autor e, ao mesmo tempo, resgatando o passado através de processos históricos do sistema social da Zululândia. O que interessa é justamente pensar as mudanças percebidas pela passagem do tempo para então compreender a estrutura social.

No sentido mais amplo, os membros de uma sociedade persistem por meio das mudanças que alteram o sistema social em que vivem. Baseada nessa perspectiva, a tarefa da Sociologia não é estudar sua sobrevivência, mas sim como vivem no sistema em transformação, isto é, seu valor funcional em certo padrão social. (GLUCKMAN, 2010, p. 319)

Dentre os objetivos desta pesquisa de mestrado, incorporo o desafio de encarar as situações sociais como “matéria-prima” a ser trabalhada. A cena do confronto entre Ahed e os soldados provoca, em basicamente quarenta segundos de vídeo, uma cadeia de interações sociais que refletem no modo como a questão de gênero é mobilizada no conflito palestino-israelense. A partir desta situação social, Ahed é vista como um símbolo feminino, mesmo que



de modos muito distintos a depender de onde e de quem a observa. Desta forma, no terceiro capítulo da dissertação, faço uma revisão histórica do modo como as mulheres foram representadas no movimento de resistência palestina ao longo das décadas e ao longo de uma série de eventos que marcam a trajetória de luta nacional do povo. A ideia é perceber a mobilização do feminino no movimento de resistência palestino também a partir das suas transformações ao longo das gerações de mulheres engajadas na luta nacional.

Foi com base nessas pretensões que desenvolvi os próximos passos da pesquisa. Isto permite que as discussões, partindo de uma escala individual, vão além, observando as estruturas sociais, as relações econômicas, a organização política e a atuação governamental e ou estatal dos contextos analisados. Assim, por meio da observação às reações individuais e às relações pessoais e impessoais nas situações sociais é possível chegar a outros entendimentos de contextos em larga escala.

As referências que faço em relação às dimensões das escalas de observação na pesquisa tem origem no emaranhado de estudos sobre o desenvolvimento da história narrativa e da micro-história, que se baseia no princípio da microanálise. Como parte do desenvolvimento contemporâneo da historiografia italiana, o recurso da microanálise tornou-se popular em um nicho de historiadores que buscavam novos recursos para a percepção e prática das pesquisas historiográficas. Essa perspectiva introduziu o debate sobre as escalas e seus objetos nos processos de pesquisa. O aumento ou a redução de escala proporcionam múltiplas formas de análise, que se intercalam desde as questões mais gerais da história e do social até as particularidades próprias aos indivíduos.

Esses estudos estão atrelados ao surgimento de uma “nova história” que resgatou a perspectiva biográfica e das narrativas. A trajetória da história narrativa se transformou ao longo das gerações. Lawrence Stone (1991) recapitulou um caminho de idas e vindas que aponta para um “ressurgimento da narrativa” que se consolidou em diálogo com a antropologia nos anos 70. Chamada também de uma “história das mentalidades” (STONE, 1991), que trata do cotidiano, das representações e de um estilo cada vez mais atento à narrativa em detrimento de concepções totalizantes.

Na definição do autor, “A narrativa aqui designa a organização de materiais numa ordem de sequência cronológica e a concentração do conteúdo numa única estória coerente, embora possuindo subtramas.” (STONE, 1991, p. 13). A história narrativa surgiu como uma alternativa que volta sua atenção ao particular e específico através de uma abordagem descritiva que se concentra mais no homem do que nas circunstâncias (STONE, 1991). Ela se opõe à história estrutural, que por meio de uma abordagem analítica, buscava trabalhar com as dimensões

coletivas. Essa diferenciação apresentada por Stone em 1979 resume um longo percurso de aparições e desaparecimentos das biografias e das narrativas como recursos da história através dos séculos.

As contribuições da antropologia ressignificaram a base referencial deste caminho historiográfico. Através de uma aproximação com a disciplina antropológica, preceitos básicos da história tomaram um novo rumo pelos historiadores adeptos da história narrativa.

O fim da ilusão etnocêntrica (que paradoxalmente coincidiu com a unificação do mercado mundial) tornou insustentável a ideia de uma história universal. Só uma antropologia impregnada de história ou, o que é o mesmo, uma história impregnada de antropologia poderá repensar a aventura plurimilenária da espécie *homo sapiens*. (GINZBURG, 1989, p. 173)

Ginzburg (1989) apontou para a conexão entre a história e a antropologia sem deixar de reconhecer seus obstáculos, principalmente nas formas distintas que cada disciplina incorpora ao pensar as relações sociais. Apesar deste ser um apontamento legítimo, essas diferenças não impediram acadêmicos de transitarem entre os dois campos do saber de modo complementar, independentemente da resistência dos mais ortodoxos de ambos os lados.

Através de novas perguntas de natureza antropológica, foram se incorporando à história novos interesses voltados ao indivíduo, emoções, moralidades, padrões de comportamento e valores (STONE, 1991). A análise histórica e a descrição antropológica, por meio da micro-história, puderam dialogar constituindo novas reflexões sobre as construções narrativas da história. Nesse sentido, as aproximações entre estas duas áreas do saber - ou “formas” do saber - , a antropologia interpretativa e a micro-história, proporcionaram caminhos para uma investigação descritiva e interpretativa (LEVI, 2011; GEERTZ, 2008).

Como um dos grandes precursores da micro-história, Carlo Ginzburg (1989) apresentou uma alternativa aos obstáculos: o método onomástico como caminho para reconstruir os entrelaçamentos das conjunturas. Ou seja, uma investigação micronominal, através dos nomes, em busca de uma reconstituição do vivido. Uma “história vista de baixo”. Esta foi a forma que Ginzburg encontrou para conduzir a crítica à história macroestrutural, quantitativa e de longa duração que afligia os historiadores italianos da segunda metade do século XX. Em ‘O queijo e os vermes’ (GINZBURG, 2006), provavelmente sua obra mais popular, ele seguiu sua proposta de modo emblemático contando a história de Domenico Scandella - Menocchio -, o herege moleiro da Itália do século XVI.

Por outro lado, Edoardo Grendi considerou o interesse por uma história demográfica como viés da microanálise. Através dos registros e dados demográficos se constituem as narrativas individuais.

Cada informação exprime um dado ou, mais frequentemente, uma relação. Existe assim a possibilidade de reconstruir histórias de família e, às vezes, por alguma feliz coincidência de fontes, histórias individuais suficientemente ricas - típicas ou excepcionais -, sendo ainda possível pôr em relevo relações interindividuais contínuas, isto é, estruturadas (por exemplo, relações de débito/ crédito). (GRENDI, 2009, p. 23-24)

Ao mesmo tempo, a análise das festas, cerimônias e rituais auxiliam na reconstrução sistemática das relações sociais (GRENDI, 2009). Aqui se encontram a micro-história e a antropologia de Gluckman (2010), que analisa a cerimônia de inauguração de uma ponte como situação social.

O amadurecimento da perspectiva narrativa resultou de forma mais consolidada na chamada micro-história. A micro-história se desenvolveu por meio de um processo crítico por parte da historiografia italiana à história social e serial, apresentando novas possibilidades de se fazer pesquisa no campo da história, sustentada pelo princípio da microanálise. De acordo com Ginzburg (1989), a perspectiva da longa duração deixou de lado as análises cotidianas das vidas individuais. Assim, a microanálise se estabeleceu como alternativa entre historiadores italianos que buscavam uma história social dedicada a contextos particulares.

Além desta atenção particular às individualidades ao qual dedica-se o paradigma da micro-história, também se abrem as possibilidades de um olhar para as invisibilidades do social, se consolidando como um meio de análise “bifronte” (GINZBURG, 1989). Ou seja, uma análise que seja capaz de olhar para os contextos particulares apesar das escalas reduzidas. “[...] a história social é a história das relações entre pessoas e grupos.” (GRENDI, 2009). Neste caso, a micro-história abraçou o viés microanalítico para tratar de particularidades relevantes à própria história.

A micro-história tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral. (LEVI, 2011, p. 158)

Existia, assim, uma posição muito evidente no papel dos micro-historiadores ao elaborar este novo propósito historiográfico. Uma alternativa de história que não se resume à simples interpretação de textos, mas que se preocupa em compreender o passado e as estruturas sociais (LEVI, 2011).

Embora eu tenha enfatizado, até o momento, a característica microanalítica da micro-história, esta não é seu fator único e determinante. Giovanni Levi reforçou esse argumento em busca de explicar o que une as diferentes trajetórias dos micro-historiadores, entre o cultural e o social, considerando que essas perspectivas não formam uma escola propriamente dita. Antes disso, entretanto, cabe olhar para as pluralidades internas da micro-história. Edoardo Grendi, já na década de 90, publicou o ensaio chamado *Repensar a micro-história?* (1998), em que o autor revisita alguns dos preceitos básicos desta perspectiva historiográfica. Grendi resume a micro-história em duas vertentes: a cultural e a social. A perspectiva cultural mantém seu foco nas relações dos indivíduos com a cultura. Ginzburg (2006) ilustra bem essa configuração através das aventuras do moleiro que constantemente desafia o Santo Ofício. Já a perspectiva social se dedica às relações interpessoais e suas redes, compondo as trajetórias de Grendi e Levi.

Perante as duas vertentes, qual seria então o elo que une a micro-história? Para Levi (2011, p. 139), “O princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados.”. Desta forma, compreendo que por meio da micro-história, podemos interpretar o não-dito. O que me faz retornar ao diálogo com a antropologia, visto que a descrição densa se dedica à observação e ao registro do imperceptível nos moldes macroanalíticos (GEERTZ, 2008).

É interessante notar que este novo olhar historiográfico proposto pela micro-história coincide com demandas dos grupos sociais marginalizados de lidar com a história de modo a reconhecer as vulnerabilidades sociais. A visibilidade social, para quem sempre esteve à margem das narrativas dos grandes eventos, é questão fundamental das humanidades. Como apontado por Ginzburg (1989, p. 172):

Que os inqueritos micro-históricos tenham, em muitos casos, como objeto de análise os temas do privado, do pessoal e do vivido, propostos com tanta veemência pelo movimento feminista, isso não é uma coincidência- visto que as mulheres foram indubitavelmente o grupo que tem pago os custos mais elevados pelo desenvolvimento da história humana.

Nesse sentido, a microanálise abre portas para uma história que reconhece o particular dos sujeitos. Como uma espécie de reconhecimento do “O pessoal é político” aclamado pelas feministas. E como apontado por Grendi (1998), este recurso foi explorado por uma série de historiadoras que buscaram tratar justamente de questões do “particular” feminino, como sexualidade, gravidez, parto e maternidade.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> ACCATI, Luisa; MAHER, Vanessa & POMATA, Gianna. Parto e maternità: momenti della biografia femminile. Quaderni Storici. N. 44 - Anno XV - Fascicolo II. Ancona-Roma, agosto 1980.

Finalmente, não é novidade que a micro-história se desenvolveu por meio de uma forte ligação com as ciências sociais. Tratei aqui da sua relação com a antropologia. Mas também vale traçar a sua relação e influência com uma sociologia que incorporou as escalas individualizadas nas suas análises. O sociólogo Bernard Lahire se dedicou ao tema repensando a noção das disposições na pesquisa sociológica. “Estudar o social individualizado, ou seja, o social refratado num corpo individual que tem a particularidade de atravessar instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas diferentes, é estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada.” (LAHIRE, 2005, p.14).

Assim como na história, a sociologia em escala individual se desenvolveu para compreender relações que estão opacas nas configurações macroestruturais de pesquisa. As noções sociológicas comumente mobilizadas até então não necessariamente dão conta de uma pesquisa que considera o indivíduo e suas relações de modo complexo (LAHIRE, 2005). Portanto, Lahire levanta uma série de questionamentos no intuito de revisar noções sociológicas para então apontar as condições necessárias de uma sociologia em escala individual.

Os princípios da perspectiva sociológica em escala individual aparecem inicialmente a partir da sua obra *O homem plural* (LAHIRE, 2003). Lahire desenvolveu uma crítica à noção bourdieusiana de *habitus* (BOURDIEU, 2011), discordando do caráter sistemático das disposições. Ele reconhece uma dissonância e pluralidade das disposições entre os indivíduos, que se inserem em múltiplas experiências socializadoras ao longo de suas vidas.

Em qualquer dos casos, não dispomos de nenhum exemplo de construção social, de inculcação, de incorporação ou de “transmissão” destas disposições. Não temos nenhuma indicação do modo como poderemos reconstruí-las, nem de que maneira elas agem (ou seja, de que maneira são activadas ou suspensas, segundo os domínios de práticas ou os contextos mais restritos da vida social). Elas são simplesmente deduzidas das práticas sociais (alimentares, desportivas, culturais...) mais frequentemente observadas - estatisticamente - nas pessoas objecto de investigação. (LAHIRE, 2005, p. 15)

A partir desta argumentação, o autor enxerga certas “camadas” nas dimensões de escala discutidas. Para a sociologia em escala individual, a dimensão individual é, inevitavelmente, complexa e múltipla. Em outras palavras, “o singular é necessariamente plural” (LAHIRE, 2005, p. 25).

Assim, adoto a microanálise como uma das bases dessa dissertação a fim de mergulhar no estudo do cotidiano e das individualidades perante as construções simbólicas do movimento de resistência palestina. Diante do cenário de um conflito tão atraente para os canais de mídia, olhar as entrelinhas dessas grandes figuras e símbolos é fundamental para compreender as

relações sociais implicadas no contexto de ocupação de terras palestinas. Principalmente por ser uma pesquisa que parte da investigação sobre as percepções do feminino. Comecei este processo através da descrição do vídeo que deu origem à situação social analisada no início deste capítulo. Na próxima seção, faço uma reconstrução da situação social a partir do que foi reproduzido sobre Ahed Tamimi e o confronto nos diversos canais de mídia.

## **1.2. O confronto como situação social e suas múltiplas construções**

Tomo o confronto entre a jovem de 16 anos Ahed Tamimi e os dois soldados israelenses como ponto de partida da pesquisa. A viralização dessa situação social através do vídeo postado por sua mãe provocou diferentes reações pelo mundo. Entretanto, antes de analisar a repercussão do evento, faço uma reconstrução de múltiplas narrativas para compreender como a história deste confronto foi contada em diferentes contextos. Minha intenção é reconstruir as maneiras como o evento foi reproduzido em diferentes campos sociais e perceber as diversas formas como Ahed Tamimi foi apresentada e representada perante a situação.

Iniciei este capítulo com uma descrição detalhada da *live* de vinte e quatro minutos postada por Nariman Tamimi, onde contém a cena do confronto. Foi a partir desta transmissão ao vivo que o evento repercutiu. Para além das 41 mil visualizações da publicação na página do Facebook de Nariman, o recorte das imagens de Ahed batendo nos soldados foram intensamente reproduzidas na televisão, nas redes sociais e em matérias de jornal. Selecionei uma sequência de três matérias de jornal *online* - em texto e vídeo - em que o evento foi noticiado para serem analisados. Como critério de seleção, busquei a pluralidade geográfica, priorizando uma fonte de origem árabe, uma israelense e uma britânica.

Ao buscar material sobre o caso Tamimi em fontes palestinas, me deparei com a dificuldade de encontrar conteúdos em inglês, considerando que a maior parte das informações estão em árabe. Como alternativa, priorizei trabalhar com um conteúdo disponível em inglês, de um canal árabe que se dedica a noticiar acontecimentos da Palestina. O mesmo processo ocorreu com as mídias israelenses, em que também priorizei materiais disponíveis em inglês ao invés do hebraico. Entendo que os conteúdos produzidos e ou traduzidos para o inglês são direcionados para um público externo, que não fala árabe ou hebraico. Atento a este fato no momento de analisar o modo como esses canais constroem a figura de Ahed Tamimi para seu público que utiliza o inglês para se informar.

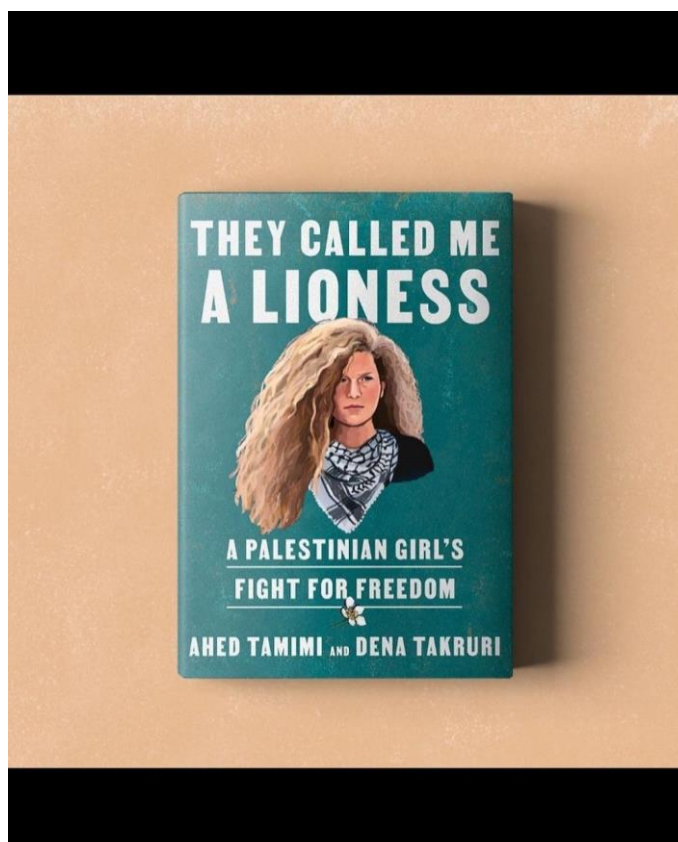
Também tenho como base a autobiografia de Ahed (TAMIMI; TAKRURI, 2022). Deste modo, trabalharei primeiramente em torno da narrativa construída pela própria Ahed Tamimi

para contar a sua história. Essa obra foi lançada quase cinco anos depois do evento ocorrido em dezembro de 2017. Portanto, as percepções sobre a situação contidas no livro certamente diferem das narrativas construídas no calor do confronto. Em sua autobiografia, já reconhecida como uma figura simbólica do movimento de resistência palestina, Ahed parte de um ponto de vista completamente diferente das notícias que reportaram seu recém-divulgado confronto em 2017.

Essas notícias serão apresentadas e analisadas em seguida, divididas entre as mídias palestinas e árabes, israelenses e internacionais. Optei por trabalhar com materiais que não só reportam o vídeo do confronto, mas que também tratam da detenção de Ahed Tamimi na prisão israelense. Tendo em vista o curto período entre a situação e sua prisão - apenas quatro dias-, grande parte das informações sobre o caso vem atreladas à mesma fonte.

### 1.2.1. “Me chamaram de leoa”: uma construção autobiográfica

**Figura 2-** Foto da capa do livro *They Called Me a Lioness: A Palestinian Girl's Fight for Freedom*



Fonte: Instagram, publicado na página de perfil de Ahed Tamimi<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cd-QdVKqSQW/> . Acesso: 20 dez. 2022.

Tenho o orgulho e a honra de anunciar meu próximo livro de memórias<sup>13</sup>, *They Called Me A Lioness: A Palestinian Girl's Fight for Freedom*, escrito com @denatakuri. Ele será publicado pela *One World/Penguin Random house* no dia 6 de setembro, mas você pode encomendar sua cópia aqui! [...]

Esta é a minha história crescendo como uma criança palestina sob a brutal ocupação militar de Israel - o que o mundo não viu quando as câmeras não estavam lá. Detalho meus traumas, ativismo e experiência dentro de uma prisão israelense. Assim como meus desejos e determinação inabalável de viver em liberdade, paz, dignidade e igualdade.

O livro também é a história de cada palestino submetido às indignidades e violência diárias durante a ocupação de Israel e sistema de apartheid. Contamos a história do nosso povo e da nossa firmeza; nosso amor pela vida e nossa determinação de nos libertarmos de nossas correntes.<sup>14</sup>

Quase cinco anos depois da sua repercussão internacional, Ahed Tamimi lançou um livro que conta a sua história de vida. Aos vinte e um anos de idade, como estudante de Direito da Universidade de Birzeit, em um contexto de aumento da violência e de ataques a palestinos na Cisjordânia<sup>15</sup>, Ahed retoma o momento em que bateu nos soldados israelenses através da construção de uma narrativa própria sobre o caso.

A autobiografia é dividida em sete capítulos: *Childhood; The Marches Begin; Forbidden Lands; Breaking the Barrier; The Spotlight; The Slap; Prison e Homecoming*. A sequência dos capítulos narra, cronologicamente, a história de como Ahed se tornou conhecida mundialmente através da sua luta pelos direitos do seu povo. Entretanto, ao mesmo tempo que o livro narra a sua trajetória como jovem ativista, ele também conta a história do povo palestino a partir da sua perspectiva. Entrelaçado aos acontecimentos da vida de Ahed Tamimi, *They Called Me a Lioness* (TAMIMI; TAKRURI, 2022) trata do exílio palestino em 1948, do processo de criação do Estado de Israel, dos Acordos de Oslo, da divisão política e geográfica dos territórios ocupados, da política externa israelense e sua relação com os Estados Unidos e das tentativas de repressão por parte do exército israelense para além de Nabi Saleh. Através de uma perspectiva individualizada, a autobiografia consegue ampliar sua narrativa para uma história que não é exclusivamente de Ahed Tamimi, mas que pertence ao povo palestino.

<sup>13</sup> Traduzo aqui como “livro de memórias” o que a autora chama de *memoir*. Entretanto, ao longo deste trabalho, me refiro ao livro de Tamimi e Takruri (2022) como autobiografia.

<sup>14</sup> Legenda do *post* de anúncio do lançamento da autobiografia de Ahed Tamimi em sua página do Instagram no dia 25 de maio de 2022. O texto é a legenda da foto apresentada na figura 1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cd-QdVKqSQW/>. Acesso: 20 dez. 2022.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2022/12/israel-un-experts-condemn-record-year-israeli-violence-occupied-west-bank#:~:text=2022%20is%20the%20sixth%20year,intended%20to%20halt%20settlement%20activity>. Acesso: 23 jan. 2023.



Ahed começa pela sua infância, apresentando ao leitor os personagens que a acompanham ao longo da sua trajetória. Dentre esses personagens, se destacam seus pais, Bassem e Nariman, seus três irmãos, Waed, Abu Yazan e Salam, sua prima e melhor amiga, Marah e sua avó, carinhosamente chamada de “Tata Farha”. Ela relembra as suas brincadeiras favoritas de infância, conta que o seu sonho sempre foi ser uma jogadora de futebol e que seus ídolos eram os jogadores Messi e Neymar.

O livro também foi uma oportunidade para Ahed poder contar as histórias de seus familiares e de Nabi Saleh<sup>16</sup>. No capítulo intitulado Infância, Ahed apresenta a história da sua avó Farha e fala da sua relação de proximidade com ela, até o seu falecimento em 2011. Além disso, Ahed compartilha suas memórias de infância sobre crescer em Nabi Saleh e o processo de compreender o impacto de viver sob ocupação desde pequena.

Tentar descer até a nascente<sup>17</sup> tornou-se uma aventura cada vez mais perigosa. Significava arriscar sofrer assédio, intimidação e até violência física tanto dos colonos quanto dos soldados israelenses alocados na região para protegê-los. Às vezes os colonos levavam seus cachorros e ameaçavam usá-los para nos atacar. Outras vezes, eles mesmos nos atacavam com as armas que carregavam constantemente. De repente, tentar visitar nossa própria propriedade passou a significar ter uma arma apontada para nós. A situação se tornou extremamente hostil e provocadora, visto que alguns colonos ocasionalmente se banhavam pelados na piscina da nascente - um tabu na nossa sociedade. Por fim, nossos pais passaram a proibir que fossemos até lá. Todos na vila estavam desapontados com a perda da nossa nascente, mas estávamos todos fartos. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 19, tradução livre)

O segundo capítulo, *Se iniciam as marchas*, trata do histórico de resistência popular de Nabi Saleh através de protestos não violentos organizados pelos moradores da vila e liderados por Bassem Tamimi. A repressão das manifestações por parte do exército tornou os protestos espaços de confronto e violência.

Mesmo quando criança, os riscos morais eram óbvios para mim. Defender o que era nosso não era um crime. Na verdade, era um dever. Depois de três meses me escondendo em casa, eu finalmente criei a coragem para dizer, “Okay, estou pronta para me juntar [aos protestos]”. E claro que eu levei minha melhor amiga Marah comigo. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 28-29, tradução livre)

Ahed fala de como se aproximou dos protestos, enfrentando o medo de ser atingida por alguma bala ou bomba do exército israelense. “Com o passar do tempo, os tiroteios e prisões das pessoas que eu amava se tornaram rotina. O cheiro do gás lacrimogêneo virou familiar e os barulhos

<sup>16</sup> Este tópico é retomado no segundo capítulo da dissertação, onde discuto o histórico de resistência popular de Nabi Saleh e seus enfrentamentos à ocupação israelense.

<sup>17</sup> Ahed se refere à nascente Ein al-Qaws, próxima de Nabi Saleh.

altos de tiro das armas dos soldados já não eram mais tão explosivos.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 33, tradução livre). Apesar da rotina dos protestos aliviarem o seu estranhamento e medo, Ahed compartilha que dois dos momentos mais difíceis para ela: quando Nariman foi presa (fato que hoje já aconteceu seis vezes) e quando o seu primo distante, Mustafa Tamimi, foi assassinado pelo exército após ser atingido por uma bomba de gás diretamente no rosto. Mustafa foi o primeiro mártir dos protestos de Nabi Saleh.

O capítulo Terras Proibidas expõe o que Ahed considera como um dos dias mais memoráveis da infância: sua primeira e única vez na cidade de Akka<sup>18</sup>. Ahed se refere ao local como uma das cidades que foi roubada dos palestinos por Israel. Explica:

Quando se fala das vilas e cidades roubadas de nós em 1948, a maioria dos palestinos dificilmente vai se referir a elas como “Israel”. Ao invés, eles usam *ad-daakhil*, que significa “dentro”; “as terras de 1948”; ou, simplesmente, “1948”, ou só “48”. Isso é uma afirmação da nossa demanda contínua pela terra e um lembrete constante das perdas tremendas que nós sofremos apenas décadas atrás- uma ferida ainda aberta. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 50, tradução livre)

Desta forma, o título do capítulo chama o território delimitado em 1948 de “terras proibidas” pelas limitações impostas aos palestinos da Cisjordânia e Gaza de acessarem a região. O acesso é extremamente limitado e controlado por *checkpoints* nas estradas e fronteiras que conectam as regiões. Em geral, o acesso é concedido a palestinos que possuem trabalhos em cidades dentro do território de 48, mas este não é um procedimento fácil e simples. Portanto, sair de Nabi Saleh e conseguir permissão para conhecer Akka foi um grande marco para Ahed Tamimi, mesmo que a distância entre as duas cidades seja de apenas 133 quilômetros.

Akka é uma cidade portuária antiga, de frente para o Mar Mediterrâneo, com uma parcela significativa de moradores palestinos - que, neste caso, possuem cidadania israelense. Se localiza a cerca de 25 quilômetros de Haifa. Ahed descreve a sensação de ter conhecido a cidade como uma conexão com o seu passado.

Ali, na cidade velha de Akka, eu me senti transportada para o passado, mas também para um presente alternativo, um reino do que foi e do que poderia ter sido se Israel não tivesse conquistado nossa terra e a exilado de nós. Eu também vislumbrei um futuro possível aonde nós pudéssemos retornar para essa terra. Senti uma sensação de nostalgia, perda e esperança, tudo de uma só vez. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 53, tradução livre)

---

<sup>18</sup> Também conhecida como Acre.

Ela associa sua visita a Akka à sua conexão com a cidade velha de Jerusalém. Ahed conta que escolhia, por princípios, entrar na cidade escondido ao invés de solicitar a permissão. “Eu me recusava a ter que pedir autorização dos meus opressores para visitar a cidade que eles ocupam ilegalmente.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 55, tradução livre).

Cada vez que eu chegava na Cidade Velha e começava a descer os antigos degraus no Portão de Damasco eu sentia a mesma atração magnética. Sempre havia a mesma energia especial pairando pelo ar, energia que me atraía e me fazia sentir como se eu estivesse viajando no tempo pelas várias eras nas quais a cidade foi conquistada, destruída e reconstruída repetidamente. Estar ali entre as muralhas antigas que hospedavam tantas civilizações, religiões e impérios fez eu sentir orgulho de ser uma filha daquela terra. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 56, tradução livre)

Para chegar em Jerusalém, Ahed se juntava a amigos de sua família que possuem um carro de placa amarela<sup>19</sup>, “[...] torcendo para não ser parada e revistada nos *checkpoints*, apostando na minha habilidade de passar como estrangeira com meu cabelo loiro e olhos azuis [...]” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 55, tradução livre). O fato dela ter se utilizado desta tática como forma de circular pelas controladas fronteiras de 1948 refletem na percepção orientalista (SAID, 2007) que se têm em Israel do que seria uma mulher palestina. E além de confessar a forma como driblava os *checkpoints*, Ahed admite: “O privilégio de ser irreconhecível é um que eu sigo lamentando intensamente agora que sou conhecida e facilmente identificável em Israel.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 55-56, tradução livre). Depois do seu rosto ter percorrido as notícias de diversos países do mundo, seria quase impossível Ahed atravessar um *checkpoint* de modo despercebido.

Quarto capítulo, *Quebrando a Barreira*. Ahed compartilha uma sequência de experiências traumáticas vividas por ela na passagem da infância para a adolescência que transformaram a sua forma de militar pela causa nacional. Uma ameaça de demolição da sua casa, ter sido baleada na mão em meio a um protesto, sua prima de quatro anos quase ter sido sufocada por gás lacrimogêneo encurralada em sua casa e, por fim, o assassinato de *Khalo*<sup>20</sup> Rushdie, irmão caçula de Nariman.

“Quando meu *Khalo* Rushdie morreu, uma parte de mim morreu junto. Mas meu medo também. A morte, a esta altura, havia sido normalizada e esperada. [...] Todo o resquício de dor que eu tinha foi apagado. Daquele ponto em diante, até quando os soldados atiram balas reais em nós, eu permaneci de pé e inabalável, às vezes jogando pedras de volta para eles. A luta pela Palestina nunca havia sido tão arriscada e

<sup>19</sup> Na Cisjordânia, existe uma diferenciação de cores nas placas de carros que pertencem a palestinos e israelenses. Os carros de israelenses possuem placa amarela e, conseqüentemente, são menos parados e revistados em *checkpoints* do que os carros de placa branca, referente aos carros de palestinos.

<sup>20</sup> *Khalo* é o termo utilizado para se referir ao tio materno.

urgente. E essa luta não é lugar para meros espectadores.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 74-75, tradução livre)

Este foi o momento em que Ahed, diante da realidade como uma jovem na Palestina ocupada, decidiu desistir de ser uma jogadora de futebol para se dedicar à causa nacional. Para tanto, estudar Direito lhe pareceu uma escolha mais coerente com a sua vontade de defender o povo palestino.

Embora o confronto filmado no dia 15 de dezembro de 2017 tenha sido disparador de uma grande repercussão na internet e tenha provocado a reação do exército israelense de prender Ahed e Nariman por sete meses, esta não foi sua primeira vez viralizando na internet e, certamente, não foi sua primeira vez confrontando soldados. No capítulo intitulado *Os Holofotes*, Ahed conta da vez em que, com onze anos, ao tentar defender Waed de ser levado preso, um vídeo seu confrontando soldados viralizou e repercutiu em muitos países<sup>21</sup>. De acordo com Ahed, “Pessoas ao redor do mundo foram cativadas pela imagem de uma menina palestina, pequena e loira, erguendo desafiadoramente seus pequenos punhos em direção a soldados israelenses completamente armados e com pelo menos 2 pés de altura a mais que ela.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 77-78, tradução livre). Cinco anos depois, Ahed viraliza da mesma forma, provocando reações diversas no público.

Ahed descreve o ocorrido de modo detalhado em seu livro. Ela afirma que se dirigiu aos soldados para questionar, aos gritos, para onde levaram seu irmão. Os soldados olhavam para baixo e davam risada da sua reação.

“Vocês estão rindo agora, mas somos nós que vamos dar risada quando a Palestina for livre!”, eu gritei. “Eu não tenho medo de vocês!” Eu segui. “Vocês pensam que só porque estão de armadura e segurando uma arma vocês assustam os palestinos? Não assustam! E se vocês arrancarem uma oliveira, nós vamos plantar cem em troca!” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 77, tradução livre)

**Figura 3-** Ahed Tamimi em protesto em Nabi Saleh (2012)

---

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=E4FM9WGRWdQ&ab\\_channel=NoktaGrup](https://www.youtube.com/watch?v=E4FM9WGRWdQ&ab_channel=NoktaGrup). Acesso: 19 dez. 2022.



Fonte: The Intercept, foto de Majdi Mohammed<sup>22</sup>

Após o ocorrido, Ahed foi convidada para a Turquia para receber o *Handala Courage Award* e conhecer o presidente Recep Tayyip Erdoğan. Ela conta que questionou Erdogan sobre o fato dos palestinos precisarem de visto para visitar a Turquia enquanto os israelenses não. “O que era verdade sobre mim quando criança permanece verdade agora: Eu nunca tive medo de ninguém ou coloquei ninguém em um pedestal- nem mesmo um chefe de Estado.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 80, tradução livre).

Ainda no quinto capítulo, Ahed fala sobre uma segunda situação em que sua imagem repercutiu nas redes. Em 2015, durante um protesto em *Nabi Saleh*, soldados tentaram prender Mohammad Tamimi, apelidado pela família e amigos da vila de Abu Yazan. Ele é o terceiro filho de Nariman e Bassem, um dos dois irmãos mais novos de Ahed. Ao ser alcançado por um soldado, e com um braço quebrado, Abu Yazan gritou por ajuda. Ahed, Nariman, Bassem e outras pessoas rodearam o soldado tentando soltá-lo. A cena foi, mais uma vez, gravada em vídeo e viralizada na internet<sup>23</sup>.

Eu me surpreendi ao ver que as fotos do incidente, tiradas pela Reuters e Agence France-Presse, se espalharam pelo mundo. Pessoas horrorizadas com a cena de um

<sup>22</sup> Disponível em: <https://theintercept.com/2018/07/31/ahed-tamimi-released-palestine-child-prisoners/>. Acesso: 10 set. 2022.

<sup>23</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YG4sQkoWAU4&feature=youtu.be&ab\\_channel=%D9%88%D9%83%D8%A7%D9%84%D8%A9%D9%88%D8%B7%D9%86%D9%84%D9%84%D8%A7%D9%86%D8%A8%D8%A7%D8%A1WattanNewsAgency](https://www.youtube.com/watch?v=YG4sQkoWAU4&feature=youtu.be&ab_channel=%D9%88%D9%83%D8%A7%D9%84%D8%A9%D9%88%D8%B7%D9%86%D9%84%D9%84%D8%A7%D9%86%D8%A8%D8%A7%D8%A1WattanNewsAgency) . Acesso: 19 dez. 2022.

soldado israelense armado imobilizando e estrangulando um menino palestino de doze anos de idade de braço quebrado e da sua irmã de quatorze anos (usando uma camisa rosa do Piu-piu) usando seus dentes como uma tentativa desesperada de libertá-lo. A natureza assimétrica da brutalidade sionista, algo que nos acostumamos há muito tempo, estava agora exposta para todos verem. Eu fiquei feliz que o *bully* mascarado estava sendo envergonhado em escala internacional. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 89, tradução livre)

**Figura 4-** Ahed, Nariman e Nawal Tamimi tentando proteger Abu Yazan



Fonte: Al-Monitor<sup>24</sup>

Junto com a exposição da atuação do exército de Israel nos territórios ocupados, veio também a exposição da figura de Ahed, provocando reações variadas entre apoiadores e opositores da causa palestina. Ao tratar do assunto, ela compartilha que passou a ser reconhecida e constantemente ameaçada pelos soldados. Com isso, também vieram as proibições para atravessar a fronteira de 48, mesmo que fosse para visitar Waed na prisão. Isso tudo aconteceu antes dela completar 16 anos.

Nos próximos três capítulos, intitulados O Tapa, Prisão e A Volta para Casa, Ahed detalha o que ocorreu no dia da situação social aqui analisada, sua experiência na prisão e o processo de retorno para casa após sua libertação. Por ora, me concentro no sexto capítulo, O Tapa, para entender de que forma Ahed Tamimi percebe e transparece o que aconteceu naquele confronto. Os últimos capítulos da autobiografia serão trabalhados ao longo da minha análise sobre a repercussão do caso.

\*\*\*

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.al-monitor.com/originals/2015/09/palestine-israel-soldiers-women-fight-wall-west-bank-barrier.html>. Acesso: 19 dez. 2022.

No vídeo transmitido ao vivo no Facebook de Nariman no dia 15 de dezembro de 2017, no único momento em que Ahed aparece falando diretamente com a câmera, ela faz menção a uma decisão do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmando que essa seria uma decisão injusta e que provocaria consequências (vide citação da página 27). Ahed se refere à decisão de mudar o local da sede da embaixada dos Estados Unidos, de Tel Aviv para Jerusalém. Essa mudança, anunciada no dia 6 de dezembro de 2017<sup>25</sup>, foi extremamente criticada pela comunidade internacional e reacendeu um debate sobre a soberania de Jerusalém. Esta foi a grande mensagem verbal que Ahed conseguiu passar naqueles vinte e quatro minutos de *live*. Entretanto, o vídeo reproduzido em grande parte da mídia sobre a situação foi cortado em poucos segundos, mostrando apenas o momento em que Ahed bate, chuta e grita com os soldados.

Sendo assim, Ahed optou por iniciar o capítulo O Tapa da sua autobiografia falando sobre as relações políticas entre Israel e os Estados Unidos e como isto afeta a condição do povo palestino. “A eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos foi uma das piores coisas que aconteceram com o povo palestino nos últimos anos.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 103, tradução livre), diz Ahed. O plano de mudança da embaixada gerou uma onda de protestos na Cisjordânia, em Gaza, em Jerusalém e nos Estados Unidos. Ahed reforça que, para todo palestino, Jerusalém é a eterna capital da Palestina. “Então, quando Trump declarou que mudar a embaixada era ‘um passo há muito esperado para avançar no processo de paz e trabalhar para um acordo duradouro’, não foi apenas um tapa na nossa cara, foi uma mentira descarada” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 105, tradução livre). A escolha da expressão “tapa na cara” indica que o tapa literal dado por Ahed nos soldados foi a sua forma de revidar contra a situação em que seu povo se encontrava.

Após a contextualização política, Ahed retorna a narrativa para si. Conta que estava no primeiro semestre do ano de *tawjihi* na escola- o ano em que as notas definem sua entrada na universidade. E que apesar de precisar manter uma rotina de estudos intensa, ela ainda assim sentia que participar dos protestos era um dever seu. O discurso de Ahed Tamimi a todo tempo evoca um senso de responsabilidade perante o movimento de resistência. Embora ela descreva em detalhes sobre a difícil condição do povo palestino de viver em exílio e, em seu caso, sob ocupação, a sua narrativa não é vitimizante. Pelo contrário, Ahed insiste em contar a história palestina através da resistência do povo, se implicando no compromisso da luta nacional.

---

<sup>25</sup> Vídeo do anúncio disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/trumpreconhece-jerusalem-como-capital-de-israel.ghtml>. Acesso: 06 jan. 2022.



Em paralelo à explicação sobre os ocorridos no seu confronto com os soldados, Ahed contextualiza o seu envolvimento com a resistência naquela época. Sua escola, que era só para meninas, ficava em Ramallah, próximo a Beit El - um ponto estratégico de protestos e confrontos com o exército. Em Beit El se localizam um assentamento israelense, uma base militar e a sede da *Israel Civil Administration*. Sua importância como ponto de concentração de protestos é também simbólica (TAMIMI; TAKRURI, 2022). Assim, Ahed e algumas amigas, após as aulas, iam escondido dos seus pais até os protestos de Beit El. Eram protestos organizados pela juventude, adolescentes e jovens universitários. Ahed fala da sua geração como a que herdou os fracassos das gerações anteriores e que agora seria a grande responsável por, finalmente, libertar a Palestina.

Apesar da maioria de nós não nos conhecermos, sentíamos um senso de urgência e união em participar dessa rebelião. [...] Mas nosso anonimato não importava. Cada um de nós tinha um papel a cumprir na revolta da nossa geração contra o apartheid e a injustiça que nos privou de qualquer vitória na luta contra Israel, apenas as derrotas que nossos pais e os pais dos nossos pais sofreram. Nosso papel era desafiar essas derrotas, como aquelas ocorridas tentando conquistar uma solução de dois Estados. Nós não iríamos aceitar nos contentar com uma mera fração da nossa própria terra e nós recusamos manter nossa raiva presa em uma garrafa. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 107, tradução livre)

Esse ressentimento gerado pelas derrotas das gerações anteriores impactam a geração de Ahed com o desejo de fazer diferente. Sua fala revela que a solução de dois Estados, tão discutida nas últimas décadas, já não faz mais sentido para esta geração. Em Israel, o aumento de setores conservadores e da extrema direita - principalmente na política - também minimizam as possibilidades de se discutir sobre a solução de dois Estados. Esta torna-se, aos poucos, uma ideia fracassada de uma geração passada que não conseguiu provar a sua aplicabilidade.

Eu cresci ouvindo que os fundadores de Israel disseram sobre os palestinos que eles expulsaram de suas casas para criar o Estado deles, “Os velhos morrerão e os jovens esquecerão”. Mas a minha geração é a prova viva do contrário. A resistência dos nossos avós vive entre nós e, na verdade, nós talvez tenhamos até mais patriotismo e energia que os nossos antepassados. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 109, tradução livre)

A partir do relato de Ahed sobre os protestos de Beit El, noto uma divisão evidente entre o papel das meninas e dos meninos. Enquanto os meninos atuavam na linha de frente atirando pedras nos soldados e queimando pneus, as meninas se responsabilizavam por levar os pneus até o protesto e por auxiliar na proteção dos que estavam atirando pedras. Ahed conta que sempre levava *keffiyehs* extras para entregar aos que estavam com seus rostos descobertos. E



apesar dessa divisão majoritária, esses papéis não eram necessariamente estáticos. “Não importava que eu e minhas amigas não conseguíssemos atirar pedras a distâncias muito longas. Se uma de nós tivesse um estilingue, nós usávamos.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 107-108, tradução livre).

A seriedade desses protestos era acompanhada de momentos de descontração promovidos pelos meninos que costumeiramente provocavam os soldados com músicas e danças. Ahed define essas atitudes como momentos de entretenimento, hilários e de pequenas vitórias. Ao mesmo tempo em que esses adolescentes e jovens se comprometem com seriedade ao movimento de resistência, enfrentando perigosos combates com o exército, essas artimanhas e deboches, próprios da juventude, revelam que esses combatentes palestinos eram, de fato, jovens.

Vale lembrar que os soldados israelenses que cumprem o serviço obrigatório em Israel também são jovens de dezoito a vinte e um anos. A desproporção das forças, entretanto, se encontra nas estruturas do corpo militarizado. De acordo com Cynthia Enloe (2000), a militarização não se refere apenas à presença ativa de forças armadas na sociedade, mas de um fenômeno gradual que atua nos elementos cotidianos da sociedade e dos sujeitos. Nesse caso, seus efeitos afetam as relações sociais internamente, na sociedade israelense, e nos territórios ocupados.

Os protestos de Beit El eram diferentes dos que ocorriam semanalmente em Nabi Saleh. Na sua vila, Ahed participava dos protestos com seus pais, irmãos, tios, primos e vizinhos. Enquanto em Beit El ela escondia de seus pais o seu envolvimento, em Nabi Saleh ela combatia a ocupação lado a lado deles, na porta de sua própria casa. Ahed explica que o anúncio da mudança da embaixada dos Estados Unidos para Jerusalém provocou uma ira coletiva na população. Na sexta-feira do dia 15 de dezembro, enquanto o protesto na vila acontecia, Ahed estava em seu quarto tentando estudar para a prova de inglês. Mas ao ver que os soldados estavam atirando na sua rua, ela decidiu se juntar a sua família. Ela conta que uma bomba de gás lacrimogêneo caiu perto de sua casa e, como reação, ela pegou a bomba e atirou de volta nos soldados. A bomba, porém, explodiu enquanto ela segurava e queimou sua mão. Ahed entrou em casa e colocou uma luva para proteger a queimadura. Essa é a luva que aparece no vídeo em sua mão direita enquanto ela bate nos soldados.

Enquanto isso, o adolescente de quinze anos Mohammad Tamimi, primo de Ahed, havia sido atingido por uma bala de borracha diretamente no rosto, ficando em estado de saúde grave. Ahed soube da notícia por Nariman, que disse que Mohammad estava indo para o hospital e eles deveriam se preparar para o pior, em referência à possibilidade de ele não sobreviver.

Eu ainda estava processando a notícia que Mohammad estava à beira da morte quando ouvi soldados circulando pela área externa da minha casa. Pelas janelas eu vi dois deles pulando o muro que rodeia nossa casa. Eu corri para fora imediatamente para persegui-los e gritar que eles saíssem da nossa propriedade. Minha mãe, ainda muito traumatizada pela morte do seu irmão [Rushdie] para voltar a usar a filmadora, pegou o seu celular e começou a usar o Facebook Live para transmitir tudo da porta da frente da casa. Ela não tinha muitos seguidores no Facebook, mas isso não importava para ela. Ela ainda sentia a obrigação de documentar o que estava acontecendo na nossa vila de qualquer pequena forma possível. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 112-113, tradução livre)

Nesta fala, Ahed se refere ao fato de sua mãe ter se envolvido com o *B'Tselem Camera Project*, da ONG israelense *B'Tselem: The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories*<sup>26</sup>. Desde 2007 a organização se propõe a transformar palestinos dos territórios ocupados em "jornalistas cidadãos" por meio da distribuição de câmeras e treinamento para manusear o equipamento. O projeto incentiva que os moradores dos territórios ocupados documentem as suas vidas e as violações de direitos humanos sofridas no cotidiano. Nariman se desvinculou do projeto após a morte de Rushdie, mas, como visto nesta situação, não deixou de filmar os protestos na vila.

“Os dois soldados se posicionaram atrás do muro no nosso quintal da frente, bem na entrada. Raivosa pelo que tinha acabado de acontecer com Mohammad e furiosa ao vê-los em minha propriedade, eu me aproximei deles e comecei a gritar para eles irem embora.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 113, tradução livre). Ahed descreve o passo a passo dos movimentos do seu confronto com os soldados e conta que Nour, sua prima, também estava filmando pelo celular. “Ele estava totalmente armado e minha altura batia nos seus ombros, mas eu não ligava. Minha tia, que é ainda mais baixa que eu, se colocou entre nós [Ahed e o soldado] para tentar empurrá-lo para longe e amenizar a situação.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 113, tradução livre). Mais uma vez ao longo da sua narrativa, Ahed ressalta a desproporção de forças entre ela e os soldados. Esse foi um dos argumentos que, de fato, repercutiram sobre a situação. E embora ela atente para este fato, ela mostra que a grandeza do exército não a intimida e não a impede de confrontá-los.

Se por um lado Ahed assume a sua atitude independente das diferenças de força entre ela e os soldados, por outro, ela justifica o que a levou a agir daquela forma, buscando sensibilizar o leitor para compreender o que a fez sentir tanta raiva. Para isso, ela retoma os significados da ocupação para ela como jovem moradora dos territórios ocupados.

---

<sup>26</sup> Ver mais em: <https://www.btselem.org/>.

A não ser que você tenha experienciado um exército estrangeiro ocupando a sua terra, prendendo seus pais, matando quem você ama e atirando em você e todos os seus parentes, você terá dificuldade em entender a raiva que eu estava tomada- vendo a autoridade desses soldados enquanto andavam pela nossa propriedade como se fossem donos. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 113-114, tradução livre)

Esta não era a primeira nem a segunda vez que Ahed confrontava soldados. Nem era a primeira vez que a cena era filmada e postada na internet. Mas essa situação, diferente das outras, foi motivo para a prisão de Ahed Tamimi. Ela mesma diz que, naquele momento, não via aquele confronto como algo especial ou diferente de todos os outros. Após o protesto, Ahed foi com a sua família até o hospital onde Mohammad estava sendo tratado. Devido às muitas horas no hospital, Ahed conta que não conseguiu estudar para a prova de inglês como planejava. “Mais uma vez, a ocupação tinha achado uma forma de interromper os meus estudos e desandar os meus objetivos de vida.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 115, tradução livre). Essa fala desperta a necessidade de, ao pesquisar sobre o conflito palestino-israelense, priorizar um olhar para a vida cotidiana. A impactante cena do confronto entre uma adolescente e dois soldados reproduzida na mídia não necessariamente mostra os elementos por trás da imagem, como uma prova de inglês. Ahed constrói uma narrativa que não ignora esses elementos da sua vida, aproximando o leitor das suas angústias, frustrações e receios para além da ocupação.

Como muitos estudantes do último ano escolar, Ahed também sofria com a cobrança dos pais para que ela estudasse e se concentrasse nas provas. Depois do protesto em que ela confrontou os soldados, sua vida seguiu com as mesmas demandas daquela semana: as provas. Ahed relata uma situação vivida com o seu pai que precedeu o primeiro momento em que ela soube que teria chance de ser presa por conta do vídeo. Ela estava na casa de Marah com Waed - seu irmão - Bisan e Anan - outros amigos.

Nosso passatempo favorito mais recente era transmitir live no Instagram, que era um recurso novo naquele momento. Minha página era pública, com seis mil seguidores, tornando-a nossa conta preferida, aquela que traria mais engajamento. Nossas transmissões eram, tipicamente, no formato descontraído de perguntas e respostas. Vinte pessoas entraram na nossa artimanha nessa noite em particular. [...] Estávamos nos divertindo por cerca de trinta minutos quando meu pai invadiu o quarto. Bastou um olhar para o seu rosto para saber que ele estava bravo. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 118, tradução livre)

As redes sociais já eram um instrumento comunicativo de sucesso para Ahed, que possuía seis mil seguidores aos dezesseis anos de idade. Como ela disse, as *lives* eram o seu novo passatempo, um que ela utilizava inclusive no tempo que, segundo seu pai, ela deveria estar estudando. Ahed explica que Bassem, ao entrar no quarto, questionou o motivo dela estar

“brincando por aí” ao invés de estar estudando. Embora as *lives*, nesse momento, servissem como uma diversão, esse também foi um recurso importante para que ela e muitos ativistas em sua defesa pudessem se comunicar com o público contando a sua versão da história. De toda forma, a bronca de Bassem se voltou até Waed. “Então ele direcionou sua raiva à Waed. ‘Você é o irmão mais velho dela e você deve cuidar dela! Você sabe como as apostas são altas durante o *tawjihi*. Como você deixou ela perder esse tempo precioso em que ela deveria estar estudando?’” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 118-119, tradução livre).

Depois dessa bronca e de volta em casa, Ahed fala sobre o medo das consequências da sua atitude. Ela não queria ficar de castigo. Ela encontra seu pai na sala de casa e ele diz:

“A imprensa israelense tem circulado o vídeo do Facebook de você batendo naquele soldado. Está realmente se espalhando. Estão dizendo que você insultou a honra de Israel. Alguns estão até incitando violência contra você e dizendo que você precisa ser punida por ter humilhado seu exército daquela forma.’ ‘Oh...’, eu respondi. ‘Isso realmente causou um alvoroço’, ele continuou. E então ele pausou e suspirou profundamente. ‘Eu acho que eles devem te prender.’ Ainda parece bobo admitir agora, mas naquele instante, minha reação inicial foi de alívio absoluto: Eu desviei da bala potencial que era o meu pai me deixar de castigo. Quer dizer, claro que eu não queria ir para a prisão, mas naquele segundo, eu estava agradecendo a Deus que eu não estava mais encrencada com o meu pai.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 119, tradução livre)

Nesta narrativa progressiva de uma história que resulta em sua prisão por sete meses, Ahed intercala entre a seriedade e humor em seu texto. Se por um lado essa última fala demonstra certa inocência adolescente perante a situação, os próximos passos do seu relato demonstram a maturidade e firmeza de uma adolescente que enfrenta a prisão sendo menor de idade e carrega a responsabilidade de falar sobre a causa palestina para o mundo.

A partir deste aviso de Bassem, Ahed fala da série de medidas que tomou como preparação para a prisão. Apagou todo o seu histórico de mensagens trocadas com amigos e familiares no celular como forma de protegê-los, protegendo suas identidades. Dormiu com uma roupa pronta para sair caso o exército chegasse no meio da madrugada para levá-la, como de fato aconteceu naquela noite.

‘O que vocês querem? Por que estão aqui?’, minha mãe gritava com ele. ‘Estamos aqui para levar Ahed’, ele disse. *Eu*. Meu coração parou por um segundo. Eu cresci internalizando a ideia que não era uma questão de *se* eu seria presa pelo exército israelense, mas *quando*. E aquele quando era agora. Mas estranhamente, eu não estava com medo. É difícil de explicar a força repentina que me dominou naquele instante. Talvez tenham sido os anos de antecipação deste momento que eliminaram qualquer medo em mim. Ao invés, senti como um desafio- mais um outro impasse entre mim e esse exército de ocupação estrangeiro. Eu queria rir na cara do oficial. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 121-122, tradução livre)

No momento que a levaram de casa, Ahed explica, os soldados confiscaram os telefones de todos da casa, para que ninguém pudesse filmar. Muitos soldados, por outro lado, filmaram o momento e tiraram selfies com ela como se estivessem, em suas palavras, “posando orgulhosamente com o prêmio que capturaram no dia” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 125, tradução livre). A sua prisão foi filmada por câmeras do exército e foram divulgadas na conta oficial do Twitter do *Tzahal Haganá LeIsrael*, conhecido em inglês como *Israel Defence Forces* (IDF)<sup>27</sup>. A legenda do *tweet* diz:

Nossas forças e as forças do *Magav* [polícia de fronteira] prenderam uma residente palestina de Nabi Saleh esta noite sob suspeita de atacar um oficial e soldado das IDF. A suspeita, que foi transferida para interrogatório, participou da violenta violação da ordem ocorrida na última sexta-feira, durante a qual cerca de 200 palestinos atiraram pedras contra as forças IDF. (TZAHAL HAGANÁ LEISRAEL, 2017, tradução livre)

O caso de Ahed Tamimi envolve uma disputa pelo controle das narrativas que operam na imprensa. Impedir que Nariman ou qualquer membro da família filmassem aquele momento faz com que o único vídeo divulgado parta da perspectiva do exército, tratando Ahed como uma pessoa que cometeu um crime e deve ser punida. O *tweet* do IDF é uma resposta à repercussão gerada pelo vídeo de Ahed batendo nos soldados, tanto aos palestinos, quanto aos setores da sociedade israelense que cobraram uma atitude das forças armadas. Porém, a sua autobiografia detalha acontecimentos não revelados no vídeo do exército, como o fato de ter sido xingada por inúmeros soldados. “Olha como essa filha da puta é forte agora’, outro zombou enquanto os outros riam.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 124, tradução livre).

Ahed foi levada para a estação policial Shaar Binyamin e horas depois para a prisão Hasharon. Já Nariman, foi presa no dia seguinte, ao visitar a estação policial para tentar acompanhar Ahed no seu interrogatório.

### 1.2.2. Al Jazeera: Palestina Ahed Tamimi é presa pelas forças israelenses

A primeira matéria analisada é intitulada *Palestinian Ahed Tamimi arrested by Israeli forces* (Palestina Ahed Tamimi é presa pelas forças israelenses), do dia 20 de dezembro de 2017, escrita pela jornalista Jaclynn Ashly e publicada na Al Jazeera English<sup>28</sup>. A Al Jazeera é uma das maiores referências de canais de informação sobre o mundo árabe. De acordo com o

<sup>27</sup> Disponível em: <https://twitter.com/idfonline/status/943002514135355392>. Acesso: 22 dez. 2022.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2017/12/20/palestinian-ahed-tamimi-arrested-by-israeli-forces/>. Acesso: 22 dez. 2022.

seu site<sup>29</sup>, a Al Jazeera se define como uma “[...] empresa privada estabelecida para o benefício público.” e que é, em parte, financiada pelo governo do Qatar. Hoje, por meio de uma variedade de canais, a Al Jazeera se dedica a notícias internacionais, em árabe e inglês.

A matéria contém um vídeo de quase cinco minutos e uma reportagem em texto. Diferente das matérias subsequentes da própria Al Jazeera, esta não contém fotos de Ahed. Sua imagem aparece no vídeo, mas não no corpo do texto, dando um enfoque maior na narrativa por trás do tapa dado nos soldados. O foco da matéria, como indicado pelo próprio título, é o fato de uma jovem menor de idade ter sido presa pelo exército de Israel. O texto se inicia com relatos de Bassem Tamimi sobre o momento em que o exército invadiu sua casa no meio da madrugada para prender Ahed.

Bassem disse a Al Jazeera que ele abriu a porta para os soldados, que o empurraram para o lado e entraram na casa. Eles forçaram a família a entrar em um dos quartos enquanto vasculhavam o conteúdo da casa, jogando roupas e pertences no chão e deixando para trás uma bagunça. Então os soldados informaram à família que Ahed estava sendo presa, sem dar nenhuma justificativa. “Nariman chorava histericamente e tentou abraçar Ahed, mas foi jogada no chão pelos soldados”, ele disse, se referindo à mãe de Ahed. (ASHLY, 2017, tradução livre)

O relato de Bassem foca na brutalidade do exército no momento da prisão de sua filha, lembrando o confisco dos celulares e computadores da família, as agressões físicas e o modo truculento como levaram Ahed embora. “‘Eu não consigo imaginar como alguém consegue fazer isso’, disse Bassem. ‘Afinal, eu sou um pai. Não é fácil ver soldados invadindo sua casa no meio da noite para levar sua filha embora.’” (ASHLY, 2017, tradução livre). Na sua autobiografia (TAMIMI; TAKRURI, 2022), Ahed fala sobre as inúmeras vezes em que o exército invadiu sua casa de madrugada para tentar prender o seu irmão mais velho. Segundo ela, Waed, inclusive, já não dormia em casa justamente para não ser levado pelo exército. Essa ação do exército não é inédita para a família Tamimi. Entretanto, nesta primeira entrevista para a mídia, Bassem opta por enfatizar os detalhes da invasão noturna na noite em que levaram Ahed, denunciando a ação.

Durante os setes meses de prisão de Ahed e Nariman, Bassem atuou como um porta-voz da situação, concedendo entrevistas e organizando protestos pela libertação da sua filha e esposa. Na matéria da Al Jazeera, a autora destaca o seu histórico de ativismo e liderança no movimento de resistência e menciona o seu título de *prisoner of conscience* concedido pela Anistia Internacional. Manal Tamimi também é entrevistada e aparece nesta matéria como

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.aljazeera.com/about-us>. Acesso: 22 dez. 2022.

sendo prima de Ahed. Entretanto, através do livro *Ahed Tamimi: A Girl Who Fought Back* (2018), no qual Manal é autora do capítulo *Women and the Struggle to Liberate Palestine*, tomei conhecimento de que Manal Tamimi é, na verdade, tia de Ahed e também uma ativista do movimento de resistência. Assim, a matéria de Ashly ressalta a atuação de Bassem como liderança da resistência e minimiza as referências à Manal.

A autora da matéria inicia a história a partir da prisão de Ahed, através dos relatos de Bassem, para então retornar aos acontecimentos anteriores à sua prisão. “A prisão de Ahed se deu um dia após um vídeo da adolescente confrontando soldados israelenses durante protestos em Nabi Saleh na sexta-feira, contra o reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel feito pelo presidente dos EUA Donald Trump, ter viralizado.” (ASHLY, 2017, tradução livre). A matéria não descreve o vídeo viralizado, apenas cita que houve um confronto entre Ahed e os soldados. Existia um *hiperlink* no texto que, ao que parece, direcionava o leitor ao vídeo, mas hoje o *link* encontra-se indisponível.

Por outro lado, a matéria apresenta um contraponto de uma porta voz do exército - não identificada -, que afirma que “Ahed era suspeita de ‘atacar um soldado e um oficial das IDF.’” (ASHLY, 2017, tradução livre). Aqui se expõe um conflito de narrativas da situação, apresentado por Ashly da seguinte forma:

A porta-voz acusou Ahed de participar de uma “rebelião violenta” na qual disse que centenas de palestinos atiraram pedras contra as forças israelenses durante os protestos de sexta-feira. Ela alegou que a família Tamimi havia “dado seu consentimento” para que os palestinos jogassem pedras em soldados israelenses de sua casa, e que os soldados estavam presentes do lado de fora no momento para “remover os desordeiros da casa”. No entanto, Bassem diz que a narrativa israelense não conta a história completa. Ele diz que o vídeo agora viral mostrando Ahed foi gravado imediatamente depois que as forças israelenses dispararam bombas de gás lacrimogêneo diretamente em sua casa, quebrando várias janelas. (ASHLY, 2017, tradução livre)

O modo como esta disputa narrativa é apresentada indica que a matéria, de modo geral, não centraliza a figura de Ahed no centro da história. O que se discute nesse momento entre Bassem e a porta-voz do exército não são as atitudes individuais da jovem, mas as ações dos palestinos nos protestos e a atuação do exército.

Em seguida, a autora, mais uma vez, retorna aos acontecimentos anteriores ao confronto e cita o baleamento de Mohammad Tamimi e sua grave situação clínica. De acordo com a matéria, Mohammad acordou do coma induzido 72 horas depois de ser atingido. A partir daí, o conflito de narrativas apresentado pela matéria se trata da reação dos dois soldados que Ahed confrontou.

“Ahed estava dizendo aos soldados para saírem de casa”, disse Bassem. “Ela estava tentando forçá-los a sair para evitar que eles machucassem mais alguém.”. A portavoz do exército israelense disse que os soldados agiram de “maneira profissional e contida”. No entanto, Bassem diz que os soldados não reagiram às tentativas de Ahed de expulsá-los da área porque ficaram em estado de choque ao ver a gravidade dos ferimentos de Mohammad depois de atirarem em seu rosto. (ASHLY, 2017, tradução livre)

No único momento em que a matéria foca, de fato, em Ahed Tamimi, a autora fala sobre a sua participação nos protestos desde os 9 anos de idade, seu reconhecimento por parte de ativistas e da comunidade internacional devido à sua coragem nos protestos, do prêmio que ela recebeu na Turquia e do momento em que ela viralizou em 2015 tentando defender Abu Yazan. A matéria, equivocadamente, condensa dois momentos diferentes em que Ahed viralizou na internet, visto que ela foi para a Turquia em 2012, após ter viralizado enfrentando os soldados por terem prendido seu outro irmão, Waed. Por fim, a matéria conclui o seu texto trazendo trechos da entrevista de Manal Tamimi. Ela relata a situação geral de violência e opressão sofrida pelo seu povo nos territórios ocupados.

Esta foi a primeira matéria da Al Jazeera sobre o caso Ahed Tamimi. Publicada no dia seguinte após a sua prisão, o texto se preocupa em fazer uma contextualização geral do caso, sem centralizar as informações em torno de Ahed individualmente. A narrativa nesse primeiro momento, corroborada pelas entrevistas de Bassem e Manal, busca incluir Ahed em um contexto mais amplo, associando o seu caso à história de todos os palestinos que vivem sob ocupação militar israelense.

O vídeo presente na matéria, contudo, discute a situação de forma um pouco mais direcionada à figura de Ahed Tamimi. Este é um trecho do programa de notícias ao vivo da Al Jazeera, o News Grid. Nos cinco minutos de vídeo, um deles é dedicado para falar diretamente sobre Ahed, mostrando uma foto sua carregando a bandeira palestina, o seu vídeo que viralizou, o vídeo da sua prisão publicado no Twitter do exército e uma rápida entrevista com Bassem, na porta de sua casa, dizendo que tem muito orgulho de sua filha. O restante da reportagem fala sobre o tratamento que o exército de Israel dá às crianças palestinas.

O apresentador também entrevista ao vivo diretor da organização Defense for Children Palestine<sup>30</sup>, Ayed Abu Eqtaish, para tratar do tema. Ao final, ele faz uma pergunta à Eqtaish diretamente sobre Ahed, questionando o fato dela estar possivelmente provocando uma reação dos soldados enquanto a cena estava sendo filmada, visto que era evidente que ela seria presa logo após ter feito o que fez. A resposta do diretor, entretanto, foca na estratégia do exército de

---

<sup>30</sup> Uma organização palestina independente voltada para a defesa dos direitos de crianças na Cisjordânia, Jerusalém Oriental e Gaza. Ver mais em: [https://www.dci-palestine.org/who\\_we\\_are](https://www.dci-palestine.org/who_we_are).



mirar nos palestinos como forma de opressão. Ele menciona o que ocorreu com Mohammad Tamimi logo antes da cena e retorna ao contexto geral vivido pelos palestinos, sem se referir diretamente à ação de Ahed.

### **1.2.3. Haaretz: Exército israelense prende adolescente palestina que deu tapas em soldados; ‘Ela deveria terminar sua vida na prisão’**

Esta matéria noticiada pelo jornal israelense Haaretz é intitulada *Israeli Army Arrests Palestinian Teenage Girl Who Slapped Soldiers; ‘She Should Finish Her Life in Prison’* (Exército israelense prende adolescente palestina que deu tapas em soldados; ‘Ela deveria terminar sua vida na prisão’) e foi escrita pelos jornalistas Jack Khoury e Yaniv Kubovich<sup>31</sup>. Ela contém uma reportagem em texto e um breve vídeo de um minuto. O Haaretz se define como “um jornal diário independente com uma visão amplamente liberal tanto em questões domésticas quanto em assuntos internacionais”<sup>32</sup>. Em Israel, o Haaretz é considerado um jornal da esquerda sionista, embora exista uma variedade de vozes dissonantes no corpo jornalístico.

Assim como a matéria da Al Jazeera, essa notícia também não publica fotos de Ahed Tamimi. Suponho que este fator se justifique pelo imediatismo das notícias - publicadas na manhã seguinte após sua prisão -, visto que o uso da sua imagem é um elemento central da sua construção como símbolo nos acontecimentos subsequentes. Assim, nessas matérias iniciais, as imagens priorizadas são a reprodução dos vídeos do confronto - postado por Nariman - e da prisão - postada pelo exército. Nesta matéria, essas imagens são reproduzidas no pequeno vídeo de um minuto, com uma breve explicação em texto e uma música ao fundo.

Os autores conduzem a narrativa da situação de modo diferente da Al Jazeera. Eles começam a notícia associando de imediato a prisão de Ahed à viralização do vídeo do confronto, detalhando que a adolescente soca, dá tapas e chuta os soldados. Em seguida, reportam a sua prisão a partir de uma declaração do exército. “A Polícia de Fronteira feminina e soldados do exército israelense removeram Ahed Tamimi, de 16 anos, de sua casa em Nabi Saleh, perto de Ramallah, e ela foi trazida para interrogatório, disseram as Forças de Defesa de Israel.” (KHOURY; KUBOVICH, 2017, tradução livre). O uso dos termos “remover” e “trazer” não indicam nenhum tipo de uso violento da força no momento da prisão, como apontado nos

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2017-12-20/ty-article/idf-arrests-palestinian-teen-girl-who-slapped-soldiers/0000017f-f430-d5bd-a17f-f63af39c0000>. Acesso: 23 dez 2022.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.haaretz.com/2001-07-12/ty-article/.free/about-haaretz/0000017f-e188-d38f-a57f-e7da18600000>. Acesso: 23 dez 2022.

relatos de Bassem e Ahed. Além disso, essa declaração enfatiza a presença da unidade feminina da Polícia de Fronteira (*Magav*) na operação. Ahed menciona a presença de soldadas mulheres no momento de sua prisão, mas Bassem não chega a detalhar isso em seu relato para a Al Jazeera.

A matéria segue se referindo a atitude de Ahed e “outras mulheres do vídeo” como um ataque aos soldados. Ainda, indicam que a sua ação foi feita com o objetivo de provocar uma reação dos soldados, que acaba falhando devido à contenção deles.

No clipe, Tamimi e outra jovem mulher abordam um dos soldados e Tamimi o empurra e afasta. Depois de não responder à provocação, como parece que as mulheres queriam, Tamimi continua a estapeá-lo e a chutá-lo. Ela também se aproxima do outro soldado e tenta agredi-lo, assim como a outra jovem. Duas mulheres mais velhas se juntam às duas adolescentes e também empurram os soldados enquanto Tamimi continua a atacá-los. Os soldados mostram contenção e não respondem de forma alguma. (KHOURY; KUBOVICH, 2017, tradução livre)

As referências da matéria se baseiam, em sua maioria, nas declarações do exército de Israel. O contexto dado por trás da situação é o de que palestinos estavam atirando pedras nos soldados dentro de uma casa e que após os soldados terem removido estes palestinos da casa, um grupo maior se juntou para provocá-los jogando pedras. O que os palestinos chamam de resistência, o exército chama de provocação. A fala do exército, deste modo, se concentra em justificar e elogiar a ação dos soldados, seja os que Ahed confrontou, os que a levaram para a prisão ou os presentes nos protestos em Nabi Saleh. Também é importante destacar a ausência de menção ao fato de que Mohammad Tamimi foi baleado pouco antes do vídeo de Ahed.

A manchete da matéria inclui uma citação do então Ministro da Educação de Israel, Naftali Bennett. Essa citação também é mencionada na matéria da Al Jazeera, porém de forma reduzida. Bennett, na época, era uma personalidade de peso na política israelense. Liderava o partido ortodoxo nacionalista *Habait Hayehudi* (A Casa Judaica) e atuava no campo da direita radical israelense. Sua declaração sobre o caso condena as “jovens mulheres” do vídeo, se referindo a Ahed e sua prima Nour.

As jovens mulheres exibidas agredindo os soldados “deveriam terminar suas vidas na prisão”, disse o Ministro da Educação, Naftali Bennett, à Rádio do Exército na manhã de terça-feira. “As imagens são duras. Temos um excelente chefe de gabinete [no IDF], acredito que o incidente será investigado, as lições serão aprendidas e aquelas ativistas que atacaram serão julgadas”, disse Bennett. Atacar um soldado é um crime punível com pena de até sete anos de prisão, acrescentou. “O lugar delas é na prisão e espero que elas sejam presas”, disse ele. (KHOURY; KUBOVICH, 2017, tradução livre)

Enfim, os autores da matéria fazem menção à publicação de Bassem feita na sua página do Facebook, onde ele diz que a reação de Ahed foi devido ao fato dos soldados terem baleado uma criança na cabeça. Sua postagem também menciona brevemente as agressões dos soldados no momento da prisão de sua filha. A matéria então conclui seu texto abordando o histórico de “incidentes” de Ahed envolvendo os soldados.

A narrativa desta matéria do Haaretz se centra nas ações individuais de Ahed e nas reações dos soldados e comportamento do exército de modo geral. As outras pessoas que aparecem no vídeo são mencionadas, porém sem nomes. Os soldados da cena também não são nomeados, nem no Haaretz nem na Al Jazeera. Ahed, portanto, é apresentada como a grande protagonista da situação, desvinculada dos outros palestinos, que atuam atirando pedras enquanto ela bate nos soldados.

#### **1.2.4. BBC News: Menina palestina é presa após soldados serem 'estapeados' em vídeo**

A última matéria analisada neste capítulo é da British Broadcasting Corporation (BBC) News, intitulada *Palestinian girl arrested after troops 'slapped' in video* (Menina palestina é presa após soldados serem 'estapeados' em vídeo)<sup>33</sup>. Foi publicada no dia 19 de dezembro de 2017 e o autor do texto não é identificado no link da notícia. A BBC News é o departamento de notícias da BBC, de origem britânica, que atua de forma global. De acordo com seu site, a BBC se define como “imparcial e independente”<sup>34</sup>. O canal de mídia é percebido, de modo geral, no Reino Unido e globalmente, como alinhado à uma perspectiva conservadora ou de centro-direita.

Assim como as matérias da Al Jazeera e do Haaretz, ela contém um vídeo e uma reportagem em texto. E também não apresenta fotos no corpo do texto. O vídeo de um pouco mais de um minuto, de forma bastante concisa, consegue traçar uma narrativa dos acontecimentos na situação analisada. Ele intercala imagens de três vídeos diferentes: o do confronto entre Ahed e os soldados; o da prisão de Ahed; e o de Ahed e familiares tentando impedir que os soldados prendessem Abu Yazan, viralizado em 2015. As imagens dos vídeos são acompanhadas de legendas que contam a sua história.

Diferente das matérias analisadas anteriormente, esta identifica e nomeia Nour Tamimi na exibição do vídeo do confronto. Além disso, o vídeo possui legenda em inglês que traduz a

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-42410655>. Acesso: 23 dez 2022.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/aboutthebbc>. Acesso: 23 dez 2022.

fala das duas jovens. O contexto do vídeo é apresentado situando o espectador de que a cena se passa em Nabi Saleh durante um dos protestos semanais da vila. Em seguida, a cena de Ahed sendo escoltada pelos soldados para fora de sua casa é apresentada com a informação de que ela foi presa sob a acusação de agressão e participação em rebeliões violentas. A narrativa segue afirmando que antes do “incidente” - o momento do confronto-, os soldados estavam confrontando os palestinos de dentro da casa da família Tamimi. E que esses palestinos estavam protestando contra a ocupação e contra o reconhecimento de Donald Trump de Jerusalém como capital de Israel. As imagens exibidas nesse momento são da *live* transmitida por Nariman, mas com cenas fora do recorte geral feito pela grande maioria das matérias que reproduziu o vídeo do confronto. São as cenas dos soldados atirando em palestinos que estão do outro lado da rua. Assim, para além dos relatos que descrevem as ações violentas do exército, como feito na matéria da Al Jazeera, a da BBC mostra as imagens do ocorrido.

O vídeo da BBC exhibe, em sequência, as cenas de 2015, se referindo a Ahed como uma “proeminente criança ativista” e ressaltando que ela mordeu a mão do soldado ao defender o seu irmão. Por fim, o vídeo se encerra com a imagem de um encontro entre Ahed, seus familiares e Mahmoud Abbas. Na foto, pude identificar seus pais, Bassem e Nariman, seus irmãos mais novos, Abu Yazan e Salam, e sua prima mais nova, Janna Jihad. A BBC exhibe a foto como um momento de reconhecimento da Autoridade Palestina à Ahed perante seu ativismo, com a legenda: “Após o incidente, ela [Ahed] e sua família encontraram o presidente da Autoridade Palestina Mahmoud Abbas” (BBC, 2017). Ahed, por outro lado, não poupa críticas ao presidente Abbas em sua autobiografia. Ela questiona o seu compromisso com a democracia e critica suas ações perante o governo de Israel (TAMIMI; TAKRURI, 2022).

Enquanto o vídeo da BBC concentra a narrativa em torno dos diversos vídeos de Ahed e suas ações, a reportagem em texto apresenta, de forma mais ampla, as percepções e declarações de Bassem e do exército sobre o caso. O texto cita o que aconteceu com Mohammad Tamimi junto a informações concedidas pelo exército. “Mohammed teria sido ferido durante um protesto semanal na vila de Nabi Saleh, onde os militares israelenses disseram que mais de 200 palestinos atiraram pedras.” (BBC, 2017, tradução livre). Ao descrever o vídeo do confronto, Ahed é, novamente, a única nomeada da situação. “No vídeo, a menina identificada como Ahed pode ser ouvida dizendo aos soldados para deixarem a entrada da casa. Quando eles não se movem, ela soca e chuta os soldados. Uma segunda garota e uma mulher também empurram e chutam os soldados mais adiante no vídeo.” (BBC, 2017, tradução livre).

Assim como no vídeo, a parte textual da matéria também fala do caso em que Ahed viralizou em 2015. Entretanto, o texto descreve a situação de modo raso, se referindo a Abu

Yazan como “um menino que o exército disse que estava atirando pedras” (BBC, 2017, tradução livre). Não há nenhuma menção ao fato dele ser seu irmão mais novo. Enfim, a matéria se encerra com um contraponto de que, enquanto Ahed foi elogiada por muitos ativistas, ela também foi apontada como sendo utilizada pela sua família como instrumento de propaganda. Deste modo, as diferenças da construção narrativa no vídeo e no texto da matéria são evidentes.

\*\*\*

As três matérias analisadas, da Al Jazeera, Haaretz e BBC, possuem caráter informativo e noticiam a prisão de Ahed Tamimi, ocorrida na madrugada do dia 19 de dezembro de 2017. Elas fazem parte de um conjunto de primeiras publicações sobre o caso, sendo datadas entre os dias 19 e 20 de dezembro de 2017. Ou seja, publicadas em até um dia após a prisão de Ahed e cinco dias após a publicação do vídeo. É possível caracterizar a Al Jazeera, o Haaretz e a BBC como grande mídia, sendo canais de informação local e global. Dessa maneira, embora possuam origens variadas e alcancem públicos diferentes, os três canais representam fontes de informação, de certa forma, populares - no sentido de grandeza de público, financiamento e infraestrutura interna. O fato da notícia da prisão de Ahed ter sido, desde o início, veiculada nesses canais da grande mídia apontam para a dimensão do impacto gerado pela repercussão inicial do caso nas redes sociais. Além disso, a atenção quase que imediata dada pela grande mídia ao caso potencializou a internacionalização de Ahed Tamimi como símbolo da resistência palestina.

As matérias apresentam construções narrativas distintas sobre a situação, tanto em relação ao confronto gravado entre Ahed e os soldados, quanto em relação à sua prisão. Estas distinções se alternam entre tentativas de colocar Ahed Tamimi no centro da situação, com um fenômeno excepcional ou isolado, e tentativas de ampliar a percepção do caso apontando para questões ainda mais amplas, como os efeitos da ocupação e as necessidades do movimento de resistência palestina.

Para esta análise, tomo como referência a noção de agente de violência trabalhada por Kuan-Yun Wang no artigo *Illegally Blonde: The Racialisation Of Blondness And Visual Representations Of Palestinian Activist Ahed Tamimi In American And Canadian Media* (2020). Em meio às diferentes versões sobre o caso reproduzidas pela Al Jazeera, Haaretz e BBC, é fundamental compreender de que forma essas matérias situam a presença da violência no caso através da construção de agentes de violência. O uso desta categoria de agente da violência nas narrativas jornalísticas contribui para o estabelecimento de concepções do que é

entendido como uma “representação da ordem hegemônica” e, em contraponto, a representação da própria violência de forma personificada (WANG, 2020). Isto acaba contribuindo para a formação de narrativas dualistas amparadas em dicotomias entre “ordem” e “violência” ou até entre “bem” e “mal”. Em paralelo, este uso também influencia o estabelecimento de representações fundamentadas nas noções de “Nós” e “Outro”, marcando diferenças sociais entre estas categorias ao leitor (WANG, 2020).

As três matérias articulam essas categorias de modos distintos. Na matéria escrita por Jack Khoury e Yaniv Kubovich, publicada no Haaretz, fica evidente que a agente de violência é centrada na figura de Ahed Tamimi. As suas ações são descritas na matéria como “ataque” e “provocação”. Enquanto isso, pautado pelas declarações do porta-voz do exército, as forças armadas israelenses são enquadradas como agentes da ordem. Como dito anteriormente, a ação dos soldados de prenderem Ahed é descrita com palavras como “remover” e “trazer”. Nesse sentido, a matéria personifica Ahed como fonte de problema, confusão e desordem e apresenta as ações do exército israelense como reações de contenção à violência provocada pela ativista. Essa ideia é reforçada, ainda, pela sequência das cenas de Ahed confrontando os soldados e, em seguida, saindo de sua casa algemada escoltada pelo exército apresentada no vídeo da matéria.

Em contraponto, as matérias da Al Jazeera e BBC diferem da perspectiva apresentada pelo Haaretz. Primeiramente porque as reportagens em texto de ambos os canais buscam inserir Ahed em um movimento amplo de resistência. Deste modo, como já apontado, suas ações não são descritas de modo individualizado, mas como parte da resistência do povo palestino de forma geral. Como efeito, isto acaba deslocando Ahed da personificação de agente de violência. Suas ações são referidas como ações de “defesa”, “resistência” e “ativismo”, perante a contextualização dos eventos anteriores à cena. Nessas matérias, a violência está situada nos acontecimentos prévios e posteriores ao vídeo do confronto, diante da atuação do exército israelense em Nabi Saleh. Assim, elas incorporam a ocupação como parte do problema gerador de violência e desordem.

As diferenças apresentadas nas construções narrativas do caso e, conseqüentemente, das construções de Ahed Tamimi como símbolo da resistência palestina, apontam para como sua figura como personalidade pública faz parte de um campo de disputas políticas e sociais do conflito palestino-israelense. Ainda, sua figura é mobilizada para tratar intrinsecamente das relações entre ocidente e oriente e das questões de gênero implicadas a este contexto- ponto que será trabalhado mais adiante na dissertação.

## 2. ATORES, CONTEXTOS E CENÁRIOS POR TRÁS DO CONFRONTO

O objetivo deste capítulo é apresentar os contextos que antecedem e os cenários que fundamentam o principal evento trabalhado nesta dissertação: o confronto entre Ahed Tamimi e os dois soldados israelenses. Dedico-me ao que está por trás da cena viralizada, como a situação político-territorial da Cisjordânia, as memórias do povo palestino, o cotidiano da vila onde moram Ahed e sua família, a organização dos protestos de Nabi Saleh, os múltiplos significados de resistência e, principalmente, quem são as mulheres que estão por trás deste cenário junto com Ahed.

Me debruço sobre as categorias de memória, família e resistência para analisar a vida cotidiana em Nabi Saleh. A vila palestina possui aproximadamente 600 habitantes que são, em sua grande maioria, membros da família Tamimi. Estas três categorias ocupam um lugar central na dinâmica de relações sociopolíticas de Nabi Saleh. Localizada na zona periférica de Ramallah, a vila é marcada por disputas político-territoriais que englobam tanto a política de ocupação israelense de terras palestinas quanto as relações político-administrativas da própria ANP na região. Essas disputas afetam a população local, produzindo políticas de resistência sustentadas pelo acionamento constante da memória do povo palestino e que mobilizam desde as crianças até os idosos da vila.

Ahed Tamimi nasceu e cresceu em Nabi Saleh, participando ativamente do movimento de resistência nacional palestina desde criança junto a sua família. Deste modo, apresento o contexto em que se desenvolveu o seu ativismo em busca de aproximar o leitor dos elementos que constituem as práticas de resistência das mulheres palestinas da região. Através de uma análise do cotidiano de incertezas vivido pelos moradores da vila, *discurso* sobre as relações entre memória, família e resistência. Retomo as perspectivas da análise de situações sociais (GLUCKMAN, 2010) e da microanálise como marcos analíticos que contribuem para a análise das relações entre os “eventos críticos” e a “vida ordinária” no presente contexto, em diálogo com o trabalho da antropóloga indiana Veena Das, na obra *Vida e Palavras: A violência e sua descida ao ordinário* (2020).

Tendo em vista que este capítulo abarca desde uma contextualização histórica a uma análise do cotidiano de uma pequena vila, a micro-história de Ginzburg (1989; 2006), Grendi (1998; 2009) e Levi (2011) e a sociologia em escala individual (LAHIRE, 2003; 2017) oferecem as ferramentas necessárias para a construção deste caminho. Ou seja, partir de um contexto macro para uma microanálise que trabalha com as conexões entre memória e história da vida cotidiana.

Em 1976, em um contexto de consolidação e crescimento da ocupação israelense na Cisjordânia, foi estabelecido um assentamento israelense chamado Halamish - ou Neve Tzuf<sup>35</sup> - em uma colina em frente a Nabi Saleh, de modo que uma vila possui visão direta para a outra. Em Halamish, vivem, em sua maioria, colonos que se identificam como *daati-leumi*. O termo é traduzido do hebraico ao português como “religioso nacionalista”. A comunidade *daati-leumi* é identificada com o judaísmo religioso da linha ortodoxa moderna e incorpora o nacionalismo como parte da sua identidade judaica religiosa e sionista.

Em 2009, os colonos de Halamish tomaram posse da nascente de água local, chamada Ein al-Qaws, provocando uma onda de protestos na vila palestina. Os moradores de Nabi Saleh passaram a organizar semanalmente, às sextas-feiras, protestos nas ruas contra a ocupação e contra o aumento crescente dos assentamentos israelenses na Cisjordânia (RYAN, 2015). Os protestos ocorreram em frequência semanal por nove anos, sempre às sextas-feiras. Foi em um desses protestos, em dezembro de 2017, que Ahed foi filmada por sua mãe confrontando os dois soldados israelenses.

**Mapa 1** - Localização de Nabi Saleh



Fonte: Google Maps

<sup>35</sup> Por meio do documentário *Thank God It 's Friday*, percebo que os moradores do assentamento israelense se referem ao lugar como Neve Tzuf e os moradores de Nabi Saleh se referem ao assentamento como Halamish. Em razão desta pesquisa se debruçar sob a perspectiva dos moradores de Nabi Saleh, optei por utilizar, aqui, o nome de referência aos palestinos, ou seja, Halamish.



Diante dos objetivos apontados, este capítulo se baseia na análise do filme documental *Thank God It's Friday* (2013). O filme foi produzido pela Cameltown<sup>36</sup>, uma produtora belga independente fundada pelo próprio diretor Beddegenoodts. Para produzir o documentário, Beddegenoodts e Iwens acompanharam os protestos de Nabi Saleh por dois anos consecutivos. Em 2013, como lançamento do filme, foram realizadas duas exposições especiais para os palestinos e israelenses que participaram do documentário, sendo uma em Halamish e a outra em Nabi Saleh. As reações deste dia foram gravadas e inseridas na versão final do documentário.

Ao lidar com histórias pessoais através de relatos autobiográficos, notícias de jornal e um filme documental, me deparei com a dificuldade de conciliar as fontes a partir das perspectivas individuais dos sujeitos em análise. Em outras palavras, encontrei, em certos momentos, informações contrastantes nos relatos a depender dos sujeitos e das fontes. Nesse processo de pesquisa, li e escutei narrativas de diversos acontecimentos a partir da perspectiva de diferentes personagens. Principalmente neste capítulo, por se tratar de uma análise da vida cotidiana de uma vila composta por uma população que compõe uma grande família de sobrenome Tamimi, esses contrastes surgiram especialmente nas definições das relações de parentesco.

No capítulo anterior, destaquei o fato da matéria da Al Jazeera ter afirmado que Manal Tamimi é prima de Ahed, mas que no livro *Ahed Tamimi: A Girl Who Fought Back* (2018), Manal afirma ser sua tia. Um outro caso se trata do parentesco de Mustafa Tamimi, o primeiro mártir dos protestos de Nabi Saleh. Em sua autobiografia (TAMIMI; TRAKURI, 2022), Ahed define Mustafa como seu “primo distante”. No documentário *Thank God It's Friday* (2013), entretanto, Nariman se refere a Mustafa como seu irmão. Através do filme, que se dedica a retratar o assassinato de Mustafa por meio de cenas do momento em que ele foi atingido, cenas do seu velório e de entrevista com seus pais, entendi que Nariman e Mustafa não compartilham do mesmo pai ou mãe. De toda forma, os seus relatos emocionados sobre o falecimento de Mustafa demonstram que para Nariman, sua relação afetiva com Mustafa era considerada uma relação entre irmãos.

Não só Nariman, como também Ahed e seus irmãos participaram do filme. Nariman falou sobre as suas experiências como mãe vivendo sob ocupação militar, sua atuação filmando os protestos e sobre a morte de Mustafa e Rushdie Tamimi, os mártires de Nabi Saleh. O documentário inclui as cenas do protesto em que Ahed viralizou pela primeira vez confrontando

---

<sup>36</sup> Ver mais em: <https://camelstown.be/>.

os soldados em 2012. Bassem não aparece no filme porque estava detido em uma prisão israelense à época das gravações.

Através da análise do *Thank God It's Friday* (2013), busco compreender como o cotidiano de incertezas em Nabi Saleh, marcado pela ocupação israelense, se relaciona com as noções de memória, família e resistência. Para isso, me atento à construção de narrativas reproduzidas pelos moradores da vila e aos contrapontos marcados pelos discursos dos colonos de Halamish. Em paralelo, também observo a construção narrativa do próprio documentário, que se dedica a contar uma história através do arranjo de cenários, pessoas e objetos sob a ótica dos seus diretores. Deste modo, procuro analisar com cautela as representações da vida cotidiana na vila, considerando as fronteiras entre o que aparece nos discursos das pessoas e nas cenas captadas pelas câmeras.

Este exercício analítico possibilitou a percepção de como a memória é agenciada na resistência palestina e de que forma as dinâmicas familiares atravessam o ativismo comunitário na região. Assim, observo o cenário no qual se origina uma nova geração de mulheres palestinas ativistas, como Ahed Tamimi.

Em primeiro lugar, faço uma contextualização histórica sobre os processos que resultaram na atual situação política da Palestina. A ideia é apresentar a organização espacial e política da Palestina hoje, focando na complexidade de relações atribuídas à região da Cisjordânia diante da ocupação israelense. Isso envolve desde as divisões do controle civil e militar dos territórios até relações do cotidiano, como o trânsito de pessoas de um lugar para o outro na região.

Em seguida, discorro sobre as relações entre resistência e as memórias de dois eventos fundacionais do movimento nacional palestino: *al-Nakba* (a Catástrofe), em 1948, e *al-Naksa* (a Derrota), em 1967. Procuro entender como as memórias da *Nakba* e da *Naksa* se relacionam com o movimento de resistência palestina e como isto afeta o ativismo das mulheres. Ao trabalhar com a noção de evento, as construções narrativas do passado tornam-se primordiais. E embora esta discussão parta da construção narrativa e da memória de dois eventos, as circunstâncias assumem um plano secundário na análise. São os efeitos destes eventos aos indivíduos que mais interessam ao princípio da microanálise e, conseqüentemente, a esta pesquisa. Deste modo, a micro-história contribui para pensar de que forma as memórias da *Nakba* e *Naksa* afetam a resistência das jovens palestinas e como isso foi articulado ao longo das gerações.

Nesta linha de discussão, debruço-me também sobre o trabalho de Veena Das (2020) ao lidar com as noções de evento crítico e vida ordinária. A antropóloga faz o exercício de traçar

relações entre o individual e o coletivo, atentando ao compartilhamento de sofrimentos e violências na vida cotidiana. Nesse sentido, ela traça caminhos entre o evento, o cotidiano, o ordinário, o sujeito e o tempo. Das recorre a Wittgenstein para afirmar que “o sujeito é a condição da experiência” (2020, p.25). Deste modo, os testemunhos do dia a dia dos sujeitos dão sentido aos próprios eventos, sendo assim constituídos.

As memórias da *Nakba* e da *Naksa* estão presentes no cotidiano dos moradores de Nabi Saleh a partir das suas histórias familiares, dos seus vínculos identitários com o nacionalismo palestino e das vivências cotidianas da ocupação compartilhadas socialmente. Em acordo com o pensamento de Veena Das, considero que a *Nakba* e a *Naksa* são colocadas como eventos de referência a esta dissertação não para trabalhar os seus macro acontecimentos, mas o impacto estruturador que as suas memórias produzem no cotidiano em Nabi Saleh e nas práticas de resistência das jovens palestinas, como fenômeno coletivo entre os sujeitos. Procuro então pensar como estes dois eventos são introduzidos na “vida ordinária” das palestinas e como os tempos são agenciados nesse contexto.

Nabi Saleh possui um longo histórico de resistência na luta contra a ocupação israelense por meio da mobilização popular de seus moradores. Os protestos semanais eram organizados pelos próprios moradores locais e vivenciados por pessoas de todas as idades. E as relações diárias de enfrentamento se configuram não só com o exército de Israel, mas também com os colonos de Halamish. Diante da localização da vila, na região periférica de Ramallah, são analisadas as configurações que estruturaram os protestos semanais de Nabi Saleh e seus impactos ao movimento de resistência e aos colonos israelenses.

Discuto as noções de resistência trabalhadas na literatura dos estudos palestinos, com foco na concepção de *everyday resistance*, a resistência cotidiana, por parte das mulheres. Apresento o conceito de *sumud*, uma espécie de “resistência resiliente” (RYAN, 2015), para analisar as múltiplas formas de resistências cotidianas em Nabi Saleh. Ainda, busco analisar como a casa e a família são agenciadas na resistência e nas políticas de repressão geradas pela ocupação israelense na vila. Debruço-me sobre as noções de *hamuleh*, *a'ileh* e *beit* (SAYIGH, 2007) para identificar o papel da família e a centralidade da casa na dinâmica de mobilização popular em Nabi Saleh.

Por fim, me aprofundo nas personagens femininas que compõem a resistência da vila ao lado de Ahed Tamimi. Que apesar de não terem mobilizado uma repercussão internacional, ocupando o lugar de símbolo da resistência, atuam no dia a dia do movimento. Trago para a cena as suas histórias através das construções propiciadas no filme (THANK, 2013), na autobiografia (TAMIMI; TAKRURI, 2022) e outros materiais digitais, como notícias e

conteúdos produzidos nas redes sociais. São estas mulheres: Nariman Tamimi, Nour Tamimi e Janna Jihad.

## 2.1. Cisjordânia ocupada

O fato de uma vila palestina e um assentamento israelense se situarem um de frente para o outro, como no caso de Nabi Saleh e Halamish, não é um arranjo incomum na Cisjordânia. Esse talvez seja o principal efeito da ocupação de terras palestinas. Não só pelo volume numérico crescente de assentamentos na região, mas também pela complexidade implicada pela situação. Quanto mais assentamentos são construídos na Cisjordânia, mais difíceis se tornam as possibilidades de um acordo de paz ou do fim da ocupação. Para apresentar esta conjuntura político-territorial, recorro brevemente a alguns acontecimentos das últimas 7 décadas na região.

Entre os anos de 1948 e 1967, no contexto de consolidação do recém fundado Estado de Israel, o povo palestino se encontrava dividido entre os que foram exilados para fora da chamada Palestina histórica, os que conseguiram permanecer dentro das fronteiras de 1948 e os que se encontravam nos territórios palestinos da Cisjordânia e Gaza. A situação dos palestinos, marcados pelo trauma da independência de Israel, era vulnerável inclusive aos cerca de 60 mil palestinos<sup>37</sup> que permaneceram nas fronteiras de 48. O status de cidadão israelense não foi garantia de acesso à igualdade aos não judeus no país, fato que compromete o caráter democrático do Estado israelense, que se firmava perante uma declaração de independência pautada em princípios da democracia. De acordo com Mahmood Mamdani (2020, p. 278, tradução livre),

Especificamente, os árabes estavam sujeitos à autoridade militar, enquanto a população judaica vivia sob a lei civil. Embora os árabes estivessem espacialmente concentrados – tanto para torná-los mais facilmente governáveis quanto para despejá-los de terras que eram então distribuídas aos judeus – essa distinção em regimes jurídicos não era territorializada. A jurisdição da autoridade militar era dos árabes, não das zonas em que eles estavam concentrados.

Mamdani aponta para os processos de judaização do Estado de Israel desde a sua fundação e os efeitos disso para os cidadãos não judeus do país. Esta problematização é fundamental para compreender os efeitos da posterior ocupação israelense de terras palestinas. A situação descrita por Mamdani diz respeito ao contexto pré-ocupação.

---

<sup>37</sup> Esta estimativa é apresentada na obra *Palestinians: From Peasants to Revolutionaries* (SAYIGH, 2007).

Os territórios palestinos que não foram incorporados nas fronteiras de 1948 por Israel foram anexados pelos países árabes vizinhos. A Cisjordânia - incluindo a parte oriental da cidade de Jerusalém - ficou sob domínio jordaniano. Já a Faixa de Gaza ficou sob domínio egípcio. Como resultado, os territórios foram ofuscados do seu caráter palestino, mesmo abrigando um milhão de palestinos no total. (SAYIGH, 2007). A política do Rei Abdullah designou que, para ter acesso aos recursos do Estado, os palestinos da Cisjordânia deveriam se tornar cidadãos jordanianos. A situação em Gaza foi conduzida de forma diferente pelo Egito, onde os palestinos receberam cartões de identificação especial. Perante as novas configurações político-territoriais após 1948, os palestinos se tornaram ou minorias ou refugiados, a depender de onde se encontravam. Assim, a dispersão do povo abriu caminhos para a sistematização da opressão.

**Mapa 2-** Linhas de armistício de 1949



Fonte: BBC<sup>38</sup>

Com a diáspora, vieram as transformações sociais do povo a depender dos seus vários destinos, por meio das influências e adaptações da população aos sistemas políticos aos quais estavam sujeitos. Segundo Rosemary Sayigh (2007, p. 101, tradução livre),

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-54116567>. Acesso: 14 jan 2023.

Ao dispersar e expor os palestinos a diferentes sistemas e influências políticas, sua tendência a formar pequenos grupos e facções aumentou. No entanto, ao mesmo tempo, se constituiu uma condição da qual todos sofriam, mesmo que não igualmente, e contra a qual a maioria acabaria se rebelando. Não se criou unidade, mas uma pressão pela unidade como meio de mudar uma situação que era intrinsecamente ameaçadora. Em nenhuma região da diáspora um palestino poderia se sentir completamente seguro ou livre. Em nenhum lugar ele poderia gozar de plena igualdade com os nacionais, exceto em termos de lealdade incondicional ao regime. A preservação de identidades e propósitos palestinos separados tornou-se suspeita, perigosa, envolvendo penalidades que iam da perda do emprego à prisão e deportação.

As mudanças isolaram os palestinos em agrupamentos separados, moldando as formas e possibilidades de resistência - armada e não armada. E essa condição passou por outras alterações a partir de 1967, quando se instalou a ocupação israelense de terras palestinas que dura até hoje.

De 5 a 10 de junho de 1967, uma guerra entre Egito, Jordânia e Síria contra Israel teve como resultado a conquista israelense de 5 territórios para além das linhas de armistício estabelecidas em 1949. Foram estes: Cisjordânia, Gaza, Colinas do Golã, Península do Sinai e Jerusalém Oriental. Destaco aqui a cidade de Jerusalém separadamente da Cisjordânia visto que a condução israelense perante esses territórios foi diferente.

**Mapa 3-** Território sob controle israelense pós Guerra de 1967



Fonte: Jewish Virtual Library<sup>39</sup>

A chegada das tropas israelenses sobre esses novos territórios mobilizou, em Israel, um discurso de retorno às terras bíblicas, à chamada Grande Israel, que vai do Rio Jordão ao Mar Mediterrâneo (MORRIS, 2009). A ideia de judaização da terra aclamada por Mamdani (2020) se manifesta nos pós 67 no sentimento de uma retomada judaica das terras que não foram conquistadas em 48. Com isso, Jerusalém Oriental foi anexada por Israel dias após a guerra.<sup>40</sup>

Apesar do sentimento de vitória perante o domínio desses territórios, o governo israelense lidou com o dilema do que fazer com essas regiões no pós-guerra. O controle da Península do Sinai foi devolvido ao Egito em um acordo de paz selado em 1979. Em 2005,

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/map-of-the-cease-fire-lines-after-the-six-day-war-june-1967>. Acesso: 14 jan 2023.

<sup>40</sup> Apesar de declarada “unificada” por Israel, as divisões da cidade de Jerusalém permanecem até hoje socialmente, geograficamente e economicamente. Klein (2005) levantou este debate a partir de uma análise sobre as muralhas e barreiras estabelecidas entre a Jerusalém judaica e a Jerusalém palestina.

durante o governo do ex-primeiro-ministro Ariel Sharon, Israel desocupou a Faixa de Gaza por meio de uma decisão política unilateral, retirando a população civil israelense e as forças armadas da região sem constituir qualquer acordo com a Autoridade Palestina. O Golã, assim como Jerusalém Oriental, permanece até hoje sob controle total israelense. E, finalmente, a Cisjordânia permanece ocupada há 55 anos, com a presença militar e civil de Israel na região. A Cisjordânia não possui apenas bases militares do exército israelense, como assentamentos que se configuram em cidades desenvolvidas com seus próprios sistemas políticos e administrativos. Assim se consolidou o cenário de disputa de terras entre Nabi Saleh e Halamish, por exemplo. Vilas e cidades palestinas passaram a ser rodeadas por colônias israelenses na região.

A mudança de cenário após a Guerra de 1967 afetou a situação dos grupos palestinos de resistência, seja a parcela que se encontrava na Cisjordânia e Gaza ou os palestinos israelenses. A década de 70 foi marcada pelo fortalecimento da resistência armada. Se antes de 67 os governos dos países árabes reprimiram os movimentos palestinos, após a derrota da guerra a luta armada palestina adquiriu uma nova utilidade a estes governos, despertando novas esperanças de embates contra Israel (SAYIGH, 2007). Assim se consolidou uma resistência palestina pautada na luta armada organizada nos anos 1970 que atuava em meio às tensões com os governos dos países árabes e ao novo sistema de ocupação israelense dos territórios palestinos. O Fatah surge nesse contexto assumindo o controle da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Outro grupo que se destacou na resistência foi a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), comandando sequestros de avião dentre outras ações.

O MRP [Movimento de Resistência Palestina] apelava aos jovens, aos oprimidos e aos deserdados. Para muitos palestinos, a luta armada era uma forma de rebelião contra as burocracias civis e militares árabes que exploraram a ameaça israelense para obter poder para si e que usaram a força militar e política de Israel como pretexto para não a enfrentar. Para outros, foi uma forma de rebelião contra formas de opressão dentro da sociedade árabe que lhes pareciam colaborar com a dominação israelense e imperialista. Para outros ainda, foi um caminho de descoberta de autenticidade individual e cultural. (SAYIGH, 2007, p. 150, tradução livre)

Como alternativa à luta armada, no final dos anos 80 se consolidou um novo modelo de articulação civil da resistência palestina através da *Intifada* de 1987, também conhecida como Primeira *Intifada*. O levante foi fruto de um movimento popular e espontâneo que resultou na resistência de massa atuando por meio de protestos e pedras. Nos anos seguintes da *Intifada*, predominou uma busca por estabilidade social, política e econômica, tanto em Israel como na Palestina. Se de um lado, o governo israelense buscava conter os ânimos do levante

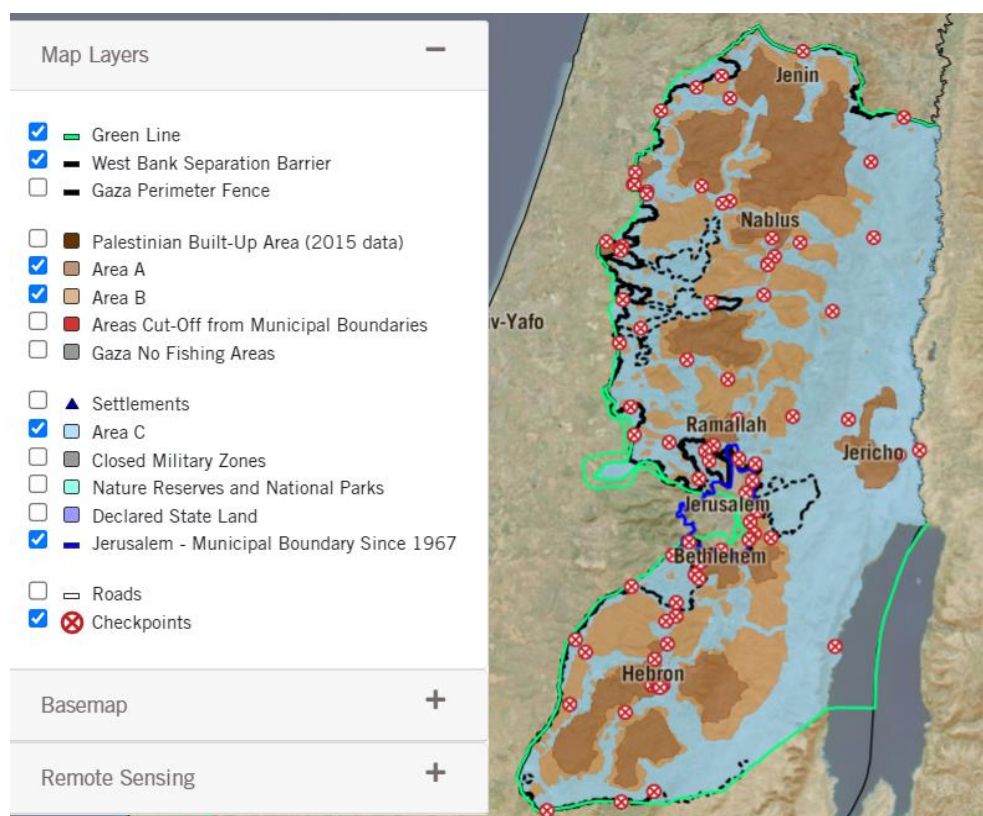


palestino nos territórios ocupados, do outro se consolidava uma nova liderança política por meio da OLP de Yasser Arafat.

Essa conjuntura resultou em uma tentativa fracassada de ambas as sociedades de lidar com o conflito palestino-israelense através dos Acordos de Oslo em 1993. De maneira inédita, os acordos promoveram o reconhecimento mútuo entre o governo de Israel e a OLP, simbolizados pela liderança do primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin e do presidente da OLP Yasser Arafat. Os acordos propuseram um plano gradual de retirada do controle israelense sobre os territórios ocupados em 1967, separando a região nas chamadas áreas A, B e C. Essa classificação faz referência aos controles civil e militar das regiões. Nesse sentido, área A se refere ao controle civil e militar palestino, B se refere ao controle civil palestino e controle militar israelense e C se refere ao controle civil e militar israelense.

Hoje, a Cisjordânia ocupada se encontra atravessada pelas divisões A, B e C, que na prática resulta, para os palestinos, em controles de circulação pela região, *checkpoints*, tomada de terras, construção de assentamentos, controle de acesso à água e destruição de campos agrícolas. Deste modo, os Acordos de Oslo afastaram ainda mais a possibilidade de se pensar em uma solução de dois Estados (MAMDANI, 2020). Isto é percebido nos discursos proferidos por muitas jovens ativistas da geração de Ahed Tamimi, que não consideram a solução de dois Estados como uma alternativa viável e acreditam em um único Estado plural e democrático. Me aprofundo neste debate no terceiro capítulo da dissertação ao tratar das representações de mulheres na resistência palestina ao longo das gerações.

**Mapa 4-** Cisjordânia dividida entre áreas A, B e C



Fonte: Mapa produzido através da plataforma interativa do projeto *Conquer and Divide* do B'Tselem<sup>41</sup>

Os territórios ocupados são um campo de disputas constante. Para além da presença militar do exército de Israel na região, as infraestruturas que sustentam a ocupação são também formas de firmar a presença israelense naquele espaço e de segregar cada vez mais as vidas palestinas das vidas israelenses. Essas disputas são percebidas através de marcadores simbólicos presentes nas casas, nas estradas, nos muros e praças públicas. Um exemplo de marcador já citado é a diferença de cor nas placas dos carros israelenses (amarelo e preto) e palestinos (branco e verde). As fotos abaixo ilustram outros marcadores, como a pintura da bandeira de Israel ao longo de uma torre de abastecimento de água no alto de uma colina e grafites no muro de separação da Cisjordânia com as frases “*Make hummus not walls*” e “*From the river to the sea, Palestine will be free*”. A última frase é uma resposta à concepção judaico-religiosa da Grande Israel, que engloba do rio ao mar como parte do território.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://conquer-and-divide.btselem.org/map-en.html>. Acesso: 14 jan 2023.

**Figura 5-** Torre de abastecimento de água em área C da Cisjordânia (2020)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

**Figura 6-** Muro de separação da Cisjordânia, Belém (2020)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

## 2.2. *Nakba, Naksa e as memórias da resistência*

O desterro nunca é um, é sempre múltiplo.

São vários que se reúnem, fechando um círculo ao seu redor. Você corre, mas ele o cerca. Quando isso acontece, você se torna estrangeiro *de* sua terra e *para* a sua terra.

O desterrado torna-se estranho para suas próprias memórias; então, tenta se apegar a elas, colocando-se acima do que é atual e passageiro. Eleva-se, sem ter certeza de sua certa fragilidade. Por isso, parece aos olhos dos outros frágil e orgulhoso ao mesmo tempo.

Basta alguém experimentar o primeiro desarraigar para ser eternamente desarraigado. (BARGHOUTI, 2006, p. 151)

A narrativa hegemônica palestina é marcada pela memória da *Nakba* e da *Naksa* como constitutivos da sua identidade nacional. O primeiro evento se refere ao fenômeno de expulsão violenta de parte do povo palestino da sua terra ancestral em função do estabelecimento do Estado de Israel em maio 1948. Além do exílio de aproximadamente 750 mil palestinos, outros milhares foram deslocados de suas casas mesmo permanecendo dentro das fronteiras no recém declarado Estado israelense (MAMDANI, 2020). A dimensão da *Nakba* para a memória palestina se expressa na compreensão de que a vida do povo muda de forma irreversível após o evento (ABU-LUGHOD; SA'DI, 2007) e, desde então, enfrenta o problema do exílio. O segundo marco, a *Naksa*, trata do fim da Guerra de 1967, que resultou na ocupação israelense dos territórios palestinos.

Os dois eventos se constituem como categorias elementares da memória palestina, mobilizadas pela questão do refúgio e que buscam ser superadas a partir do retorno à sua terra de origem. Esses marcos sustentam o imaginário nacional (ANDERSON, 2008) do povo palestino, estabelecendo ritos e símbolos próprios na sua mobilização social. Em aproximação com a micro-história, busco explorar estes símbolos compartilhados pelo povo na esfera pública e privada, considerando as suas diversas representações para o social (LEVI, 2011). A memória da *Nakba* se consolida como uma “tragédia coletiva” e um evento excepcional que cria um novo sentido para o *ethos* da resistência nacional palestina (GHERMAN, 2014). E, em complemento, a derrota de 1967 intensifica o problema do exílio somando, dezenove anos depois, uma outra motivação para a resistência: a luta contra a ocupação.

O movimento nacional palestino, desde 1948, é atravessado pelas experiências do exílio. A *Nakba*, como evento fundamental deste fenômeno, explica o seu significado pelo próprio nome: “a catástrofe” ou “a tragédia”. Sua memória é mobilizada há mais de 70 anos pelos palestinos - os exilados e a minoria que conseguiu permanecer - como a grande tragédia coletiva do povo. E, como consequência, os traumas deste desterro são evocados pelos

palestinos nos âmbitos da vida social, econômica, política e cultural. Isto reflete, por exemplo, na vasta literatura palestina de poetas e poetisas da geração da *Nakba*, como Mahmoud Darwish, em *Da presença da ausência* (2020) e *Memória para o esquecimento* (2021) e Fadwa Tuqan, em *A Mountainous Journey: A Poet's Autobiography* (1990) e de escritores de gerações posteriores, como Mourid Barghouti, em *Eu vi Ramallah* (2006).

A memória da *Nakba* ocupa um lugar de referência central não só aos palestinos que vivenciaram as expulsões de 1948. Os seus efeitos perduram até hoje como experiências de um exílio que existe há 74 anos. Em meio às pluralidades do povo palestino e do movimento nacional de modo geral, este evento é incorporado como um símbolo carregado de significados que mobilizam a resistência palestina. Para Giovanni Levi (2011, p. 152), “Os indivíduos constantemente criam suas próprias identidades, e os próprios grupos se definem de acordo com conflitos e solidariedades, que, contudo, não podem ser presumidos a priori, mas resultam das dinâmicas que são o objeto da análise.”. Nesse sentido, a produção e reprodução das memórias da *Nakba*, de maneira individual e pública, compõem a formação de uma identidade comum aos palestinos (ABU-LUGHOD; SA’DI, 2007). Ou seja, este evento faz parte fundamental dos elementos de identificação palestina que são compartilhados coletivamente.

As relações traçadas entre Levi e os antropólogos Ahmad Sa’di e Lila Abu Lughod sobre a formação de uma identidade palestina compartilhada a partir dos símbolos produzidos pela *Nakba* dialogam com a percepção deste evento como um marco fundacional da identidade nacional palestina. De acordo com Gherman (2014, p.107):

O sinal de “tragédia” assume um lugar fundacional de unificação, em que todos passam a compartilhar referências e sentidos semelhantes. Surgem esforços para enfraquecer e superar quaisquer identidades que ameacem desmontar ou mesmo dividir o coletivo, e dessa forma passa a importar apenas “um” sinal e “uma” identidade que tornam possível unificar e incluir todos os indivíduos do mesmo “coletivo”.

Trata-se, aqui, da formação de uma identidade coletiva a partir da *Nakba*. E é por este motivo que os escritores que nasceram depois de 1948 e que não foram necessariamente exilados no momento presente da *Nakba*, como Barghouti, também escrevem sobre perdas, vazios, desterrados, dor e sofrimento. O luto desta catástrofe é coletivo e parte elementar da identidade nacional palestina.

A *Nakba* tornou-se parte constitutiva do senso de identidade palestina não apenas devido à dimensão de sua perda, mas também porque ela gera novas catástrofes que marcam cada geração que a sucede. Ela [a *Nakba*] não pode ser separada do que acontece posteriormente; encará-la como um evento, lembrado e classificado, seria

como mascarar seu significado como uma questão em continuidade. (SAYIGH, 2007, p. 153, tradução livre).

O evento que marcou a derrota da Guerra de 1967 - nos termos palestinos, a *Naksa* - provocou o aumento do número de refugiados palestinos dezenove anos depois da *Nakba* e instalou um regime de ocupação civil e militar de terras palestinas por parte do Estado de Israel. Nesta análise, concentro-me especificamente nos efeitos da *Naksa* para a população palestina da região da Cisjordânia, onde se localiza Nabi Saleh e onde se vive hoje, efetivamente, os efeitos da ocupação.

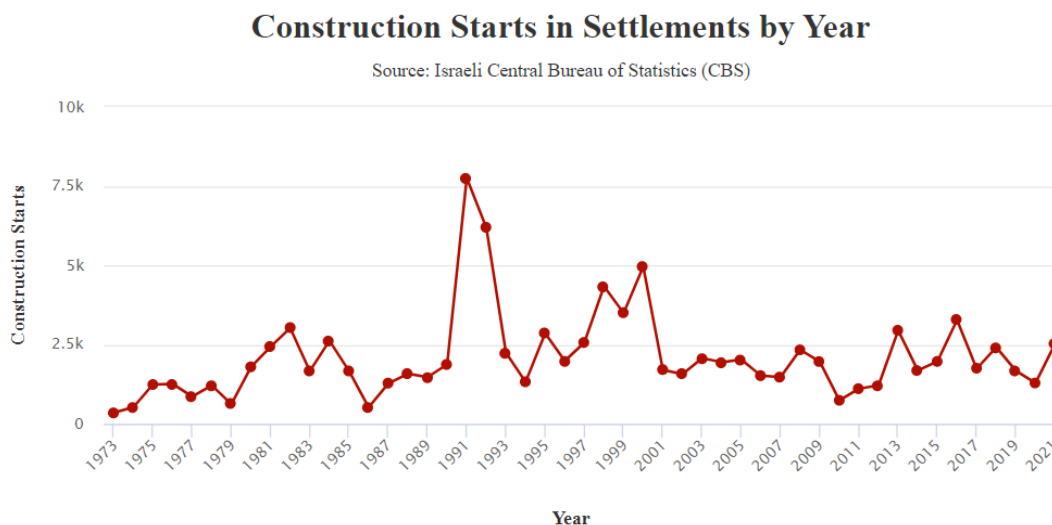
Diferentemente da *Nakba*, que se popularizou como um termo tanto na academia quanto nos movimentos sociais de apoio à causa palestina para se referir à Guerra de 1948, o termo “*Naksa*” não foi amplamente incorporado pela historiografia para tratar da Guerra de 1967. Em contraponto, a nomenclatura “Guerra dos Seis Dias”<sup>42</sup>, utilizada pela narrativa sionista, tornou-se referência no meio acadêmico para tratar deste evento. Aqui, considero o termo *Naksa* em referência à derrota palestina da guerra para refletir, em paralelo à *Nakba*, sobre as relações entre as narrativas destes dois eventos, suas memórias e a vida cotidiana em Nabi Saleh.

Enquanto a *Nakba* de 1948 é simbolizada pela vivência do exílio palestino ao longo das gerações, a *Naksa* de 1967 é representada pela ocupação israelense de terras palestinas. As memórias de ambos os eventos são evocadas por condições do presente que são suas consequências diretas. Segundo Abu-Lughod e Sa’di (2007, p.5, tradução livre), “A *Nakba* é o ponto de referência para outros eventos, passados e futuros. [...] A *Nakba* se tornou o evento chave no calendário palestino - o patamar para histórias pessoais e classificação de gerações.”. Ao mesmo tempo, para moradores de Nabi Saleh, falar da *Naksa* é falar da ocupação enfrentada diariamente pela população local. Após a guerra, ao longo dos últimos 55 anos de ocupação, os assentamentos e o controle militar do exército de Israel na Cisjordânia aumentaram exponencialmente. Assim, se a *Nakba* é referência temporal do calendário palestino, a *Naksa*, por sua vez, pode ser encarada como uma referência direta do próprio presente.

---

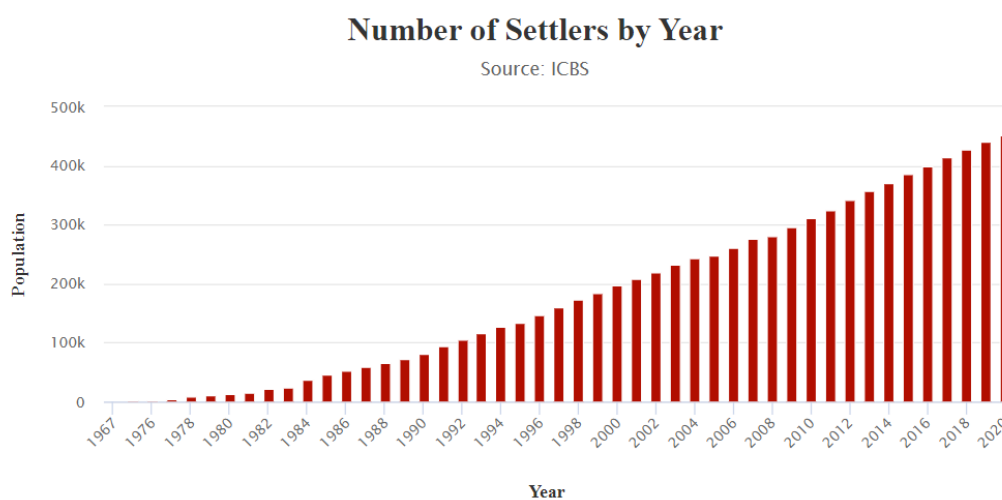
<sup>42</sup> Este nome faz referência ao tempo de duração da guerra, que durou apenas seis dias. A sua incorporação pela narrativa sionista se deve à vitória, inesperada e surpreendente, do Estado de Israel contra os países árabes em disputa. O destaque para o tempo de duração da guerra exalta a vitória israelense e reforça o potencial militar do país.



**Gráfico 1-** Construção de assentamentos por ano (1937-2021)

The data for the years before 2005, include construction starts of housing units in settlements in the Gaza Strip.

Fonte: ONG Shalom Achshav (Paz Agora)<sup>43</sup>

**Gráfico 2-** Número de colonos por ano

Fonte: ONG Shalom Achshav (Paz Agora)<sup>44</sup>

Diante do exposto, procuro pensar como estes dois eventos são introduzidos na vida ordinária (DAS, 2020) das famílias palestinas de Nabi Saleh. As memórias da *Nakba* e da *Naksa*

<sup>43</sup> Disponível em: < <https://peacenow.org.il/en/settlements-watch/settlements-data/construction> >. Acesso: 07 set 2022.

<sup>44</sup> Disponível em: < <https://peacenow.org.il/en/settlements-watch/settlements-data/population> >. Acesso: 07 set 2022.

estão presentes no cotidiano da população a partir das suas histórias familiares, dos seus vínculos identitários com o nacionalismo palestino e das vivências cotidianas da ocupação.

No documentário *Thank God It's Friday*, Abu Hassan Tamimi conta a história da relação de seus antepassados com aquela terra e as transformações ocasionadas pela ocupação israelense.

Há cerca de 350 anos atrás, a família Tamimi deixou *Hebron* devido a um conflito com uma outra família. Nós viemos e habitamos áreas nas redondezas de *Nablus* e *Ramallah*. E então fomos para uma área chamada *Deir Ghassan* até que finalmente nos estabelecemos aqui. *Halamish* surgiu do acampamento militar em 1976. Nós tivemos um longo conflito com eles por conta disso. A minha terra foi roubada no ano 2000 quando começou a Segunda *Intifada*. A minha terra é onde você pode ver o anfiteatro [diz apontando para o anfiteatro em *Halamish*]. O quartel que inclui uma piscina e as oliveiras. Eles arrancaram as oliveiras e construíram novas. O exército israelense disse aos colonos que essa terra era deles e que eles poderiam entrar quando quisessem. Em troca, eles sacaram suas armas apontando para nós e nos proibiram de entrar na terra. Esse conflito ainda está acontecendo. Eles roubaram a nossa terra em plena luz do dia. Eles sabem que essa terra é palestina e que nós a cultivamos, mas eles retornam com o poder de suas armas e tomam o controle da terra. (THANK, 2013, tradução livre)

Em *O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade* (2011, p. 39), Veena Das afirma que o testemunho é “uma maneira de entender a relação entre violência e subjetividade”. Através dos sentidos da voz e da escuta, o ato de testemunhar está atrelado à afetação dos sujeitos perante os eventos. Assim, entendo que os testemunhos das experiências de violência do exílio e da ocupação refletem a própria relação que os palestinos adquirem diante da *Nakba* e da *Naksa*. Deste modo, é através da análise dos testemunhos de pessoas - neste caso, dos moradores de Nabi Saleh entrevistados no documentário -, que as experiências da *Nakba* e da *Naksa* são abordadas.

Através da perspectiva microanalítica, proponho pensar os “jogos de escala” aplicados à análise do cotidiano de resistência em Nabi Saleh, atentando para as escalas temporais e espaciais retratadas no documentário (REVEL, 1998).

As memórias da *Nakba* e da *Naksa* compõem, nesse contexto, múltiplas temporalidades que configuram uma resistência comunitária impulsionada pelo passado em busca de novas possibilidades para o futuro. A antropóloga Laura Bear (2016) trabalha com a noção de *timescapes* - uma espécie de “paisagem do tempo” - para pensar o tempo como técnica. Bear analisa a temática por três vias diferentes: o tempo como técnica, o tempo como conhecimento e a ética do tempo. Por meio de uma busca do que seria o próprio tempo e para que se utiliza o tempo, nascem as tentativas de buscar compreender como as pessoas se engajam eticamente



diante das desigualdades concretas de tempo e espaço (BEAR, 2016). Em paralelo, Das (2020) vincula a categoria tempo à categoria experiência na reflexão sobre a construção dos sujeitos.

Deste modo, é possível olhar para as subjetividades temporais e espaciais envolvidas nas relações dos moradores de Nabi Saleh com as memórias da *Nakba* e da *Naksa*. Quais são as “paisagens do tempo” implicadas neste cotidiano de resistência? Como se configura o tempo em relação à terra? Como estas relações são afetadas por diferentes temporalidades? Diante dessas perguntas que me acompanharam ao longo da pesquisa, percebo os trabalhos de Veena Das (2020), Laura Bear (2016) e Jacques Revel (1998) como convites para refletir sobre as representações e paisagens do tempo e espaço a partir do filme *Thank God It's Friday* (2013).

Em primeiro lugar, noto a relevância do tempo cíclico semanal para os manifestantes da vila que aguardam a sexta-feira chegar para protestarem coletivamente contra a ocupação. A sexta-feira tornou-se um dia especial em Nabi Saleh, com uma rotina fixa firmada pelo compromisso dos moradores da vila com a resistência. Em seu livro, Ahed conta que, quando criança, ela temia as sextas-feiras - pelo menos antes de superar o medo.

Dito isso, eu odiava sextas-feiras. A semana inteira, eu temia que o dia se aproximasse e quando ele finalmente chegasse, minha ansiedade estaria em pleno vigor. Sexta era o dia em que todo mundo que eu amava saía para marchar, arriscando sua segurança enquanto eu ficava em casa. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 28, tradução livre)

Por motivos diferentes, em Halamish, a sexta-feira também é um dia muito esperado pelos seus moradores. As sextas são marcadas pelo início do *shabat*, o dia do descanso judaico. Nos minutos iniciais do filme, Shira Album, ao lado do seu marido, o rabino Jonathan Blass, ambos judeus identificados como *daati-leumi*, comenta:

“É assim que o *Shabat* é. Nós nos conectamos com o *Shabat* e não trabalhamos nesse momento, apenas nos conectamos. E quando acaba e retornamos à semana regular, nós dizemos: ‘Ok, eu descansei, estou com muita energia, estou me sentindo muito bem.’ E conseguimos atravessar a semana. E quando começamos a cansar, dizemos: ‘Ok, o *Shabat* está chegando!’. *Thank God It's Friday*, eu acho que um judeu deve ter inventado isso.” (THANK, 2013, tradução livre)

Assim, os moradores das duas cidades, Nabi Saleh e Halamish, vivenciam o tempo semanal na expectativa da chegada da sexta-feira.

Existe também uma disputa de narrativas entre os moradores de Nabi Saleh e Halamish em relação aos tempos de chegada e permanência naquele território. Halamish foi construído em 1976. Abigail Ben Nun, uma das fundadoras do assentamento, relatou a sua trajetória de expulsão da Bélgica devido ao Holocausto, indo morar em Cuba até o momento da

independência de Israel, quando imigrou para o recém formado Estado. Seu pai decidiu se mudar com a família para a cidade de Ramat Gan, que hoje faz parte da região metropolitana de Tel Aviv. Abigail contou que na época, aos 11 anos de idade, ficou frustrada com a escolha do pai de morar na cidade e não em um *kibbutz*. De acordo com ela, morar em um *kibbutz* seria “fazer alguma coisa” pelo seu novo país. Por isso, anos depois Abigail decidiu construir o assentamento israelense na Cisjordânia. Para, em suas palavras: “me realizar, para fazer alguma coisa.” (THANK, 2013, tradução livre). Em outra cena, Abigail comenta a sua percepção sobre a relação da questão palestina com aquela terra: “Nunca existiu um povo palestino. Isso era a Jordânia. isso era a Jordânia, não Palestina. Não existe um povo palestino.” (THANK, 2013, tradução livre).

Outros dois moradores de Halamish, os jovens Eden Ben Nun e Ely Maoz, falam das relações de passado e futuro com aquela terra. Ely afirma que tem certeza de que vai seguir morando no assentamento quando crescer. Enquanto Eden explica que isso se justifica pelo fato de metade das pessoas que moram em Halamish terem nascido no próprio assentamento. Deste modo, os vínculos com a região são demarcados pelo tempo do nascimento daqueles jovens. Shira, entretanto, se apoia em uma justificativa histórica que afirma a judeidade daquela terra:

Nossa história é: essa é uma terra judaica de onde fomos expulsos pelos romanos há 2000 anos atrás. As coisas vêm e vão, mas nós sabemos que essa é nossa terra e que ela já foi ocupada por várias nações. Nós finalmente voltamos, vimos pessoas que se fizeram confortáveis por aqui e dissemos: ‘Ok, vocês são quem são, nós não vamos expulsar vocês das suas casas. Não vamos destruir as suas casas, mas não há espaço suficiente para nós voltarmos?’ (THANK, 2013, tradução livre)

Do outro lado da colina, o relato de Abu Hassan Tamimi marca a chegada de sua família à região há mais de 350 anos atrás. Em comparação com a fala de Eden, sua conexão com aquela terra vai muito além do momento do seu nascimento. Abu Hassan recupera as gerações de três séculos anteriores da sua família para traçar o seu pertencimento a Nabi Saleh. Já Nariman, retoma uma escala de tempo ainda mais antiga para firmar sua relação com a vila: “Imagine aqueles que nasceram em Halamish, vendo a mesma vista que eu vejo, respirando o mesmo ar que eu respiro. Ele pode pensar que essa terra é dele, mas ele só está aqui há 34 anos, enquanto nós estamos aqui há um milhão.” (THANK, 2013, tradução livre).

Enfim, as memórias da *Nakba* e da *Naksa* demarcam eventos de 74 e 55 anos passados, respectivamente, que atribuem sentido ao próprio presente. E são estas memórias que impulsionam a resistência contra as catástrofes e derrotas que perduram no cotidiano em Nabi Saleh. Isto é percebido a partir de um diálogo entre Nariman e seu filho caçula, Salam, que

aparenta ter aproximadamente 5 anos de idade nas cenas do filme. Nariman pergunta ao filho o que o exército de Israel fez de errado e ele responde: “Eles levaram o papai e levaram outras pessoas também. Nós queremos nossa terra de volta, mas eles não querem nos dar.” (THANK, 2013, tradução livre). Nariman segue indagando Salam e pergunta o que eles devem fazer para conseguir a sua terra de volta e ele responde: “Até que eles nos devolvam, nós continuaremos jogando pedras. [...] Eles têm que devolver a nossa terra primeiro e depois nós paramos de jogar as pedras,” (THANK, 2013, tradução livre).

### 2.3. O cotidiano de incertezas em Nabi Saleh

Para a análise do cotidiano de Nabi Saleh retratado no filme, proponho um diálogo entre as noções de violência, incerteza e resistência. As relações traçadas entre essas três noções contribuem para a pesquisa de modo a familiarizar o leitor do contexto em que se originam os protestos populares da vila, atentando às subjetividades atreladas ao processo. Entretanto, esses desdobramentos englobam um panorama pautado por políticas de violência e um cenário de incertezas que resultam em uma resistência que se materializa para além dos protestos de sexta-feira.

Arthur Kleinman (2006) propõe que as incertezas e perigos, além de serem parte fundamental da vida, são também os elementos que atribuem sentido a ela. Em sua obra, Kleinman relaciona as concepções de incerteza e moralidade e introduz um debate em torno da seguinte questão: “Em situações de real incerteza sobre o que fazer e em situações em que o nível de perigo é alto o suficiente para ameaçar o que realmente nos importa, que tipo de decisões nós tomamos? (KLEINMAN, 2006, p. 3, tradução livre).

Ao mesmo tempo, Das (2020) sugere olhar para a violência como parte constitutiva da vida ordinária. Esta vida ordinária, no contexto de Nabi Saleh, é atravessada constantemente por incertezas. Partindo das discussões lançadas por Das e Kleinman, entendo que a violência e a incerteza, frequentemente tratadas como extraordinárias, fazem parte da vida cotidiana em Nabi Saleh. No caso de Nariman Tamimi, essa incerteza se resume no documentário aos fatos de sua casa ser ameaçada de demolição por parte do exército, do seu marido estar preso e do seu filho Waed, de 14 anos na época do filme, ser procurado pelo Estado de Israel.

Meus filhos testemunharam como eu e o pai deles fomos presos. Meu filho de 14 anos, Waed, enfrenta acusações. Ele é procurado por Israel, então ele não dorme em casa. Como Ahed, Mohammed [Abu Yazan] e eu fomos todos feridos, o exército bateu em Ahed, e como Salam (que significa paz) rejeita seu nome porque não há paz em nossa terra. Então ele quer ser chamado de Mohammed. Quando os meus filhos vêem que a

minha casa está sob ameaça de demolição. Estamos sentados aqui, mas talvez na semana que vem não haja mais casa. Quando todos os meus filhos estão sob tanta pressão, eu não posso dizer para eles que eles não podem descer quando veem o carro do exército vindo em direção a Nabi Saleh. Se eu os segurar, eles vão escapar. Porque eles sentem a necessidade de se vingar e de dizer para eles irem embora. Eu tenho medo, eu sou uma mãe no fim das contas. Uma mãe teme pelos seus filhos, mas eu não posso contê-los. Eu não posso trancá-los dentro de casa. Eu acredito nas mesmas coisas que eles acreditam. Eu quero gritar para os soldados: “Vão embora daqui, essa terra é nossa, não de vocês!”. (THANK, 2013, tradução livre)

Nariman compartilha os medos de ser mãe de quatro crianças em meio a um regime de ocupação e aponta para os riscos implicados por esta situação. Nesse momento, sua fala parte do seu lugar como mãe e as suas preocupações circundam o eixo da casa e da família. As incertezas são representadas pela ameaça constante de desintegração de sua casa como parte da política de repressão do exército israelense. Em paralelo, o histórico de detenção de Nariman em prisões israelenses, a prisão de seu marido e as acusações enfrentadas por seu filho compõem a conjuntura de ameaças à sua própria família nuclear. Anos depois das gravações do filme, a família formada por Nariman, Bassem, Waed, Ahed, Abu Yazan e Salam Tamimi permanece em um contexto de vulnerabilidade. As prisões de Ahed e Nariman entre 2017 e 2018 são exemplos que confirmam esta situação.

O relato de Nariman mostra que a sua reação perante a violência e as incertezas que percorrem o cotidiano de sua família em Nabi Saleh não resultam em uma busca imediata por condições de maior estabilidade ou sequer possíveis tentativas de obter controle da situação. Com o seu marido preso e seu filho sendo procurado pelo exército, Nariman explica que as reações dos seus outros filhos, Ahed e Abu Yazan, não podem ser controladas por ela, pois eles sentem a necessidade de lutar contra a violência imposta à sua família. Quase dez anos depois, Ahed conta em sua autobiografia sobre a necessidade de enfrentar riscos em meio a ocupação, mesmo quando se é criança.

Os adultos de Nabi Saleh são frequentemente questionados do porquê permitem que seus filhos participem dos protestos, colocando-os voluntariamente em perigo. Eles são acusados de não nos amarem o suficiente para nos proteger. "Vocês não temem por eles?" é uma pergunta que é inevitavelmente feita por jornalistas e até visitantes estrangeiros bem-intencionados- como se algum pai [ou mãe] estaria bem sabendo que soldados totalmente armados nos seus quintais podem atirar ou matar seus filhos a qualquer momento. Mas a resposta é que nossos pais não tiveram escolha. Ou, para ser mais precisa, o exército israelense roubou de todos nós, jovens e velhos, o poder de escolha. Desde muito novos, a maioria de nós aprendeu de maneira dura que nós não estamos mais seguros dentro das nossas casas do que estamos fora, nas marchas. (TAMIMI, TAKRURI, 2022, p. 63, tradução livre)

Deste modo, com base nas reflexões de Kleinman (2006), as falas de Nariman e Ahed indicam uma moralidade pautada pelo sentimento de busca por justiça, mesmo que esta tentativa não amenize os riscos envolvidos nesta situação.

Os filhos de Nariman e as crianças de Nabi Saleh em geral enfrentam a ocupação junto aos seus pais, mães, avôs, avós, tios, tias, primos e primas. A resistência na vila é popular e comunitária. Os diretores do *Thank God It's Friday* (2013) prezaram por exibir um cotidiano de tanques militares circulando pela vila, soldados armados caminhando pelas ruas, bombas de gás invadindo as casas e tiros de bala de borracha sendo utilizados como tática de repressão e dispersão da população. As cenas mostram crianças sendo diretamente afetadas pela violência da ocupação. Uma narrativa centrada na violência cotidiana e nos efeitos desta violência aos moradores da vila, de idosos às crianças.

No filme, um grupo de cinco meninos, que aparentam ter entre 5 a 10 anos de idade, aparecem brincando no quintal de uma casa. A cena da brincadeira é um conflito. O único objeto de brinquedo presente entre as crianças é um pequeno velotrol colorido, amarelo, azul e rosa. Na cena, o velotrol representa um tanque de guerra. Os combatentes coletam pedras no chão para servirem de armamento, atirando no tanque velotrol do alto de um pequeno morro de terra no quintal. Após algumas pedradas o tanque é derrubado e cai de lado no chão. Atrás do tanque surge uma outra criança que faz mímica e o som de uma metralhadora simulando tiroteios, enquanto desvia de pequenas pedras atiradas em direção aos seus pés pelos combatentes inimigos que logo antes haviam derrubado o seu tanque de guerra. O conflito resulta na captura e imobilização de um dos combatentes, interpretado pela criança mais nova do grupo. Um deles grita: “Batam nele! Eles levaram o Samer!”. O documentário passa a mensagem de que a violência é referência primária do cotidiano da vila, o que reflete inclusive na imaginação das crianças ao longo das suas brincadeiras.

O *Thank God It's Friday* se dedica a mostrar a violência que atravessa o dia a dia dos moradores de Nabi Saleh através da presença da ocupação civil e militar israelense na região. Ao buscar dar visibilidade aos protestos de Nabi Saleh, às entrevistas com moradores da vila e às táticas de repressão do exército de Israel contra a população palestina, os diretores do documentário contribuem com a reivindicação dos ativistas da região de denunciar a violência que os atinge. Nesse sentido, o filme se compromete com uma política de resistência que tem como objetivo sensibilizar o público perante a causa palestina.

Em paralelo a este cotidiano de incertezas retratado no trabalho audiovisual de Beddegenoodts e Iwens, existem outros elementos da vida ordinária de Nabi Saleh para além da violência. Celebrações religiosas, festas, namoros, fofocas entre vizinhos, brigas familiares,

casamentos, gravidez e divórcios. Elementos que inclusive fizeram parte da adolescência e juventude de Ahed Tamimi nos últimos cinco anos para além das suas vivências como militante e símbolo da resistência. Diferente do documentário e de grande parte das notícias que repercutiram sobre Nabi Saleh na mídia, a autobiografia de Ahed apresenta pequenos rastros desses elementos. Exploro estas outras faces da vida ordinária de Ahed no terceiro capítulo, associando-as à mobilização das questões de gênero na sua construção como símbolo.

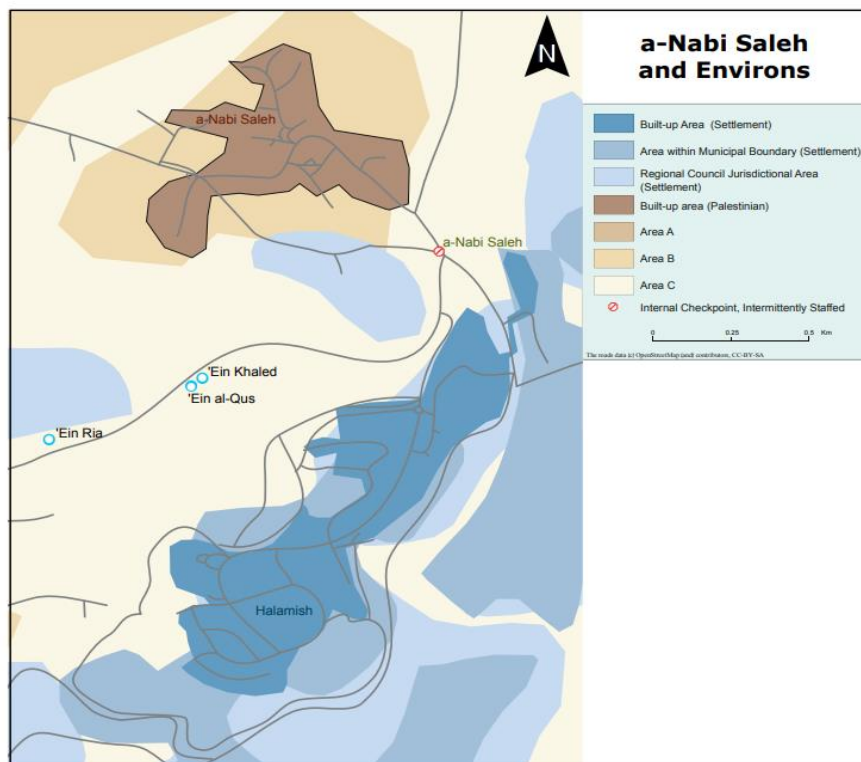
### 2.3.1. Os protestos da vila

Em 2009, a primeira manifestação da série de protestos semanais ocorridos em Nabi Saleh foi organizada diante do início de uma obra de renovação da nascente Ein al-Qaws por parte dos colonos de Halamish. A nascente era utilizada pela população palestina da região para fins agrícolas, nas plantações de oliveiras e árvores frutíferas, e como área de lazer. A obra afetou árvores e propriedades palestinas no entorno da nascente e o acesso de palestinos tornou-se gradativamente limitado. De acordo com o relatório *Show of Force: Israeli Military Conduct in Weekly Demonstrations in a-Nabi Saleh* (BAUMGARTEN-SHARONI, 2011)<sup>45</sup>, as queixas iniciais prestadas por palestinos em relação às interferências dos colonos em Ein al-Qaws foram arquivadas com as justificativas de “infrator desconhecido” ou “falta de provas”.

---

<sup>45</sup> Relatório produzido pela ONG israelense B’Tselem com apoio da União Europeia.

**Mapa 5-** Nabi Saleh, Halamish e Ein al-Qaws



Fonte: *Show of Force: Israeli Military Conduct in Weekly Demonstrations in a-Nabi Saleh* (BAUMGARTEN-SHARON, 2011)

Os protestos de Nabi Saleh, assim como uma série de outros protestos de organização popular em pequenas cidades da Cisjordânia, seguem um modelo de resistência civil em oposição à resistência armada. Inspirados nos protestos semanais organizados em Budrus, os moradores de Nabi Saleh passaram a marchar semanalmente às sextas-feiras como um ato de resistência à ocupação da Cisjordânia. Diante do início de um projeto de construção de um muro de separação nas fronteiras de 1967, a vila Budrus teve parte do seu território e das suas oliveiras ameaçados. “Estas oliveiras não eram apenas cruciais para a sobrevivência econômica, mas também de profunda importância para a história e cultura intergeracional da aldeia.” (TREFFERS, 2018 p. 29, tradução livre). O muro foi apresentado pelo governo israelense como um “muro de segurança”. Entretanto, ele é chamado pelos palestinos de muro da vergonha e muro do apartheid. Como reação à construção do muro e as ameaças implicadas aos moradores de Budrus, eles passaram a organizar protestos não violentos.

Os moradores de Nabi Saleh incorporaram esse mesmo princípio. Para Ahed Tamimi, os protestos “apresentaram a imagem correta do povo palestino e sua luta. Essa imagem contradiz o estereótipo generalizado e as representações imprecisas do nosso povo,

particularmente no ocidente, como terroristas violentos.” (TAMIMI; TAKRURI, 2022 p. 25, tradução livre). Ahed conta que, apesar de Budrus ter inspirado seu pai e outras lideranças de Nabi Saleh, eles optaram por fazerem algumas adaptações no modelo de protesto. Ela ressalta que uma das prioridades em Nabi Saleh era expandir a participação de mulheres na resistência, diferentemente de Budrus. Laurie Treffers (2018) aborda o tema da participação feminina na resistência em Budrus, apontando para as transformações ocorridas na resistência da vila a partir do envolvimento de mulheres na resistência, anos depois dos protestos contra a construção do muro, onde de fato carecia de participação feminina.

Ahed ressalta que o foco dos protestos de Nabi Saleh, para além dos problemas envolvendo a Ein al-Qaws, era a luta contra a ocupação de terras palestinas.

Nós queríamos seguir essa abordagem e baseá-la nos princípios da igualdade humana, justiça e inclusão. Para isso, meu pai e os outros líderes do nosso movimento de resistência sabiam que eles precisariam promover um tipo de consciência em todos na vila e naqueles que desejassem se juntar à causa. Revolução, eles acreditavam, requer em primeiro lugar um nível de consciência, não apenas estratégias de luta e protesto. Eles despertaram a consciência das pessoas por meio de palestras e eventos culturais. Nós plantamos oliveiras em terras confiscadas por Israel - como as áreas ao redor da nascente - e nós defendemos o boicote aos produtos israelenses. Nós também desencorajamos os palestinos de trabalharem nos assentamentos israelenses, onde eles frequentemente aceitam trabalhos devido à falta de outras oportunidades de emprego. Tínhamos orgulho de nos gabar que ninguém de Nabi Saleh trabalhava em assentamento. (TAMIMI; TAKRURI, 2022 p. 26, tradução livre)

Os protestos semanais potencializaram a organização comunitária da vila. Segundo o jovem Majd Tamimi: “Sexta-feira é um dia especial para os moradores da vila. É como se houvesse um casamento ou um funeral.” (THANK, 2013, tradução livre). E embora os protestos tenham como princípio a não violência, isto não significa que não haja embates violentos ao longo das marchas, principalmente devido à repressão do exército. Ahed explica que o fato de os jovens usarem pedras para se defender não anula o caráter de resistência não armada dos protestos, visto que pedras não são armas e carregam elementos símbolos para o povo palestino. (TAMIMI; TAKRURI, 2022).

As cenas dos protestos retratadas no documentário exibem a articulação dos moradores e os embates frequentes com o exército israelense. A concentração para os protestos ocorre em uma pequena praça e então pessoas de todas as idades caminham juntas carregando bandeiras palestinas, *keffiyehs* e cartazes em direção à estrada em frente a Halamish. Nos primeiros anos de protesto, a caminhada tinha como destino o local da disputada nascente. Entretanto, o acesso ao local foi sendo cada vez mais restrito pelo exército. Alguns manifestantes cobrem seus rostos com camisetas e bonés. Crianças e adultos utilizam megafones para liderar as palavras de ordem



do protesto e o coletivo de pessoas segue em coro batendo palmas. Na frente, uma grande faixa é carregada por dois homens com a mensagem escrita em árabe: “O Comitê de Resistência Popular na Palestina condena e denuncia as decisões arbitrárias de Israel contra seus prisioneiros” (THANK, 2013, tradução livre).

O filme faz uso de inúmeras cenas dos momentos de choque entre soldados e manifestantes, retratando o caráter violento que os protestos assumiram devido à repressão militar. Bombas de gás, tiros e tanques de guerra. Nas cenas, essas ferramentas dispersam o coletivo de manifestantes que correm ao longo da estrada, tossindo pelo efeito do gás. Alguns manifestantes tentam chutar as bombas de volta aos soldados. Os palestinos se concentram em grupos para atirarem pedras em direção aos soldados. As pedras são repreendidas com tiros que fazem as pessoas se espalharem dos seus grupos. Também são exibidos palestinos, crianças e adultos, sendo algemados e presos pelos soldados.

O relatório do B’Tselem mostra que o exército israelense fez uso de uma diversidade de recursos conhecidos como “*crowd-control measures*” para conter o grupo de manifestantes nos protestos em Nabi Saleh. São eles: balas de borracha, gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral e o *skunk liquid*, uma espécie de pesticida orgânico que libera um odor impregnante em tecidos e na pele, ocasionando náusea e vômito (BAUMGARTEN-SHARON, 2011). Essas ferramentas impactam crianças, adultos e idosos que participam dos protestos. Alguns dos resultados são ferimentos leves e graves, detenções em presídios e morte, como nos casos de Mustafa Tamimi e Rushdie Tamimi.

As primeiras caminhadas coletivas até a nascente não tinham como propósito um embate armado com o exército ou com os colonos de Halamish. Em abril de 2010, durante uma entrevista ao Haaretz, Bassem Tamimi disse:

Os colonos querem nos levar a cometer atos de terrorismo, mas não vamos deixar isto acontecer. Nós não odiamos ninguém, odiamos a ocupação e acreditamos que temos direito à nossa terra. Durante o primeiro protesto, fomos atacados por soldados, que utilizaram gás lacrimogêneo e balas de borracha para nos expulsar da nossa terra. Os colonos permaneceram na colina observando com as suas armas. Os soldados não fizeram nada para nos defender quando colonos nos atacaram. Nós até levamos ramos de oliveira para mostrar que se tratava de uma manifestação pacífica, mas naquela mesma sexta-feira os colonos arrancaram 153 oliveiras nossas. No segundo protesto os moradores da vila já não concordaram em levar os ramos de oliveira. Eu acho que é isto que os colonos querem, que todos nós nos tornemos o Hamas e recorramos à violência. Eles estão nos levando a isto. A gente quer criar um modelo bem-sucedido de protesto civil o qual provará que não somos terroristas e que somos os proprietários dessa terra. A gente quer passar a mensagem ao povo palestino e ao povo israelense

de que existe um modelo de resistência diferente, a resistência não violenta. (LEVY, 2010)<sup>46</sup>

O cenário exibido no documentário, gravado nos anos seguintes a esta declaração, e os eventos posteriores que resultaram na prisão de Ahed e Nariman, indicam que os protestos de Nabi Saleh foram palco de muita repressão e violência. E, como consequência, os “ramos de oliveira”, de fato, foram substituídos por pedras.

A família nuclear de Ahed Tamimi foi retratada até aqui por meio das declarações de sua mãe, Nariman, da situação do seu irmão Waed - procurado por Israel -, do diálogo entre sua mãe e seu irmão caçula, Salam, e da declaração de seu pai, Bassem. Ahed não só nasce e cresce em meio à ocupação, como se desenvolve como uma militante da causa palestina a partir de um contexto social e familiar extremamente comprometido com a resistência. A mobilização comunitária de Nabi Saleh, organizada pela sua família, faz parte da sua “formação” como ativista. No *Thank God It's Friday* (2013), cenas mostram Ahed aos doze anos de idade confrontando soldados com a mesma firmeza do vídeo que viralizou na internet em 2017, quando ela tinha dezesseis anos.

A experiência dos protestos de Nabi Saleh não é vivida apenas pelos palestinos e soldados israelenses. Apesar de não se envolverem fisicamente nos conflitos desencadeados ao longo dos protestos, os colonos de Halamish presenciam a cena de forma direta ou indireta. Em Halamish, os protestos são referidos como “uma sexta-feira normal”. No filme, do alto da colina do assentamento israelense, os colonos descreveram as cenas dos protestos enquanto os palestinos protestavam e eram reprimidos pelo exército. O jogo de cenas produzidos pelos diretores Jan Beddegenoodts e Niel Iwens intercalam a violência da repressão dos protestos, por meio de imagens de bombas, pessoas feridas, crianças algemadas e manifestantes sufocados pelos gases, com as falas dos colonos comentando os protestos.

Nesse momento, os jovens Ely e Eden explicam juntos:

Enquanto há um protesto acontecendo agora mesmo, as pessoas continuam fazendo as mesmas coisas toda sexta-feira. As pessoas cozinham, se preparam para o shabat e tomam banho. É como de costume. Nas primeiras poucas vezes, as pessoas vinham aqui nas sextas e ficavam olhando. Elas não entendiam o que estava acontecendo. Agora é normal. Toda sexta às duas horas a gente escuta algum barulho vindo da vila. É uma sexta-feira normal. [...] isso não causa nada. Dá para ver, eles estão tentando dizer alguma coisa para a gente, mas a gente nem presta atenção. [...] É uma sexta-feira comum. O que quer que esteja acontecendo na vila, é uma rotina. A gente só tenta viver as nossas vidas. Não há nada de especial. Toda sexta é assim. Eles estão

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.haaretz.com/2010-04-22/ty-article/a-spa-for-samaria/0000017f-ea25-dea7-adff-fbfffce20000>> Acesso: 05 set 2022.

na vila com o exército e as pessoas daqui estão na piscina. (THANK, 2013, tradução livre)

A partir desta fala, eles afirmam que os protestos não afetam as vidas dos colonos de Halamish e que mesmo que os palestinos de Nabi Saleh tentem chamar a atenção deles para comunicar algo, eles ignoram. Ao mesmo tempo, Eden segue comentando: “Eu não acho que o que eles estão fazendo é a maneira correta” (THANK, 2013, tradução livre). E Ely responde: “É, eles deveriam vir e conversar com a gente e ver o que nós temos a dizer e o que eles têm a dizer, para chegar em algum tipo de acordo entre os dois lados. A gente não quer viver desse jeito todas as sextas-feiras” (THANK, 2013, tradução livre). E enfim, Eden complementa: “Nós não queremos e eu espero que eles também não queiram, mas eu não sei.” (THANK, 2013, tradução livre).

O comentário dos jovens se alterna entre a recusa e o desejo de dialogar com os seus vizinhos palestinos. Essa alternância também ocorre nos momentos em que eles negam terem qualquer tipo de efeito com os protestos e, em seguida, dizem que não querem passar por aquela experiência toda sexta-feira. Por um lado, eles afirmam que eles e os outros colonos de Halamish seguem suas vidas normalmente, inclusive na piscina, enquanto os protestos ocorrem abaixo da colina. Mas por outro, Ely e Eden acabam se implicando na cena geral do conflito, rejeitando a ideia dos protestos ocorrerem daquela forma todas as sextas-feiras seguintes.

Tehiya Diteshiam, que também é moradora de Halamish, descreve o protesto de modo diferente:

Agora, toda sexta-feira tem *balagan*<sup>47</sup>. Pessoas da vila jogam pedras e o exército está aguardando embaixo, está vendo? Apenas para mantê-los fora do nosso alcance. Eles descem e sobem, descem e sobem. [...] Eu não sei por que eles fazem isso, porque todo mundo sofre com isso. Toda sexta é o mesmo ritual. Eu realmente gostaria de entender o porquê. (THANK, 2013, tradução livre)

Para Tehiya, os protestos afetam também os colonos. Entretanto, para ela, a *balagan* - a bagunça, o caos - é causada exclusivamente pelos palestinos protestando. Tehiya se refere a ação do exército como uma ação de proteção à sua pessoa, mantendo os manifestantes afastados dos moradores de Halamish.

As percepções dos moradores de Halamish indicam, de modo geral, que os protestos se tornaram parte habitual da semana dos moradores de toda a região. Tehiya descreve o momento

---

<sup>47</sup> Palavra em hebraico que pode ser traduzida como bagunça, caos ou confusão. Também se utiliza o termo para se referir a "bagunças positivas", como em festas.

como um ritual que se repete toda sexta-feira. Assim, entendo que não só a violência, como também a resistência, é cotidiana na região.

### **2.3.2. Resistência cotidiana: os agenciamentos da casa e da família diante das políticas de ocupação**

Por muito tempo, a literatura sobre resistência se dedicou ao estudo de movimentos ideológicos e ou estruturalmente organizados. Isto se deu pelo entendimento geral de que resistir significa, necessariamente, estar vinculado a uma estrutura organizacional ou atuar por meio de protestos e insurreições coletivas, seja através da violência ou da não-violência. Lila Abu-Lughod (1990), em meio a uma pesquisa sobre mulheres beduínas, questiona esta concepção de resistência e os entendimentos sobre dominação estabelecidos até então, buscando compreender o impacto desses estudos às teorias do poder. Ela propõe uma mudança de perspectiva para os estudos sobre resistência que conecta esta noção a uma certa forma de se fazer um “diagnóstico do poder”. Ou seja, olhar para os modos de resistência significa compreender as relações de poder envolvidas no determinado contexto analisado.

Abu-Lughod retoma a discussão foucaultiana sobre poder e dominação realizada no primeiro volume de *História da Sexualidade: a vontade de saber* (2018) para repensar a temática da resistência. Nesta obra, Michel Foucault trata de compreender as relações entre os sujeitos, investigar as expressões da sexualidade e atentar para a presença de um caráter regulador sobre os corpos. Desenvolve, então, uma reflexão ética que questiona os princípios reguladores da sexualidade e mantenedores de uma moral que detém o saber e o poder perante os sujeitos. Sua reflexão sobre o saber e a dominação proporciona elementos para pensar onde se manifestam as formas de resistência e como elas se posicionam perante o poder.

Segundo Foucault (2018, p. 104), “onde há poder há resistência, e, no entanto, (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Essa citação é retomada por Abu-Lughod (1990) justamente para reafirmar essa relação intrínseca entre resistência e poder e explorar como as resistências praticadas pelas mulheres beduínas do grupo *Awlad 'Ali* no dia a dia refletem as relações de poder e dominação na comunidade. Essas práticas são consideradas resistências do cotidiano, conhecida como *everyday resistance*. Isto significa que esse modo de resistir não é necessariamente atrelado a ações coletivas e organizadas. No texto de Abu-Lughod (1990), são apontadas como resistências ações como esconder saberes dos homens, acobertar amigas que vão secretamente visitar um parente, fumar escondido, rejeitar certas propostas de casamento, contar suas

próprias histórias como alerta a outras mulheres, debochar ou fazer piadas sobre masculinidade junto às amigas e até criar e impulsionar contos populares, letras de música e poemas.

Diante dessas múltiplas formas de resistir, a autora levanta perguntas determinantes para a análise do seu campo.

Em primeiro lugar, como podemos desenvolver teorias que deem crédito a essas mulheres por resistirem de várias maneiras criativas ao poder daqueles que tanto controlam as suas vidas, sem atribuir a elas uma consciência ou política que não fazem parte de suas experiências - como uma consciência feminista ou política feminista- ou sem desvalorizar suas práticas como pré-políticas, primitivas ou mesmo equivocadas? Em segundo lugar, como podemos explicar o fato de que as mulheres beduínas resistem e apoiam, ao mesmo tempo, o sistema de poder existente (elas o sustentam por meio de práticas como o véu, por exemplo), sem recorrer a conceitos analíticos como a falsa consciência, que descartam suas próprias compreensões das suas condições [...]? Terceiro, como podemos reconhecer que suas formas de resistência, como os contos populares e a poesia, podem ser culturalmente fornecidas sem assumir imediatamente que, embora não possamos chamá-las de expressões pessoais catárticas, elas devem de alguma forma ser válvulas de segurança? (ABU-LUGHOD, 1990, p. 47, tradução livre)

Esses dilemas tentam conciliar os olhares e as subjetividades na relação da antropóloga com o seu campo e, ao mesmo tempo, despertam em mim questões fundamentais para lidar com a análise das resistências cotidianas.

Através da presente pesquisa, tenho como finalidade analisar relações de poder e suas complexidades, como sustenta Lila Abu-Lughod (1990). Analisar o processo de consolidação de Ahed Tamimi como símbolo da resistência através da repercussão internacional do seu confronto e prisão me permite observar os possíveis tensionamentos e conflitos provocados por estas relações e onde se situam as questões de gênero neste contexto.

As reflexões de Saba Mahmood (2006) sobre a relação entre agência e resistência em um contexto não ocidental também contribuem a este debate, de modo a questionar a própria noção de resistência trabalhada até aqui. Mahmood (2006) aponta para a necessidade de situar historicamente os preceitos de libertação e liberdade evocados pelo feminismo, identificando, por meio de uma análise cuidadosa, as aplicações destes preceitos em cenários fora do “eixo ocidental”<sup>48</sup>. As perguntas colocadas por Abu-Lughod (1990) são expandidas e transformadas por Mahmood (2006) em uma nova perspectiva analítica ao lidar com as relações entre dominação e gênero no campo palestino.

A literatura sobre resistência no âmbito dos estudos palestinos ampliou o entendimento sobre o tema para além da noção “tradicional” de resistência. Esses estudos se expandiram ainda

---

<sup>48</sup> Encaro esta referência ao “eixo ocidental” como referência ao pensamento ocidental europeu e estadunidense de modo geral que travaram os princípios do pensamento liberal discutido por Mahmood (2006).

mais ao tratar das resistências de mulheres palestinas, como os trabalhos sobre maternidade (PETEET, 1997; SHARONI, 1997; SHALHOUB-KEVORKIAN, 2003; ALLEN, 2009), luta armada e bombas suicidas (KHALED, 1973; MACDONALD, 1991; IRVING, 2012; TZOREFF, 2006) ou os protestos da Primeira e Segunda *Intifada* (ABDO, 1991; KUTTAB, 1993; RICHTER-DEVROE, 2012). Esses trabalhos serão discutidos no terceiro capítulo da dissertação por meio de uma análise da participação de mulheres no movimento de resistência palestino ao longo da história. Por ora, concentro-me na noção de *everyday resistance* - a resistência cotidiana - para pensar como as concepções de casa e de família são agenciadas no contexto de resistência em Nabi Saleh. Deste modo, seguindo com a análise do filme *Thank God It's Friday* (2013), me atento às táticas de resistência em Nabi Saleh para além dos protestos de sexta-feira.

Os estudos sobre resistência cotidiana na Palestina ganharam um papel de destaque nas últimas décadas, se debruçando especialmente sobre a ótica das mulheres. O tema é discutido em trabalhos como os de Julie Peteet, *Gender in Crisis: Women and the Palestinian Resistance Movement* (1991); Sophie Richter-Devroe, *Palestinian Women's Everyday Resistance: Between Normality and Normalisation* (2011); Anna Johansson e Stella Vinthagen, *Dimensions of everyday resistance: the Palestinian Sumūd* (2015); Caitlin Ryan, *Everyday Resilience as Resistance: Palestinian Women Practicing Sumud* (2015); e Laurie Treffers, *(Un)veiled bodies of resistance: How women in the Occupied West Bank village of Budrus oscillate organized and everyday resistance practices against the Israeli occupation since the ending of the Second Intifada in 2005* (2018).

A resistência cotidiana assume formas que não necessariamente se adequam ou se aproximam das resistências centradas no Estado (RYAN, 2015). Ela se manifesta através dos elementos do cotidiano, individualmente ou coletivamente. Ao trabalhar o tema da resistência com mulheres da Cisjordânia, a socióloga Caitlin Ryan (2015) percebeu que era esperado, entre as próprias entrevistadas, que as mulheres resistissem à ocupação israelense, cada uma à sua maneira. Embora as concepções sobre as formas de resistir nem sempre estavam alinhadas, o papel de resistir estava impreterivelmente atribuído às mulheres como uma espécie de coletivo atuante, mesmo que agissem separadamente e de forma não organizada. Assim se configuram as resistências cotidianas entre mulheres palestinas.

Dentre as múltiplas formas de resistir no cotidiano, o *sumud* se popularizou nos territórios palestinos ocupados como uma alternativa de resistência do povo. A palavra em árabe pode ser traduzida ao português como firmeza, no sentido de determinação e perseverança. O *sumud* se refere, de forma geral, a uma espécie de resistência cotidiana contra a ocupação

israelense por meio de uma "resistência resiliente" (RYAN, 2015). A relação entre resistência e resiliência, a partir deste conceito, resulta em uma estratégia de resistência que vai além dos protestos e um tipo de resiliência que supera a simples ideia de adaptação. O *sumud* simboliza uma resistência própria ao cotidiano, diante de um cenário de violência e incertezas. Segundo Ryan (2015, p. 300, tradução livre):

*Sumud* é uma forma de resistência resiliente porque ela não reflete o viver *com* a incerteza, mas o viver *apesar* da incerteza. Essa distinção é crítica visto que destaca o *sumud* como um modo de resistir. A tática de exercitar, construir ou praticar o *sumud* pode, então, ilustrar que a resiliência pode ser uma tática de resistência, provendo um modo alternativo de pensar sobre o seu significado, onde se encontra e como funciona.

A resistência à ocupação em Nabi Saleh se configura como *sumud* a partir de uma variedade de ações por parte dos moradores da vila. Em princípio, a ação diária de permanência das pessoas naquele território, apesar dos riscos implicados nesta ação, já representa uma tática de *sumud*. A determinação de lutar pela terra por meio da construção da própria vida em seu entorno é uma prática de resistência frente à crescente expansão do assentamento Halamish. Esse modo de resistir é característico ao povo palestino, que enfrentou e ainda enfrenta políticas de desterro e despossessão diante das disputas político-territoriais. *Sumud* compõe a base da luta pela autodeterminação do povo palestino. Nesse sentido, é a partir do *sumud* que outras práticas de resistência são viabilizadas. No caso de Nabi Saleh, é a determinação dos seus moradores de lutar pelo direito à terra que promove os protestos de sexta-feira na vila.

Como apresentado por Ryan (2015) através de entrevistas com mulheres palestinas dos territórios ocupados, o *sumud* é simbolizado pela resiliência por meio das políticas de permanência e estratégias culturais de memorialização. A memória, mais uma vez, aparece como elemento fundamental da resistência nacional.

Os nomes das aldeias palestinas que foram "reconfiguradas" como judaicas depois de 1948 podem não aparecer nos mapas ou livros de geografia israelenses, mas não foram apagados das memórias coletivas dos palestinos que vivem como refugiados. Nos campos de refugiados em toda a Cisjordânia, Faixa de Gaza, Jordânia, Líbano e Síria, lembrar e memorializar os nomes das aldeias de onde os refugiados ou suas famílias foram deslocados em 1948 pode ser considerado como uma prática de *sumud* relacionada à manutenção da presença [do povo] na terra. (RYAN, 2015, p. 307-308, tradução livre).

No *Thank God It's Friday* (2013), essa política é identificada na recusa por parte dos palestinos de Nabi Saleh de se referirem ao assentamento israelense pelo seu nome hebraico, Neve Tzuf. Ao longo do documentário, a população de Nabi Saleh se refere ao assentamento

como Halamish enquanto os colonos israelenses se referem ao assentamento como o *yishuv*<sup>49</sup> Neve Tzuf. A manutenção dos nomes árabes é um posicionamento que preserva a memória palestina nos territórios que vivem sob constante ameaça diante da ocupação. É uma forma de resistência cotidiana que rejeita a normalização e aceitação da ocupação israelense na região.

A prática do *sumud* foi apropriada de modo particular pelas mulheres palestinas como parte da sua militância à causa nacional. A identificação de elementos da vida ordinária como parte da resistência cotidiana representa a grande virada de perspectiva atrelada ao *sumud*, o que afetou a relação das mulheres com suas próprias vidas cotidianas e com o movimento de resistência como um todo.

*Sumūd* pode incluir práticas que fazem parte de lutas coletivas, mas essas práticas não surgem por uma organização formal ou uma estratégia política centralizada e planejada. Em vez disso, sua característica distintiva é como ela se integra e emerge da vida cotidiana das pessoas comuns, como resposta individual à experiência de dominação. (JOHANSSON; VINTHAGEN, 2015, p. 114, tradução livre)

De acordo com a antropóloga Julie Peteet (1991, p. 153, tradução livre), “O lugar de destaque concedido ao *sumud* no discurso político popular palestino abriu caminho para que muitas mulheres comuns encarassem, e para que outros percebessem, as suas ações como politicamente significativas.”. A partir deste movimento, o cotidiano das mulheres palestinas e as suas ações diárias de enfrentamento à ocupação passaram a ser encarados como resistências, transformando e assumindo seus papéis na luta nacional.

Um dos principais elementos que compõem o *sumud* praticado pelas mulheres de Nabi Saleh são os modos que elas administram o cotidiano de incertezas perante suas casas e famílias. Através da narrativa construída no filme, observo estes elementos no modo como as mulheres educam seus filhos, na relação que elas têm com suas casas e no preenchimento das ausências diante de maridos presos, irmãos mártires e filhos sendo procurados pelo exército. Quando Nariman Tamimi diz que apesar de temer pela segurança dos seus quatro filhos, não pode contê-los, ela reafirma a capacidade deles - que no momento da gravação tinham todos menos de 15 anos - de lutarem contra a ocupação. Além de marcarem presença nos protestos da vila, o documentário agrega à sua narrativa o poder de articulação das crianças perante suas próprias formas de *sumud*.

---

<sup>49</sup> A palavra em hebraico “*yishuv*” se refere às comunidades judaicas fundadas na Palestina pré-1948, ou seja, em momento anterior à criação do Estado de Israel. Atualmente, o termo ainda é utilizado por setores específicos da sociedade israelense para se referir aos assentamentos dos territórios ocupados, como forma de estabelecer uma continuidade com o projeto político sionista do início da formação do Estado de Israel.



Uma das cenas que sustentam este ponto mostra Mohamed Tamimi (Abu Yazan), junto a três amigos, todos em torno de 8 a 10 anos de idade, tentando jogar um pneu em chamas na estrada para atingir o exército israelense. Abu Yazan sobe um morro de terra e pedras, na beira da estrada entre Nabi Saleh e Halamish, com um dos seus amigos, carregando dois pneus com muito esforço. Enquanto isso, seus outros dois amigos lhe esperam no topo do morro e conversam entre si. Um diz para o outro: “Eu encontrei uma granada de gás lacrimogêneo e escondi.”. “Onde?”, “Escondido.”, responde o amigo (THANK, 2013, tradução livre). Ele insiste e pergunta mais uma vez onde está a granada, mas o amigo diz que não vai contar. Eles se atêm, então, ao plano de atirar o pneu em chamas na estrada. Os meninos chegam ao topo do morro com os pneus, ofegantes, e se jogam no chão para recuperar o fôlego.

A visão de cima do morro dá diretamente para Halamish. É possível ver as suas casas, todas padronizadas, brancas e enfileiradas uma ao lado da outra, e suas plantações agrícolas no terreno em frente. As crianças se organizam entre si para encher os pneus de grama seca para então acender o fogo. Enquanto uns colhem a grama, outros enchem os pneus. “Esse aqui com certeza vai alcançar o exército!”, diz uma das crianças, orgulhosa do seu pneu (THANK, 2013, tradução livre). O primeiro pneu é jogado morro abaixo e o fogo vai se apagando no meio do caminho. Abu Yazan espera cuidadosamente o seu pneu pegar fogo, enquanto seus amigos insistem para que ele chute o pneu para a estrada. Ele chuta o pneu no momento que um amigo está tentando retirar a pedra que está em frente. O pneu cai na horizontal, Abu Yazan o levanta novamente com cuidado para não se queimar e outro amigo consegue chutá-lo pela ladeira do morro. O pneu cai lentamente e para no meio do morro. Algumas crianças dão risada, mas Abu Yazan grita chateado para o amigo: “Droga, foi tudo sua culpa!”. Os amigos discutem o ocorrido e de quem foi a culpa do plano, que antes parecia infalível, não ter funcionado.

Outra cena que retrata a relação entre a resistência cotidiana das mulheres e sua família é um momento de discussão entre Nariman, do quintal de sua casa, e soldados que circulavam nas redondezas. Ao ouvir o som de bombas perto de sua casa, Nariman vai até o quintal e grita aos soldados em inglês: “Minha casa, meus filhos! Meus filhos!” (THANK, 2013, tradução livre). Os soldados respondem, também em inglês: “Vá para dentro da sua casa! Pessoas estão atirando pedras!” (THANK, 2013, tradução livre). Sem se mexer, Nariman responde aos soldados mandando eles irem embora. Ahed e uma criança menor - que não reconheci como um dos filhos de Nariman - aparecem na cena se aproximando dela, que logo avisa às crianças: “O exército quer nos atingir.”, e segue gritando ao exército: “Crianças! Crianças! Crianças!” (THANK, 2013, tradução livre).

Aparentemente já visualizando que um dos soldados estava prestes a atirar uma bomba de gás, Nariman carrega a criança menor no colo e logo que a bomba cai ao seu lado, ela e Ahed correm para fora de cena. Segundos depois, Nariman volta ao local da bomba, ainda carregando a criança, e grita mais uma vez aos soldados: "Crianças!" e retorna lentamente à casa se perguntando "O que eu posso fazer?" (THANK, 2013, tradução livre). Nariman tenta sensibilizar os soldados a partir do argumento de que suas crianças estão em casa. A proteção à família é uma das grandes preocupações presentes em seu discurso ao longo de toda a sua participação no documentário.

Essas cenas apontam para uma construção de narrativa que enfatiza a condição de vulnerabilidade ao qual as famílias palestinas se encontram. Os discursos dos palestinos entrevistados remetem constantemente aos riscos enfrentados pelos adultos e seus filhos, nas ruas e dentro de casa. E embora a vulnerabilidade dos moradores de Nabi Saleh seja destacada, o documentário não apresenta os palestinos como estando em condições de fragilidade. O filme conta a história da resistência - organizada e cotidiana - de uma vila na qual, cinco anos depois, foi palco da construção de um novo símbolo da resistência: Ahed Tamimi.

Ao longo deste capítulo, fiz uma série de menções ao tema da família. Entretanto, é preciso especificar qual concepção de família está presente no contexto de Nabi Saleh. A grande maioria da sua população, as aproximadamente 600 pessoas que habitam a vila, fazem parte da família Tamimi. Deste modo, as relações entre vizinhos são também relações entre parentes. No filme, Abu Hassan Tamimi conta a história de como a família Tamimi chegou em Nabi Saleh há mais de 350 anos atrás, tendo vindo de Hebron após um conflito com uma outra família.

Ao mesmo tempo, a casa aparece diversas vezes nesta dissertação como elemento de grande importância para o movimento de resistência em Nabi Saleh. Seja como alvo de destruição ou invasão por parte do exército israelense ou como componente estruturador e de proteção da família palestina, a casa ocupa um lugar fundamental na vida cotidiana da vila. A centralidade da família e da casa no *Thank God It's Friday* (2013) reflete as dinâmicas socioculturais e de poder dos palestinos de Nabi Saleh e são exploradas a seguir. Para tanto, apresento os conceitos de *hamuleh*, *a'ileh* e *beit*, explorando suas significâncias na história do campesinato palestino e traçando paralelos com as atuais configurações de casa e família em Nabi Saleh.

A família ocupa um lugar central na cultura árabe de modo geral. No caso específico dos palestinos, não só a família, como a noção de casa, é de fundamental importância para a vida social do povo. De acordo com Sayigh (2007, p. 15, tradução livre),

Como outros árabes, os camponeses palestinos eram centrados na família em sentimento e organização, dando importância suprema à continuação da linhagem masculina (“A família mais afortunada é aquela que é mais rica em descendência masculina”). Mas mais do que outros árabes, os palestinos desfrutam da domesticidade por si só. Ao contrário dos camponeses egípcios ou argelinos, que são descritos como passando a maior parte do tempo fora de casa, em companhia masculina, e cujas casas são divididas em áreas públicas (masculinas) e privadas (femininas), os palestinos de origem camponesa desfrutam de suas famílias intensamente. O espaço da casa não é segregado por sexo, sendo tratado como um local de encontro social aberto entre parentes e vizinhos, e não como uma reserva doméstica privada.

Sayigh aponta para uma aproximação entre as noções de casa e família como conceitos que se integram à vida doméstica como um todo. A família, em sua concepção mais ampla, se encontra atrelada à vivência da própria casa como espaço de encontro social e familiar.

A relação do campesinato palestino com a casa e a família podem ser mais bem compreendidas a partir das concepções nativas da vida doméstica.

Das muitas camadas de parentesco encontradas entre as tribos árabes do deserto, os camponeses palestinos assumiram apenas duas: o grupo de descendência masculina, chamado *hamuleh*; e a família/casa individual, o *a'ileh* (ou *beit*, ou *dar*). De acordo com sua natureza como uma “família de famílias”, todas as relações entre pessoas de uma mesma aldeia foram traduzidas em termos de parentesco e a linguagem do parentesco dominou o cotidiano, suavizando diferenças de poder ou riqueza. As genealogias familiares foram cuidadosamente lembradas, pois eram a base da reivindicação de cada família ao status de “membro fundador” na aldeia. Entretanto, ainda mais importante do que as genealogias de cada clã, era a rede de interrelações produzida por seus constantes casamentos [entre membros de aldeias diferentes]. Isso esteve na vanguarda da discussão porque formava a base da política entre aldeias. A forma como os indivíduos ou famílias agiriam em determinada situação dependeria da maneira como avaliassem a dinâmica de diferentes relacionamentos, interesses e obrigações. (SAYIGH, 2007, p. 15-16, tradução livre)

A *hamuleh*, também referida por alguns teóricos como uma espécie de clã (SAYIGH, 2007; ROBINSON, 2009; ALAZZEH, 2015), é pautada pela patrilinearidade. Entretanto, para além da determinação de uma ancestralidade comum, percebo que as dimensões de comunidade e territorialidade atravessam essa concepção de família pelo compartilhamento de uma mesma aldeia ou vila. Conseqüentemente, as relações entre os clãs se davam, muitas vezes, por meio de disputas. Como apontado por Abu Hassan Tamimi, a própria chegada dos Tamimis à Nabi Saleh é fruto dessa competitividade entre *hamulehs*. O nacionalismo palestino, entretanto, seguindo os moldes da modernidade, tem como princípio a constituição de um Estado-nação que promove unidade política e social entre os seus cidadãos. Assim, a estrutura organizacional dos campos palestinos sofreu alterações que amenizaram os conflitos e disputas entre os clãs (DAYAN-HERZBRUN, 1995).

Embora esta estrutura organizacional familiar tenha se modificado significativamente entre as aldeias palestinas ao longo do tempo, em Nabi Saleh, as experiências comuns dos Tamimis, desde sua migração de Hebron à Nabi Saleh, até a ocupação de suas terras por parte do Estado de Israel, firmam seus laços de parentesco. As relações se transformaram a partir do desenvolvimento de uma consciência nacional, mas não perderam seu caráter de centralidade em torno dos agrupamentos familiares, pelo contrário. A noção da *hamuleh* resultou no impulsionamento de uma consciência nacional coletiva (SAYIGH, 2007). Hoje, Nabi Saleh se estrutura como uma vila da família Tamimi articulada politicamente através de mobilizações coletivas e individuais contra a ocupação israelense em nome da proteção da família e autodeterminação de seu povo.

A outra definição mencionada, *a'ileh*, é associada ao entendimento da família nuclear. A *a'ileh* abrange uma família nuclear que inclui não só o plano do marido, esposa e filhos solteiros, como também agrega os filhos casados e suas esposas (SAYIGH, 2007). Devido a esta dinâmica familiar, a relação entre netos e avós é tão próxima quanto a de filhos e pais. Isto é perceptível na forma como Ahed descreve sua relação com sua *Tata* Farha. Ela dedica sua autobiografia à sua avó, com os seguintes dizeres: “À minha avó Farha, sem ela essa história não existiria. E àqueles que ainda estão por nascer” (TAMIMI; TAKRURI, 2022, n.p., tradução livre). Na dedicatória, Ahed faz um reconhecimento de que a sua história de resistência tem origem na sua avó, garantindo um sentido de continuidade familiar entre gerações de resistência.

Ao falar da sua *a'ileh*, Ahed destaca algumas funções do cuidado sobre a casa e a família que recaíram sobre sua responsabilidade nos momentos em que sua mãe esteve ausente - na prisão - ou incapacitada, visto que Nariman foi baleada na perna e passou mais de um ano sem poder andar. Ahed conta:

Minha mãe não podia andar por mais de um ano e meio. Sua habilidade para fazer a maioria das coisas estava severamente limitada, então, com apenas catorze anos de idade, eu encontrei a maioria das responsabilidades da casa caindo sobre os meus ombros. Quando as visitas vinham nos visitar, eu servia elas. Eu era responsável por manter a casa limpa. Com as poucas habilidades culinárias que eu tinha, eu ajudava a cozinhar para a família. Eu ajudava meus irmãos mais novos nos deveres de casa. Eu também auxiliava minha mãe a limpar sua ferida e trocar os curativos. A imagem do seu ferimento medonho logo se tornou normal e eu parei de me contorcer enquanto limpava ela. (TAMIMI; TAKRURI, 2020 p. 82-83, tradução livre)

Sendo a única filha mulher dos quatro filhos dos seus pais, as tarefas de cuidado com a casa e com a família, tradicionalmente atribuídas à Nariman, foram deslocadas para Ahed. Estas relações também aparecem em sua autobiografia quando Ahed é presa. Enquanto ela era levada

pelos soldados para fora de sua casa, ao avistar os seus irmãos mais novos chorando, Ahed compartilha sua preocupação em relação a eles.

Eu pude ver o quão aterrorizados eles estavam. Eu queria tanto abraçar eles e garantir que tudo ficaria *ok*, que eu ficaria bem. Enquanto eles estavam crescendo, eu sempre os confortava quando um dos nossos pais era preso, mas agora eu simplesmente não podia. Meu peito apertou, mas eu me impedi de chorar. Eu tinha que ser forte por eles. (TAMIMI; TAKRURI, 2020 p. 123-124, tradução livre)

Ahed se coloca, perante o cuidado com seus irmãos e com as tarefas domésticas, como assumindo o posto de guardiã da casa e da família na ausência de sua mãe. Esta parece ser uma função atribuída às mulheres da família. Enquanto o filho mais velho da casa, Waed, é referido com frequência como um adolescente fortemente engajado no movimento de resistência, perseguido pelo exército, que já nem dorme mais em casa para não ser encontrado pelos soldados e ser levado preso, Ahed permanece em casa, como figura de apoio aos irmãos e as necessidades domésticas.

Enfim, destaco a correlação entre os termos *a'ileh* e *beit*, apresentados por Rosemary Sayigh (2007) como sinônimos. *Beit* significa casa ou lar. A associação da palavra casa ao entendimento de família revelam a concepção de vida doméstica estabelecida no contexto do campesinato palestino. Nesse cenário, a casa representa o centro da unidade familiar e social palestina. Em diálogo com Motta (2020), entendo a casa como palco das múltiplas atividades que ocorrem em torno da vida familiar, fruto de relações econômicas, familiares e de trabalho. São também espaços em que se manifestam os marcadores de gênero, as relações de afeto, cuidado e as organizações materiais da vida ordinária.

A casa é agenciada como símbolo do movimento de resistência palestina desde a *Nakba*, em 1948. As memórias das mulheres palestinas sobre a *Nakba* são voltadas às suas perdas de estruturas familiares e domésticas (HUMPHRIES; KHALILI, 2007). O trauma da expulsão das famílias de suas casas é refletido na incorporação da chave como principal símbolo da memória palestina e seu direito ao retorno. Mulheres da geração da *Nakba* utilizaram as chaves das suas antigas casas, perdidas em 1948, no pescoço como símbolo de resistência. Muitas cidades e aldeias nos territórios ocupados têm chaves pintadas nos seus muros. Em Belém, um portal em formato de fechadura com uma chave gigante se encontra na entrada da cidade.

**Figura 7-** Portal em Belém (2019)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ao olhar para Nabi Saleh, acrescento à casa uma forte relação com a dimensão política. Esta percepção engloba desde as práticas de *sumud*, que conectam a vida cotidiana das mulheres à resistência, até as políticas de repressão da ocupação, que mantém as casas como alvos de destruição em constante ameaça. Este cenário não se restringe à Nabi Saleh, como apontado por Shaloub-Kevorkian (2005, p.111, tradução livre):

Demolição e destruição de casas privadas tem sido um dos maiores elementos estratégicos de contenção praticados por Israel nos TPO [Territórios Palestinos Ocupados]. Esses ataques, particularmente aqueles aos espaços domésticos, têm gerado implicações tremendas na forma em que as mulheres palestinas e suas funções familiares reagem, lidam e sobrevivem diante das lutas em curso.

Muitas vezes, a destruição das casas palestinas é encarada pelo exército como punições para além das sentenças de prisão estabelecidas a palestinos. A construção do muro de separação da Cisjordânia, em 2002, também levou à demolição de muitas casas palestinas, justificadas por “razões militares” (SHALHOUB-KEVORKIAN, 2005). Estas políticas de repressão são também formas de ataque à própria família, visto que a destruição de uma casa afeta a unidade familiar como um todo.

No *Thank God It's Friday* (2013), a casa é representada como um espaço de proteção e vulnerabilidade, simultaneamente. Por um lado, às sextas-feiras, dias de protesto na vila, as casas delimitam as fronteiras dos protestos, entre quem está participando ou não das manifestações. Enquanto a maioria da população está nas ruas, quem não está participando dos protestos fica em casa. Este é o caso do jovem Majd Tamimi. Enquanto os protestos acontecem, Majd fica em casa e compartilha:

Estamos vivendo em uma grande prisão. Desde que uma granada de gás lacrimogêneo me atingiu e eu quebrei a minha perna, eu não vou mais aos protestos. Nem mesmo se eu estiver em condições, porque eles podem me prender. Eu não consigo mais correr como antes. Eles destruíram meu sonho. Eu jogava futebol e agora não jogo mais. Eu estava estudando Educação Física na Universidade Al Quds. Fui obrigado a trocar de curso porque eu não posso correr e tal. (THANK, 2013, tradução livre)

Por outro lado, o documentário mostra que as fronteiras das casas não são barreiras protetivas contra a violência da ocupação. Em diversas cenas, foram exibidas pessoas fechando as janelas e portas das suas casas sufocadas pelos efeitos das bombas de gás que adentram os ambientes. Além disso, em uma fala citada em uma seção anterior neste capítulo, Nariman Tamimi fala sobre como a sua casa está sob constante ameaça de destruição e como isto afeta os seus filhos. Ahed também traz este relato junto a uma confissão da sua percepção inocente sobre a situação à época:

Em 2010, nossa casa foi uma das treze na vila que o exército israelense ordenou para ser demolida. Nós sabíamos que era uma retaliação pelo nosso crescente movimento de protesto, uma forma de punição coletiva pela nossa ousadia de resistir à ocupação e lutar pelos nossos direitos. Até então, nosso lar já havia sido invadido pelo exército mais de 150 vezes. Mas, como uma criança de nove anos de idade que não queria nada mais do que ficar a todo tempo com a sua melhor amiga, eu me alegrei com a perspectiva de ser forçadamente deslocada. A casa de Marah tinha sido poupada de uma ordem de demolição e, com isso, eu e ela imaginamos que quando as escavadeiras chegassem e destruíssem minha casa, a minha família iria migrar para o fim da rua para se refugiar na casa dela. (TAMIMI; TAKRURI, 2020 p. 60-61, tradução livre)

Nesse sentido, as fronteiras estabelecidas junto à noção de casa, em Nabi Saleh, se alternam entre a segurança interna e a ameaça externa.

#### **2.4. Outras agentes em confronto**

Ao me dedicar a uma pesquisa que trabalha as construções narrativas de uma jovem ativista como figura simbólica, inevitavelmente me deparei com uma rede de relações sociais e interpessoais que são representadas nessas narrativas. Essa rede aparece por trás do confronto

entre Ahed Tamimi e os soldados. Entendendo o confronto como uma situação social, me proponho também a pensar a rede de relações que se desenvolvem a partir do caso e seus agentes envolvidos. A iniciativa de Nariman de filmar e publicar a cena no seu Facebook, sua interação com seus espectadores da *live* e com os soldados ao redor de sua casa, os artefatos utilizados por Nour Tamimi e a tia de Ahed que entram em cena ao seu lado, o papel de porta voz do caso ocupado por Bassem e Manal Tamimi, a condução da advogada israelense sobre o caso, a divulgação do caso nas redes sociais da prima de Ahed, Janna Jihad. São múltiplas as frentes de análise perante a situação.

Para concluir este capítulo, me concentro nas relações desencadeadas através de três mulheres que atuam ao lado de Ahed Tamimi no caso. Em primeiro lugar, discorro sobre o histórico de participação de Nariman Tamimi no movimento de resistência em Nabi Saleh por meio da filmagem dos protestos. Analiso o papel ocupado por Nariman como jornalista da ONG israelense B'Tselem.

Em seguida, me concentro em outra figura de fundamental importância no movimento resistência de Nabi Saleh: Janna Jihad, conhecida como a jornalista mais jovem do mundo. Janna é prima mais nova de Ahed e possui um canal de comunicação na internet para denunciar a violência da ocupação israelense. Fluente em inglês, Janna mobiliza suas redes sociais para dialogar internacionalmente sobre a causa palestina.

Finalmente, apresento a atuação da advogada mexicana e israelense Gaby Lasky em defesa de Ahed e Nariman no caso de 2017. Como representante jurídica das duas ativistas de Nabi Saleh, Lasky foi uma das vozes que ecoaram internamente em Israel em defesa de Ahed e Nariman. Seu histórico como advogada, parlamentar e ativista pelos direitos humanos está fortemente relacionado à defesa de mulheres e crianças palestinas presas pelo exército israelense.

#### **2.4.1. Nariman Tamimi e a documentação audiovisual**

Beddegenoodts e Iwens, diretores do documentário *Thank God It's Friday* (2013), contaram com um acervo de filmagens caseiras dos protestos que foram gravadas pelos próprios moradores de Nabi Saleh. São esses os registros que apresentam as cenas mais violentas dos protestos, capturando momentos de manifestantes -adultos e crianças- sendo presos, tiros e bombas de gás sendo arremessadas e pessoas gravemente feridas. Um destes vídeos foi gravado por Nariman no momento em que Mustafa Tamimi foi atingido por uma bomba diretamente na cabeça. Segurando a câmera em filmagem, Nariman tenta se aproximar do corpo de Mustafa,



mas é barrada pelos soldados. A câmera em sua mão faz parte do *B'Tselem Camera Project*. Em 2011, Nariman estava vinculada ao projeto como uma das jornalistas responsáveis por filmar os protestos para denunciar as violações de direitos humanos cometidos pelo exército israelense.

O projeto de distribuição de câmeras para palestinos dos territórios ocupados organizado pelo B'Tselem incentivou a participação de mulheres ao longo dos anos, promovendo seminários de treinamento para filmagens e manuseio das câmeras.<sup>50</sup> Muitas dessas mulheres utilizaram suas câmeras para filmar dentro da própria casa, seja em momentos de invasão do exército no meio da madrugada, quando falta água ou quando soldados atiram e jogam bombas de gás na vizinhança. Este último exemplo se assemelha à situação do confronto entre Ahed e o soldado, visto que a cena ocorre no estacionamento de sua casa e Nariman, dentro de casa, faz uma *live* filmando a atuação do exército na sua rua por 24 minutos. Essa dinâmica de atuação, de filmar e divulgar cenas da sua própria casa, despertam a participação dessas mulheres na causa pública através da esfera privada (GINSBURG, 2016). Novamente, a casa aparece no centro do ativismo das mulheres comprometidas com o movimento de resistência palestino.

No vídeo filmado por Nariman em 2011, ao ser impedida pelos soldados de se aproximar de Mustafa Tamimi, que estava gravemente ferido no chão, ela tenta convencer os soldados gritando em inglês: “*My brother, my brother! I’m B’Tselem!*” (THANK, 2013). O documentário intercala as cenas do vídeo gravado por Nariman com cenas de uma entrevista sua comentando sobre o momento da morte de Mustafa.

Eu fui até lá rapidamente. Eu corria e gritava. Tentei alcançá-lo. O exército me parou e disse: ‘É proibido.’ Eu disse a eles: ‘Meu irmão, meu irmão! Eu quero ver meu irmão!’ O exército não me deixou ir até ele. Eu disse a eles: ‘Estou filmando para o B’Tselem, eu tenho que filmar!’ Eu disse aquilo porque eu queria chegar até ele por qualquer motivo. (THANK, 2013)

O anúncio de Nariman aos soldados de que ela estava gravando para o B'Tselem garantiu a sua passagem para se aproximar de Mustafa. De certa forma, a função atribuída a Nariman de filmar para uma organização israelense garantiu a ela um novo papel, seja em casa ou nos protestos. Assim, o *Thank God It's Friday* (2013) retrata o trabalho de documentação audiovisual realizado por Nariman como um recurso de enfrentamento ao exército e à violência da ocupação.

---

<sup>50</sup> Disponível em: [https://www.btselem.org/photoblog/2014\\_international\\_womens\\_day](https://www.btselem.org/photoblog/2014_international_womens_day). Acesso: 16 jan. 2023.

No curta-metragem *Nariman - Plant me in you* (2020)<sup>51</sup>, produzido pelo projeto *Other Story*<sup>52</sup>, Nariman Tamimi compartilha a sua experiência como jornalista do B'Tselem e explica que o assassinato do seu irmão caçula, Rushdie, foi sua última gravação de vídeo com a câmera do projeto.

Como vocês sabem, eu sou jornalista. O último vídeo que gravei foi a morte do meu irmão. [...] Eu ouvi dizerem que alguém estava ferido - “por favor levem-a ao hospital”. Era uma criança ferida que eu levei até o hospital e depois voltei para casa. Eu deixei a câmera com eles [em casa] para poderem filmar. A minha mãe ficou aqui em casa, obviamente se preocupando comigo. Depois de um tempo eu ouvi dizerem: “Ambulância! Por favor, alguém foi baleado!”. Tiveram muitos tiros naquele dia. Soava como uma frente de guerra. Como eu geralmente filmo e levo pessoas para o hospital, eu corri para fora para ajudar. As pessoas estavam correndo por todos os lados e deitadas no chão. Naquele momento eu peguei a minha câmera com meu tio para documentar as violações. Ele me disse: “E Rushdi, seu irmão, quem está ferido?”. Levei um tempo para processar o que havia acontecido. Nesse meio tempo os soldados israelenses começaram a atirar em mim. As balas atingiram perto do meu pé e eu ouvi uma bala passar ao lado da minha orelha. Eu apertei o botão ‘gravar’ na minha câmera e comecei a gritar que eu era jornalista do B'Tselem. E eu estava tentando chegar até onde estava o meu irmão. Eu sei que eles temem as câmeras. Eu vejo a câmera como uma arma que a ocupação teme. (NARIMAN, 2020, tradução livre)

A percepção das câmeras como armas para enfrentar o exército e a ocupação proporcionam às mulheres como Nariman recursos de engajamento e participação no movimento de resistência. Nos protestos, sua função de jornalista é acionada em nome da proteção dos manifestantes e da sua família. Gravar as violações de direitos durante os protestos torna-se uma estratégia de defesa que atua em duas frentes. Em primeiro lugar, como apontado por Nariman, a presença das câmeras em meio aos protestos provoca medo nos soldados. Ao mesmo tempo, a divulgação posterior dos vídeos produzidos também impacta a relação entre soldados e os civis palestinos. Assim, o jornalismo praticado pelas mulheres do B'Tselem produz efeitos que perduram nas diversas escalas de tempo (BEAR, 2016) da resistência em Nabi Saleh.

Eu finalmente cheguei lá e tive um dos piores confrontos da minha vida com eles. “Precisamos levá-lo ao hospital. O que aconteceu?”, eu perguntei. Os soldados responderam em hebraico: “nós atiramos nele”. Os soldados israelenses não permitiam que a gente o levasse ao hospital e nem cuidava dele por conta própria. Eles queriam deixá-lo sangrando no chão. Esse foi o pior confronto da minha vida. Desde então eu nunca mais usei a câmera e larguei o jornalismo. Entretanto, eu ainda documento com o meu celular. Eu gravei o vídeo de Ahed e fui presa por conta disso. Meu ferimento na perna também foi por conta de filmagens. Eles atiraram em mim e

<sup>51</sup> NARIMAN - *Plant me in you*. Nabi Salih: Other Story, 2020. Disponível em: < <http://www.other-story.org/archive/2020/9/27/7xkomwx2btlszl70ltnc4cdfnolz42>>. Acesso em: 10 set 2022.

<sup>52</sup> Projeto dinamarquês voltado à produção de documentários curta-metragem a partir de testemunhos pessoais. Para mais informações ver: <http://www.other-story.org/about>.

eu fiquei sem poder andar por dois anos. Eles não querem que eu filme. (NARIMAN, 2020, tradução livre)

Os materiais gravados por Nariman contribuíram significativamente ao acervo de imagens do *Thank God It's Friday* (2013). E embora Nariman tenha abdicado da sua atividade de jornalista do B'Tselem após a experiência traumática com o assassinato de seu irmão, anos depois, a sua prática de documentar a violência da ocupação e os protestos da vila segue como parte do seu ativismo. Através do vídeo viralizado em 2017 no seu Facebook, percebo novas formas de manusear e publicizar essas documentações audiovisuais da violência. Ao invés de filmadoras, são utilizados os *smartphones*. E mesmo desvinculada do programa do B'Tselem, Nariman utiliza sua rede social para divulgar suas filmagens. As transmissões de vídeo ao vivo permitem uma interlocução mais direta com o seu público. Esse recurso ganhou novos formatos nos últimos anos através do desenvolvimento e uso intenso das redes sociais, principalmente por parte de ativistas jovens, como no caso de Janna Jihad.

#### 2.4.2. Janna Jihad e o ativismo nas redes sociais

Janna Jihad Ayyad é uma jovem ativista de Nabi Saleh que aos sete anos de idade começou a gravar vídeos sobre sua vida na Palestina ocupada e postar nas suas redes sociais, principalmente em sua página no Facebook. Janna é prima mais nova de Ahed Tamimi e é cinco anos mais nova que ela. O conteúdo produzido por Janna para as redes sociais é, em sua grande maioria, em inglês. Com isso, ela alcançou um grande público internacional que acompanha suas redes. Atualmente, sua página no Facebook possui 641.123 seguidores<sup>53</sup>, seu Instagram tem 35.400<sup>54</sup> e seu canal do YouTube tem 10.800 inscritos<sup>55</sup>. Segundo Ahed: “A imagem de uma garotinha palestina inocente reportando o sofrimento de outras crianças e adultos sob ocupação comoveu as pessoas. Isso levou elas a abrirem seus olhos para as incontáveis injustiças perpetradas por Israel.” (TAMIMI; TAKRURI, 2020, p. 68, tradução livre).

Os seus vídeos mostram os protestos da vila e as ações de repressão do exército israelense. Em muitos deles, Janna se coloca no meio dos soldados e narra a situação em inglês virada para as câmeras. Ela termina seus vídeos quase sempre com o bordão jornalístico de despedida: “*Janna Jihad, Nabi Saleh, Occupied Palestine*”. A grande repercussão e constância do seu ativismo nas redes sociais garantiu a ela o título de “jornalista mais jovem do mundo”

---

<sup>53</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/Janna.Jihad/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Janna.Jihad/?ref=page_internal). Acesso: 17 jan. 2023.

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/janna.jihad/>. Acesso: 17 jan. 2023.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/@jannajihad1522>. Acesso: 17 jan. 2023.

aos treze anos de idade. Seu trabalho foi reconhecido como jornalismo inclusivo pelo Sindicato Palestino de Jornalistas, oficializando-o através da carteirinha de jornalista independente.

De acordo com Manuel Castells (2017), os movimentos sociais do século XXI são influenciados e sustentados por novas formas de comunicação, pautadas por uma horizontalidade e acessibilidade que contribuem gerando entusiasmo e o desejo por transformação social. Em diálogo com Bennet e Segerberg (2012), este novo modelo de mobilização social é também impulsionado pela possibilidade de ações coletivas- neste caso, conectivas- mais personalizadas. A fala de Ahed sobre o trabalho de Janna Jihad indica que os seus vídeos sensibilizam e mobilizam pessoas ao redor do mundo em prol da causa palestina ao ouvirem relatos individuais vindos de uma jovem menina palestina. O ativismo digital, por denúncias, histórias de vida e relatos pessoais, desencadeiam campanhas de mobilização nas próprias redes aproximando uma multiplicidade de pessoas em escala global.

Essa “autocomunicação de massa” (CASTELLS, 2017) foi o que impulsionou a construção de Ahed Tamimi como símbolo nacional palestino logo após o seu confronto. Esse também se torna um espaço de expressão de emoções que provocam reações e criam redes em busca de transformação social. Deste modo, as cenas dos tapas, chutes e socos nos soldados proporcionadas pelo vídeo publicado por Nariman e, em seguida, o vídeo da prisão de Ahed publicado pelo exército promovem sentimentos de injustiça e indignação nas redes, seja os que a defendem e os que a criticam. Tais sentimentos, compartilhados em rede, mobilizaram campanhas em torno do seu caso. Através das suas redes sociais, Janna defendeu a libertação de Ahed e Nariman Tamimi mobilizando o engajamento de apoiadores internacionais.

**Figura 8-** Campanha #FreetheTamimis



Fonte: Página de Janna Jihad no Facebook<sup>56</sup>

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Janna.Jihad/photos/1656635817756667/>. Acesso: 17 jan. 2023.

Por ser fluente em inglês, Janna acompanhou Ahed em vários eventos fazendo o trabalho de tradução simultânea do árabe para o inglês das falas da prima. Ela é embaixadora da ONG sul-africana Shamsaan, que significa “Dois sóis” em árabe. A Shamsaan se define como um movimento artístico voltado para questões de direitos humanos em perspectiva global, acreditando na cultura e nas artes como instrumentos de transformação social. Ahed e Janna viajaram juntas para a África do Sul a convite do *Shamsaan Pals4Peace Tour* como representantes de uma delegação da juventude palestina. As primas viajaram pelo país para compartilhar suas experiências vivendo sob ocupação. Em sua autobiografia, Ahed conta que na viagem elas aprenderam sobre a história do apartheid sul-africano e puderam traçar muitos paralelos com a vida nos territórios ocupados.

Janna possui passaporte estadunidense e tem familiares no país. Diferente de grande parte dos moradores dos territórios ocupados, isto permite a ela maior possibilidade de viajar e transitar pelo mundo. Deste modo, sua iniciativa de se tornar uma comunicadora digital sobre o cotidiano de Nabi Saleh, produzindo conteúdos em inglês, garantiu a ela a oportunidade de fazer uma turnê pelos EUA aos treze anos de idade para contar a sua história, em 2019. Durante esta viagem, ela participou de uma entrevista no programa do canal de mídia independente Democracy Now com a jornalista Amy Goodman<sup>57</sup>. Na entrevista, Janna explica como se tornou uma ativista através das redes sociais.

Eu sempre digo que a minha câmera é a minha arma por opção porque usar a minha câmera é uma maneira muito pacífica e boa de resistir à ocupação. E ao usar a minha câmera eu posso passar uma mensagem e isso pode ser ainda mais efetivo do que uma arma, mais efetivo do que a violência, mais efetivo do que matar pessoas. (DEMOCRACY NOW, 2019, tradução livre).

Sua fala se assemelha à de Nariman, que também associa as câmeras a uma arma de resistência contra a ocupação. Esse recurso, como é possível perceber através do caso Ahed Tamimi, afeta publicamente o exército e provoca reações como a prisão de Ahed e Nariman por mais de sete meses.

Para além da causa nacional palestina, o feminismo é uma das causas que mobilizam o ativismo de Janna Jihad. Em 2019, ela, Ahed e outras jovens mulheres dos territórios ocupados

---

<sup>57</sup> Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=136&v=JkY49Znbmlo&embeds\\_euri=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2Fsearch%3Fq%3Ddemocracy%2Bnow%2Bjanna%2Bjihad%26oq%3Ddemocracy%2Bnow%2Bjanna%2Bjihad%26aqs%3Dchrome..69i57j33i10i160l3.9290j0j7%26sour&source\\_ve\\_path=MjM4NTE&feature=emb\\_title&ab\\_channel=DemocracyNow%21](https://www.youtube.com/watch?time_continue=136&v=JkY49Znbmlo&embeds_euri=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2Fsearch%3Fq%3Ddemocracy%2Bnow%2Bjanna%2Bjihad%26oq%3Ddemocracy%2Bnow%2Bjanna%2Bjihad%26aqs%3Dchrome..69i57j33i10i160l3.9290j0j7%26sour&source_ve_path=MjM4NTE&feature=emb_title&ab_channel=DemocracyNow%21). Acesso: 17 jan. 2023.



se engajaram ao movimento feminista palestino *Tal'at*. O movimento teve início em setembro de 2019 por meio da mobilização de jovens palestinas contra o feminicídio e tem como lema a frase “Não há pátria livre sem mulheres livres”. O *Tal'at* se apresenta como uma arena de possíveis conflitos que atravessam a sociedade palestina. Enquanto se observa uma forte presença da família na prática e nos discursos de militância das jovens palestinas, como no caso de Ahed, ao mesmo tempo surge um movimento que luta contra o feminicídio, sendo o assassinato dessas mulheres cometidos principalmente por seus familiares, como pais e maridos.

As manifestações organizadas do *Tal'at* se espalharam por muitas cidades, como Ramallah, Jenin, Haifa, Nazaré, Jerusalém, Rafah, Beirute e até Berlim. Através das fotos das manifestações, observo a pluralidade das participantes a depender da região. Em Ramallah, por exemplo, as ativistas como Ahed e Janna vestem calças, camisas de manga curta e cabelos descobertos. As fotos demonstram a participação apenas de mulheres no movimento. Por outro lado, diante do contexto político e religioso da região, nos protestos de Rafah, em Gaza, é possível observar mulheres de vestidos pretos largos, com braços e pernas cobertas e uso do *hijab* cobrindo seus cabelos. Mulheres mais velhas também compõem os protestos de Gaza. E ainda, diferente de Ramallah, nota-se a presença significativa de homens nos protestos, muitos deles segurando cartazes de apoio ao movimento.

**Figura 9-** Ahed Tamimi e Janna Jihad no protesto do *Tal'at* em Ramallah, Cisjordânia (2019)



Fonte: Peoples Dispatch, foto de Sharif Mosa<sup>58</sup>

<sup>58</sup> Disponível em: <https://peoplesdispatch.org/2019/09/30/in-photos-there-is-no-free-homeland-without-womens-freedom/>. Acesso: 05 set 2022.

**Figura 10-** Protesto do *Tal'at* em Rafah, Faixa de Gaza (2019)



Fonte: Peoples Dispatch<sup>59</sup>

### 2.4.3. A defesa de Gaby Lasky

Meu interrogador me levou para fora da sala até um telefone preso na parede no final do corredor. Ele discou um número e me passou o telefone. “Alô?”, eu disse virando para o lado contrário dele para tentar conseguir alguma privacidade. “Ahed, aqui é Gaby Lasky. Eu sou sua advogada agora. Escute, você precisa manter o seu direito ao silêncio enquanto estiver sendo interrogada. Permaneça calada e não responda as perguntas deles sob nenhuma circunstância.” “Entendi”, eu respondi. “Não se preocupe. Só diga aos meus pais que eu estou bem.” Essa era a minha maior preocupação. “Eles sabem disso”, ela me assegurou. (TAMIMI; TAKRURI, 2020, p. 128, tradução livre)

Gabriella Schutz Lasky nasceu no México e imigrou para Israel aos quinze anos de idade. Conhecida como Gaby Lasky, ela se tornou uma advogada da área de direitos humanos e se dedica, fundamentalmente, à defesa de palestinos dos territórios ocupados. Nesse sentido, Lasky atua em casos que, em grande parte, envolvem o tribunal militar de Israel. Para além do seu trabalho como advogada, ela é uma das maiores referências como ativista pelos direitos humanos e direitos das mulheres em Israel. Lasky também é envolvida com a política do país.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://peoplesdispatch.org/2019/09/30/in-photos-there-is-no-free-homeland-without-womens-freedom/>. Acesso: 05 set 2022.

Foi parlamentar da *Knesset*<sup>60</sup> em 2021 pelo partido da esquerda sionista *Meretz*. Nas últimas eleições, em 2022, ela foi o sexto nome da lista de parlamentares do partido<sup>61</sup>. Entretanto, diante de um resultado eleitoral em que a extrema direita israelense saiu muito fortalecida, o *Meretz* não ultrapassou a cláusula de barreira necessária para compor as 120 cadeiras do parlamento. Consequentemente, Lasky não integra mais o atual parlamento de Israel.

Assim que Ahed foi levada de sua casa pelos soldados israelenses na madrugada do dia 19 de dezembro de 2017, seus pais entraram em contato com Gaby Lasky para que ela entrasse no caso como sua advogada. Nesse momento, Nariman ainda não havia sido presa. Lasky conduziu o caso desde o início até o momento da libertação de Ahed e Nariman, em julho de 2018. Ao longo de todo o julgamento, Lasky conduziu o caso insistindo em denunciar a ilegalidade da ocupação como elemento que, em princípio, já garante a ilegalidade da própria prisão de Ahed. A luta contra a ocupação é uma das principais bandeiras levantadas pelo *Meretz* em Israel. Porém, as condições operantes no tribunal militar israelense não viabilizam essa discussão.

Em um artigo seu publicado no *Haaretz*, a advogada diz: “Mas depois que eu tive o privilégio de representar Tamimi em todas as suas audiências na corte militar, é claro para mim que não há relação alguma entre o tapa que ela deu no soldado e a sentença imposta a ela.” (LASKY, 2018, n.p., tradução livre). Sua afirmação indica um problema ainda maior perante o caso Ahed Tamimi: a criminalização das vidas palestinas nos territórios ocupados. O caso de Ahed, por ter tido uma repercussão em escala global, deu maior visibilidade à questão do aprisionamento de palestinos e palestinas, principalmente jovens e menores de idade. Na autobiografia de Ahed, ela detalha sua experiência na prisão apresentando os casos das suas colegas de cela, outras meninas jovens que foram presas pelo exército por lutarem pelos seus direitos na Palestina ocupada.

Ahed também apresenta no livro a líder e ativista política palestina Khalida Jarrar, que também estava na prisão Hasharon na época. Antes de ser presa, Khalida serviu no Conselho Legislativo Palestino e era bastante reconhecida pela sociedade palestina nos territórios ocupados. Ahed conta que ela era chamada pelas companheiras de prisão de *Khalto*. A tradução literal da palavra árabe significa irmã, mas o termo é utilizado para se referir a mulheres mais velhas e respeitadas, como um sinal de reconhecimento e respeito. Em seu tempo presa, Khalida se dedicou a promover cursos para as adolescentes presas que estavam sendo impedidas de irem

---

<sup>60</sup> Parlamento de Israel.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.gov.il/en/Departments/Guides/candidates-lists-25?chapterIndex=1>. Acesso: 18 jan. 2023.



para a escola estudar enquanto estavam na prisão. Além da preparação para as provas escolares, Khalida também organizou um curso sobre direito internacional humanitário. Em meio ao grave problema da criminalização das vidas palestinas - principalmente da juventude -, surgem mulheres que lutam contra esta corrente em seu próprio núcleo, possibilitando que as adolescentes presas sigam estudando. Nesse sentido, Ahed esteve rodeada de mulheres que lutaram ao seu lado em prol da sua libertação, seja dentro da prisão, como Khalida Jarrar, ou fora, como Gaby Lasky.

Durante a defesa do caso, Lasky lutou contra as inúmeras decisões da corte que buscavam blindar Ahed de um julgamento público. De acordo com a advogada, o fato de Ahed ter se tornado um símbolo e ter capturado a atenção da mídia internacional fez com que o exército israelense se sentisse ameaçado e, conseqüentemente, sua prisão foi uma resposta do exército à própria sociedade israelense (LASKY, 2018). O caso se encerrou com um acordo em que Ahed teve que se declarar culpada e servir oito meses de prisão. Ahed conta que Lasky a aconselhou a aceitar o acordo como forma de poupá-la de um julgamento que, certamente, não seria conduzido de forma justa (TAMIMI; TAKRURI, 2020).

O trabalho de Gaby Lasky é extremamente limitado pelas condições às quais ele está inserido. Como defender os direitos de uma pessoa que já vive, cotidianamente, sob uma ocupação ilegal? E como defendê-la dentro de um sistema que promove a ocupação ilegal? Ao encarar este problema, Lasky defende:

Se nós não levarmos isto a sério agora e se nós não acordarmos o público israelense da letargia moral à qual eles estão dormindo há 51 anos, nós vamos seguir declinando a uma realidade cruel de apartheid, que envia nossas crianças para os territórios para oprimir mulheres que resistem o regime de ocupação com as próprias mãos. (LASKY, 2018, n.p., tradução livre)

Embora seu papel como advogada seja de fundamental importância e necessidade diante do aprisionamento da juventude palestina, o próprio sistema do tribunal militar israelense consolida a violação dos direitos humanos. Nesse sentido, o que Gaby Lasky defende é uma busca por garantia de direitos através da luta contra a ocupação da Cisjordânia.

### 3. A MOBILIZAÇÃO DO FEMININO NA RESISTÊNCIA PALESTINA ATRAVÉS DO CASO AHED TAMIMI

A trajetória pública percorrida por Ahed Tamimi nos últimos cinco anos se constituiu a partir da viralização do seu vídeo na internet, sua prisão, múltiplos interrogatórios, audiências - abertas e fechadas ao público -, saída da prisão, o retorno para Nabi Saleh e a continuação da luta contra a ocupação, agora como um símbolo da resistência palestina aos olhos do mundo. Implicado às etapas deste processo, esteve a sua necessidade de lidar com os efeitos da exposição pública: entrevistas coletivas, atenção da mídia internacional, críticas e até ameaças de extremistas. Em paralelo, ao retomar o cotidiano fora da prisão, Ahed retornou também a uma outra esfera da sua vida, voltada às demandas do dia a dia de uma jovem atravessando a fase dos dezesseis aos vinte e um anos. O último ano escolar, conseguir uma vaga na universidade, os desafios da pandemia de covid-19 e as provas da faculdade. Apesar desses dois campos da sua vida serem intrinsecamente relacionados, o fato dela ser fortemente comprometida com o movimento de resistência não exclui outras demandas suas no plano do individual.

Em uma entrevista concedida à Dena Takruri pelo programa AJ+ da Al Jazeera às vésperas do lançamento do livro que escreveram conjuntamente, Ahed disse:

Eu amo filmes de ação e shows. E eu amo vampiros. Eu assisto bastante essas coisas. Para que as pessoas não pensem que Ahed só faz bater em soldados e causar problemas. Isso não é verdade! Eu tenho a minha própria vida. Eu tenho amigos, nós saímos juntos. Eu vou para a universidade, apesar de eu não gostar. Na verdade, não é que eu não goste da universidade. Eu só não gosto de estudar. Eu sou só uma garota normal. Eu acredito em uma causa e luto por ela, mas eu ainda tenho uma vida! (AJ+, 2022, tradução livre)

Nesta declaração, Ahed marca uma separação entre a percepção que se tem sobre sua figura como representação simbólica da resistência palestina e a sua “própria vida”. Para além do seu envolvimento com a causa nacional, ela aponta outros elementos que compõem a sua personalidade, seus gostos e desgostos e suas atividades cotidianas. Cinco anos depois do vídeo viralizado, Ahed busca, através da sua autobiografia, apresentar os entrelaçamentos do seu ativismo às demais particularidades da sua vida.

O livro sustenta uma narrativa que equilibra a “Ahed Tamimi símbolo” e a “Ahed Tamimi adolescente”. Ela participa de manifestações em Beit El depois da escola, mas esconde dos pais e quando é descoberta tem medo de ficar de castigo. Ela confronta os soldados no protesto em Nabi Saleh, mas deixa de estudar para a prova de inglês do dia seguinte. Ela decide

cursar Direito Internacional para atuar na defesa do povo palestino, mas seu maior desejo era se tornar jogadora de futebol. Inclusive, Ahed ressalta na autobiografia que o seu interesse pelo futebol é acompanhado da sua forte admiração pelo seu grande ídolo: Neymar.

Por um tempo, Messi foi o meu ídolo. Mas desde que Neymar entrou para o Barcelona, quando eu tinha doze anos de idade, tudo mudou. Eu admirava tudo nele - sua habilidade em campo, sua aparência marcante e seu sorriso charmoso - e todas essas características o levaram ao status de primeiro *crush* oficial. *Crush* provavelmente é eufemismo; eu era completamente obcecada por ele. Meu computador estava cheio de fotos de Neymar. Eu pendurei uma foto sua acima da minha cama, perto da de Messi. A tempo, eu converti minha prima mais nova Janna à fanática de Neymar também. Em um dos aniversários de Neymar, nós fizemos um bolo em sua homenagem e escrevemos seu nome com glacê rosa de forma meio desajeitada. Eu queria conhecê-lo e me tornar uma jogadora tão boa quanto ele. Mas com o passar do tempo, a sóbria realidade do que significava ser uma criança palestina crescendo sob ocupação me forçou a desistir de ambos os sonhos. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p.15-16, tradução livre)

Esses elementos não necessariamente se contradizem, mas apresentam uma Ahed diferente da que foi representada nos diversos canais midiáticos, como uma agente da violência ou da resistência. A repercussão da sua prisão produziu uma variedade de discursos sobre o caso que, em grande parte, contribuíram para a consolidação da sua imagem como figura simbólica da causa palestina. Assim, o *They Called Me a Lioness* (TAMIMI; TAKRURI, 2022) apresenta uma narrativa que aproxima os eixos da vida pública e privada de Ahed Tamimi.

A intensa repercussão do caso foi pautada na centralidade do fato de Ahed ser uma garota palestina de dezesseis anos que confrontou dois soldados homens e armados do exército israelense. O debate sobre as questões de gênero implicadas na situação ocupou um lugar fundamental nesse contexto. No presente capítulo, me aprofundo no tema a fim de analisar o modo como a noção de feminino foi mobilizada a partir da repercussão do vídeo e da prisão de Ahed. O objetivo é compreender os usos do feminino na consolidação de Ahed Tamimi como uma jovem símbolo da resistência. Ou seja, como as narrativas construídas em torno da sua figura simbólica se incorporam à questão da feminilidade? E o que esses embates dizem a respeito das percepções que se tem sobre o ser mulher no contexto palestino?

Com esse intuito, organizo o capítulo em três seções principais para desenvolver as questões. Em primeiro lugar, faço uma recapitulação das formas como as mulheres foram representadas no movimento de resistência palestina ao longo da história. Através de uma revisão de literatura, analiso essas representações em busca de compreender as transformações e continuidades da resistência das mulheres palestinas. Junto a isso, analiso as referências feitas por Ahed Tamimi nos seus discursos sobre as relações intergeracionais que atravessam a sua

prática de resistência. Nesse sentido, busco compreender o papel das relações intergeracionais nas representações de mulheres palestinas ativistas. Essa abordagem me permite compreender como se forma o modelo de resistência representado por Ahed e como ele se relaciona com a memória das gerações passadas e com a construção de expectativas sobre as gerações futuras.

Na seção seguinte, a partir de uma análise sobre os impactos da construção do muro de separação da Cisjordânia na cidade de Belém, me dedico a analisar especialmente as representações imagéticas construídas em torno da figura de Ahed como símbolo. Sua imagem foi amplamente reproduzida como um símbolo da resistência por meio de pinturas, cartazes, charges, fotografias e desenhos, destacando elementos da sua feminilidade como parte fundamental da sua representação simbólica.

Analiso os materiais coletados ao longo da pesquisa sobre a repercussão da situação social. Separo a análise a partir dos três campos diferentes em que o caso Tamimi repercutiu de forma significativa e que foram trabalhados no primeiro capítulo da dissertação. São estes campos: a Palestina, Israel e países ocidentais do norte global. Ao direcionar as análises da repercussão do caso a estes três campos, estive atenta às várias diferenças internas próprias desses contextos. Seja na Palestina, em Israel ou nos países ocidentais analisados, a situação repercute de forma heterogênea a partir da pluralidade dos campos. As análises se concentram na campanha *#FreeAhedTamimi* disseminada na internet em apoio à jovem ativista, nos sujeitos que foram mobilizados e que se pronunciaram perante o caso, nas reações críticas e nas ameaças sofridas por Ahed e nos discursos produzidos pela mídia, opinião pública e lideranças políticas.

Finalmente, discuto de modo mais direcionado sobre a mobilização do feminino na situação ainda com base no material coletado sobre a repercussão do caso. Apresento manifestações públicas de lideranças políticas, artistas, ativistas e jornalistas sobre Ahed Tamimi que apontam para a sua feminilidade, seja como forma de exaltar ou desqualificar o seu ativismo. Além disso, me debruço sobre uma discussão travada principalmente em Israel sobre a reação dos soldados que Ahed confronta no vídeo e os efeitos disso para a imagem pública do exército israelense. Afinal, o que um vídeo de uma garota palestina de dezesseis anos batendo, chutando e gritando com dois soldados fardados e armados provoca? De que forma isto afeta as percepções que se têm sobre o exército de Israel e sobre as mulheres palestinas?

### **3.1. Das chaves aos *smartphones*: representações de mulheres na resistência palestina**

O ideário da resistência palestina e dos seus diferentes movimentos, organizações e formas de resistência tem como base comum o sentimento nacional. Este se traduz como uma identificação unificadora de elementos que compõem a ideia de nação através de uma variedade de marcadores simbólicos. As identidades nacionais se sustentam nesta composição de elementos que dão cara ao que Benedict Anderson (2008) definiu por comunidades imaginadas. A resistência é parte deste imaginário nacional e, como resultado, produz novos símbolos que o potencializam. Assim, as fronteiras entre o imaginário e o real se encontram nas práticas de resistência, que partem de uma identidade imaginada à materialização deste sentimento nacional.

O desenvolvimento da consciência nacional palestina, a partir de meados do século XIX, gerou transformações nas estruturas sociais do campesinato palestino. Tratei anteriormente da mudança sofrida pela estrutura organizacional das *hamulehs*. Em busca de uma unidade homogênea entre cidadãos, o nacionalismo palestino não afetou apenas a organização dos clãs, como também as relações sociais internas. Nesse sentido, as transformações da modernidade afetaram significativamente as mulheres palestinas, sendo incorporadas pelo movimento nacional por meio de uma atuação e representação para além da esfera privada e familiar (DAYAN-HERZBRUN, 1995). As mulheres palestinas passaram a ocupar também os espaços públicos e a se organizar politicamente.

A socióloga Sonia Dayan-Herzbrun discute essa incorporação das mulheres à esfera de atuação pública como fator constitutivo do nacionalismo palestino, identificando este fenômeno como parte de um processo paradoxal. Se por um lado a modernidade buscou uma unidade por meio da participação das mulheres no movimento nacional, por outro, esse processo foi acompanhado de um apagamento do reconhecimento das diferenças sociais e relações de dominação. A crítica da autora é centrada na complexidade por trás dos discursos nacionais. Seu trabalho propõe uma análise dedicada ao efeito paradoxal provocado pela relação das mulheres com o sentimento nacional palestino.

As representações das mulheres palestinas foram e ainda são mobilizadas como formas de reafirmar o nacionalismo palestino. Simbolicamente, o feminino tornou-se parte de um jogo de representações que, inseridas no campo político, buscam retratar os frutos da própria modernidade nacional. O imaginário, mais uma vez, se conecta à ideia de nação por meio da construção de representações.

Certamente, as mulheres que habitam o imaginário político não são reais, mas uma série de fantasmas que repousam sobre uma concepção do feminino, categoria socialmente construída e que constitui um par antitético junto com o masculino. Esse

feminino fantasmagórico se encontra, de certo modo, incorporado ao projeto do masculino, o qual torna-se mais seguro da sua integridade quanto mais se tornam remotas as possibilidades de um confronto efetivo com as mulheres na cena pública. (DAYAN-HERZBRUN, 1995, p. 174)

Com o objetivo geral de compreender o modo como o feminino é mobilizado perante a representação simbólica de Ahed Tamimi, o trabalho de Dayan-Herzbrun (1995) aponta para a necessidade de um olhar amplo para as representações de mulheres na construção do sentimento nacional palestino. Assim como o próprio movimento palestino, essas representações do feminino se transformaram ao longo das gerações a partir dos diferentes contextos e interesses do jogo político. Para além das representações das mulheres, são também mobilizados e transformados com o tempo os elementos não-humanos da resistência, como as chaves, as oliveiras, as pedras e hoje, os *smartphones*. Sendo assim, analiso as diferenças e similitudes de algumas das representações de mulheres engajadas no movimento de resistência palestina no decorrer das décadas, partindo de uma literatura que engloba movimentos de resistência desde a *Nakba* até a atualidade. Nesta análise, priorizo os trabalhos que discutem resistências na região da Cisjordânia.

Em *They Called Me a Lioness* (2022), ao falar das suas viagens a Jerusalém, Ahed menciona as *hajjehs*. A palavra em árabe faz referência, originalmente, à peregrinação a Meca ou à pessoa que faz esta peregrinação - considerada um dos grandes preceitos da religião muçulmana. O termo foi incorporado pelos palestinos para se referir à visita à Palestina ocupada (SAYIGH, 2007). De toda forma, a menção de Ahed revela um outro uso da palavra no contexto palestino: *hajjehs* são as mulheres palestinas idosas consagradas como testemunhas vivas da história do povo.

Toda vez que eu me aproximava do Portão de Damasco<sup>62</sup> eu era cativada pela visão das *hajjehs*, as mulheres palestinas idosas, sentadas no chão com quiabo, menta, folhas de uva ou qualquer outro produto que elas vendiam, expostos em papéis de jornal na sua frente. As *hajjehs* têm meu respeito e admiração ao mesmo tempo. Eu sempre fantasiei passar dias inteiros com elas, sentada do lado delas no chão e conhecendo cada uma delas, uma por uma. Eu as vejo como livros vivos e “respirantes” da história palestina e como tesouros nacionais impagáveis. Eu me imagino perguntando a elas todas as perguntas flamejantes que flutuam na minha mente:

Você estava por aqui em 1948, durante a Nakba?  
 Como foi sua experiência?  
 Como era a vida quando você tinha a minha idade?  
 Você tem algum mártir ou prisioneiro na sua família?  
 O que você fez durante a Primeira *Intifada*?  
 Como você confronta a ocupação?  
 (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 56, tradução livre)

<sup>62</sup> Um dos portões da cidade velha de Jerusalém.

O relato de Ahed sobre as *hajjehs* mostra o seu reconhecimento e respeito perante elas. Aos olhos desta nova geração de ativistas palestinas, representada por Ahed Tamimi, as *hajjehs* são símbolo da sua própria história. De um lado, elas representam elementos tradicionais que remetem às palestinas do campo, por estarem na beira dos portões da cidade velha de Jerusalém comercializando alimentos típicos da culinária palestina, como a folha de uva. De outro, as *hajjehs* representam a vivência dos principais marcos do movimento de resistência palestina desde a criação do Estado de Israel. As perguntas que Ahed gostaria de fazer demonstram as expectativas que se tem sobre a figura dessas mulheres. Mesmo sem conhecê-las individualmente, Ahed enxerga as *hajjehs* como combatentes da resistência palestina, durante a *Nakba*, na *Intifada* e atualmente, enfrentando a ocupação.

A memória da *Nakba* produziu, em primeira instância, esta representação icônica das palestinas idosas que perderam suas casas nas expulsões de 1948. Elas vestem trajes tradicionais das mulheres camponesas, cobrem seus cabelos com o *hijab* e usam a chave da sua casa perdida na *Nakba* em volta do pescoço como um pingente. Essas mulheres, como guardiãs das casas que já não possuem, preservam as suas chaves como provas do seu passado. A partir da demanda fundamental do movimento palestino - o direito de retorno às terras da Palestina -, as chaves testemunham que suas casas existiram e são passadas de geração em geração como símbolo da resistência pós-exílio e da esperança de um dia retornar (ASSAIQELI, 2021).

Ao encarar essas mulheres como representantes da *Nakba*, elas próprias são testemunhas do evento. Desse modo, suas experiências e relatos são particulares às suas vivências da *Nakba* como mulheres, se diferenciando dos homens. De acordo com Humphries e Khalili (2007), as narrativas das mulheres sobre a *Nakba* são marcadas pelo medo do estupro, pela perda das casas, das joias, do sustento e das famílias. A violência deste evento assume especificidades perante as mulheres palestinas, onde surge também uma memória silenciada da violência de gênero. Nesse sentido, essas mulheres representam a falta dos elementos perdidos pela *Nakba*, materiais, como casa e ouro, e imateriais, como segurança, honra e afeto familiar.

Como efeito da expulsão de parte do povo da Palestina, o nacionalismo palestino e sua resistência adquiriu novos formatos. O início da atuação das palestinas na arena pública esteve ligado principalmente a uma organização em grupos, comitês e associações femininas nas décadas de 50 e 60. Muitos destes grupos foram formados como extensões de organizações já institucionalizadas e predominantemente masculinas. A OLP, por exemplo, fundou a União Geral das Mulheres Palestinas em 1965. Dayan-Herzbrun (1995) aponta os modos como essa

participação das mulheres se equilibrava entre a emancipação e a submissão à lógica do patriarcado operante, mesmo que nas entrelinhas do discurso nacional moderno.

A produção dos sinais de sentimento nacional legitima a saída das mulheres para além do espaço doméstico. O fato de que as instâncias que autorizavam essa saída fossem não-mistas, e ao mesmo tempo estivessem sob o controle masculino, as tornavam aceitável do ponto de vista da lógica patriarcal. A politização dessas instâncias as protegia do perigo da subversão da ordem social, que representaria o acesso das mulheres aos espaços onde sua honra e, portanto, também a do grupo, corre o risco de ser maculada. (DAYAN-HERZBRUN, 1995, p.182)

Uma parte significativa destes grupos de palestinas estavam ligados a trabalhos de caridade e de apoio a crianças e famílias e eram compostos por mulheres da classe média (IRVING, 2012). Assim, embora fossem organizações de mulheres, poucos se proclamavam como grupos feministas ou de interesse em discutir o papel da mulher perante o movimento nacional palestino.

O trauma de uma nova derrota para o povo palestino, após a *Naksa* em 1967, e a estruturação de novas organizações políticas impulsionaram a resistência nacional armada, dando destaque para mulheres jovens, solteiras, com formações políticas e inteiramente comprometidas com o movimento de resistência através da luta armada. Dois sequestros de avião organizados pela FPLP entre 1968 e 1970 ganharam visibilidade internacional particularmente devido à comandante das missões, Leila Khaled. Assim como Ahed, Leila Khaled tornou-se um símbolo da resistência palestina. Entretanto, ambas representam modelos muito distintos de resistência.

O comprometimento de Leila Khaled à resistência nacional foi acompanhado da necessidade de resistir a outras opressões pouco reconhecidas pelo movimento. Isto é percebido nos relatos da autobiografia da ativista da FPLP, intitulada *My People Shall Live* (1973). “Minhas irmãs do ocidente falam de dois tipos de opressão: de classe e sexual. Eu tive que enfrentar quatro tipos de opressão: nacional, social (o peso das tradições e hábitos), de classe e sexual.” (KHALED, 1973, p.22, tradução livre). O funcionamento político e organizacional da luta armada esteve inserido em uma estrutura majoritariamente masculinizada do nacionalismo palestino (MASSAD, 1995). Em consequência, as mulheres que repercutiram como símbolos da resistência armada da década de 70, como Khaled, buscaram se apropriar de elementos próprios da masculinidade, se afastando dos atributos tidos como femininos naquele contexto. Em uma das suas entrevistas concedidas a Sarah Irving para a escrita da sua biografia *Leila Khaled: Icon of Palestinian Liberation* (2012), ela ressalta o seu desinteresse, quando jovem, de se dedicar à causa das mulheres dentro do movimento palestino.



“Eu disse a eles [lideranças da FPLP], ‘Eu sou uma lutadora, eu quero pegar nas armas.’ Eles disseram, ‘você também é uma mulher, você também tem que lutar pelos direitos das mulheres.’ Eu disse a eles, ‘Eu não posso fazer isso, é uma missão, é muito difícil e eu não gosto.’ Com o benefício de um olhar retroativo, ela fala sobre o seu eu de vinte e tantos anos: “Algumas das camaradas mulheres, eu talvez tenha sido uma delas, pensavam que nós queríamos provar que nós podíamos fazer as mesmas coisas que os homens. Então, nós nos vestimos como homens, cortamos nossos cabelos curto como homens, e mostramos que podíamos aguentar as armas. Nós não pensávamos sobre as mulheres. Nós não pensávamos que aquilo era da nossa conta.”. (IRVING, 2012, p. 93, tradução livre)

As duas citações anteriores são relatos de Leila Khaled em momentos distintos da sua vida e que parecem transmitir mensagens que são, de certa forma, ambíguas. A primeira fala, retirada da sua autobiografia, revela a sua percepção como jovem ativista em 1973 sobre as opressões enfrentadas pelas mulheres no movimento de resistência armada. Já a segunda, oriunda das entrevistas concedidas por Khaled após os 60 anos de idade, trata de uma percepção retroativa sobre as suas experiências como mulher buscando se inserir em um ambiente extremamente masculinizado. Não só o uso das roupas masculinas e cortes de cabelo curto, como também a rejeição em lidar com as questões de gênero, foram encarados como necessidades para que ela pudesse se provar capaz de comandar operações da resistência armada perante os homens da organização. Essas percepções de Khaled são fruto de um problema anterior enfrentado pelas mulheres engajadas em movimentos nacionalistas. Como apresentado pela socióloga Nahla Abdo (1991, p. 20, tradução livre), “O maior dilema enfrentado pelas mulheres na luta nacional é colocado pelas contradições que os homens demonstram entre sua consciência política revolucionária e sua consciência social e de gênero reacionária.”.

Diante das novas insurgências do movimento nacional nos anos 80, se consolidou uma outra forma de articulação das mulheres ativistas no movimento de resistência palestina. Mulheres que lidaram com a memória da *Nakba* como evento fundamental, mas que carregaram a memória da *Naksa* como elemento estruturante da vida palestina ao viverem sob ocupação militar israelense (SAYIGH, 1981). São mulheres de meia idade, mães e avós, donas de casa, que se organizaram coletivamente, entre amigas e vizinhas, para participarem dos levantes populares. A *Intifada* de 1987 é o seu marco representativo. A participação das ativistas variava desde a função de linha de frente de atirar pedras e confrontar soldados ao longo dos protestos de rua, até a articulação de redes de assistência e cuidado em meio, proporcionando água e comida, costurando bandeiras palestinas e vigiando as ruas e casas. As formas de atuação das mulheres variaram de acordo com diversos fatores: classe social, área rural ou urbana, idade e

localização (KUTTAB, 1993). Muitas se tornaram mártires, foram presas e ou agredidas atuando diretamente nos protestos. Outras atuaram em comitês institucionalizados, arrecadando fundos e mantimentos. Movidas pela necessidade de proteger seus filhos jovens de serem presos ou mortos pelos soldados, parte significativa das mulheres se colocavam à frente das invasões do exército às suas casas nas madrugadas, consolidando a figura da “mãe heroína” (ABDO, 1991). Portanto, a maternidade foi um dos fatores impulsionadores para a militância das mulheres na *Intifada*.

De certa forma, sua mobilização em comunidade tornou a questão materna como fator coletivo da resistência. Uma maternidade coletiva com o objetivo geral de proteger o povo. As mulheres não eram mães exclusivamente dos seus filhos, mas mães de toda a nação. Através desta dinâmica de resistência, se desenvolve uma categoria representativa para as mulheres da *Intifada: Umm al-Shahid*, a mãe de mártir (ABDO, 1991). Elas representam uma resistência que se configura por meio do sacrifício e luto de terem seus filhos mortos pela causa nacional. Junto ao sacrifício, porém, é reconhecida a sua força e determinação política. Nesse caso, a maternidade se transformou em categoria política, o que garantiu uma autoridade moral a essas mães heroínas perante o movimento de resistência. Um processo similar ocorre nas favelas brasileiras através da mobilização de grupos de mães que lutam por justiça diante da violência do Estado para com seus filhos. Isto é percebido a partir do desenvolvimento crescente de uma literatura sobre a luta política de mulheres e mães nesse contexto (VIANNA; FARIAS, 2011; PIEROBON, 2018; FARIAS; LAGO; EFREM FILHO, 2020).

Como um levante tocado pelas massas - especialmente nas vilas e campos - , a *Intifada* de 1987 afetou não apenas as relações e estruturas da ocupação israelense nos territórios palestinos, como também as próprias e diversas estruturas sociais e políticas palestinas. “Esse processo gerou um conflito interno entre diferentes grupos sociais, diversas instituições e ideologias profundas e politizar, gradualmente, questões de classe e gênero.” (KUTTAB, 1993, p. 69, tradução livre). Diferente das organizações de mulheres consolidadas nas duas décadas anteriores, a Primeira *Intifada* simbolizou um ativismo feminino mobilizado tanto pela causa nacional quanto pela causa das mulheres (ABDO, 1991). Como resultado, Abdo aponta para uma sensibilização dos grupos de mulheres judias e ou israelenses feministas para com as mulheres palestinas e a luta contra a ocupação. A questão de gênero, nesse caso, instigou uma aproximação de mulheres para além da questão nacional.

Um novo movimento de revolta popular contra os efeitos das políticas de ocupação israelense, no início dos anos 2000, ganhou o nome de Segunda *Intifada* ou *Intifada Al-Aqsa*,

em referência ao evento que despertou o levante.<sup>63</sup> Neste momento, a atuação das mulheres se destacou através de dois caminhos. O papel das mães em luto ganhou ainda maior visibilidade frente às práticas de explosões suicidas como forma de combate. Assim, a representação da *umm al-shahid* foi reforçada como parte do ativismo feminino. O choro e o luto tornaram-se elementos de associação comuns às mães palestinas da Segunda *Intifada*. E os funerais dos mártires se tornaram eventos públicos através das marchas coletivas (ALLEN, 2009). Embora as mães de mártires ocupassem um lugar de reconhecimento perante a sua comunidade, Allen (2009) e Tzoreff (2006) apontam para as dificuldades enfrentadas por essas mulheres frente à sua representação heroica. O ideal de nacionalização da maternidade palestina, pautada na noção de que as mulheres se tornam mães de todo o povo, requer que essas mães resistam à sua própria representação de *umm al-shahid*, perante o sofrimento particular da perda dos seus filhos.

Por outro lado, mulheres mais jovens se engajaram no movimento através das bombas suicidas, as chamadas *shahidat* ou mártires. Seus atos provocaram um intenso debate midiático e acadêmico sobre os motivos que levam jovens palestinas a participarem da resistência através das bombas. A antropóloga Lori Allen (2009), através de uma análise dos discursos produzidos em torno da categoria de *shahida*, indica que a grande mídia ocidental e israelense representou essas mulheres como jovens, solteiras ou divorciadas, e sem filhos, que, em geral, vivenciaram o sofrimento ‘e frustração de não se enquadrarem nas expectativas sociais que eram colocadas para as mulheres palestinas. Esta perspectiva ofusca a agência destas mulheres e constrói uma representação vitimizante e orientalista das *shahidat*.

Estes recortes geracionais abrem portas para a percepção de uma nova representação de mulheres palestinas ativistas atualmente. Diante de uma geração de jovens meninas e mulheres que já nasce em meio a um regime muito consolidado de ocupação israelense nos territórios palestinos, as memórias da *Nakba* e da *Naksa* ainda mantêm sua centralidade na luta nacional. Entretanto, se concentram na resistência cotidiana contra a ocupação, visto que este é o único cenário que conhecem. A partir do desenvolvimento de novas relações, da articulação de novas ferramentas e da consolidação de novas representações simbólicas, hoje centralizada na figura de Ahed Tamimi, observo uma resistência que incorpora e mobiliza elementos femininos

---

<sup>63</sup> Em setembro de 2000, o então líder da oposição no governo israelense Ariel Sharon, do partido Likud, foi até a Mesquita Al-Aqsa, em Jerusalém, escoltado por policiais e soldados que reprimiram os palestinos que estavam se manifestando contra a ação. O evento foi considerado uma afronta ao espaço sagrado à religião muçulmana, visto que Sharon buscou reafirmar a soberania israelense sobre a região do Monte do Templo e da Al-Aqsa.

publicamente. São mulheres jovens, muitas ainda menores de idade, que usam seus cabelos soltos e *keffiyehs* no pescoço.

O ativismo de Janna Jihad é exemplo desta nova percepção sobre as jovens palestinas ativistas, especialmente na Cisjordânia. Em meio às pedras atiradas ao longo dos protestos pelos jovens de Nabi Saleh, Janna utiliza seu *smartphone* como instrumento de combate. Filmar o cotidiano, os protestos, as invasões do exército nas casas da vila e o tráfego intenso provocado pelos bloqueios de estradas se tornou uma forma de denunciar a violência da ocupação e chamar atenção internacional para a Palestina ocupada. Em paralelo às filmagens e à produção de conteúdo para as mídias sociais, Janna, assim como Ahed e outras meninas da sua idade, participam na linha de frente dos protestos de Nabi Saleh contra a ocupação. Além disso, são também comprometidas com a causa feminista, incorporando a luta pela equidade de gênero junto à causa nacional através dos seus discursos nas redes sociais e do envolvimento com o movimento feminista palestino Tal'at.

As representações de mulheres no movimento de resistência palestina analisadas até aqui são, em maioria, percebidas como vítimas que reagem através de múltiplas formas de resistência. As mulheres da *Nakba* são vitimizadas como mulheres marcadas pelas suas inúmeras perdas a partir do exílio. As militantes da luta armada, para não serem menosprezadas pelo movimento, buscam provar a todo tempo serem capazes de atuar na resistência como mulheres. As mães de mártires resistem a partir da perda dos próprios filhos, por meio do luto. As *shahidat* são vistas como mulheres vítimas da própria sociedade e que por isso recorrem às bombas como forma de resistência. De acordo com Nahla Abdo (1991, p. 20, tradução livre),

A maioria dos estudos sobre mulheres e a libertação nacional focou em duas imagens principais: a da mulher-vítima que participou, se entregou e se sacrificou durante o movimento, mas que depois da libertação foi vitimizada pela estrutura patriarcal do Estado; e a mulher forte e lutadora na linha de frente da luta armada. Ambas as imagens são produto de análises particulares da luta que eu acredito serem problemáticas. Em primeira instância, essas análises tendem a localizar a culpa dentro da estrutura do estado 'liberado' e ignoram a estrutura e organização do próprio movimento em si. A segunda, a qual glorifica as contribuições militantes das mulheres, falha em não problematizar a complexidade da sua luta.

As relações implicadas na luta pela libertação nacional e pela emancipação das mulheres no contexto palestino oscilaram diante das diversas representações. As atuais jovens palestinas da Cisjordânia, como Ahed e Janna, refutam a possibilidade de serem reconhecidas como vítimas. Elas apontam e denunciam as opressões que sofrem no cotidiano, seja como palestina ou como mulher, por meio de discursos que enfatizam o seu papel na luta nacional e feminista.

Enfim, ainda que essas jovens assumam novos símbolos e instrumentos na resistência - como os smartphones e as redes sociais -, elas recorrem frequentemente às mulheres de gerações passadas como referências femininas de luta. Fahra, a avó de Ahed, é descrita em sua autobiografia como “a melhor contadora de histórias”. Segundo Ahed (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 16, tradução livre), “Todas as histórias eram educativas. Elas não só moldaram a minha imaginação, como revelaram a mim o trauma geracional que está intrínseco ao nosso DNA.”. A memória da *Nakba* é encarada por Ahed como um trauma que atravessa gerações, incluindo a sua própria. Esse entendimento gerou o princípio de uma educação para a resistência que, no caso da família Tamimi, é transmitida desde *Tata Fahra*, passando por Nariman e Bassem até chegar em Ahed, Waed, Abu Yazan e Salam.

Mesmo sendo uma criança, eu entendia que a minha vida tinha que ser devotada para uma causa maior que eu mesma. Meus pais injetaram em mim e nos meus irmãos a noção de que se a gente não fizesse nada para beneficiar a nossa nação, a gente não estaria fazendo nada para nos beneficiar. Se eu fosse bem-sucedida na vida mas o meu sucesso não ajudasse a Palestina, então não seria um sucesso verdadeiro. Eles plantaram essa semente em nós quando éramos muito novos, mas mesmo se eles não tivessem, tudo que eu já tinha testemunhado desde muito nova teria sido suficiente para tornar a libertação da Palestina o objetivo principal da minha vida. (TAMIMI; TAKRURI, 2022, p. 81, tradução livre)

Assim, a geração de Ahed, especialmente em Nabi Saleh, cresce e “se forma” ativista por meio de uma educação familiar, comunitária e empírica em torno da luta pela libertação nacional palestina por parte de homens e mulheres.

### 3.2. Narrativas de Belém: relatos individuais e análises iconográficas

A cidade de Belém foi uma das muitas impactadas pela construção do muro de separação da Cisjordânia por parte do governo israelense no início dos anos 2000 - o chamado muro da vergonha. Em ambas as vezes em que fui à cidade com o grupo de jovens pesquisadores brasileiros, em 2019 e 2020, fomos recebidos por Jamil Qassas, ativista da ONG palestina-israelense *Combatants for Peace*. A organização é composta por ativistas palestinos e israelenses que se definem como pessoas que “participaram ativamente do ciclo de violência na nossa região: soldados israelenses servindo na IDF e palestinos combatentes lutando para libertar seu país, a Palestina, da ocupação israelense.”<sup>64</sup> A partir do reconhecimento dos seus papéis e responsabilidades no referido ciclo de violência, os ativistas buscaram uma forma de

<sup>64</sup> Disponível em: <https://cfpeace.org/about/>. Acesso: 25 jan. 2023.

romper com este ciclo em busca de uma aproximação mútua para pensar sobre o conflito através de outros caminhos. No *website* da ONG, eles explicam a iniciativa: “Nós – servindo nossos povos, levantamos armas que apontamos uns para os outros e nos vimos apenas através da mira – estabelecemos o Combatants for Peace com base nos princípios da não-violência.”.

Uma das principais atividades públicas da organização é a realização de uma cerimônia conjunta chamada *The Israeli-Palestinian Memorial Day Ceremony: Sharing Sorrows, Bringing Hope*. O evento acontece anualmente no dia de *Yom Hazikaron* - traduzido ao pé da letra como “dia da lembrança” -, data do calendário israelense de lembrança aos soldados caídos em guerra e vítimas da segurança em Israel. O *Yom Hazikaron* é considerado o dia mais triste do calendário israelense, quando ocorrem cerimônias oficiais, do exército, governo e prefeituras pelo país, e alternativas, das escolas, *kibbutzim*, ONG’s e movimentos juvenis. As cerimônias são marcadas por uma sirene de dois minutos tocada em Israel e nos assentamentos judaicos nos territórios ocupados em homenagem aos mortos. A data, embora seja própria do calendário israelense, foi incorporada pelo calendário judaico, sendo lembrada e vivida pela maioria das coletividades judaicas ao redor do mundo. A cerimônia do Combatants for Peace se propõe a ser um espaço alternativo para homenagear as vítimas da guerra de ambos os lados, israelenses e palestinos, através do luto coletivo. A ONG busca construir e consolidar uma narrativa diferente para o feriado, crítica à violência perpetrada pelo conflito e à ocupação israelense dos territórios palestinos.

Para além deste evento, o Combatants for Peace atua por meio de relatos de histórias pessoais. Os encontros que tive com Jamil em Belém faziam parte dos roteiros do programa da viagem. Como em 2020 eu participei novamente do programa, dessa vez acompanhando o grupo de pesquisadores como monitora, tive a oportunidade de viver esta experiência de novo. Em ambas as vezes, Jamil nos conduziu pelo mesmo roteiro e contou as mesmas histórias. Iniciamos os encontros ainda dentro da nossa van, dando uma volta pelo campo de refugiados chamado Dheisheh, fundado em 1949 e localizado ao sul de Belém. Ao longo do passeio, Jamil nos contou sobre a história do campo e as transformações daquele espaço. Hoje, o campo se estrutura a partir de casas e pequenos prédios em ruas estreitas e muitas ladeiras, como uma espécie de região periférica da cidade.

Em seguida, Jamil nos levou para um passeio a pé pelo caminho extenso em que o muro de separação atravessa Belém. As ruas estreitas parecem ainda mais apertadas perante os aproximadamente 8 metros de altura do muro que as acompanha. Ele nos mostrou o grande portal da fechadura com a chave gigante (exposto na figura 10) e explicou o significado da chave como símbolo da resistência palestina após a *Nakba*. Parte do muro tornou-se espaço de

manifestação política e expressão artística através de pinturas e grafites. O local tornou-se atração turística de Belém, contrastando com o forte turismo religioso da cidade onde nasceu Jesus Cristo de acordo com a tradição cristã. As pinturas no muro ficaram conhecidas principalmente pela atuação do popular artista de rua inglês Banksy.

Banksy apresenta um caso especial da arte de rua na Palestina. A maioria da arte de rua no muro é anônima, criada por visitantes na Palestina que, em geral, não possuem treinamento artístico. Enquanto há obras de larga escala e imagens intrigantes no muro, a maioria da arte consiste em pichações e visitantes expressando seu apoio à Palestina. Diversas línguas e locais de visitantes são escritos no muro, que agora possui tantas camadas de arte que chega a ser difícil de decifrar as obras. (SOLIS, 2017, p. 7, tradução livre)

Dentre as frases em diversas línguas escritas no muro, está a pergunta “Quem mandou matar... Marielle Franco?”. Solis (2017) explica que há um debate que questiona a espetacularização do muro a partir da arte de pessoas estrangeiras que podem exercer o direito de ir e vir daquele espaço, diferente dos palestinos locais. Entretanto, seu trabalho apresenta o apoio de artistas palestinos de Belém à iniciativa, visto que isto traz visibilidade internacional para a questão palestina na Cisjordânia. Isto aparece na entrevista feita com o artista Moodi Abdallah (SOLIS, 2017), com quem também pude conversar durante minha estadia em Belém em 2020. Falo deste encontro mais à frente.

Em 2017, Banksy inaugurou também um hotel na cidade, sustentando a ideia de que este é o “hotel com a pior vista do mundo”, em referência ao muro. O The Walled Off Hotel cultivou ainda mais esse turismo alternativo mais recente em Belém. Todo o hotel é decorado com intervenções artísticas de Banksy, da recepção aos quartos. Ele conta com um bar, uma galeria de arte, uma pequena livraria e um museu sobre a ocupação na região e a história da construção do muro. De acordo com o *website* do hotel, todos os lucros do estabelecimento são revertidos em projetos sociais na região.<sup>65</sup>

Passamos pelo hotel e seguimos pelas ruas de muro pintado até chegarmos em uma pequena rua sem saída, vazia, com um prédio ao fundo cercado pelo muro em três dos seus lados. Jamil nos explicou que do outro lado do muro se encontrava a Tumba de Raquel, reverenciada como lugar de sepultura da matriarca bíblica. Para que o muro englobasse a tumba para o lado da fronteira israelense, o prédio ficou cercado quase por inteiro. Jamil contou que o dono do prédio se recusou a vender o terreno aos israelenses, impedindo que o muro

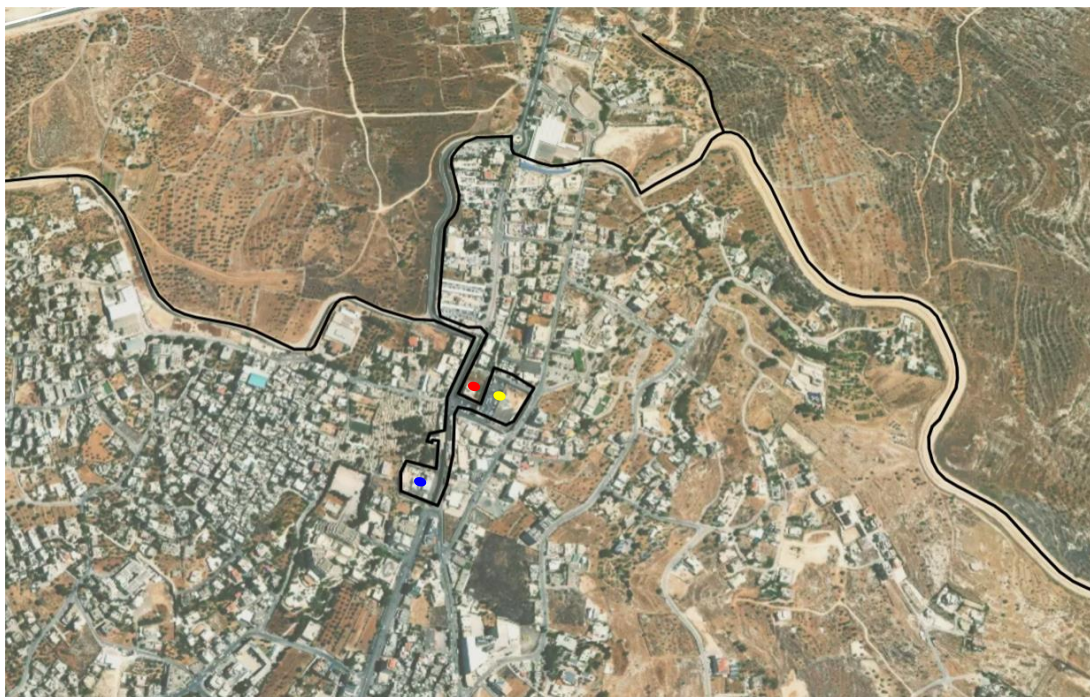
---

<sup>65</sup> Disponível em: <https://walledoffhotel.com/questions.html>. Acesso: 26 jan. 2023.

incorporasse mais este espaço. Assim, a construção ficou isolada e hoje funciona como um pequeno *hostel* no estilo “*bed and breakfast*” chamado Anastas Walled In.

Este prédio é uma forte representação simbólica que mostra que as disputas na Cisjordânia são movidas, principalmente, por um controle de narrativas. O caminho literalmente tortuoso percorrido pelo muro de separação para dar conta de incorporar a tumba de uma das matriarcas bíblicas para o lado das fronteiras israelenses, independente das consequências para quem está do outro lado do muro, mostram a intensidade desta disputa. E a recusa do dono do prédio, palestino, de vender o seu terreno para “facilitar” este processo é também uma resposta que reafirma a disputa. O mapa do caminho percorrido pelo muro nessa região exibe nitidamente a situação. Abaixo, a linha preta representa o contorno do muro de separação e os pontos azul, amarelo e vermelho indicam a localização da Tumba de Raquel, sua área de estacionamento e o Anastas Walled In, respectivamente.

**Mapa 6-** Contorno do muro de separação na Tumba de Raquel, em Belém



Fonte: Mapa produzido através da plataforma interativa do projeto Conquer and Divide do B'Tselem

Concluimos o passeio com Jamil com uma roda de conversa na sua casa. De 2019 para 2020, a mudança mais significativa dos encontros foi o fato de Jamil ter mudado de casa. Em 2019 ele morava em um apartamento de um pequeno prédio. No ano seguinte, conheci sua casa nova, que ainda estava com o quintal em construção. Embora em espaços diferentes, o ritual do encontro foi muito parecido. Entramos na casa, cumprimentamos sua esposa e nos sentamos



nos sofás da sala ao redor de uma mesinha de centro. Nos serviram chá e biscoitos, como em todas as casas em que fomos recebidos por lá. Jamil se sentou em uma cadeira junto ao nosso grupo na sala e contou a sua história pessoal que o levou até o ativismo no Combatants for Peace.

Nestes dois encontros com ele e em diversas entrevistas que circulam pela internet, Jamil opta por contar a sua história de vida partindo dos marcos de violência que atravessaram a sua vida até o momento em que ele decidiu se juntar à ONG e recorrer a um combate por meio da não-violência. Em seu relato, ele contou que passou por duas expulsões - em 49 e 67 -, perdeu o seu avô que foi morto após se recusar sair de sua casa na *Nakba*, perdeu o seu tio militante da OLP, experienciou combates violentos cotidianos em frente à sua casa enquanto crescia, se tornou uma forte liderança na *Intifada*, foi baleado diversas vezes, passou 6 meses na prisão, e, enfim, perdeu o seu irmão mais novo, de catorze anos, assassinado pelo exército por sair de casa à noite após o toque de recolher para visitar o seu tio.

Após a morte do seu irmão, Jamil compartilhou que a sua maior preocupação era apoiar a sua mãe a viver o luto. E então ele chegou à história do último acontecimento que o levou a entrar para o Combatants for Peace. Durante a Segunda *Intifada*, uma reportagem na televisão noticiava a explosão de um ônibus israelense, como parte das ações de combate da resistência palestina neste segundo levante. Jamil contou que viu a sua mãe chorar em frente à televisão e perguntou o motivo do choro, visto que os mortos da explosão eram israelenses e não palestinos. Sua mãe respondeu que, assim como ela, muitas mães israelenses perderam seus filhos naquela explosão e passariam pela mesma dor que ela passou. A sensibilização da sua mãe para com a perda das mães israelenses impactou Jamil e, ao conhecer o projeto do Combatants for Peace através da cerimônia memorial conjunta de palestinos e israelenses, ele decidiu se juntar e compartilhar a sua história com outras pessoas.

O trabalho feito pela organização de receber grupos para escutar e conhecer a complexidade do conflito por meio de relatos pessoais de palestinos e israelenses é também um trabalho de sensibilização das pessoas para com a violência do conflito. As narrativas de pessoas que optaram por um ativismo baseado na não-violência diante de um contexto extremamente violento, como Jamil, é uma forma de apresentar a questão palestino-israelense por meio da mobilização das emoções. Nos dois encontros com Jamil, várias pessoas do nosso grupo de brasileiros choraram emocionadas com o relato. O passeio pelo campo de refugiados, a caminhada na beira do muro de separação, a vista do prédio cercado e a recepção de Jamil dentro da sua própria casa para contar a sua história nos permitiu conhecer elementos centrais da ocupação e da violência cotidiana experienciada em Belém. Assim, o Combatants for Peace

oferece uma forma de conhecer as narrativas da cidade através das ruas, prédios, casas, muros, arte e pessoas.

Apesar da mesma estrutura de roteiro, viver o encontro com Jamil duas vezes me permitiu experienciá-lo de formas bastante diferentes. Em 2019, visitando a Palestina pela primeira vez, fui tomada pela emoção da sequência de vivências proporcionadas pelo encontro com Jamil. Me chamou atenção a comoção do nosso guia do programa, um brasileiro-israelense que estava retornando à Belém depois de mais de dez anos. Ele contou que antes da construção do muro levava muitos turistas para conhecerem os pontos turísticos da cidade, como a Basílica da Natividade, mas que a barreira de separação o fez deixar de guiar em Belém. Muitos de nós saímos do encontro com poucas palavras, abrindo o espaço para que o silêncio nos permitisse elaborar aquela experiência. Em 2020, alguns fatores contribuíram para eu adentrar naquele espaço de modo diferente. Em primeiro lugar, apesar de eu não estar ali especificamente para desenvolver a minha pesquisa particular, eu fui para a viagem com um projeto de pesquisa já estruturado. A minha função de monitora do grupo de jovens pesquisadores exigiu cuidados e responsabilidades específicas para com o grupo naquele lugar. Além disso, o fato de eu estar retornando à cidade por si só já me fez estabelecer uma outra relação e olhar ao longo daquele percurso.

No encontro de 2020, me situei geograficamente na cidade de forma mais precisa, observando as distâncias, os tempos de percurso, o contorno do muro perante a cidade e a localização das zonas turísticas. Atentei para as transformações sofridas pelo muro, entre pinturas novas, velhas e as que foram apagadas. Reconheci os estabelecimentos comerciais e o modo como os donos das chamadas *gift shops* tentam atrair turistas que circulam pelas ruas para dentro de suas lojas. Ao escutar o relato da história de vida de Jamil, procurei compreender o modo como ele constrói a sua narrativa, observando elementos mobilizados por ele como marcos de transformação do seu ativismo e da sua percepção sobre o conflito.

Enfim, me concentrei em observar a reação do nosso grupo ao longo do percurso. Ainda que alguns dos integrantes já tivessem viajado e até morado em Israel antes da viagem, todos estavam visitando cidades palestinas dos territórios ocupados pela primeira vez. A interação dos colegas com Jamil e com as pinturas do muro, a quebra de expectativa de alguns em relação à cidade e a mesma emoção sentida coletivamente pelo grupo do ano anterior. Algumas pessoas buscaram registrar as pinturas do muro através das fotografias, outras posaram em frente às pinturas e eram fotografadas por colegas. Ainda, algumas priorizaram caminhar ao lado de Jamil durante o passeio.

### 3.2.1. A construção de um rosto simbólico

Desde que iniciei a pesquisa sobre Ahed Tamimi, ainda na graduação em 2019, me deparei com a pergunta comum e inevitável de amigos, familiares, colegas e professores: “qual é o seu tema pesquisa?”. Ao longo destes anos, encontrei formas diferentes de responder a esta pergunta, não só pelas diversas mudanças de objetivo da pesquisa, mas pela forma que as pessoas reagiam às minhas respostas. Dizer que eu estava pesquisando sobre a jovem ativista palestina Ahed Tamimi não bastava para que as pessoas identificassem sobre quem eu estava falando. De fato, apesar do caso ter repercutido no Brasil, seu impacto não garantia que as pessoas lembrassem de Ahed dois a cinco anos depois da sua prisão. Então passei a responder à pergunta tentando lembrar os principais detalhes do caso: “Ahed Tamimi, a adolescente palestina que viralizou na internet por causa de um vídeo confrontando dois soldados e foi presa pelo exército israelense”. Essa resposta, mais completa, surtiu um pouco mais de efeito e algumas pessoas se lembraram do caso a partir dela.

Para as que ainda assim não a identificavam, eu recorria a uma descrição da sua aparência física, destacando principalmente seu cabelo loiro, cacheado, comprido e volumoso. Nesse momento, na grande maioria das vezes, as pessoas identificavam sobre quem eu estava falando. A figura simbólica de Ahed Tamimi é profundamente ligada à sua aparência. Diante da repercussão do seu vídeo e das notícias da sua prisão, o processo de consolidação da sua figura como símbolo da resistência palestina contou com a ampla reprodução da sua imagem. No decorrer do fortalecimento da campanha *#FreeAhedTamimi* pelo mundo, sua imagem foi estampada em camisetas, muros de cidades, panfletos, cartazes digitais, artes gráficas, charges, jornais, revistas e redes sociais. Desta forma, Ahed se consolidou também como uma representação visual.

Em Belém, os artistas italianos Jorit Agoch e Salvatore De Luise foram presos, tiveram seus vistos revogados e foram banidos de entrarem em Israel por dez anos sob acusações de vandalismo após pintarem o rosto de Ahed Tamimi no muro. A pintura de Ahed faz parte do corredor artístico e turístico de Belém e fica ao lado das outras dezenas de imagens que são pintadas diariamente no local. O fato ocorreu às vésperas de Ahed ser libertada da prisão, no final de julho de 2018, e foi noticiado em diversos canais da mídia local e internacional, como

Haaretz<sup>66</sup>, Y Net<sup>67</sup>, The Times of Israel<sup>68</sup>, +972 Magazine<sup>69</sup>, Arab News<sup>70</sup>, Middle East Eye<sup>71</sup>, Middle East Monitor<sup>72</sup> e até o G1<sup>73</sup>. Mesmo após o cumprimento do tempo de prisão de Ahd, o governo de Israel seguiu com políticas e discursos que consolidam a sua imagem como uma ameaça ao país. Na lógica do governo israelense, como Ahd é considerada uma agente da violência (WANG, 2020), os italianos que pintaram o seu rosto certamente também estarão associados à violência. Assim se produz a narrativa de que o que fazem os italianos não seria arte, e sim vandalismo.

**Figura 11-** Pintura de Ahd Tamimi no muro de separação da Cisjordânia, Belém (2019)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

<sup>66</sup> Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2018-07-30/ty-article/italian-artists-barred-from-israel-for-10-years-after-tamimi-mural/0000017f-e1b8-d38f-a57f-e7fa5b590000>. Acesso: 30 jan. 2023.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.ynetnews.com/articles/0.7340.L-5319662.00.html>. Acesso: 30 jan. 2023.

<sup>68</sup> Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/italian-graffiti-artist-arrested-for-mural-of-ahed-tamimi-on-security-barrier/>. Acesso: 30 jan. 2023.

<sup>69</sup> Disponível em: <https://www.972mag.com/israel-arrests-artists-behind-ahed-tamimi-mural-on-separation-wall/>. Acesso: 30 jan. 2023.

<sup>70</sup> Disponível em: [https://www.arabnews.com/node/1347396/session\\_trace/aggregate](https://www.arabnews.com/node/1347396/session_trace/aggregate). Acesso: 30 jan. 2023.

<sup>71</sup> Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/israel-releases-italians-who-painted-mural-palestinian-activist-tamimi>. Acesso: 30 jan. 2023.

<sup>72</sup> Disponível em: <https://www.middleeastmonitor.com/20180729-israel-detains-italian-artists-for-jailed-tamimi-mural/>. Acesso: 30 jan. 2023.

<sup>73</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/07/30/italianos-presos-em-israel-por-pintar-mural-com-rosto-de-jovem-palestina-sao-libertados.ghtml>. Acesso: 30 jan. 2023.

Em 2020, durante a nossa estadia em Belém, ao final do dia, acompanhei algumas pesquisadoras do grupo que desejavam visitar as lojinhas de *souvenir* da área turística do muro. Éramos seis mulheres e um homem. Caminhando pela rua que já estava praticamente vazia, muitos vendedores tentaram chamar nossa atenção para que comprássemos em suas lojas. Os produtos vendidos nas lojas eram quase todos iguais. Quadrinhos, cartões postais, imãs de geladeira, camisetas, *ecobags* e *keffiyehs*. Muitos destes itens estampam as artes mais conhecidas do muro, principalmente as de Banksy. Resolvi levar o grupo à loja que havia comprado dois imãs na minha visita à cidade no ano anterior, chamada Shop Behind the Wall. Ao nos aproximarmos da loja, um homem da loja ao lado tentou puxar conversa conosco, nos convidando a entrar na sua loja. Conversamos rapidamente com ele e seguimos, entrando na Shop Behind the Wall. O vendedor nos cumprimentou em inglês e começou a falar, insistentemente, para não nos aproximarmos do homem da loja ao lado que havia nos chamado. Apesar de nenhuma de nós ter dado muita atenção ao homem, o vendedor seguiu insistindo que nós não podíamos nos aproximar dele. Disse que recentemente o homem havia assediado sexualmente uma turista. Agradei o aviso e seguimos olhando a loja.

Ao nos escutar falando português uma com a outra, o vendedor se apresentou em espanhol como o artista Moodi Abdallah. Disse que já morou na Espanha e que além de artista, é guia turístico da região. A loja é um ponto de venda dos pacotes de passeios turísticos, que se alternam entre passeios pelos murais de Banksy, passeio pelas cidades de Nablus, Ramallah e Jericó e passeios pelo campo de refugiados de Aida. Contei que visitamos o campo de Dheisheh e que éramos um grupo de pesquisadoras brasileiras. Expliquei que já conhecia sua loja numa outra vez na cidade. Ele agradeceu por eu ter levado o grupo em sua loja e me presenteou com dois imãs.

Ao longo da conversa, Moodi contou que pintou algumas das obras do muro, como a famosa frase “*Make Hummus Not Walls*” (exposta na figura 9) e a imagem do rosto de Ahed Tamimi. Me surpreendi com a informação e perguntei sobre os italianos. Ele contou que pintou junto com eles e estava junto no momento em que foram presos. Também disse que havia uma outra imagem de Ahed no muro que foi apagada. Nunca cheguei a ver esta pintura em Belém, então suponho que ela tenha sido apagada antes de 2019. Encontrei a imagem em uma publicação do perfil do Instagram de Moodi, onde ele costuma postar suas obras e outras pinturas do muro. Também encontrei fotos dele e dos artistas italianos pintando o rosto de Ahed no muro e uma foto de Jorit Agoch e Salvatore De Luise sendo presos pelo exército. Na legenda, Moodi escreve em inglês:

Vejam como os colonizadores israelenses ilegais tratam artistas aqui na Cisjordânia ocupada! Dois artistas italianos corajosos vieram prestar homenagens e ajudar o povo palestino, mas foram presos e deportados. Nós continuaremos a resistir com grafite, nós não podemos ser oprimidos!<sup>74</sup>

Na pintura apagada de Ahed, ela está vestida com o casaco verde-militar da prisão israelense. Nas imagens divulgadas no momento da sua primeira audiência, ela aparece algemada e usando este casaco, ao lado da sua advogada Gabi Lasky.

**Figura 12-** Pintura apagada de Ahed Tamimi no muro em Belém



Fonte: Instagram, publicado da página de perfil de Moodi Abdallah<sup>75</sup>

Compartilhei com Moodi que eu estava pesquisando sobre Ahed Tamimi e que escrevi sobre a sua pintura no meu trabalho de conclusão de curso da graduação. Moodi então correu para o caixa da loja para me mostrar uma foto sua com Ahed pendurada na parede e falou, parecendo orgulhoso: “Ela é minha amiga, já veio aqui na loja.”. A foto no caixa da loja parecia uma forma de “marketing” que garantia credibilidade ao lugar. Assim como o costume de alguns restaurantes de exibirem fotos e assinaturas de celebridades que já comeram no estabelecimento, a imagem de Ahed abraçando o artista Moodi Abdallah exposta aos clientes

<sup>74</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B107CIZFq4S/?igshid=MDM4ZDc5MmU%3D>. Acesso: 31 jan. 2023.

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bkap0oMF1Zk/?igshid=MDM4ZDc5MmU%3D>. Acesso: 31 jan. 2023.



era a prova de que a famosa ativista já tinha ido àquela loja. Ao mesmo tempo, assim como as obras de Banksy sobre o muro, Ahed é um símbolo palestino de grande repercussão internacional. Nesse sentido, sua imagem na vitrine de uma loja de *souvenir* e pacotes de passeios turísticos é também uma forma de mobilizar a “Palestina turística” para os que visitam a cidade.

**Figura 13-** Ahed e Moodi Abdallah (2020)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Pendurar fotos de mártires pelas ruas da cidade, em estabelecimentos comerciais e nas casas é um forte costume da resistência palestina. Dessa maneira, é comum ver fotografias de homens, em geral jovens, que morreram como mártires da resistência nos espaços públicos e privados. Segundo Dayan-Herzbrun (1995, p. 180), “Os símbolos se mostram diferentes quando se trata de homens ou de mulheres. O “mártir” é um herói masculino, cuja morte gloriosa acentua sua identidade: seu nome é celebrizado e seu retrato se torna visível nas casas ou ruas. O sacrifício das mulheres não tem rosto.”. A socióloga se refere à ausência de um reconhecimento individualizado para a resistência feminina.

Ela discute o caso da representação da militante da FPLP, Leila Khaled, que para realizar a sua segunda operação de sequestro de avião, realizou um total de seis cirurgias plásticas para deformar o seu rosto de modo a se tornar irreconhecível. A crítica de Dayan-

Herzbrun (1995) aponta que as mulheres da resistência, ao invés de terem seus rostos estampados nas ruas, passam por uma marcação política dos seus corpos. Leila Khaled experimenta esta marcação da forma mais crua possível, utilizando seu corpo como instrumento de luta pautado pelo sacrifício. Em seu caso, ela optou por não fazer uso da anestesia geral para realizar os procedimentos de modificação facial em nome dos seus princípios políticos e ideológicos.

Era 13 de março de 1970 quando a primeira “distorção facial” foi realizada. Foi extremamente doloroso. Como eu havia recusado a anestesia geral, eu conseguia ver e sentir o movimento das agulhas. Eu suponho que pessoas no Ocidente vão chegar à conclusão de que eu devo ser masoquista, mas eu garanto que não sou. Eu tenho uma causa maior e mais nobre que a minha própria, uma causa pela qual todos os interesses e preocupações particulares devem ser subordinados. Então aqui me deitei sobre a mesa de cirurgia enquanto meus camaradas estavam sendo torturados, minhas irmãs sendo estupradas e a minha terra saqueada. (KHALED, 1973, p. 92, tradução livre)

Ainda que Dayan-Herzbrun (1995) busque marcar as diferenciações entre as representações dos homens e das mulheres no movimento de resistência palestina e mesmo que a trajetória de Khaled seja pautada na abdicação do seu próprio rosto, ela ainda assim representa uma ativista que protagonizou o cenário da resistência palestina nos anos finais da década de 60 e início da década de 70. Protagonizar no sentido de se destacar como figura simbólica internacionalmente, assim como Ahed Tamimi. Não por acaso, o rosto de Leila Khaled também foi pintado no muro de separação em Belém. Inspirada em uma das suas fotos mais reproduzidas e conhecidas, a pintura representa a Khaled de antes dos procedimentos de distorção facial.

**Figura 14-** Pintura de Leila Khaled no muro, Belém (2020)





Fonte: Arquivo pessoal da autora

A pintura dá destaque ao seu sorriso largo no rosto, ao seu *hijab*, que cobre parte do seu cabelo, e à arma que ela segura em suas mãos. O impacto produzido pela figura de Leila Khaled como ativista da resistência armada reflete até hoje, aos 78 anos de idade. Em 2020, a plataforma de videoconferências Zoom se recusou a transmitir um seminário da Universidade Estadual de São Francisco por contar com a participação de Khaled.<sup>76</sup> A decisão do Zoom também influenciou o Facebook e o YouTube a removerem a divulgação e transmissão do evento. Estes acontecimentos foram justificados pelo argumento de que a presença de Khaled como participante de um seminário universitário se enquadra em uma violação de leis federais do país.

Ahed Tamimi e Leila Khaled, apesar de terem se consolidado como símbolos da resistência palestina, são representadas de modos distintos. Além do relato de Khaled sobre as suas tentativas de abdicar de características femininas para se inserir em um meio militar extremamente masculinizado (IRVING, 2012), as representações da ativista da FPLP se concentraram, majoritariamente, no seu *hijab* e na sua arma, como observado na pintura exposta acima. As imagens que representam Ahed Tamimi, por outro lado, ressaltam a sua feminilidade através do seu cabelo loiro, solto e volumoso, e das suas roupas que a caracterizam como uma adolescente. Nas duas pinturas que representam sua imagem no muro (figuras 16 e 17), o seu cabelo ocupa um espaço significativo na imagem, em proporções até maiores que o seu próprio rosto. Este também é o caso da capa da sua autobiografia (exposta na figura 5), em que ela é representada com apenas dois elementos em destaque: seu cabelo e a *keffiyeh* enrolada no pescoço.

Isto também pode ser observado por meio dos desenhos e charges que circularam pela internet sobre a resistência de Ahed Tamimi. Selecionei três charges, expostas abaixo, que foram produzidas entre dezembro de 2017 e julho de 2018, desde a prisão de Ahed até o momento em que ela é libertada, quase oito meses depois. A primeira foi feita pelo cartunista britânico-jordaniano Omar Abdallat e retrata a figura de Ahed sobre a silhueta do mapa conclamado pelo povo como a Palestina, que inclui o território das fronteiras de 48, Gaza e Cisjordânia. Assim como a capa do livro *They Called Me a Lioness* (2022), a charge de Abdallat busca representar Ahed como símbolo da resistência à partir da sua *keffiyeh* no pescoço e do seu cabelo. No desenho, seu rosto de perfil ocupa um pedaço pequeno da região norte do

---

<sup>76</sup> Disponível em: <https://theintercept.com/2020/11/14/zoom-censorship-leila-khaled-palestine/>. Acesso: 02 fev. 2023.

território do mapa e é destacado por um dos seus olhos azuis, grande e bem no centro do rosto. A *keffiyeh* preenche por inteiro o resto do mapa, marcando aquele território, que hoje está, em sua maioria, sob domínio israelense, como terra palestina. O cabelo de Ahed se expande para fora do mapa, ocupando a região litorânea do Mar Mediterrâneo. O artista desenha as ondas do seu cabelo onde estão as ondas do mar, soltas e em movimento.

**Figura 15-** Charge do cartunista Omar Abdallat



Omar  
Abdallat

Fonte: Cartoon Movement<sup>77</sup>

A segunda charge é do ilustrador brasileiro Carlos Latuff e foi publicada no momento da libertação de Ahed e Nariman da prisão, em julho de 2018. No desenho, uma cela israelense de portas abertas marca a saída de Ahed da prisão, deixando para trás as roupas da prisão. A cena marca um feliz reencontro de Ahed com uma mulher mais velha - talvez representando a sua mãe-, ambas comemorando a liberdade. Mais uma vez, o cabelo aparece como a marca da sua identidade, visto que nessa charge, o seu rosto nem aparece. A imagem representa um encontro de gerações entre duas mulheres palestinas, caracterizadas com diferentes elementos femininos. Ahed veste calça jeans, camiseta branca e tênis, usa seus cabelos soltos e ergue o braço com punhos fechados, como sinal de resistência. A mulher mais velha, possivelmente Nariman, usa um vestido tradicional palestino, com a imagem da bandeira nacional e escritos árabes nas mangas, um *hijab* branco cobrindo seus cabelos e sandálias. Ela abre seus braços em

<sup>77</sup> Disponível em: <https://cartoonmovement.com/cartoon/ahed-tamimi>. Acesso: 04 fev. 2023.

direção a Ahd as se fosse abraçá-la, como sinal de acolhimento e cuidado na recepção da jovem. A marcação das diferenças entre as gerações de mulheres palestinas reforça a figura de Ahd como uma ativista jovem, rompendo com a estética da tradicional mulher palestina do campo, hoje representada por mulheres mais velhas - e idosas, na maioria das vezes.

**Figura 16-** Charge do cartunista Carlos Latuff



Fonte: Mondoweiss<sup>78</sup>

A terceira charge é do cartunista espanhol Dragan e foi publicada em janeiro de 2018, logo após a viralização do vídeo do confronto e da prisão de Ahd Tamimi e sua mãe. Ela retrata o confronto entre Ahd e o soldado israelense fazendo uma releitura da cena a partir do filme de animação da Disney lançado em 2012, Valente. A charge se chama Ahd Tamimi- Brave, em alusão ao nome do filme em inglês. Valente faz parte da nova geração de filmes da Disney que retrata princesas que seguem novas trajetórias para além do tradicional conto de fadas em que o final feliz é resumido pelo casamento com um príncipe encantado. Neste filme, a princesa Merida cresce sob os ensinamentos de sua mãe para que ela se torne a sucessora do reino escocês, assumindo o cargo de rainha. A protagonista, entretanto, rejeita o futuro que foi planejado para ela, preferindo se dedicar a seu esporte favorito, o arco e flecha. Assim, a

<sup>78</sup> Disponível em: <https://mondoweiss.net/2018/07/incomplete-freedom-tamimi/>. Acesso: 04 fev 2023.

princesa é conhecida como aquela que rompe com a tradição, entrando em confronto com a sua mãe e os valores ancestrais do reino.

Merida possui cabelos ruivos, compridos, cacheados e volumosos, como os de Ahed Tamimi. Na charge, Ahed é representada com o vestido azul e a capa da princesa Merida. Ela se posiciona em frente ao soldado israelense em posição de confronto. Ao invés do arco e flecha, Ahed segura um estilingue e uma bolsinha de pedras. Os elementos femininos da charge são novamente marcados pelo seu cabelo, o símbolo que remete sua aparência à princesa Merida. Além disso, a comparação com a princesa da Disney associa Ahed à figura da jovem garota que rompe com as gerações anteriores através de uma nova forma de lutar por si e pela sua geração, sendo ressaltada como uma menina surpreendentemente corajosa e “valente”.

**Figura 17-** Charge Ahed Tamimi-*Brave*, do cartunista Dragan



Fonte: Toonpool<sup>79</sup>

Essas charges são alguns dos exemplos que mobilizam a aparência de Ahed Tamimi como marca fundamental da sua resistência. Desde a viralização do seu vídeo confrontando os soldados, seu corpo tornou-se instrumento de luta contra a presença do exército israelense na sua vila. Na cena repercutida, Ahed se coloca em frente aos soldados armados e equipados e bate neles com as próprias mãos. As cirurgias de transformação facial de Leila Khaled também são um exemplo da instrumentalização do seu corpo como campo de disputa política. Ambas se tornaram figuras simbólicas a partir de formas de resistência onde seus corpos são utilizados

<sup>79</sup> Disponível em: [https://www.toonpool.com/cartoons/Ahed%20Tamimi-Brave\\_306770#](https://www.toonpool.com/cartoons/Ahed%20Tamimi-Brave_306770#). Acesso: 04 fev. 2023.

como instrumentos de confronto. Como consequência, Ahed Tamimi e Leila Khaled tiveram suas imagens consolidadas como representações da causa nacional palestina. Seus rostos foram reproduzidos nas ruas, cartazes e na mídia como bandeiras nacionais, impulsionando as pautas reivindicadas pelo movimento de resistência palestina.

Esta constatação se assemelha à noção de “corpo-bandeira” (Gomes, 2017; Gomes; Sorj, 2014). Em um contexto de análise da atuação do Movimento Marcha das Vadias (MdV) no Brasil, as sociólogas Carla de Castro Gomes e Bila Sorj (2014) identificam que as ativistas feministas utilizam seus corpos como instrumentos de expressão e reivindicação no movimento. Através de artefatos como a nudez, batom vermelho e mensagens escritas nos corpos, as mulheres da MdV questionam e desafiam as normas de gênero implicadas às mulheres nos espaços públicos. Assim se desenvolve a ideia de um “corpo-bandeira”, em que os corpos mobilizam diversos significados e emoções (GOMES, 2017). Nos casos de Ahed Tamimi e Leila Khaled, para além da auto instrumentalização dos seus corpos como ferramentas de resistência, a reprodução das suas imagens provocam múltiplas reações e tensões - como a prisão dos artistas italianos que pintaram o rosto de Ahed no muro de separação ou a negação do Zoom em transmitir um evento com participação de Leila Khaled.

### **3.3. As repercussões da situação**

Desde o momento em que o trecho da *live* postada na página de perfil do Facebook de Nariman Tamimi, em que Ahed confronta dois soldados com gritos, tapas e chutes, viralizou na internet, a situação repercutiu para além das mídias palestinas e israelenses, alcançando os veículos de comunicação internacionais. A infinidade de materiais produzidos sobre o caso se tornou um grande desafio do meu longo processo de pesquisa, devido a dificuldade em selecionar, classificar e analisar os inúmeros materiais. O caso Ahed Tamimi repercutiu não apenas por meio de notícias jornalísticas, mas também através de artigos de opinião, declarações públicas de personalidades, ativistas e lideranças políticas, manifestações nas ruas, campanhas nas redes sociais, palestras e eventos culturais. Assim, a variedade de materiais sobre a repercussão do caso também me desafiou em relação à forma de condução da pesquisa e análise dos dados. Optei, então, por dividir esta seção final do capítulo em duas partes.

Primeiramente, me concentro em analisar o desenvolvimento da campanha *#FreeAhedTamimi*, repercutida logo após a publicação do vídeo da prisão de Ahed no Twitter da IDF, através dos cartazes e eventos promovidos em sua defesa. E os contrapontos dessa mobilização, materializadas em manifestações a favor da sua prisão e até ameaças de morte.

Em seguida, analiso parte da repercussão sobre o caso que tratou de forma mais direta sobre a feminilidade de Ahed, sendo mobilizada de diferentes formas. Esta análise conta com os seguintes materiais: artigos de opinião, um poema publicado no Instagram, *tweets* e um episódio de um *talk show*.

### **3.3.1. Entre a campanha #FreeAhedTamimi e as ameaças contra sua figura simbólica**

Após a viralização do vídeo do confronto, as manifestações da opinião pública perante a figura de Ahed Tamimi se desenvolveram com força em torno da campanha #FreeAhedTamimi, defendendo sua liberdade. Por outro lado, discursos a favor da sua prisão e condenação também foram disseminados, especialmente entre setores conservadores da sociedade israelense. Não pretendo reduzir a repercussão pública sobre a situação em lados antagônicos, criando possíveis binarismos, mas analisar os discursos que ganharam força diante do caso sustentados por estas campanhas. Ambos os discursos se espalharam internacionalmente e se manifestaram por meio de *hashtags*, *protestos* nas ruas, eventos culturais e cartazes físicos e digitais, distribuídos nas ruas e nas redes. Seja em favor da sua liberdade ou do seu encarceramento, as campanhas contribuíram como forças impulsionadoras da construção de Ahed como figura simbólica do movimento de resistência palestina aos olhos do mundo.

Logo após a repercussão das notícias sobre a prisão de Ahed Tamimi, espetacularizada pela publicação do vídeo de sua prisão na página oficial do Twitter do exército israelense, as palavras “*Free Ahed Tamimi*” ganharam força para além de Nabi Saleh, acompanhadas de frases como “*Free Palestine!*”, “*No child behind bars*” e “*Prisonnière politique palestinienne*” em protestos de rua e nas redes sociais. Em Nova York, os grupos NY4Palestine, Al-Awda NY: The Palestine Right to Return Coalition e Samidoun Palestinian Prisoner Solidarity Network organizaram um protesto no Union Square com o objetivo de espalhar a campanha pela libertação de Ahed da prisão. De acordo com a notícia do Mondoweiss<sup>80</sup>, durante o evento, integrantes do grupo conservador Jewish Defence League apareceram no protesto com cartazes a favor da detenção de Ahed. O Jewish Defence League foi fundado pelo rabino ortodoxo de extrema direita Meir Kahane, que também foi um ex-parlamentar israelense conhecido por sustentar ideias racistas e discriminatórias para com os palestinos em Israel. Os cartazes

---

<sup>80</sup> Disponível em: <https://mondoweiss.net/2017/12/yorkers-solidarity-tamimi/>. Acesso: 11 fev. 2023.



expostos no evento contrastam entre desenhos do rosto de Ahd Tamimi, erguidos por mulheres jovens e adolescentes, e mensagens a favor da prisão de Ahd, levantadas por homens de meia idade.

Em Londres, as organizações Palestine Action e Project Stencil se juntaram em uma intervenção artística que estampou diversos pontos de ônibus da cidade com um cartaz ilustrado a favor da libertação de Ahd. A imagem de um desenho gráfico em preto e branco ilustra uma cena de confronto entre Ahd e um soldado israelense. Ahd ocupa o centro da imagem em posição afrontosa, com os olhos direcionados ao soldado. Ele, por sua vez, é representado apenas por uma fresta do seu corpo, que se camufla com as margens do ponto de ônibus, causando a impressão de que ele se esconde ou vai se apagando diante do enfrentamento da adolescente. Atrás de Ahd, aparece uma mulher de vestido e *hijab* preto, sem rosto aparente, segurando a bandeira da Palestina. A imagem de Ahd como uma adolescente “moderna”, que utiliza roupas similares às das garotas adolescentes de países ocidentais, esteve no centro do debate internacional sobre o caso. Conseqüentemente, observo que as diferenças das representações de mulheres palestinas tidas como “tradicionais” - as que usam vestidos compridos e *hijab* - e “modernas” - como as adolescentes de Nabi Saleh - são realçadas nos cartazes em defesa de Ahd Tamimi. Na ilustração do cartaz abaixo, enquanto Ahd aparece em primeiro plano confrontando o soldado israelense, a imagem da mulher de *hijab*, não identificada, aparece no plano de fundo e de costas para a cena.

**Figura 18-** Cartaz *Free Ahd Tamimi* em ponto de ônibus, Londres (2017)



Fonte: +972 Magazine<sup>81</sup>

Em um dos eventos de celebração do centenário de Nelson Mandela, em fevereiro de 2018, seu neto, Mandla Mandela, declarou apoio a Ahed e defendeu a sua liberdade.

Eu aproveito este dia para chamar a libertação de Ahed Tamimi e todas as crianças que se encontram presas nas prisões israelenses, mulheres e prisioneiros políticos. Eu acredito que da mesma forma que os palestinos nos apoiaram durante nossa luta por libertação, hoje é um dia em que nós, como sul-africanos, devemos agir por este chamado e garantir que nós também prestamos nossa solidariedade ao povo palestino. Meu avô sempre esteve perto da luta palestina, chamando-a de a maior questão moral dos tempos modernos. Ainda assim, o mundo permanece em silêncio sobre esta questão. Eu espero que nosso presidente Cyril Ramaphosa não se cale, ele falará bastante, especialmente depois de ter tirado fotos com Ahed Tamimi. E nós esperamos que o seu chamado ecoe por Israel e a gente receba a atenção necessária para que ela seja libertada. (NEWS24, 2018, tradução livre)<sup>82</sup>

Em sua autobiografia (TAMIMI; TAKRURI, 2022), Ahed compartilhou suas experiências na África do Sul e declarou que se inspira em Nelson Mandela para seguir com o seu ativismo. As relações estabelecidas entre palestinos e sul-africanos apareceram nesta dissertação desde a estátua de Mandela em Ramallah, até a declaração de Mandla Mandela em defesa de Ahed Tamimi.

Além do apoio de Mandla Mandela, uma carta aberta publicada pela organização de direitos humanos Dream Defenders em defesa da libertação de Ahed foi assinada por diversas celebridades e personalidades estadunidenses, como os ativistas fundadores do Black Lives Matter, Patrisse Cullors e Alicia Garza, as escritoras Angela Davis, Michelle Alexander e Alice Walker, os atores Danny Glover e Jesse Williams, os músicos Vic Mensa e Tablib Kweli e até o ex-jogador de futebol americano Michael Bennett. A repercussão do caso nos Estados Unidos contribuiu para a ampla divulgação do apoio a Ahed Tamimi através dos pronunciamentos destas personalidades públicas, principalmente nas redes sociais.

Em paralelo, ações de grupos palestinos na Cisjordânia buscaram recolher apoio e homenagens à Ahed Tamimi. Seu pai, Bassem, publicou um artigo de opinião no jornal israelense Haaretz intitulado *My Daughter, These Are Tears of Struggle*, que foi traduzido para diversas línguas e amplamente divulgado. Além disso, Bassem realizou palestras para contar a história de sua filha em diferentes instituições, incluindo um encontro com estudantes de

---

<sup>81</sup> Disponível em: <https://www.972mag.com/activists-bring-london-commuters-face-to-face-with-ahed-tamimi/>. Acesso: 11 fev. 2023.

<sup>82</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Tn0naeTfBjw&ab\\_channel=News24](https://www.youtube.com/watch?v=Tn0naeTfBjw&ab_channel=News24). Acesso: 11 fev. 2023.



Harvard que visitavam a Universidade de Birzeit<sup>83</sup>. Os protestos em Nabi Saleh contaram com a participação de ativistas palestinos de diversas cidades da Cisjordânia. Como de costume na vila, participaram do protesto desde crianças até idosos. Cartazes com o rosto de Ahed Tamimi foram impressos e espalhados entre os manifestantes. Uma mensagem em inglês e árabe diz: O cone da resistência popular, *#FreeAhed*.

**Figura 19-** Cartaz *Free Ahed* em protesto em Nabi Saleh (2018)



Fonte: Al Jazeera<sup>84</sup>

Durante o tempo em que Ahed esteve presa, o conjunto musical de mulheres Banat Al-Quds - traduzido como Filhas de Jerusalém - realizou uma apresentação em sua homenagem no auditório da Universidade de Birzeit, onde Ahed se tornou estudante de Direito tempos depois. O evento foi organizado pelos moradores de Nabi Saleh em parceria com uma diversidade de instituições locais, como a prefeitura de Ramallah, a União Geral de Mulheres Palestinas e a Rede de Performances Artísticas Palestinas. O cartaz de divulgação do evento contou com uma arte gráfica que representa uma Ahed Tamimi gigante perante as mulheres do conjunto musical, segurando a bandeira palestina. Realizado pelas instituições palestinas, o evento integrou a série de ações dedicadas ao impulsionamento da campanha pela libertação de Ahed.

<sup>83</sup> Disponível em: <https://www.birzeit.edu/en/news/harvard-students-witness-first-hand-effects-israeli-occupation-visit-birzeit-university>. Acesso: 11 fev. 2023.

<sup>84</sup> Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2018/1/13/palestinian-protesters-demand-ahed-tamimis-release>. Acesso: 11 fev. 2023.

**Figura 20-** Cartaz de anúncio da apresentação do conjunto Banat Al-Quds (Filhas de Jerusalém) em homenagem a Ahed Tamimi (2018)



Fonte: Facebook<sup>85</sup>

Organizações israelenses também se manifestaram em apoio a Ahed. O grupo feminista israelense Coalizão de Mulheres para a Paz organizou um protesto em frente ao Ministério da Defesa em Tel Aviv, onde mulheres e homens se ajoelharam com os olhos vendados em protesto pela prisão de Ahed, Nariman e Nour Tamimi. De acordo com Tanya Rubinstein, uma das líderes da organização feminista:

Na semana passada, vimos como a mídia e o discurso israelense distorcem a realidade além de qualquer proporção. E a realidade é esta: uma menina de 16 anos e duas outras mulheres estão presas há dias depois que o exército invadiu sua casa no meio da noite; depois de anos de incursões noturnas, prisões e ataques a manifestantes em sua aldeia, cujas terras foram roubadas pelos assentamentos vizinhos com o apoio do Estado e do exército. Assim como permanecemos nas ruas de Tel Aviv esta noite para lembrar o público da realidade em que vive a família Tamimi, continuaremos a lembrar ao público israelense que a realidade da ocupação não pode ser escondida atrás de muros, postos de controle ou assentamentos. (+972 MAGAZINE, 2017, tradução livre)

Cartazes com a mensagem “Não é o tapa, é a ocupação” foram expostos durante o evento. A mensagem passada pelo grupo buscou apontar para o problema central por trás do caso Tamimi: a ocupação ilegal israelense dos territórios palestinos.

Em paralelo às manifestações israelenses de apoio à ativista, os setores da extrema direita israelense também se mobilizaram. Uma das reações que mais repercutiram deste campo foi a matéria do jornalista Ben Caspit publicada no dia em que Ahed foi presa<sup>86</sup>. Ele sugere: “Quanto às meninas [Ahed e Nour], é melhor cobrar o preço em outra oportunidade, no escuro,

<sup>85</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/events/918930221598738>, Acesso: 11 fev. 2023.

<sup>86</sup> Disponível (em hebraico) em: <https://www.maariv.co.il/journalists/Article-614459>. Acesso: 14 fev. 2022.

sem testemunhas ou câmeras” (CASPIIT, 2017, tradução livre). A violenta insinuação do jornalista possui caráter ameaçador e incita a população israelense a cobrar “retaliações” por fora do sistema jurídico militar israelense. Em meio às movimentações das audiências iniciais do caso, no final de janeiro de 2018, Nabi Saleh também foi palco de pichações com frases ameaçadoras a Ahed. Frases como “Pena de morte para Ahed Tamimi”, “Não há lugar em Israel para a família Tamimi” e “Saudações à unidade de operações de represália da IDF” apareceram pichadas em hebraico nas paredes das ruas da vila.<sup>87</sup> Ahed afirma em sua autobiografia que os autores das pichações foram os colonos de Halamish (TAMIMI; TAKRURI, 2020).

O ex-parlamentar israelense Oren Hazan, do partido Likud - chefiado pelo primeiro-ministro Benjamin Netanyahu -, declarou em entrevista à reportagem da BBC conduzida pelo jornalista Jeremy Bowen<sup>88</sup>: “Se eu estivesse lá, ela acabaria no hospital. Sem dúvidas. Ninguém iria me impedir. Eu chutaria, chutaria seu rosto. Pode acreditar.”. Bowen, visivelmente surpreso com a fala, responde: “Ela é uma menina de dezesseis anos.”. E Hazan continua: “Não, eu não vejo desta forma. Porque hoje ela é uma menina de dezesseis anos que bate no soldado e amanhã ela enfia uma faca em sua garganta”. O jornalista segue contestando: “Eles dizem que protestam pacificamente.”. Hazan sorri ironicamente e diz: “Você está me vendo sorrir. Se isto é um protesto pacífico, eu não quero imaginar o que seria um protesto não pacífico”. Bowen finaliza dizendo: “Um tapa não é terrorismo”. E Oren Hazan discorda: “Não, um tapa é sim terrorismo!”. Ahed é novamente associada por setores extremistas da direita israelense como uma agente da violência (WANG, 2020).

Ahed retoma estas declarações em sua autobiografia: “Até hoje eu fico arrepiada só de imaginar qual era o preço que Caspit tinha em mente, porém, mais ainda, eu ponderei que tipo de ódio que esses homens crescidos devem ter em seus corações para escreverem coisas tão repugnantes e desejar tanto mal a uma jovem garota.” (TAMIMI; TAKRURI, 2020, p. 172, tradução livre).

### 3.3.2. Disputas sobre o feminino

No centro da repercussão gerada pela situação de confronto entre Ahed e os soldados se estabeleceu um debate em torno da sua feminilidade. Me dedico à discussão sobre o tema por meio da análise de pronunciamentos circulados na internet e debatidos por parte de lideranças

<sup>87</sup> Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/threatening-messages-found-spray-painted-in-village-of-teen-who-slapped-soldier/>. Acesso: 14 fev. 2022.

<sup>88</sup> Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/p05wqg1f>. Acesso: 14 fev. 2022.

políticas, jornalistas, artistas e outras personalidades públicas. Percebo uma variedade de usos do feminino como forma de realçar, valorizar, e reafirmar o ativismo de Ahed Tamimi, assim como meio de desqualificar, criticar e diminuí-lo. Dessa maneira, os debates sobre o feminino tornaram-se uma arena de disputas que dizem respeito às percepções consolidadas sobre o “ser mulher palestina”. Ou seja, as discussões que tratam da feminilidade de Ahed refletem nos entendimentos imaginados e construídos sobre o lugar e a atuação de uma jovem mulher palestina como ela no movimento de resistência.

Dentre os discursos que simpatizam com a atuação de Ahed Tamimi, há os que buscam fazer comparações da sua figura com outras mulheres que se destacaram ao longo da história por atos de resistência, das mais diversas formas. Este é o caso do artigo de opinião do jornalista estadunidense David A Love, publicado na Al Jazeera e intitulado *Ahed Tamimi is the new Rosa Parks*<sup>89</sup>. Love compara a ação da ativista palestina de enfrentamento aos soldados israelenses à recusa da ativista negra Rosa Parks de ceder o seu lugar no ônibus para um homem branco no Alabama em 1955, desafiando as leis de segregação racial da época. Ambas foram presas e geraram discussões públicas sobre desigualdade e segregação. Assim, o autor do artigo compreende que Ahed Tamimi representa um símbolo de luta pela igualdade na Palestina, como Rosa Parks representou nos Estados Unidos na década de 50.

Outro caso de comparação entre Ahed e mulheres históricas é o do poema escrito pelo renomado artista e compositor israelense Yonatan Geffen. Em janeiro de 2018, um mês após a prisão de Ahed, Geffen publicou em sua página do Instagram:

Uma menina bonita de 17 anos cometeu um terrível ato  
 E quando um policial israelense invadiu a sua casa mais uma vez  
 Ela lhe deu um tapa no rosto  
 Ela nasceu nesta farsa  
 De 50 anos de ocupação e humilhação  
 E quando a história dessa luta for contada  
 Ahed Tamimi,  
 De cabelo vermelho,  
 Como David derrotou Golias,  
 Será contada ao lado de  
 Joana D'arc, Hannah Senesh e Anne Frank (GEFFEN, 2018, tradução livre)<sup>90</sup>

O poema se inicia destacando duas características de Ahed: ser bonita e jovem. O seu cabelo aparece como elemento único de descrição da sua aparência. Em primeiro lugar, Ahed é

<sup>89</sup> Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2018/1/15/ahed-tamimi-is-the-palestinian-rosa-parks>. Acesso: 02 mar. 2022.

<sup>90</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BeQwx9RgSRH/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/BeQwx9RgSRH/?utm_medium=copy_link). Acesso: 02 mar. 2022.

comparada com o personagem bíblico David, conhecido por ter derrotado o gigante Golias, mesmo em posição vulnerável e desprotegida. Nesse sentido, a construção do autor associa Ahed à narrativa de que, mesmo frágil e vulnerável, ela vence os “gigantes”.

Ao final do texto, ele traz à tona três figuras femininas de origens e histórias diferentes que possuem como fator comum serem conhecidas como mulheres de destaque na história por persistirem em lutar e resistir de modos distintos. As comparações com Rosa Parks, Joana D’arc, Anne Frank e Hannah Senesh acentuam a determinação de Ahed Tamimi como uma figura feminina da resistência. Esses nomes compartilham entre si a vivência como mulheres e um histórico de resistência e luta.

O poema de Yonatan Geffen repercutiu de forma intensa em Israel, provocando a manifestação pública no Facebook do então Ministro da Defesa do país, Avigdor Liberman.

Eu instruí esta manhã o comandante do Galei Tzahal (Rádio do Exército) a parar de tocar músicas ou entrevistar o Yonatan Gefen em todas as transmissões da rádio, e convoco todos os meios de comunicação em Israel a fazerem o mesmo. O Estado de Israel não dará palanque a um bêbado que compara uma garota que foi exterminada na Shoá<sup>91</sup> [Anne Frank], ou uma heroica combatente que lutou contra o nazismo [Hannah Senesh] com a Ahed Tamimi, a pirralha que atacou um soldado. A perseguição por manchetes de Geffen é repugnante e odiosa. O palanque digno de suas palavras desprezíveis são as transmissões da El-Manar. (LIBERMAN, 2018, tradução livre)<sup>92</sup>

Liberman é fundador e líder do partido nacionalista de extrema direita *Yisrael Beiteinu* -em português, Israel Nossa Casa-, que representa a comunidade de imigrantes russos em Israel. E é conhecido por ter proferido diversas declarações racistas ao longo de sua carreira política. A comparação de Ahed, uma jovem palestina, com duas mulheres judias consagradas como figuras que resistiram às políticas da Alemanha nazista revoltou Liberman. Em resposta, ele optou por chamar Ahed de pirralha, de modo a desqualificá-la por ser uma menina e jovem. Esses atributos, entretanto, também poderiam ser aplicados a Anne Frank e Hannah Senesh, que se tornaram mundialmente conhecidas enquanto jovens mulheres. O uso do termo pirralha é uma tentativa de infantilizar a cena do confronto entre Ahed e os soldados, transformando os tapas em um comportamento indisciplinado de uma criança, como se ela estivesse “fazendo birra”.

<sup>91</sup> O termo *Shoá* é designado para se referir ao genocídio judaico perpetrado pelo governo e apoiadores nazistas na Segunda Guerra Mundial. Em oposição à nomenclatura Holocausto, de origem bíblica e religiosa em alusão à palavra ‘sacrifício’, o termo *Shoá*, que significa devastação ou catástrofe em hebraico, foi incorporado pela historiografia como forma de desvincular o genocídio à raízes e interpretações religiosas (DANZIGER, 2007).

<sup>92</sup> Disponível em:

[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1808237045855902&id=178433145502975](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1808237045855902&id=178433145502975). Acesso: 02 mar 2022.



O termo pirralha também foi utilizado pelo ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro para descrever a jovem ativista ambiental sueca Greta Thunberg em 2019, após ela ter divulgado no Twitter sobre a morte de dois indígenas da tribo Guajajara no Maranhão e ter dito que os indígenas estão sendo mortos por tentar defender a floresta do desmatamento ilegal.<sup>93</sup> As figuras de Ahed e Greta, enquanto mulheres que lutam publicamente por direitos, provocam e incomodam perpetradores e defensores dos sistemas de opressão os quais elas desafiam. Não pretendo, nesta análise, gerar dualismos entre “oprimidas” e “opressores”, mas apontar para os efeitos provocados pela repercussão de vozes destas jovens mulheres. Aos olhos de Avigdor Liberman, Anne Frank e Hannah Senesh, como jovens mulheres, ocupam um lugar louvável na história judaica. Enquanto Ahed pertence à categoria de pirralha.

Entretanto, a acusação de Liberman apresenta controvérsias. De um lado, ele busca diminuir os efeitos da ação de Ahed Tamimi, como um tapa fraco e infantil perante a força do exército. Por outro, suas declarações apontam para Ahed como uma grande ameaça à sociedade israelense e, principalmente, aos soldados. Isto é percebido na sua resposta ao poema de Geffen, em que Liberman, sob comando do Ministério da Defesa, exigiu ao comandante da estação de rádio do exército, Shimon Elkabetz, o boicote a qualquer música ou entrevista do compositor. A rádio controlada pela IDF ficou proibida de reproduzir músicas ou falar sobre Geffen no ar. Liberman ainda incentivou que todos os canais de mídia israelense fizessem o mesmo. Para ele, as canções de Geffen deveriam ser reproduzidas na estação de rádio libanesa El-Manar. A demonstração de apoio à Ahed, na lógica de Liberman, faz as músicas de Geffen - renomado cantor israelense desde os anos 70 - pertencerem, automaticamente, aos ouvintes árabes do Líbano.

A declaração de Liberman foi questionada pelo Procurador Geral israelense Avichai Mendelblit, que apontou a falta de autoridade legal do ministro para tomar esta decisão. Em resposta a Mendelblit, Liberman respondeu que a sua decisão de censurar Geffen do Galei Tzahal foi baseada no argumento de que os soldados, ouvintes da rádio, devem ser protegidos. De acordo com o Haaretz<sup>94</sup>, Liberman respondeu que “a estação de rádio é ‘em primeiro lugar, uma estação de rádio militar e não deve ser usada como uma plataforma de incitação’ por alguém que ‘tortura’ Israel e seus soldados.”. Aqui, ao invés de pirralha, Ahed - e Geffen,

---

<sup>93</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/10/bolsonaro-chama-greta-thunberg-de-pirralha-ao-comentar-declaracao-da-ativista-sobre-morte-de-indios.ghtml>. Acesso: 06 fev. 2023.

<sup>94</sup> Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2018-01-23/ty-article/premium/liberman-calls-to-ban-poet-for-comparing-palestinian-to-anne-frank/0000017f-da83-d718-a5ff-fa87138c0000>. Acesso: 06 fev. 2023.

consequentemente - é percebida como uma pessoa perigosa, que deve ser contida e silenciada do debate público israelense.

Diante da enorme repercussão gerada pelo poema, cinco dias depois, em 27 de janeiro de 2018 - data que marca o Dia Internacional da Lembrança do Holocausto -, Geffen se desculpou publicamente em um evento cultural na cidade de Petah Tikva por ter comparado Anne Frank e Hannah Senesh a Ahed Tamimi, pedindo desculpa especialmente aos que se sentiram pessoalmente ofendidos. Ele compartilhou ter passado os últimos cinco dias sendo intensamente assediado pela mídia por conta do poema.

Eu apenas queria ilustrar que, assim como temos nossa preocupação em criar heróis nacionais – de Trumpeldor a Moshe Dayan – os palestinos também têm o direito de criar seus próprios heróis. [...] Meu erro foi incluir Hannah e Anne, que admiro profundamente, na lista. Trazer Anne Frank e Hannah Senesh para esta história foi um erro, e peço desculpas do fundo do meu coração por isso. Eu poderia muito bem ter escrito que Ahed Tamimi estava ao lado da Mulher Maravilha e Gal Gadot. [...] Desde que Lieberman me boicotou, as pessoas me chamaram de velho bêbado, todo mundo me boicotou - há duas coisas a se fazer. A primeira é trazer a ocupação de volta às manchetes, porque ocupamos outro povo há cinquenta anos, caramba. A segunda é trazer à tona nossa preocupação em criar heróis nacionais. Os palestinos também podem criar seus próprios heróis. (GEFFEN, 2018, tradução livre)<sup>95</sup>

O pedido de desculpas de Geffen indica a sensibilidade implicada ao tema da *Shoá* por parte de setores da sociedade israelense. A *Shoá* foi incorporada pelo projeto nacional sionista como forma de reafirmar a legitimidade judaica sobre aquele território (GHERMAN, 2014). Parte deste uso político da *Shoá* é refletido na construção do seu caráter de excepcionalidade. Como consequência, quando os diversos elementos atrelados ao evento - o genocídio, antissemitismo, nazismo, vítimas, sobreviventes, guetos e campos de concentração - são comparados a outros fenômenos, despertam debates sobre uma possível banalização da *Shoá*. Isto levou Geffen a retirar a comparação de Ahed às personalidades judaicas da *Shoá* e substituí-las pela atriz israelense que atuou no filme *Mulher Maravilha*, Gal Gadot.

O compositor reconhece Ahed Tamimi como "heroína nacional" do povo palestino e afirma que Israel também produz seus heróis nacionais, como Trumpeldor e Moshe Dayan - duas lideranças militares consagradas principalmente pela direita israelense. Mas ao retirar Anne Frank e Hannah Senesh do rol de personalidades aceitavelmente comparáveis com Ahed, Geffen opta por compará-la a Gal Gadot - uma atriz que representa a personagem da *Mulher Maravilha*. Embora Gadot seja uma celebridade israelense que conquistou o cinema *hollywoodiano*, ela não está vinculada ao projeto nacional sionista como Trumpeldor ou Dayan.

<sup>95</sup> Disponível em: <https://www.ynetnews.com/articles/0.7340.L-5077289.00.html>. Acesso: 06 fev 2023.

Mesmo assim Geffen descarta as duas lideranças militares masculinas como possibilidade de exemplo comparativo a Ahed, símbolo do nacionalismo palestino.

Dentre as críticas de setores conservadores da mídia israelense à Ahed Tamimi, ela também foi chamada de “Shirley Temper”, em alusão à atriz mirim de Hollywood dos anos 30, Shirley Temple. A comparação com Temple sustenta a acusação de que a cena do confronto entre Ahed e os soldados é uma atuação e que a ativista seria, na verdade, uma atriz. O trocadilho com o nome da atriz, trocando “Temple” por “*temper*”, destaca o temperamento de Ahed Tamimi no momento do confronto. Ao mesmo tempo que a centralidade do feminino na repercussão do ativismo de Ahed permite comparações suas com mulheres de grande legado de resistência, também geram discursos que desqualificam o seu posicionamento de enfrentamento à ocupação israelense. Mais uma vez, são utilizados termos que apontam para a sua “indisciplina” ao confrontar os soldados israelenses, fortalecendo a ideia de que a cena do vídeo é gerada por uma atitude infantil, provocada por um temperamento exaltado ou simplesmente falso.

No dia em que Ahed Tamimi foi presa, o diplomata Michael Oren, ex parlamentar israelense e ex-embaixador de Israel nos Estados Unidos, publicou em seu Twitter: “A família Tamimi - que pode nem ser uma família real - veste crianças em roupas americanas e paga elas para provocarem tropas da IDF em câmera. Este uso cínico e cruel de crianças constitui abuso. Organizações de direitos humanos devem investigar!” (OREN, 2017, tradução livre)<sup>96</sup>. A fala de Oren questiona o fato de Nariman, Bassem, Waed, Ahed, Abu Yazan e Salam constituírem uma família, acusando-os de serem atores contratados para forjarem uma imagem de vitimização do povo palestino diante de uma violência israelense provocada forçadamente. Oren chegou a declarar ao Haaretz que o governo israelense realizou uma investigação para descobrir se eles eram uma família de fato aproximadamente dois anos antes de Ahed ser presa, mas não chegaram a uma resposta conclusiva.<sup>97</sup> Nesta mesma matéria, ele diz:

os membros da família foram escolhidos pela sua aparência- loiros, de olhos azuis e pele clara. Além das roupas, fantasias. Vestimenta americana em todo aspecto, não palestinas, com bonés de baseball. Nem os europeus usam boné de baseball! Estava tudo pronto: após uma provocação ou briga, os cartazes saiam. Foi tudo preparado. É o que conhecemos como “*Pallywood*”. (OREN, 2018, tradução livre)

<sup>96</sup> Disponível em:

[https://twitter.com/DrMichaelOren/status/943012861617590273?ref\\_src=twsrc%5Etfw&ref\\_url=https%3A%2F%2Fwww.richardsilverstein.com%2F](https://twitter.com/DrMichaelOren/status/943012861617590273?ref_src=twsrc%5Etfw&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.richardsilverstein.com%2F). Acesso: 02 mar. 2022.

<sup>97</sup> Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2018-01-25/ty-article/.premium/israel-investigated-whether-ahed-tamimis-family-was-real/0000017f-e0o10-d38f-a57f-e65296de0000>. Acesso: 06 fev. 2023.



O argumento utilizado para justificar a acusação dos membros da família Tamimi serem atores é baseado na sua aparência física e vestimenta. Ressaltei, anteriormente, a fala de Ahed no encontro que tivemos em 2019 sobre ter tido sua identidade palestina questionada devido a sua aparência. Também destaquei o trecho da sua autobiografia em que ela acredita ter cativado a mídia internacional por representar uma criança loira de olhos azuis. A declaração de Oren, além de desconsiderar a possibilidade de existência de palestinos brancos, loiros e de olhos claros, também indica que a escolha de “atores” com este fenótipo se dá por razões de propaganda. A questão racial atravessa a representação simbólica de Ahed Tamimi, despertando discussões sobre as percepções criadas sobre mulheres palestinas no ocidente.

Como assinalado anteriormente, o simbolismo de Ahed se constituiu fortemente atrelado à sua imagem. E o seu cabelo loiro compõe a principal marca da sua aparência física. Diante de uma ampla repercussão em torno desses elementos, é necessário compreender os efeitos da mobilização da sua aparência e como repercutem dentro e fora da Palestina. Em primeiro lugar, busco olhar para o debate sobre a questão racial em Israel, embora não me aprofunde no tema. A intelectual iraquiana-israelense Ella Shohat aponta que os ideais do movimento sionista no final do século XIX e início do século XX consagraram a noção do Novo Judeu, em busca de um retorno à terra ancestral pautado na construção de uma Israel moderna e ocidental (COSTA; BOATCA, 2013). Em entrevista, Shohat explica:

O sionismo, a meu ver, pode ser descrito como um esforço para branquear o judeu — filosófica ou até mesmo literalmente. O ideal do Novo Judeu foi estabelecido em contraste com o estereótipo antissemita do *Ostjuden* [o judeu do leste], uma espécie de judeu feminizado, fraco e errante, elucubrando textos com a cabeça nas nuvens. O Novo Judeu tinha que ser masculino e um trabalhador da terra, vinculado à natureza; não se tratava mais do cosmopolita exilado da diáspora, mas de um judeu que retornou à sua terra natal. A noção de Novo Judeu foi influenciada pela *Jugendkultur* — “o movimento da juventude”, em alemão — e apareceu em romances hebraicos e no cinema sionista e (posteriormente) israelense; o herói era frequentemente loiro, de olhos azuis, ou pelo menos de pele clara e, é claro, nunca adornado com o estereotípico nariz adunco. Essa dessemitização ocorreu no contexto da lógica hegemônica ocidental, de forma semelhante ao caso da arianização de Cristo na pintura europeia. E, assim, é possível argumentar que houve uma espécie de arianização e branqueamento do judeu como resultado da experiência do antissemitismo. (COSTA; BOATCA, 2013, p. 213)

Essa concepção fundamentou uma narrativa de construção do Estado de Israel que desconsidera os imigrantes judeus de origens para além dos países europeus, como os judeus iraquianos, sírios, marroquinos e iemenitas - conhecidos como *mizrachim*. Este é um ponto central de tensão na sociedade israelense, que reverbera na condição socioeconômica dos judeus *mizrachim* até hoje. Além disso, essa narrativa exclui a presença dos palestinos israelenses,

outro gerador de tensões em um país que se diz pautado em princípios democráticos. Assim se consolidou em Israel a noção de que o “ser branco” ou loiro está necessariamente atrelado ao ocidente (WANG, 2020) e, ao mesmo tempo, que Israel representa parte do “ocidente” em pleno Oriente Médio (COSTA; BOATCA, 2013).

O presente debate está profundamente atrelado ao conceito de orientalismo de Edward Said (2007). A partir dessa breve e resumida passagem pelo processo de constituição de relações étnico-raciais em Israel, compreendo que a acusação do diplomata Michael Oren se sustenta na impossibilidade de perceber uma garota branca, loira e de olhos azuis como palestina. Para além do seu fenótipo, Oren faz referência à vestimenta da família Tamimi, caracterizada por ele como “roupas americanas”. A sua percepção orientalista sobre as mulheres palestinas reduz sua imagem às vestes tradicionais, como os vestidos bordados, e ao uso do *hijab* cobrindo seus cabelos. Em contraponto a este imaginário da mulher palestina, a narrativa moderna israelense fortalece a representação da mulher israelense integrada à sociedade por meio da sua participação obrigatória no exército (SASSON-LEVI, 2003).

O incômodo provocado pela figura de Ahed Tamimi, uma menina loira que veste calça *jeans*, assim como as adolescentes israelenses e estadunidenses, apontam para uma construção de percepção das mulheres palestinas enquadradas na categoria do “outro”, diferente e distante das mulheres israelenses e ou ocidentais. Ainda, esta percepção corresponde ao que Abu-Lughod (2012) chama de perspectiva “missionária”, de salvação das mulheres relacionadas à religião muçulmana. A antropóloga promove uma discussão sobre a relação entre a religião muçulmana e a questão de gênero, questionando o que é compreendido pelo ocidente como liberdade e igualdade e problematizando os possíveis efeitos desta percepção às mulheres muçulmanas. Ao mesmo tempo que ela refuta a ideia de que as mulheres precisam ser salvas, ela discute os limites do relativismo cultural implicados ao debate. Os entendimentos sobre liberdade, igualdade, opressão e violência nesse contexto não necessariamente dialogam com as perspectivas ocidentais. Nesse sentido, Lila Abu-Lughod desperta um olhar para relações coloniais e intervencionistas que se inserem no debate sobre as percepções criadas sobre Ahed Tamimi e mulheres palestinas de modo geral.

A complexidade da questão racial de Ahed Tamimi também se dá em uma insatisfação e não representação por parte dos próprios palestinos. Ao sair da prisão, Ahed se deparou com um cenário inédito da sua vida, que incluiu apoios e críticas, vindas tanto de israelenses quanto de palestinos. Parte da sua autobiografia conta com uma seção de “desabafos” das dificuldades enfrentadas ao sair da prisão. Dentre elas, estavam as críticas dos palestinos ao fato de que Ahed detém a atenção da mídia muito além do que qualquer outro palestino.

“Por que Ahed?”, eles perguntavam constantemente, apontando que o meu tempo presa era negligenciável se comparado ao de tantos outros. E eles estavam certos: Eu sempre fui a primeira a admitir que a minha experiência era nada menos que um exemplo mínimo das injustiças cometidas regularmente por Israel a juventude palestina e aos prisioneiros palestinos e que outros sofreram muito mais do que eu. Mas em minha visão, minha história nunca foi sobre mim, mas apenas um exemplo de tantas vidas palestinas. Muitos outros assinalaram minha aparência loira de olhos azuis como o motivo por trás do nível desproporcional de cobertura midiática que eu estava recebendo: Tudo recaí sobre o privilégio branco, eles sugeriram. Mas eu estava entre os primeiros a dizer que a minha aparência era um grande motivo para que o meu caso tivesse conquistado atenção internacional. Permitiram que americanos e europeus brancos olhassem para mim e vissem seus próprios filhos. Permitiram um nível de simpatia que, de outra maneira, talvez não aparecesse. E desafiou os estereótipos racistas de que os palestinos são todos de pele escura, quando em realidade há uma grande diversidade em nossa aparência. (TAMIMI; TAKRURI, 2020, p. 232-233, tradução livre)

O termo ‘*Pallywood*’ utilizado por Michael Oren é composto pela junção das palavras ‘Palestina’ e ‘Hollywood’ para se referir a supostas produções midiáticas forjadas por palestinos para atraírem a mídia com cenas falsas sobre a violência israelense. O diplomata acusa a cena do vídeo postado por Nariman como parte desta produção ilegítima, como se Ahed, uma atriz contratada, entrasse em cena de forma planejada para provocar os soldados com o objetivo de repercutir na mídia. Me concentro neste tema para tratar de um último debate travado pela mídia israelense perante a repercussão do vídeo de Ahed Tamimi: a reação dos soldados israelenses em cena.

O vídeo que viralizou internacionalmente na internet exibe uma garota de 16 anos de idade batendo, socando e chutando dois soldados israelenses armados. A desproporção de forças impactou os seus espectadores e provocou um debate em Israel em relação à imagem das forças armadas israelenses perante o mundo. Os dois soldados que aparecem em cena não respondem com uso da força sobre as mulheres presentes na situação -Nour, Nariman, Ahed e sua tia. Na maior parte do tempo eles ficam parados, olhando para Ahed. Depois de um tempo, são afastados para fora do quintal e saem da região.

Após a viralização do vídeo, diversas manifestações públicas questionaram a reação dos soldados. Algumas das manifestações sustentaram a ideia de que o exército teve sua imagem enfraquecida devido à situação. O jornalista e ex parlamentar israelense Yinon Magal, do partido *Habait Hayehudi* (A Casa Judaica), declarou em seu Twitter que ele sentia saudades de Elor Azaria - soldado que foi condenado a prisão em Israel por ter sido flagrado em filmagem atirando e matando um jovem palestino que estava ferido e imobilizado no chão<sup>98</sup>. O *tweet* de

<sup>98</sup> Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2017-12-24/ty-article/arrested-for-making-the-occupation-look-bad/0000017f-f445-d5bd-a17f-f67f9d220000> . Acesso: 10 fev. 2023.

Magal é uma crítica à reação dos soldados presentes na cena com Ahed Tamimi. De acordo com a matéria da Mondoweiss<sup>99</sup>, a então Ministra da Cultura Miri Regev, do Likud, declarou sobre o vídeo: “Quando eu assisti àquilo, me senti humilhada, me senti destruída”. Regev se referiu à cena do confronto como “prejudicial à honra do exército e do Estado de Israel”.

O debate também foi composto por manifestações que louvaram a reação dos soldados como uma atitude madura e equilibrada. Esse argumento se justifica pelos que o defenderam tanto pela crença moral de algumas pessoas de que os soldados, de fato, não devem revidar os tapas de uma adolescente palestina, quanto pelo entendimento de outras pessoas de que caso os soldados cedessem à “provocação” de Ahed tendo algum tipo de reação violenta, a cena seria captada pela câmera e geraria uma repercussão extremamente negativa para o exército de Israel na mídia internacional. Ou seja, o apoio à reação dos soldados se fundamenta em argumentos morais e estratégicos e partiram de diversos setores da sociedade israelense, dos campos mais à direita e mais à esquerda.

A ONG israelense Paz Agora (em hebraico, *Shalom Achshav*) publicou uma declaração sobre o tema logo após Ahed ter sido presa, elogiando a postura dos soldados de não revidar fisicamente na situação do vídeo. A publicação também chama a atitude de Ahed de uma provocação aos soldados em busca de capturar uma reação violenta dos soldados nas gravações de Nariman.

A Paz Agora está acompanhando de perto os comentários em Israel sobre o incidente em Nabi Saleh, na Cisjordânia, envolvendo duas adolescentes palestinas, incluindo Ahed Tamimi, presa posteriormente, que foram filmadas chutando e batendo em dois soldados da IDF em uma tentativa de provocá-los a responder com força durante a filmagem.

A Paz Agora elogia os dois soldados por avaliarem a situação de acordo e exercerem uma moderação admirável. É difícil não usar a força ao ser agredido fisicamente, mesmo que por uma menor de idade. A Paz Agora também entende que, quando os soldados não respondem nesses casos, eles são humilhados.

É precisamente por isso que a ocupação é uma situação de apenas perdas para Israel. Se respondermos, isso faz o jogo das pessoas que tentam nos provocar para capturar cenas da brutalidade israelense. Se exercermos moderação, somos humilhados.

Todos os dias, os soldados das IDF nos territórios encontram dilemas sem saídas positivas. Quando soldados são enviados para policiar uma população civil na Cisjordânia, esse é o preço. Na infeliz realidade da ocupação, os soldados de Nabi Saleh escolheram a opção sensata de não serem provocados a uma resposta violenta, devido ao baixo grau de ameaça que enfrentavam pelas adolescentes. (PEACE NOW, 2017, tradução livre)<sup>100</sup>

<sup>99</sup> Disponível em: <https://mondoweiss.net/2017/12/should-israeli-journalist/>. Acesso: 10 fev. 2023.

<sup>100</sup> Disponível em: <https://trailer.web-view.net/Show/0X73F78C0EB02E077150DF0E66601CC2921AEC699D194F5F88FA7FC0E8E7F10838552835B8FF6C759D.htm>. Acesso: 14 fev. 2023.

Na declaração, Ahed e Nour não são percebidas como ameaças violentas para o exército, mas como geradoras de caos. Não representam riscos à integridade física dos soldados, como meninas adolescentes, mas são incitadoras de uma possível reação violenta por parte do exército, o que neste caso não foi concretizado. A ONG se refere à postura dos soldados na primeira pessoa do plural, entendendo que as ações do exército de Israel representam os próprios israelenses. A declaração condena as reações críticas à postura dos soldados e aponta para a contradição da direita israelense.

Não é de surpreender que a crítica hipócrita à conduta dos soldados agora venha da direita ideológica – o principal lobby em Israel que força as IDF a continuar seu controle sobre milhões de palestinos na Cisjordânia. Por tudo que faz para pintar o exército de Israel como o mais moral do mundo, a direita prefere elogiar um soldado que rompe as fileiras e atira em um palestino neutralizado [Elor Azaria], enquanto envergonha esses dois soldados em Nabi Saleh por demonstrarem força moral diante de uma tentativa golpe para prejudicar a imagem de Israel. (PEACE NOW, 2017, tradução livre)

Os elogios à postura dos soldados também partiram de representantes desta “direita ideológica” mencionada pela Paz Agora. O próprio jornalista Ben Caspit declarou em sua matéria para o Maariv:

Às vezes contenção também é poder e, no caso diante de nós, os combatentes são dignos de uma medalha de honra, não de repreensão. Manter o controle nesta situação impossível é muito mais difícil do que aplicar a força, especialmente quando o pior inimigo à sua frente são três garotas que fazem de tudo para apanhar, sabendo muito bem que qualquer suposição de agressão por combatentes armados sobre garotas supostamente inocentes servirão como uma arma de propaganda mortal na guerra sem fim em disputa pelos corações [aos likes] nas redes sociais. (CASPIT, 2017, tradução livre)

Esse debate também apareceu no programa de *talk show* israelense *London et Kirschenbaum*, reproduzido pelo canal 10 em Israel. A conversa se dá entre Yaron London, apresentador do programa, Or Heller, correspondente militar do mesmo canal, e Jonathan Pollak, um ativista israelense que atua junto à família Tamimi nos protestos em Nabi Saleh. Para além do encontro de “narrativas opostas” proposto pelo programa, na intenção de “escutar

os dois lados” da situação - representados por Heller e Pollak - este episódio do *talk show*<sup>101</sup> apresenta falas que se enquadram na perspectiva de que o vídeo de Ahed Tamimi confrontando soldados é motivo de orgulho para o exército israelense.

De início, London introduz a situação explicando que “os soldados agiram com moderação, se negando a usarem suas armas. Eles nem batem nas meninas. O exército, representado por esses dois soldados, representou os nossos melhores valores? Ou eles hesitaram em covardia na sequência dos tiros cometidos por Elor Azaria?”. O “dilema” colocado por London como pauta central do programa representa as discussões que circularam na opinião pública israelense nos dias seguintes à repercussão do vídeo. Sua fala demonstra que a atitude dos soldados israelenses de não revidar o confronto de Ahed com uso da força foi irregular. London questiona se esta atitude seria um efeito das consequências do caso do soldado Azaria, como se a punição do soldado pudesse ter promovido um receio dos soldados em agir com uso da força diante das câmeras. Em sequência, Or Heller declara:

Antes de falar sobre o exército, eu devo dizer que quando eu vi essas fotos eu senti um orgulho imenso. Quando eu vi o oficial e o soldado, eu não enxerguei covardes ou timidez ou pensamentos sobre Elor Azaria. Eu enxerguei um oficial e um soldado alistado que foram incutidos com bons valores, tanto pelos seus pais quanto pelos seus comandantes. Eles agiram de forma inteligente e correta. Eles foram inteligentes por entenderem que bater em uma menina de quinze anos na cabeça é patético; e eles sabiam que este não era um evento militar, mas um evento midiático, armado para mostrar os soldados da IDF como ocupantes brutais que batem em uma menina de quinze anos. Mas os soldados não deram a eles essas imagens.

Nesta fala, Ahed Tamimi é retratada como uma agente de provocação do exército, em busca de uma ação violenta do exército para ser filmada em câmera. De modo geral, as análises específicas sobre o trecho do vídeo que viralizou - o momento em que Ahed confronta os soldados - não consideram que o vídeo postado por Nariman se trata de uma transmissão ao vivo de 24 minutos, onde os mesmos soldados são capturados em vídeo atirando bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha em jovens palestinos que atiram pedras e se escondem pelas ruas da vila. Os discursos sobre o caso enquadram a noção de violência unicamente nos poucos segundos de vídeo em que Ahed confronta os soldados, situando-a como geradora de caos.

Em resposta aos questionamentos da opinião pública, o exército israelense filmou a prisão de Ahed e publicou na página do Twitter da IDF, como assinalado anteriormente. Diversas matérias e artigos de opinião foram publicados sobre o assunto logo após a prisão. O canal independente de mídia palestino-israelense +972 Magazine publicou um artigo chamado

---

<sup>101</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=AtG6t\\_cY0Cw&t=20s&ab\\_channel=%2B972Magazine](https://www.youtube.com/watch?v=AtG6t_cY0Cw&t=20s&ab_channel=%2B972Magazine). Acesso: 10 fev. 2023.

*Army arrests Palestinian teen for hurting soldiers' masculinity* (Exército prende adolescente palestina por ferir a masculinidade dos soldados)<sup>102</sup>. E o Haaretz publicou o artigo *Palestinian Girl in Viral Video Arrested for Making the Occupation Look Bad* (Garota palestina do vídeo viralizado é presa por fazer a prejudicar a imagem da ocupação)<sup>103</sup>. Ambos discutem o impacto gerado pela imagem de uma adolescente palestina batendo em dois soldados e a necessidade do exército israelense de responder à situação por meio de uma prisão filmada e publicizada, como forma de compensar os possíveis danos. Deste modo, o dito enfraquecimento do exército perante as imagens de uma adolescente palestina confrontando soldados coloca a sua feminilidade como um fator de ameaça à própria imagem pública do exército.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ahed Tamimi esteve no centro do debate sobre resistência palestina e a ocupação militar israelense dos territórios palestinos entre o final de 2017 e 2018. Ainda hoje, ela é reconhecida pelas cenas do vídeo que viralizou, a famosa “menina que bateu no soldado”. Quando o tema do encarceramento de crianças e adolescentes palestinos é discutido pela mídia, sua história quase sempre é lembrada. A figura de Ahed se materializou como representação simbólica, em nome do movimento de resistência palestino, das mulheres e da juventude. O que se percebe, entretanto, é que sua representação é marcada por inúmeras tensões. Desde a situação do seu confronto com os dois soldados israelenses na frente da sua casa em Nabi Saleh, Ahed foi percebida e representada de diversas formas.

Foram elaboradas narrativas que a colocaram como uma agente da violência, caracterizando seus tapas nos soldados como um ato provocador, incitador de violência e até terrorista. Esta percepção abriu espaço para reações críticas, ofensas e ameaças à sua pessoa. Também se desenvolveram narrativas que fortaleceram a imagem de Ahed Tamimi como heroína nacional, ícone do movimento de resistência palestina. A partir desta perspectiva, a imagem de Ahed tornou-se um símbolo, sendo reproduzida intensamente como uma bandeira política. Além disso, sugeriram as narrativas que buscaram se apropriar do caso de Ahed para chamar atenção e trazer para o debate público a questão da luta cotidiana das populações palestinas nos territórios ocupados por Israel. Nesse caso, Ahed é vista como uma voz

---

<sup>102</sup> Disponível em: <https://www.972mag.com/army-arrests-palestinian-teen-for-hurting-soldiers-masculinity/>. Acesso: 10. fev 2023.

<sup>103</sup> Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2017-12-24/ty-article/arrested-for-making-the-occupation-look-bad/0000017f-f445-d5bd-a17f-f67f9d220000>. Acesso: 10 fev. 2023.

impulsionadora das questões fundamentais sofridas pelo povo palestino. Essas percepções se manifestaram na Palestina, em Israel e em diversos outros países do mundo, especialmente no ocidente.

As disputas em torno da sua figura se centraram principalmente no fato de Ahed ser mulher e jovem. Diferente das várias outras representações de mulheres palestinas ativas no movimento de resistência nacional, Ahed Tamimi incorpora novos símbolos característicos da sua geração. Ela é jovem, branca, loira, de olhos azuis, utiliza seus cabelos compridos e descobertos, veste calça jeans, sonha em ser jogadora de futebol, idolatra Neymar e Messi, é ativa nas redes sociais e, principalmente, é extremamente comprometida com a luta contra a ocupação. As suas características e a sua feminilidade foram mobilizadas nessas construções narrativas de múltiplas formas. O contraste entre as imagens de Ahed e mulheres palestinas mais velhas, que usam trajes longos e folgados e cobrem seus cabelos com *hijab* foi realçado de modo intenso nessas disputas narrativas. A marcação dessa diferença de representações de mulheres palestinas de gerações distintas foi utilizada como forma de ressaltar Ahed como símbolo de uma nova geração de mulheres, assim como para questionar a sua própria identidade como palestina.

As construções narrativas adquiriram uma nova dimensão a partir da libertação de Ahed da prisão. A partir daquele momento, a figura simbólica sujeita a julgamentos, críticas e interpretações em dimensões globais poderia falar por si fora da prisão. A sua saída da Prisão Hasharon, junto à sua mãe, marcou a sua incorporação como símbolo da resistência em primeira pessoa. Através das informações da mídia, da movimentação nas suas audiências e do seu contato com sua advogada israelense, Gaby Lasky, Ahed já tinha noção da enorme repercussão que o seu caso havia tomado. Ainda assim, ela descreve a sua libertação como um momento de muitas surpresas.

Além dos nossos amigos, ativistas e inúmeros jornalistas, todo mundo na vila estava lá para nos proporcionar as boas vindas de uma heroína. Nossos amigos e família balançavam bandeiras palestinas e seguravam cartazes com o meu rosto. Meu pai colocou uma *keffiyeh* em volta dos meus ombros. O que aconteceu depois disso se tornou um borrão. Eu lembro do pandemônio de jornalistas nos rodeando, apontando câmeras para o meu rosto em todo lugar que eu olhava. Pessoas gritavam com eles para que recuassem, para que eu e meus familiares pudéssemos ter o espaço de se reunir apropriadamente, mas eles continuaram nos cercando, cada fotógrafo ansiando conseguir a melhor foto. Foi naquele momento que eu realmente comecei a entender o quão grande a minha história havia se tornado e como, daquele ponto em diante, eu deveria assumir um papel muito maior do que um dia imaginei. (TAMIMI; TAKRURI, 2020, p. 220, tradução livre)



O modo como Ahed descreve o momento em seu livro transmite a ideia de que os eventos que se desenvolveram após a repercussão do seu vídeo alcançaram grandes dimensões em um nível em que ela já não teria outro caminho além de assumir este novo papel de representante da resistência palestina. Isto não acontece, entretanto, de modo puramente repentino e inesperado. Após a prisão de Ahed e Nariman, diversos familiares, especialmente Bassem e Manal Tamimi, se mobilizaram de modo intenso para garantir que a mídia e organizações internacionais se pronunciassem a favor da libertação delas da prisão, utilizando Ahed na linha de frente da campanha – tanto que a hashtag da campanha era *#FreeAhedTamimi*.

Deste momento em diante, novas relações foram estabelecidas perante sua representação simbólica. Ahed foi convidada a fazer uma turnê pela Europa para contar a sua história, organizações e pessoas físicas se ofereceram para financiar seus estudos em diversas universidades pelo mundo, ela participou de uma infinidade de entrevistas para canais internacionais. Ao mesmo tempo, surgiram novas críticas ao seu papel como símbolo da resistência. Matérias intituladas *For some Arabs, Ahed Tamimi is no longer an 'icon'*<sup>104</sup>, do The Jerusalem Post, e *Palestinian protest icon goes from jail cell to VIP suite*<sup>105</sup>, do The Times of Israel, divulgadas nos meses seguintes a sua libertação da prisão questionaram a sua representatividade para o povo palestino.

Esta dissertação é uma tentativa de compreender o que a representação simbólica de Ahed Tamimi desperta em relação as percepções do que é ser mulher na palestina ocupada. As análises ajudam a entender as relações complexas implicadas no modo como, nos termos saadianos, o ocidente percebe o oriente. Ahed foi ameaçada por israelenses e foi representada como ameaçadora aos israelenses. Vangloriada por ser uma jovem mulher ativista e desqualificada pelos mesmos motivos. Foram produzidos comentários de que sua aparência como palestina branca e loira sensibilizou a mídia ocidental de modo diferente de outras jovens palestinas. Também a acusaram de não ser nem palestina, mas uma atriz contratada, porque sua imagem não condiz com as expectativas imagéticas projetadas sobre as mulheres palestinas. Essas disputas narrativas são fruto de relações complexas que se ampliam para além do seu simbolismo. Parti de uma situação social, o confronto entre Ahed Tamimi e os soldados israelenses, para uma análise ampla sobre as relações do conflito palestino-israelense com um olhar voltado as questões de gênero. No processo, compreendi que a noção de feminino ocupa

---

<sup>104</sup> Disponível em: <https://www.jpost.com/arab-israeli-conflict/for-some-arabs-ahed-tamimi-is-no-longer-an-icon-567654>. Acesso: 15 fev. 2023.

<sup>105</sup> Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/palestinian-protest-icon-goes-from-jail-cell-to-vip-suite/>. Acesso: 15 fev. 2023.

um lugar central nesse contexto, provocando incômodos e ameaças e promovendo conexões e laços afetivos.

## REFERÊNCIAS

ABDO, Nahla. Women of the intifada: gender, class and national liberation. In: **Race & Class**, vol 32, Issue 4, 1991.

ABU-LUGHOD, Lila. The Romance of Resistance: Tracing Transformations of Power Through Bedouin Women. **American Ethnologist**, vol. 17, n. 1, 1990, pp. 41–55.

ABU-LUGHOD, Lila; S'ADI, Ahmad. **Nakba: Palestine, 1948 and The Claims of Memory**. Nova York: Columbia Press, 2007.

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.

ACCATI, Luisa; MAHER, Vanessa & POMATA, Gianna. Parto e maternità: momenti della biografia femminile. Quaderni Storici. N. 44 - Anno XV - Fascicolo II. Ancona-Roma, agosto 1980.

AJ+. “They Could Kill Me At Any Time”: Life Under Israeli Occupation. **YouTube**. 06 de setembro de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZjKVpbXRvJo&ab\\_channel=AJ%2B](https://www.youtube.com/watch?v=ZjKVpbXRvJo&ab_channel=AJ%2B). Acesso: 20 jan 2023.

ALAZZEH, Ala. Seeking popular participation: nostalgia for the first intifada in the West Bank. In: **Settler Colonial Studies**, vol 5, Issue 3, 2015, pp. 251- 267.

ALLEN, Lori. Mothers of Martyrs and Suicide Bombers: The Gender of Ethical Discourse in the Second Palestinian Intifada. In: **The Arab Studies Journal**, vol. 17, n. 1 (Spring 2009), pp. 32-61.

AMNESTY INTERNATIONAL. **Amnesty International Report 2012: The State Of The World's Human Rights**. Londres: Amnesty International Ltd, Peter Benenson House, 2012.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Benedict Anderson ; tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASHLY, Jaclynn. Palestinian Ahed Tamimi arrested by Israeli forces. In: **Al Jazeera**. 20 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2017/12/20/palestinian-ahed-tamimi-arrested-by-israeli-forces/>. Acesso: 22 dez 2022.

ASSAIQELI, Aladdin. Palestine in Visual Representation: A Visual Semiotic Analysis of the Nakba. In: **International Journal of Arabic-English Studies (IJAES)**, vol. 21, n.1, 2021.

BARGHOUTI, Mourid. **Eu vi Ramallah: (memórias)**/ Mourid Barghouti; tradução e notas Safa Abou-Chahla Jubran, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. 208 p.

BAUMGARTEN-SHARON, Naama. **Show of Force: Israeli Military Conduct in Weekly Demonstrations in a-Nabi Saleh**. Talpiot: B'Tselem - The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories, 2011.

BBC. Is a slap an act of terror? 31 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/p05wqg1f>. Acesso: 14 fev 2022.

BEAR, Laura. Time as technique. In: **Annual Review of Anthropology**, vol. 45, 2016, pp. 487-502.

BENNETT, W. Lance ; SEGERBERG, Alexandra. The Logic of Connective Action: digital media and the personalization of contentious politics. In: **Information, Communication & Society**, 15:5, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk. 560 p., 2011.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COSTA, Sérgio; BOATCĂ, Manuela. Corpos e fronteiras: uma conversa com Ella Shohat. **Novos estudos CEBRAP**, n. Novos estud. CEBRAP, 2013 (97), nov. 2013.

DANZIGER, Leila. Shoah ou Holocausto: A aporia dos nomes. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v.1, n.1, 2007.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Em: **Cadernos Pagu** (37), julho-dezembro de 2011, pp. 9-41.

DAS, Veena. **Vida e palavras: A violência e sua descida ao ordinário**. São Paulo: Editora Unifesp. 312 p., 2020.

DARWICH, Mahmud. **Da presença da ausência**. Rio de Janeiro: Editora Tabla. 14 p. 2020.

DARWICH, Mahmud. **Memória para o esquecimento**. Rio de Janeiro: Editora Tabla. 216 p. 2021.

DARWICH, Mahmud. **Onze astros**. Rio de Janeiro: Editora Tabla. 112 p. 2021.

DAYAN-HERZBRUN, S. As mulheres e a construção do sentimento nacional palestino. Em: **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 4, p. 173–186, 1995.

DEMOCRACY NOW. Meet Janna Jihad, the 13-Year-Old Palestinian Journalist Exposing the Israeli Occupation. In: **YouTube**. 10 de agosto de 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JkY49Znbmlo&t=136s&ab\\_channel=DemocracyNow%21](https://www.youtube.com/watch?v=JkY49Znbmlo&t=136s&ab_channel=DemocracyNow%21). Acesso: 17 jan. 2023.

ENLOE, Cynthia. **Maneuvers: The Politics of Militarizing Women's Lives**. Berkley and Los Angeles: California University Press, 2000.

FARIAS, Juliana ; LAGO, Natália ; EFREM FILHO, Roberto. Mães e lutas por justiça: Encontros entre produção de conhecimento, ativismos e democracia. **SEXUALIDAD, SALUD Y SOCIEDAD** (RIO DE JANEIRO) , v. 36, p. 146-180, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. À. Guilhon Albuquerque. - 7ª ed.- Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2018 - (Coleção Biblioteca de Filosofia).

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 3-21.

GHERMAN, Michel. Entre a Nakba e a Shoá: catástrofes e narrativas nacionais. Em: **História**, Franca, v. 33, n. 2, p. 104-121, Dec. 2014.

GINSBURG, Ruthie. Gendered visual activism: Documenting human rights abuse from the private sphere. In: **Current Sociology**, 66 (1), 2016, p. 38-55.

GINZBURG, Carlo. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”. In: **A Micro-História e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 169-178.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 237-364.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, 2014, p. 433-447.

GOMES, Carla. Corpo e emoção no protesto feminista: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 25, 2017, p.231-255.

GRENDI, Edoardo. “Microanálise e história social”. In: ALMEIDA, Carla Maria C. de; OLIVEIRA, Mônica R. de (Org.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009, p. 19-38.

GRENDI, Edoardo. “Repensar a micro-história”. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 251-262.

HUMPHRIES, Isabelle; KHALILI, Laleh. Gender of Nakba Memory. In: ABU-LUGHOD, Lila; SA’DI, Ahmad (eds.). **Nakba: Palestine, 1948, and the Claims of Memory**. New York: Columbia University Press, 2007, p. 207- 228.

IDF Online. **Twitter**. 19 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://twitter.com/idfonline/status/943002514135355392>. Acesso: 22 dez 2022.

IRVING, Sarah. **Leila Khaled: Icon of Palestinian Liberation**. London: Pluto Press, 2012.

ISRAEL detains Italian artists for jailed Tamimi mural. **Middle East Monitor**. 29 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.middleeastmonitor.com/20180729-israel-detains-italian-artists-for-jailed-tamimi-mural/>. Acesso: 30 jan. 2023.

ISRAEL releases Italians who painted mural of Palestinian activist Tamimi. **Middle East Eye**. 29 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/israel-releases-italians-who-painted-mural-palestinian-activist-tamimi>. Acesso: 30 jan. 2023.

ISRAEL: UN experts condemn record year of Israeli violence in the occupied West Bank. **United Nations Human Rights**. 15 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2022/12/israel-un-experts-condemn-record-year-israeli-violence-occupied-west-bank#:~:text=2022%20is%20the%20sixth%20year,intended%20to%20halt%20settlement%20activity>. Acesso: 23 jan. 2023.

ITALIANOS presos em Israel por pintar mural com rosto de jovem palestina são libertados. **G1**. 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/07/30/italianos-presos-em-israel-por-pintar-mural-com-rosto-de-jovem-palestina-sao-libertados.ghtml>. Acesso: 30 jan 2023.

ITALIANS who painted portrait of Palestinian teen on Israel's separation wall arrested. **Arab News**. 29 de julho de 2018. Disponível em: [https://www.arabnews.com/node/1347396/session\\_trace/aggregate](https://www.arabnews.com/node/1347396/session_trace/aggregate). Acesso: 30 jan. 2023.

JOHANSSON, Anna; VINTHAGEN, Stellan. Dimensions of everyday resistance: the Palestinian Sumūd. **Journal of Political Power**, vol, 8, Issue 1, 2015, pp. 109-139.

KHALED, Leila. **My People Shall Live**: Autobiography of a revolutionary. London: Hodder and Stoughton, 1973. 224 p.

KHOURY, Jack; KUBOVICH, Yaniv. Israeli Army Arrests Palestinian Teenage Girl Who Slapped Soldiers; 'She Should Finish Her Life in Prison'. **Haaretz**. 20 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2017-12-20/ty-article/idf-arrests-palestinian-teen-girl-who-slapped-soldiers/0000017f-f430-d5bd-a17f-f63af39c0000>. Acesso: 23 dez 2022.

KLEIN, Menachem. Old and new walls in Jerusalem. **Political Geography**, vol 24, Issue 1, January 2005, pp. 53-76.

KLEINMAN, Arthur. **What Really Matters**: Living a Moral Life Amidst Uncertainty and Danger. New York: Oxford University Press, 2006.

KUTTAB, Eileen S. Palestinian Women In The "Intifada": Fighting On Two Fronts. **Arab Studies Quarterly**, vol. 15, n. 2 (Spring 1993), pp. 69-85.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural**. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 302 p., 2003.

LAHIRE, Bernard. "Patrimônios de disposições: para uma Sociologia em escala individual". In: VISSER, Ricardo & JUNQUEIRA, Lília (orgs). **Dossiê Bernard Lahire**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2017, p. 31-76.

LASKY, Gaby. Ahed Tamimi's Attorney: Eight Months in Prison Didn't Break Her. **Haaretz**. 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.haaretz.com/opinion/2018-07-30/ty-article-opinion/.premium/ahed-tamimis-attorney-eight-months-in-prison-didnt-break-her/0000017f-e1cc-df7c-a5ff-e3fe7dda0000>. Acesso: 18 jan 2023.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011, p. 135-163.

LEVY, Gideon. A Spa for Samaria. **Haaretz**, 22 de abril de 2010. Disponível em: <https://www.haaretz.com/2010-04-22/ty-article/a-spa-for-samaria/0000017f-ea25-dea7-adff-fbfffce20000>> Acesso: 05 set 2022.

LOVE, David A. Ahed Tamimi is the Palestinian Rosa Parks. **Al Jazeera**. 15 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2018/1/15/ahed-tamimi-is-the-palestinian-rosa-parks>. Acesso: 02 mar. 2022.

MACDONALD, Eileen. **Shoot the women first**. 1ª ed. Londres: Fourth Estate Limited, 1991, p. 91-128.

MAGID, Jacob. Threatening messages found spray-painted in village of teen who slapped soldier. **The Times of Israel**. 02 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/threatening-messages-found-spray-painted-in-village-of-teen-who-slapped-soldier/>. Acesso: 14 fev. 2022.

MAGID, Jacob. Italian graffiti artist arrested for mural of Ahed Tamimi on security barrier. **The Times of Israel**. 28 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/italian-graffiti-artist-arrested-for-mural-of-ahed-tamimi-on-security-barrier/>. Acesso: 30 jan. 2023.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, vol. 10 (1), 2006, pp. 121-158.

MAMDANI, Mahmood. **Neither settler nor native: the making and unmaking of permanent minorities**. 1ª ed. Cambridge, Massachusetts : The Belknap Press of Harvard University Press, 2020.

MASSAD, Joseph. Conceiving the Masculine: Gender and Palestinian Nationalism. In: **Middle East Journal**, Vol. 49, No. 3 (Summer, 1995), pp. 467-483.

MATTAR, Hagai. Israel arrests artists behind Ahed Tamimi mural on separation wall. **+972 Magazine**. 29 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.972mag.com/israel-arrests-artists-behind-ahed-tamimi-mural-on-separation-wall/>. Acesso: 30 jan. 2023.

MELHEM, Ahmad. Palestinian women up in arms against Israeli soldiers. **Al-Monitor**, 2015. Disponível em: <https://www.al-monitor.com/originals/2015/09/palestine-israel-soldiers-women-fight-wall-west-bank-barrier.html>. Acesso: 19 dez 2022.

MORRIS, Benny. **One State, Two States: Resolving the Israel/Palestine Conflict**. New



Haven & London: Yale University Press, 2009, 240 p.

MOTTA, Eugênia. Uma casa boa, uma casa ruim e a morte no cotidiano. **Etnográfica**, Dossiê "Governing the house", vol. 24 (3), 2020, pp. 775-795.

NARIMAN - Plant me in you. Nabi Salih: **Other Story**, 2020. 19:10 min. Disponível em: <http://www.other-story.org/archive/2020/9/27/7xkomwx2btlszl70ltnc4cdfnolz42>. Acesso: 10 set 2022.

NEWS24. Free Ahed Tamimi, stand in solidarity with Palestinian people - Mandla Mandela at [#Mandela100](#). **YouTube**. 11 de fevereiro de 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Tn0naeTfBjw&ab\\_channel=News24](https://www.youtube.com/watch?v=Tn0naeTfBjw&ab_channel=News24). Acesso: 11 fev. 2023.

NOKTA GRUP. Brave Palestinian girl Ahed Tamimi vs Soldier : Where is my brother ??????. **YouTube**. 24 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E4FM9WGRWdQ>. Acesso: 19 dez 2022.

PALESTINIAN girl arrested after troops 'slapped' in video. **BBC News**. 19 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-42410655>. Acesso: 23 dez 2022.

PETEET, Julie. **Gender in Crisis: Women and the Palestinian Resistance Movement**. New York: Columbia University Press, 1991. 245 p.

PETEET, Julie. Icons and Militants: Mothering in the Danger Zone. **Signs**, vol. 23, n. 1 (Autumn, 1997), pp. 103-129.

PIEROBON, Camila. **Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate**. 2018. 324 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

REVEL, Jacques. "Microanálise e construção do social". In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp. 15-38.

RICHTER-DEVROE, Sophie. Palestinian Women's Everyday Resistance: Between Normality and Normalisation. **Journal of International Women's Studies**, vol. 12, Issue. 2, Article 4, 2011, pp. 31-46.

RICHTER-DEVROE, Sophie. Defending Their Land, Protecting Their Men: Palestinian Women's Popular Resistance After The Second Intifada. **International Feminist Journal of Politics**, Vol 14, Issue 2, 2012, pp. 181-201.

ROBINSON, Glenn E. Palestinian Tribes, Clans, and Notable Families. **Strategic Insights**, Center for Contemporary Conflict, January 2009.

ROTH-ROWLAND, Natasha. Activists bring London commuters face-to-face with Ahed Tamimi. **+972 Magazine**. Disponível em: <https://www.972mag.com/activists-bring-london-commuters-face-to-face-with-ahed-tamimi/>. Acesso: 11 fev. 2023.



RUBIN, Jesse. New Yorkers rally in solidarity with Ahed Tamimi. **Mondoweiss**. 25 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://mondoweiss.net/2017/12/yorkers-solidarity-tamimi/>. Acesso: 11 fev. 2023.

RYAN, Caitlin. Everyday Resilience as Resistance: Palestinian Women Practicing Sumud. **International Political Sociology**, Oxford, 9 (4), p. 299–315, 2015.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**/ Edward W. Said, tradução Rosaura Eichenberg - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SASSON-LEVY, Orna. Feminism and Military Gender Practices: Israeli Women Soldiers in “Masculine” Roles. **Sociological Inquiry**, v. 73, n. 3, p. 440–465, 2003.

SAYIGH, Rosemary. Encounters with Palestinian Women under Occupation. In: **Journal of Palestine Studies**, vol. 10, n. 4, p. 3–26, 1981.

SAYIGH, Rosemary. **The Palestinians: From Peasants to Revolutionaries**. London & New York: Zed Books, 2007. 228 p.

SAYIGH, Rosemary. Woman’s Nakba Stories: Between Being and Knowing. In: ABU-LUGHOD, Lila; SA’DI, Ahmad (eds.). **Nakba: Palestine, 1948, and the Claims of Memory**. New York: Columbia University Press, 2007, p. 135-160.

SHALHOUB-KEVORKIAN, Nadera. Liberating voices: the political implications of palestinian mothers narrating their loss. **Women's Studies International Forum**, vol. 26, issue 5, September–October, 2003, pp. 391- 407.

SHALHOUB-KEVORKIAN, Nadera. Counter-Spaces as Resistance in Conflict Zones. **Journal of Feminist Family Therapy**, 17(3-4), 2005, pp. 109–141.

SHARONI, S. **Motherhood and the Politics of Women’s Resistance: Israeli Women Organizing for Peace**. In: JETTER, A.; ORLECK, A.; TAYLOR, D. (Eds.). **The Politics of Motherhood: Activists voices from Left to Right**. London: University Press of New England, 1997.

SOLIS, Natalie Amador. **Street Art in Israel and Palestine: The significance of art on the streets of Jerusalem, Tel Aviv, and Bethlehem**. Rothberg International School, Hebrew University of Jerusalem, 2017.

SPERI, Alice. The Homecoming: How Ahed Tamimi Became the Symbol of Palestinian Resistance to Israeli Oppression. **The Intercept**, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/07/31/ahed-tamimi-released-palestine-child-prisoners/>. Acesso: 10 set 2022.

SPERI, Alice; BIDDLE, Sam. Zoom Censorship of Palestine Seminars Sparks Fight Over Academic Freedom. **The Intercept**. 14 de novembro de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/11/14/zoom-censorship-leila-khaled-palestine/>. Acesso: 02 fev. 2023.

STONE, Lawrence. “O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história”. **Revista de História**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991, p. 13-38.

TAMIMI, Ahed. s.n. **Instagram**. 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cd-QdVKqSQW/>. Acesso: 20 dez 2022.

TAMIMI, Ahed. TAKRURI, Dena. **They Called me a Lioness: A Palestinian Girl’s Fight For Freedom**. New York: One World, 2022, 274 p.

TAMIMI, Manal. et. al. **Ahed Tamimi: A Girl Who Fought Back**. Eskilstuna: Vaktel Books, 2018.

TAMIMI, Nariman. s.n. [Transmissão ao vivo]. **Facebook**, 15 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/nariman.tamimi.1/videos/1941041279245238>. Acesso: 12 dez. 2022.

THANK God It’s Friday. Direção: Jan Beddegenoodts e Niel Iwens. Bélgica: Cameltown, 2013. 50 min.

TREFFERS, Laurie. **(Un)veiled bodies of resistance: How women in the Occupied West Bank village of Budrus oscillate organized and everyday resistance practices against the Israeli occupation since the ending of the Second Intifada in 2005**. Utrecht: Utrecht University, 2018.

TRUMP reconhece Jerusalém como capital de Israel e ordena transferência de embaixada americana. **G1**. 06 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/trumpreconhece-jerusalem-como-capital-de-israel.ghtml>. Acesso: 06 jan 2022.

TUQAN, Fadwa. **A Mountainous Journey: A Poet's Autobiography**. Tradução: Naomi Shihab Nye. Minneapolis: Graywolf Press. 241 pp. 1990.

TWO Italian Artists Who Painted Mural of Ahed Tamimi Barred From Israel for 10 Years, Lawyer Says. **Haaretz**. 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2018-07-30/ty-article/italian-artists-barred-from-israel-for-10-years-after-tamimi-mural/0000017f-e1b8-d38f-a57f-e7fa5b590000>. Acesso: 30 jan. 2023.

TZOREFF, Mira. The Palestinian Shahida: National Patriotism, Islamic Feminism, or Social Crisis. In: **Female Suicide Bombers: Dying for Equality?**, Edited by Yoram Schweitzer, Institute for National Security Studies, 2006, pp. 13–24.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. **A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional**. 2011.

WANG, Kuan-Yun. Illegally Blonde: The Racialisation of Blondness and Visual Representations of Palestinian Activist Ahed Tamimi in American and Canadian Media. **Journal of Holy Land and Palestine Studies**, 19.1, 2020, pp. 15–36.

WATTAN NEWS AGENCY. **YouTube**. 31 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YG4sQkoWAU4>. Acesso: 19 dez 2022.

2 Italian artists leave Israel after arrest over Tamimi mural. **Ynet News**. 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-5319662,00.html>. Acesso: 30 jan. 2023.